

ADRIANA SANTIAGO ROSA DANTAS

Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de
Ermelino Matarazzo e da periferia

Dissertação apresentada à Escola de Artes,
Ciências e Humanidades da Universidade de
São Paulo para obtenção do título de mestre
em Estudos Culturais

Área de Concentração: Cultura, Saúde e
Educação

Orientadora: Profa. Dra. Graziela Serroni
Perosa

VERSÃO CORRIGIDA

São Paulo – SP

2013

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada à fonte.

CATALOGAÇÃO-NA-PUBLICAÇÃO

Biblioteca

Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo

Dantas, Adriana Santiago Rosa

Por dentro da quebrada : a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia / Adriana Santiago Rosa Dantas ; orientadora, Graziela Serroni Perosa. – São Paulo, 2013.
230 f. : il.

Dissertação (Mestrado em Filosofia) – Programa de Pós-Graduação em Estudos Culturais, Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, em 2013.
Versão corrigida.

1. Sociologia urbana. 2. Periferia – Aspectos socioeconômicos – Região Leste; São Paulo (SP). 3. Bairros – História – Região Leste; São Paulo (SP). I. Perosa, Graziela Serroni, orient. II. Título.

CDD 22.ed.– 307.76

DANTAS, Adriana Santiago Rosa Dantas. **Por dentro da quebrada:** a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia. Dissertação apresentada à Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo como parte das exigências para obtenção do título de Mestre em Estudos Culturais.

Este exemplar corresponde à redação final da dissertação defendida e aprovada pela Comissão Julgadora em 03-07-2013. A versão original encontra-se na Escola de Artes, Ciências e Humanidades.

Banca Examinadora:

Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa Instituição: EACH-USP

Julgamento: Assinatura:

Prof. Dr. Paulo Fontes Instituição: FGV-RJ

Julgamento: Assinatura:

Profa. Dra. Marília Pontes Sposito Instituição: FE-USP

Julgamento: Assinatura:

Ao meu pai Antonio e a minha mãe Raulinda,
Que nunca imaginaram.
Aos meus sobrinhos Júlia e Josué,
Que almejem ultrapassar!

Agradecimentos

Agradeço à sociedade brasileira que através da CAPES financiou esta pesquisa.

Agradeço à comunidade USP que me acolheu de diversas maneiras. Primeiramente, à Graziela Serroni Perosa que permitiu que esta experiência não fosse apenas um percurso de orientação de conhecimentos acadêmicos, mas acima de tudo de generosidade e amizade. Ensinou-me que a pesquisa em equipe é uma construção de conhecimento singular. Assim, o convívio com as colegas Helena Marcon, Isamara Cruz, Ellen Vieira, Taline Costa, Bianca da Silva e o colega Eliton Rocha do grupo “Estratégias Educativas em famílias de grupos populares e nas classes médias” é mais um motivo de gratidão. Assim como a interlocução com Jean-Pierre Faguer da École des Hautes Études en Sciences Sociales e Cristiane Kerches Leite da EACH-USP que contribuíram muito com este grupo de pesquisa.

Aos professores, tanto da EACH quanto da Faculdade de Educação (FE), que compartilharam seus conhecimentos e que, de alguma forma, estão representados aqui nesta dissertação. Dentre os da EACH estão, Carlos Gonçalves, Jefferson Mello, Vivian Urquidi, Madalena Aulicino e da FE, Marília Sposito, Kimi Tomikazi e Roberto da Silva. Preciso agradecer os comentários da Kimi ao meu trabalho na banca de qualificação, assim como à Marília na arguição da banca de defesa. Meus agradecimentos também vão a Fernando Auil pelas explicações sobre estatística, Agnaldo Valentim pelas referências bibliográficas e Martin Jayo pelas reportagens antigas sobre Ermelino. Há outros professores que não tive contato por disciplinas oficiais, mas que foram importantes neste convívio como Elisabete Cruz, Rogério Siqueira, Ana Laura Lima, Antonio Sarti e Elie Ghanem.

Aos meus colegas de disciplinas e do programa de mestrado, meu obrigada. Aos que tornaram ainda mais especial esse convívio pela amizade e pelas boas conversas como a Daniela Gomes, Aline Ferreira, Vanessa Correia, Luciana Lima e André Correr. Além deles, também quero agradecer a Danilo Morcelli e Leonardo Campos pelas interlocuções produtivas.

Quero deixar também meu agradecimento às professoras Gladys Barreyro e Valéria Magalhães por me receberem no estágio PAE, assim como o incentivo pessoal que as duas gentilmente me deram. Enfatizando a grande contribuição da Valéria em minha banca de qualificação e sempre que precisei informalmente.

Não poderia deixar de agradecer à secretaria de pós-graduação em especial a Vanessa Tavares e Jussara Barbosa. Sou profundamente grata ao pessoal da biblioteca da EACH que tanto me ajudou em especial a Analúcia Recine e Luciano com minhas demandas particulares, assim como envio minhas saudações corintianas a Sidney Brasil, Roger Oliveira e Paulo Andrade.

Tive também o privilégio de contar com o apoio de pesquisadores de fora da USP que gentilmente cederam de seu tempo através de e-mails e encontros para conversar sobre meu projeto ou tirar dúvidas: a Monique Saint-Martin da École de Hautes Études, a Daniel Nascimento e Silva da Unirio, Regina Tavares de Menezes da Universidade Cruzeiro do Sul.

Quero dar uma menção especial a dois pesquisadores que foram muito importantes como referenciais teóricos, mas principalmente pela gentileza em tirar minhas dúvidas em encontros e e-mails: Catherine Iffly e Paulo Fontes. Agradeço as contribuições de Paulo Fontes na banca de qualificação que foram incorporadas na medida do possível e na banca de defesa.

Quero reconhecer também a comunidade de Ermelino Matarazzo que participou desta pesquisa. Obrigada a todas e todos entrevistados que tão gentilmente compartilharam suas memórias. Agradeço a Silvia Damascena por me ajudar também a conhecer moradores do distrito. Desejo destacar a grande ajuda do padre Ticão me concedendo entrevistas, contatos, mas principalmente por me receber na Comunidade São Francisco. Lá conheci os membros do Grupo de Memória da Zona Leste que também estendo minha gratidão.

Muitos amigos torceram e se alegraram com esta nova etapa em minha vida. É impossível nomear todos, mas tenho que agradecer em especial a Claudia Salces, Joyce e Aaron Pierce, Rosilene Silva pelo apoio. Em especial, agradeço o Aaron pelo abstract. Logo no início, Érica Bispo revisou gentilmente meu projeto e também me honrou com sua presença na defesa. Aos queridos da Cruzada Estudantil e ao Alberto Malta que também participou no dia da banca. Carlos Barcelos foi um grande conselheiro nesta jornada, minha dívida é grande não mais que meu respeito e carinho.

Logo no início desta pesquisa, minha vida foi marcada por um evento radical. Não seria possível continuar o projeto após o aneurisma da minha mãe se eu não tivesse uma retaguarda tão especial me apoiando. Quero agradecer aos amigos das igrejas Batistas de São Miguel, Água Branca e Vila Salete que foram tão presentes como uma real família. Agradeço também a Érica Damascena pelo compartilhar neste tempo. Aos meus vizinhos que mostraram o quanto amam minha família, mas preciso destacar especialmente a Marcia e Adalberto Lima, Albertina Rodrigues, por toda ajuda carinhosamente prestada.

Evidentemente, este foi um evento familiar e a mobilização que ocorreu também faz parte da minha profunda gratidão. Aos meus tios e primos agradeço todo o apoio, mas preciso destacar a disponibilidade tão especial da minha prima Miriam Moreno. Minha tia Antonia, que mesmo tão distante geograficamente sempre esteve tão presente em nossas vidas, meu especial obrigada! Minhas irmãs que foram meu apoio. Sem elas, seria impossível continuar no mestrado. Quero agradecer profundamente a Andréia, Alessandra e Aline. Preciso agradecer as férias da Andréia e Aline cedidas para meu trabalho e os trabalhos gráficos da Alessandra que estão nesta dissertação. Por fim, quero agradecer ao meu pai, que um dia me mandou “estudar, estudar, estudar” sem ter muita noção do que aconteceria. Agradeço também minha mãe que nesse processo me ensinou que o amor é o mais importante do que qualquer outra conquista neste mundo. Não posso deixar de reconhecer que a força para continuar diante das circunstâncias adversas veio de Deus, ao qual dedico minha profunda gratidão.

Resumo

DANTAS, A.S.R. **Por dentro da quebrada:** a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia. 2013. 230f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

Esta pesquisa analisou um distrito periférico da Zona Leste de São Paulo: Ermelino Matarazzo. A abordagem microssocial permitiu relacionar vários fenômenos que caracterizaram a periferização da cidade de São Paulo como a industrialização, imigração, migração, loteamento, autoconstrução, formação de favelas e como tais fenômenos incidiram na segregação social na periferia a partir de um distrito. Discutiu-se o valor simbólico da periferia leste e a hierarquização dos espaços, à luz da formação dos agentes ali inseridos para discutir a heterogeneidade social local. Comprovou-se a hipótese da diferenciação interna de Ermelino Matarazzo a partir de três processos distintos pelo qual o distrito passou a partir da instalação da primeira indústria na década de 1940. Foram propostas três regiões: a dos loteamentos que foi caracterizada pela urbanização a partir de loteamentos/autoconstrução até a década de 1970; a região das ocupações que foi formada pelo surgimento de favelas a partir da década de 1970; e, por fim, a região das construtoras que constituiu uma região por empreendimentos imobiliários que venderam casas construídas a partir de 1980. Um dos resultados desta heterogeneidade social pôde ser percebido pela forma como foram distribuídas espacialmente em Ermelino Matarazzo as escolas públicas e privadas, ao longo das décadas, cujas dependências administrativas privilegiaram ora uma ou outra região. A pesquisa utilizou-se de dados estatísticos da Prefeitura de São Paulo e da Secretaria da Educação; dados qualitativos que resultaram da realização de vinte entrevistas com antigos moradores e um líder local, além de observação participante em movimentos sociais atuantes em Ermelino Matarazzo. Recorreu-se também ao uso fotografias e mapas. Este estudo contribuiu para entender como se constroem as clivagens sociais, como elas se objetivam no espaço local e como são tomadas simbolicamente pelos indivíduos.

Palavras-chave: heterogeneidade social, periferia, diferenciação interna, Ermelino Matarazzo, escolas públicas, escolas privadas.

Abstract

DANTAS, A.S.R. **Inside the Hood:** The Social Heterogeneity of Ermelino Matarazzo and the Periphery. 2013. 230f. Dissertação (Mestrado) – Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

This research paper analyzes a peripheral district of the Eastern Zone of São Paulo – Ermelino Matarazzo. Observing a single district, the microsocial approach allows for the assessment of various phenomena that characterized the growth of the city of São Paulo such as industrialization, immigration, migration, lot divisions, irregular construction, and development of slums and how these phenomena resulted in the social segregation in the periphery. The paper discusses the symbolic value of the eastern periphery and the development of a spatial hierarchy in light of the education of its residents in order to discuss the local social diversity. In particular, the paper analyzes the heterogeneity of the district and its spatial hierarchies. The paper tests the hypothesis of the internal differentiation of Ermelino Matarazzo due to three distinct processes through which the district has passed since the installation of the first industrial plant in the 1940s. Three regions were proposed: the residential lots that were characterized by urbanization via regular and irregular housing developments until the 1970s; the occupied region formed by the emergence of slums beginning in the 1970s; and, lastly, the builder region consisting of real estate developers selling houses built starting in the 1980s. One result of the social diversity can be observed by how the public and private schools were spatially distributed over the decades in Ermelino Matarazzo as their respective administrators favored one region or another. The survey utilizes statistics from the Municipal Government of São Paulo and its Secretariat of Education in addition to qualitative data derived from twenty interviews with long-time residents and a local leader and participatory observation of social movements in Ermelino Matarazzo. The paper also displays photos and maps. This study contributes to understanding how social cleavages emerge, how they take shape in local spaces, and how they are perceived symbolically by individuals.

Keywords: social heterogeneity, periphery, Eastern Zone (São Paulo), Ermelino Matarazzo, public and private schools.

Lista de Figuras

Figura 1: Conde Francesco Matarazzo Junior	73
Figura 2: Antiga Vila dos Matarazzo em 2012.	112
Figura 3: Rua principal da comunidade Nossa Senhora Aparecida.....	112
Figura 4: Vista de uma rua do Parque Boturussu	112
Figura 5: Anúncio Folha de São Paulo de 1925	113
Figura 6: Celosul. Foto: Adriana Dantas.....	118
Figura 7: Casarão de Veraneio do Matarazzo	122
Figura 8: Praça Primeiro de Maio	130
Figura 9: Biblioteca e Telecentro	145
Figura 10: Torres na Assis Ribeiro	149
Figura 11: Sobrados do Parque Boturussu	160
Figura 12: Torres e casa autoconstruída no Parque Boturussu.....	160
Figura 13: Entrada de uma das torres no Parque Boturussu	160
Figura 14: Escola Estadual Parque Ecológico	183
Figura 15: Colégio Nova Jornada.	183
Figura 16: Saída da Linha 12 da CPTM	189
Figura 17: USP Leste entre as ocupações	189
Figura 18: Escola Octávio Mangabeira	196
Figura 19: Colégio Integração	196

Lista de Tabelas

Tabela 1 População Leste.....	42
Tabela 2: Domicílios por renda e subprefeituras.....	55
Tabela 3: Escolaridade Subprefeituras.....	57
Tabela 4: Infraestrutura e violência.....	58
Tabela 5: Cor da Pele.....	59
Tabela 6: Crescimento Populacional de Ermelino Matarazzo.....	69
Tabela 7: Entrevistados pelas regiões.....	79
Tabela 8: Migração em três tempos.....	102
Tabela 9: Escolas públicas e privadas, localização e ano de fundação.	164
Tabela 10: Crescimento da População do Distrito e o Número de Escolas Fundadas .	165
Tabela 11: Escolas dos loteamentos.....	170
Tabela 12: Escolas das Ocupações.....	179
Tabela 13: Escolas das Construtoras.....	190
Tabela 14: Matrículas da Diretoria de Ensino Leste 1.....	221

Lista de Mapas

Mapa 1: Área Urbanizada (1915/1929)	41
Mapa 2: Distritos e Subprefeituras de São Paulo	50
Mapa 3 Área Urbanizada (1930-1949)	65
Mapa 4: Ermelino Matarazzo e seus vizinhos.....	67
Mapa 5. As três regiões de Ermelino Matarazzo	75
Mapa 6 Região dos Loteamentos	115
Mapa 7: Região das Ocupações	132
Mapa 8: Região das Construtoras	151
Mapa 9: USP Leste de carro.....	187

Lista de Abreviaturas e Siglas

ACDEM Associações da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo

BNH Banco Nacional da Habitação

EACH Escola de Artes, Ciências e Humanidades

CDHU Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo

CEB Comunidades Eclesiais de Bases

CEU Centro Educacional Unificado

CPTM Companhia Paulista de Trens Metropolitanos

DOPS Departamento de Ordem Política e Social

ENEM Exame Nacional de Ensino Médio

IBGE Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IDESP Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo

LDB Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

SAB Sociedade de Amigo de Bairro

SAEM Sociedade de Amigos de Ermelino Matarazzo

SEADE Sistema Estadual de Análise de Dados

SESI Serviço Social da Indústria

SENAI Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial

PSDB Partido da Social Democracia Brasileira

PT Partido dos Trabalhadores

UMN União dos Movimentos de Moradia

USP Universidade de São Paulo

Sumário

Introdução – Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia	14
Capítulo 1 – A cidade de São Paulo e suas periferias.....	31
1.1 A valoração socioespacial da Zona Leste.....	39
1.2 As periferias de São Paulo	46
1.3 Uma periferia intermediária?	49
Capítulo 2 - Ermelino Matarazzo e seus moradores	66
2.1 A diferenciação interna de Ermelino Matarazzo	74
2.2 As moradoras e os moradores.....	79
2.3 Entre Imigrantes e Migrantes	91
2.4 Migração em três tempos.....	99
Capítulo 3. As três regiões de Ermelino Matarazzo.....	111
3.1 A região dos loteamentos.....	113
3.2 A região das Ocupações	131
3.3 A região das Construtoras	150
3.4 A participação política das três regiões.....	161
Capítulo 4 - A oferta escolar em Ermelino Matarazzo	163
4.1 As escolas dos loteamentos	169
4.2 As escolas das ocupações	179
4.3 As escolas das construtoras	190
Considerações Finais.....	197
Referências Bibliográficas	200
Apêndices	216
Anexos.....	223

Introdução – Por dentro da quebrada: a heterogeneidade social de Ermelino Matarazzo e da periferia

“Tem muita coisa legal na quebrada,
vem que eu vou te apresentar.
Vem comigo, vem na quebrada”
(DJ Alpiste)¹

Entrar pela quebrada significa, neste trabalho, apresentar o microcosmo de um distrito² na periferia da cidade de São Paulo. Expor o resultado de uma pesquisa sobre um único distrito torna-se relevante quando esta abordagem permite relacionar vários fatores sociais que não dizem respeito apenas a um local da periferia, mas à história da capital bandeirante, no que diz respeito às suas franjas e suas transformações ao longo do tempo.

Apresentar Ermelino Matarazzo³, distrito periférico de São Paulo, como uma autóctone foi o grande desafio para construir um objeto de investigação científica. Autóctone se define, como termo dicionarizado, como alguém próprio do lugar a ser pesquisado. No caso desta pesquisa, refere-se a alguém que nasceu, cresceu e escolarizou-se em Ermelino Matarazzo e está apresentando “sua quebrada⁴” como campo de pesquisa. Alguém que, como tantos outros moradores, é filha de um migrante baiano que chegou a Ermelino Matarazzo em 1969.

O primeiro desafio foi construir o objeto de pesquisa e buscar objetivar as percepções de uma autóctone. Desta construção derivaram os métodos empregados e

¹ Música: *Na Quebrada*.

² Um distrito é formado por um conjunto de bairros, que não possui autonomia administrativa como os municípios. Cada distrito da capital está inserido em uma subprefeitura, administrada por um subprefeito, cuja indicação é realizada pelo prefeito do município. Apesar da distinção administrativa que separou vários aglomerados de bairros em distritos, os moradores da capital, em geral, denominam os distritos de bairros.

³ Ermelino Matarazzo é um distrito da cidade de São Paulo, situado na zona leste da cidade. Neste trabalho, Ermelino Matarazzo será chamado de distrito e as vilas e parques que o constitui serão chamados de bairros.

⁴ Em São Paulo, as periferias são chamadas por parte dos seus moradores, especialmente os mais jovens, de quebrada.

as técnicas que foram utilizados. Construir o objeto, assim como o problema social que o permeia, significou aprender a pensar de forma relacional, colocando em evidência o maior número possível de fatores para entender uma realidade social (Bourdieu, 2010). Também me inspirei na imaginação sociológica de Charles Wright Mills, que tem como objetivo compreender a história e a sociedade em que seus sujeitos estão inseridos, “na necessidade de conhecer o sentido social e histórico do indivíduo na sociedade e no período no qual sua qualidade e seu ser se manifestam” (Mills, 1965, p.14).

Esta pesquisa iniciou-se com o seguinte título: “Estratégias educativas em famílias de grupo populares”. Ao longo do processo, o objeto foi se desdobrando para a configuração social de Ermelino Matarazzo, com ênfase na diferenciação social interna do distrito, sem perder de vista as estratégias educativas e a forma como se constituiu o espaço escolar no distrito. Para explicitar essa rota, faz-se necessário reconstituir o desenvolvimento de como ela aconteceu nos parágrafos seguintes.

O primeiro procedimento adotado visava a objetivar a percepção que se dispunha sobre a oferta escolar em Ermelino Matarazzo. Por oferta escolar, entende-se o conjunto de estabelecimentos públicos e privados disponíveis em um dado espaço geográfico. A partir do levantamento dos estabelecimentos de ensino de Ermelino Matarazzo foi possível perceber como as dependências administrativas (pública e privada) foram se instalando ao longo do tempo, assim como se distribuíam no espaço do distrito. Foi interessante perceber que as escolas privadas começaram a surgir na década de 1990 e em um bairro específico: o Parque Boturussu. Percebia-se também que havia mais escolas estaduais que municipais, cujo crescimento se deu ao longo da década de 1960 e 1970, em especial, no bairro Jardim Matarazzo. Geograficamente, o Jardim Matarazzo fica próximo ao Rio Tietê, portanto região de várzea. O Parque Boturussu fica mais acima, em uma região de colina, aproximadamente 3 km desta parte mais baixa, referente ao Jardim Matarazzo. Esta constatação que poderia não ser relevante para alguém que não conheça o distrito, foi assaz pertinente e muito reveladora para uma autóctone. A hipótese da diferenciação interna foi levantada a partir deste ponto: as possíveis diferenças entre a “região de baixo” e a “região de

cima”. Para comprovar ou não tal hipótese, reorientou-se o trabalho para a história de como o distrito foi constituído.

Algumas pistas já estavam dadas a partir de um exercício de estranhamento que eu estava me propondo. Fazia pelo menos uma década que eu estava morando em outro Estado. Ao voltar para São Paulo com o intuito de fazer pós-graduação, pude *estranhar* o meu local de origem, permitindo-me questionar e construir problemas de pesquisa.

O primeiro *estranhamento* se deu quando soube que havia o campus leste da Universidade de São Paulo: a Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) exatamente em Ermelino Matarazzo. Quando voltei para São Paulo, descobri que havia parte da USP naquele local e que as pessoas no meu entorno, da “região de cima”, não se interessavam muito por este fato. Muitos vizinhos nem sabiam que existe a USP no distrito. Esse campus foi inaugurado, em 2005, como um projeto para democratizar o ensino superior, em uma área pobre da cidade, singularizada por “um forte movimento de suas comunidades, que se organizaram para debater e discutir as questões da educação pública em geral” (Perosa, Santos & Menna-Barreto, 2011, p.42). Mesmo após a instalação deste novo campus da USP, a mobilização por mais equipamentos públicos de ensino superior continua na região, sendo uma das bandeiras atuais, a reivindicação da instalação de um campus da Unifesp na Zona Leste (Universidade federal de São Paulo).

Outro *estranhamento* significativo se deu quando tomei conhecimento das pessoas que faziam parte deste movimento local. Eram vizinhos um pouco mais distantes do meu local de origem, que moravam na parte “de baixo”, profundamente engajados politicamente, com participação ativa na implantação da USP Leste. Eu só soube desta mobilização local quando assisti, pela televisão, um documentário intitulado **Ermelino é luz** (2009), transmitido pela TV Cultura, em 2009, antes do meu ingresso no programa de mestrado. Foi naquela ocasião que ouvi pela primeira vez

falar sobre a atuação daquelas pessoas no bairro, como por exemplo, o Padre Ticão⁵ e suas conquistas políticas que incluíam a luta pela USP Leste, como a EACH é conhecida. O meu *estranhamento* destas questões, como moradora de Ermelino Matarazzo, me despertava pistas de que poderia ter mais assuntos para pesquisar a respeito deste lugar.

A apresentação do distrito no documentário me pareceu muito diferente do Ermelino Matarazzo em que eu havia crescido. Geograficamente, aquelas pessoas faziam parte da região mais baixa do distrito. Algumas perguntas começaram a ser suscitadas: Por que aquela região “de baixo” parecia mais politizada? Por que alguns “lutaram” para uma educação de mais qualidade de forma coletiva e outros, da minha região, pareciam não se importar da mesma forma? Por que os “de baixo” pareciam tão “orgulhosos” de Ermelino Matarazzo enquanto muitos conhecidos meus não se apropriavam da mesma forma? Pelo contrário, muitos de meus vizinhos partiram para outros distritos mais valorizados como o Tatuapé e a Mooca e orgulhavam-se disso. Por que parte do bairro pensava educação na coletividade e a parte, onde cresci e me escolarizei, pouco ou nada se mobilizava para tal?

Enfim, eu não reconhecia o Ermelino Matarazzo daquele documentário e nem conhecia aquela história. Entender como ele foi constituído começou a me interessar: quem eram aquelas pessoas? Por que a região “de baixo” era tão diferente da minha que ficava “em cima” geograficamente no distrito? Antes mesmo de me vincular ao programa de mestrado, comecei minhas observações, participando de reuniões na Igreja São Francisco de Assis, local das articulações políticas da região, onde o padre Ticão é pároco. Passei um semestre observando as reuniões e coletando os materiais que lá eram oferecidos para os participantes. Também participei de eventos abertos na USP Leste, em palestras voltadas para os estudantes, em reuniões para a

⁵ O padre Antonio Marchioni é popularmente conhecido como Padre Ticão. Chegou à Ermelino Matarazzo em 1982 para ser pároco da Igreja São Francisco de Assis. Ele é um dos conhecidos líderes do distrito, que participou ativamente de vários movimentos populares na região. Ele será mencionado como Padre Ticão neste texto.

comunidade e no núcleo de extensão chamado NASCE⁶. O intuito era formular um projeto de pesquisa para investigar essa realidade que se apresentava como novidade, mesmo sendo autóctone.

Já no mestrado, a tentativa de desvendar esta diferença iniciou-se com algumas interlocuções com Morcelli (2010)⁷ e seu trabalho sobre a região que me permitiu compreender a importância da dimensão geográfica para entender Ermelino. Buscar a história do distrito vizinho de São Miguel Paulista, urbanizado após a instalação da indústria Nitro Químico, que recebeu grande número de migrantes internos, também foi muito importante para a pesquisa (Fontes, 2008). A partir deste estudo, pude relacionar essa formação industrial de São Miguel à história industrial de formação de Ermelino Matarazzo. Assim como a Nitro Química, Ermelino teve uma importante indústria, a Celosul, que se instalou perto da linha do trem, região de várzea, perto do Rio Tietê, na parte “de baixo”, como eu denominava primeiramente. Além disso, a experiência social desta região estava documentada em outras pesquisas sobre mobilizações sociais referentes à educação e à moradia na Zona Leste (Andrade, 1989; Menezes, 2007; Sposito, 2010; Iffly, 2010).

Para além da história e da formação de Ermelino Matarazzo, em minhas observações pessoais, comecei a interrogar tanto o investimento coletivo em prol de universidades públicas nesta região, quanto o forte investimento de algumas famílias vizinhas à minha sobre o tema. Apenas, nos últimos dez anos, impressionava o fato de que cinco filhos de quatro famílias da região, dois deles após três anos de cursinho, ingressaram em carreiras concorridas de universidades públicas (quatro jovens ingressaram no curso de Medicina e um em Direito). Apesar daqueles investimentos coletivos e destes investimentos pessoais, ainda me interrogava: por que ainda é difícil para estudantes de Ermelino Matarazzo chegar a uma universidade pública? Por que a maioria das pessoas não acreditava nesta possibilidade? O que havia por trás dessas exceções? A concepção do senso comum de que estes eram “exemplos” da máxima de

⁶ Núcleo de Apoio Social, Cultural e Educacional. Um núcleo de extensão com projetos voltadas para Zona Leste da EACH-USP Cf. <<http://www.uspleste.usp.br/nasce>> Acessado em 01 abril 2012

⁷ Devo o insight sobre a questão geográfica à leitura desta monografia sobre Ermelino Matarazzo.

que “basta estudar muito para se conseguir chegar lá” não me convencia. Como a história do distrito poderia lançar luz sobre práticas sociais e políticas e estratégias educativas⁸ diferenciadas?

Um dos primeiros autores que começou a me responder estas questões foi Pierre Bourdieu (1988). Em uma de suas pesquisas sobre o ensino superior francês demonstrou que o acesso a este sistema é resultado de seleções diretas e indiretas, denunciando que a capacidade ou dom de quem ingressa nada mais é do que o privilégio cultural apreendido ao longo do *cursus*, que é entendido como a trajetória percorrida durante toda a carreira escolar. Para o autor, a taxa de êxito de um estudante em relação a outro começa em sua infância, pelo tipo de *herança cultural* recebida. Esta herança não pode ser compreendida apenas no que diz respeito aos responsáveis diretos da criança, mas também pelos ascendentes destes responsáveis, ou nas palavras do autor, o “nível cultural global da família” (Bourdieu, 1998, p.42). Essa família transmite aos filhos um *ethos*, isto é, um “sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, [...] as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar” (Bourdieu, 1998, p. 42). A aquisição de *capital cultural* se daria de forma osmótica. Por exemplo, os filhos das camadas mais ricas apreendem a história da arte devido a oportunidades de visitas a museus, exposições e de forma indireta, ou por osmose, recebem uma quantidade de *capital cultural* muito mais legítimo e significativo para a instituição escolar do que os filhos de trabalhadores manuais e das famílias mais pobres. É assim que a relação entre o *capital cultural* e o *ethos* influenciaria as condutas escolares e as atitudes diante da escola. Esse processo

⁸ A tentativa de escolher a escola, o recurso a cursos complementares e às escolas privadas e o adiamento da idade de entrada no trabalho, foram tomados nesta pesquisa como estratégias educativas, no sentido desenvolvido por Pierre Bourdieu. Para este autor, os agentes sociais desenvolvem estratégias que não são arbitrárias e nem encontram-se distribuídas aleatoriamente, ao acaso, sobre a população. Bem ao contrário, elas são fundadas sobre as disposições adquiridas pela história do grupo familiar, possível no interior de um grupo social. São visões de mundo que estruturam as percepções e as práticas do presente, mas, que foram geradas pelas possibilidades e impossibilidades objetivas ao longo de uma história passada. Por meio deste passado, dos processos de socialização, formais ou informais, adquirimos disposições específicas (*habitus*) que geram práticas e percepções, individuais e coletivas, que orientam a ação no mundo à nossa volta. Assim, o *habitus* asseguraria a presença ativa das experiências passadas, transformadas em esquemas de percepção, de pensamento e de ação, ainda mais poderosas do que todas as regras formais e normas explícitas de comportamento (Bourdieu, 2009, p. 90).

também é gradual, “vê-se, ainda que as vantagens e desvantagens são cumulativas, pelo fato de as escolhas iniciais, a escolha de estabelecimento e escolha de seção, definirem irreversivelmente os destinos escolares” (Bourdieu, 1998, p.51).

Tal desigualdade torna as *oportunidades* ou *condições objetivas* das classes desfavorecidas muito limitadas. Como estes sujeitos percebem sua dificuldade diante da realidade, as aspirações das classes desfavorecidas confundem-se com “vontade” ou a “falta de vontade”. Os estudantes, seus responsáveis e professores também alimentam o *ethos* de que é muito difícil o ingresso em outros níveis de escolarização em que os mais privilegiados têm acesso. Todo este processo é denominado de *mecanismo de eliminação* que age por todo o *cursus*, inclusive nos graus mais elevados, como no ensino superior. Para o estudante de camadas menos privilegiadas, restaria apenas a exceção, dentro de um mecanismo de *superseleção*:

De fato, isso significa que os obstáculos são cumulativos, pois as crianças das classes populares e médias que obtêm globalmente uma taxa de êxito mais fraca precisam ter um êxito mais forte para que sua família e seus professores pensem em fazê-las prosseguir seus estudos [...] Enfim, o princípio geral que conduz à superseleção das crianças das classes populares e médias estabelece-se assim: as crianças dessas classes sociais que, por falta de capital cultural, têm menos oportunidades que as outras de demonstrar um êxito excepcional devem, contudo, demonstrar um êxito excepcional para chegar ao ensino secundário (Bourdieu, 1998, p.50).

Esta maneira de abordar o problema respondia parte desse questionamento especialmente sobre meus pares não acreditarem numa possível escolarização mais prolongada. Mas e no que diz respeito à *superseleção*? O que seria esse êxito excepcional que contribuiria para o “sucesso escolar”? Por que algumas exceções são possíveis? O estudo de Viana (2010, p. 45-60) sobre a chegada ao ensino superior em graduação e pós-graduação de filhos-alunos de camadas populares, que ela denomina de longevidade escolar, está relacionado à trajetória escolar. Para a autora, a participação familiar não se dar de forma visível e explicitamente voltada para o “sucesso” escolar. Outro aspecto é o papel ativo específico do filho-aluno demonstrado a partir de autodeterminação e de investimento pessoal, assim como aproveitamento de oportunidades ao longo de seu *cursus* que o levou a longevidade

escolar. As conclusões da autora, no meu ponto de vista, demonstrariam como se dá a *superseleção* sustentada por Bourdieu.

Por outro lado, as famílias que eu conhecia de Ermelino Matarazzo, meus vizinhos, com filhos em cursos prestigiados em universidades públicas tinham realizado grandes investimentos na trajetória escolar. Aquelas crianças tinham estudado em escolas privadas ao longo do Ensino Fundamental. Estas experiências já apontavam para estratégias específicas destas famílias para o “sucesso” escolar, materializado no acesso a universidade pública. Observei também que estas famílias tinham investidos nos cursinhos preparatórios pagos para complementar o ensino básico, pois passar no vestibular já estava presente no universo de possíveis para estas famílias. No entanto, este acesso ao ensino superior que observava ao meu redor, não se reduzia ao processo de *superseleção* descrito por Bourdieu, nem tampouco, às trajetórias descritas por Vianna, em que os jovens dos grupos populares chegavam ao ensino superior, não pelo alto investimento das famílias, mas por razões um pouco acidentais (um amigo, um professor).

Outra situação importante para impulsionar meu estudo sobre esta diferenciação social consistiu na experiência vivida na Igreja de São Francisco. Lá, eu conheci moradores e moradoras que militavam por mudanças na Zona Leste. Uma das experiências mais marcantes naquele convívio aconteceu no ano de 2010 quando conheci o *Movimento Nossa Zona Leste*⁹ e suas lutas pelo direito à educação, à habitação, à saúde, dentre outros, através da mobilização política e educação comunitária. Estive presente em uma das reuniões, cujo tema era a implantação de um campus de universidade pública federal em Itaquera – distrito da zona leste de São Paulo assim como Ermelino Matarazzo. O salão social da igreja de São Francisco, que fica abaixo do salão em que as missas são oficializadas, estava lotado. Moradores de vários distritos da zona leste estavam reunidos, líderes de movimentos sociais foram apresentados. Havia também autoridades públicas: estavam presentes vários

⁹ Movimento comprometido em mobilizar vários segmentos da sociedade em prol do desenvolvimento da Zona Leste de São Paulo, agora associado à Rede Nossa São Paulo. Fonte: <<http://www.nossasaopaulo.org.br/portal/>> Acessado em 20 de abril de 2012.

subprefeitos da zona leste, vereadores, deputados federais, o representante do reitor da Universidade Federal de São Paulo e o representante do ministro da Educação. Exceto os subprefeitos não compunham a mesa. A discussão estava sendo mediada pelo padre Ticão e por um líder do Movimento Nossa Zona Leste chamado Luís França. Todos receberam o panfleto com a pauta da reunião e um dos motes para reivindicações era o direito constitucional à educação. Em certo momento, recebiam-se inscrições para participação popular para propor cursos que a comunidade gostaria de ter na universidade federal. Qualquer um poderia participar, inclusive dei minha opinião também. Algumas pessoas aproveitavam o microfone para falar de assuntos que não eram pertinentes e o padre Ticão, que mediava à mesa, pedia para as falas se aterem ao assunto proposto por causa do tempo. A reunião começou quase pontualmente e terminou também perto do horário proposto. Numa reunião seguinte, menor, havia novamente os panfletos e lá já estavam propostos cursos superiores, inclusive a minha sugestão, para fazer parte das reivindicações para ser entregue às autoridades.

Toda aquela movimentação política em um salão social de uma igreja de Ermelino Matarazzo me intrigou. Como todo aquele processo foi construído? Como em um distrito periférico, pessoas estavam lutando para que as estruturas políticas e sociais fossem mudadas? Qual a abrangência daquela atuação? Qual o poder de mudança de que toda aquela movimentação alcançava ou alcançou? Por que aqueles líderes e políticos se mobilizaram até ali na zona leste? Por que esta mobilização não se estendia para todo o distrito? Esta experiência é realmente singular em Ermelino Matarazzo e na zona leste? Embora esta investigação não tivesse a intenção de responder a todas estas indagações, elas foram importantes para a construção do objeto. Foi neste ponto que o objeto desta pesquisa começou a se definir melhor, pois comecei a me interessar sobre como estas diferenças foram constituídas. Nas palavras de Lenoir, “analisar o processo pelo qual se constrói e se institucionaliza o que, em determinado momento do tempo, é constituído como tal” (Lenoir, 1996) começou a ser o foco do meu interesse.

Esta primeira observação da diferença entre os “de baixo” e os “de cima” remetia-me a uma problematização referente ao espaço, como também à história que permeou a ocupação deste espaço. Para tanto, foi preciso redirecionar a pesquisa, tendo como objetivo entender como o distrito de Ermelino Matarazzo foi constituído a partir dos agentes¹⁰. Em outras palavras, meu objetivo tornou-se entender a configuração social do distrito de Ermelino Matarazzo. A partir da memória de antigos moradores e da consulta a documentos produzidos por moradores sobre a história do distrito, procurei resgatar o processo de configuração do distrito. Como sua fundação é relativamente recente, muitos dos antigos moradores ainda estão vivos, podendo depor sobre suas lembranças do passado. Também não há muitas documentações oficiais e um dos melhores recursos foi buscar na oralidade os dados para reconstruir esta configuração.

O conceito de configuração tem em Elias (2008) a concepção de uma formação construída a partir de grupos de pessoas numa relação social de interdependência. Na sociedade, grupos “de pessoas constituem teias de interdependência ou configurações de muitos tipos, tais como famílias, escolas, cidades, estratos sociais ou estados” (Elias, 2008, p.15). No caso de um distrito periférico, isso significa pensar a história do distrito na história da cidade na qual está inserido. Como pesquisadora autóctone, a interrogação que me acompanhou desde o início dizia respeito a como se constituiu a configuração social desse microcosmo de Ermelino Matarazzo, no sentido atribuído ao termo por Elias & Scotson (2000). Algumas perguntas nortearam o início do processo: Como o distrito se insere no contexto da cidade de São Paulo? O que representa estar na periferia de São Paulo, mas não em qualquer periferia e sim a leste? Que importância tem essa localização para o distrito?

A partir deste objetivo de descrever como se configurou Ermelino Matarazzo, elaborei a hipótese da diferenciação interna que teria se dado ao longo do tempo e do espaço. Grosso modo, foi observado que os primeiros habitantes do distrito se estabeleceram na região de baixo, e mais tarde, chegaram os moradores da região de

¹⁰ Agradeço a Monique de Saint-Martin que nos assegurou que este era um bom começo, quando apresentamos esta pesquisa em sua visita à EACH.

cima. Os primeiros vieram para trabalhar nas indústrias de Ermelino Matarazzo, por volta da década de 1940 e 1950. Os segundos vieram quando o distrito começou a receber empreendimentos imobiliários, por volta de 1980, e compraram, então, sua casa própria. Como mais uma variável que ilustrava esta diferenciação interna, utilizamos os dados disponíveis sobre a instalação dos estabelecimentos escolares públicos e privados.

Neste trabalho, a noção de campo empregada consiste em um espaço social definido a partir das posições destes agentes que, por sua vez, “se retraduz em um espaço de tomadas de posições pela intermediação do espaço de disposições (ou do *habitus*)” (Bourdieu, 1996, p.21).¹¹ Procurei me deter na relação entre estrutura e agência¹² de forma dialética¹³ e, não dicotômica, que permitiria compreender tanto as disputas no interior deste campo, como suas rupturas. A relação dialética entre estrutura e agência é verificada, por exemplo, entre as regiões mais e menos politizadas de Ermelino Matarazzo. Concordando com o fato de que há uma estrutura estruturada e estruturante, também há a assunção de que há rupturas nesta estrutura, pois do contrário, a História seria linear. Da mesma maneira, descrever e analisar apenas a agência desconsideraria o peso da estrutura sobre os indivíduos. Assim, a dialética entre estrutura e agência é uma tensão. A forma como os agentes se inserem no campo, neste caso distrito de Ermelino Matarazzo, apontava tanto para uma estrutura estruturada e estruturante da cidade, na qual o distrito possui uma posição dominada, como os agenciamentos que trouxeram tantos migrantes para o distrito ou mesmo as mobilizações sociais locais, produziram modificações que afetaram esta estrutura.

¹¹ Para uma primeira aproximação dos conceitos de Bourdieu ler: Almeida, 2002 e Torres, 2012.

¹² No programa de mestrado em Estudos Culturais tive contato com marcos teóricos dos Estudos Culturais europeu, mais especificamente, E.P. Thompson (1963) com a *Formação da Classe Operária*. Stuart Hall (2009, p. 124-125) indica esse livro como um dos marcos de ruptura para um novo paradigma para explicar a história e a emergência dos Estudos Culturais. A inspiração de Thompson para esta pesquisa se enquadra no fato de retomar os que estavam na periferia, para recontar a História por outro viés: o do agenciamento destes atores.

¹³ Esta proposta foi apresentada por Alexander (1987, jun, p.5-28) como “o novo movimento teórico” que permite a relação entre as “escolas de macroteorização” e as “escolas de microteorização” em detrimento da polarização que antes era tradicional na Sociologia.

A pesquisa foi amadurecendo com novos dados quantitativos e com a revisão da literatura sobre a periferia, graças ao trabalho em equipe¹⁴. A partir de então, decidi introduzir a configuração de Ermelino Matarazzo numa discussão maior sobre a heterogeneidade social da periferia de São Paulo. O estudo da diferenciação interna exigiu relacionar vários processos como a industrialização, a migração, a imigração, a periferização, dentre outros, que se relacionavam com as discussões nas Ciências Sociais sobre a complexidade da periferia nas grandes metrópoles. Por isso, achei pertinente alocar a discussão do microcosmo de Ermelino Matarazzo em uma discussão macrossociológica, ou seja, precisar a posição deste distrito na cidade de São Paulo. A heterogeneidade social tornou-se, então, a linha condutora para estruturar a apresentação da dissertação, reverberando no título escolhido.

I. Os procedimentos de pesquisa

O trabalho de campo se realizou, primeiramente, a partir da observação participante nas reuniões da igreja São Francisco, onde o padre Ticão é pároco. O salão desta paróquia é um dos principais pontos de reuniões com diferentes focos de atuação, tanto religiosos quanto políticos, como demonstra um exemplo da agenda de atividades (Anexo 1). Há várias atividades, dentre as muitas, tenho participado ativamente do Grupo de Memória que tem como objetivo resgatar a memória da zona leste de forma geral. Algumas vezes, participei da Escola da Cidadania¹⁵. O caderno de campo foi utilizado para fazer anotações. Também consultei o arquivo da Igreja São Francisco organizado pelo padre Ticão. Ele tem arquivado documentos desde o ano de sua chegada sobre vários assuntos como educação, moradia, saúde. Há vários corredores com caixas de arquivo divididas por seções temáticas. É possível encontrar antigos panfletos, recorte de jornais sobre a zona leste, além de vários livros religiosos e acadêmicos.

¹⁴ Esta pesquisa foi desenvolvida no grupo de pesquisa “Estratégias Educativas em Família de Grupos Populares e das Novas Classes Médias” coordenada pela Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa. Esta participação será explicitada no item “procedimentos de pesquisa”.

¹⁵ A Escola da Cidadania é um projeto de aulas semanais às sextas-feiras com assuntos diversos. O curso é certificado pela Reitoria de Extensão da Universidade Federal de São Paulo mediante frequência mínima e realização de Trabalho de Conclusão de Curso.

Também visitei a Subprefeitura de Ermelino Matarazzo algumas vezes a procura de dados e do documentário sobre o distrito que citei nesta introdução, sem sucesso. Dentre vários funcionários que conversei pedindo informações, fui encaminhada ao Secretário de Cultura e ao Assessor de Imprensa. Eles não forneceram o que eu buscava, pois não sabiam me informar a divisão oficial dos bairros do distrito, pois não existia um mapa oficial da subprefeitura, também não tinham dados das famílias residentes no distrito, divididas por região ou bairros. Segundo eles, a subprefeitura tem a função de zeladoria do distrito, por isso as informações que eu buscava não poderiam ser encontradas ali. A cidade de São Paulo é dividida em 31 subprefeituras que reúne vários distritos. Por sua vez, um distrito é um conjunto de bairros e vilas agrupados tentando “resgatar limites que juntassem bairros com nível de coesão entre eles”, nas palavras de Aldaíza Sposati¹⁶, que idealizou o projeto de lei que dividiu a cidade em distritos. Esta divisão oficial¹⁷ foi resultado de um processo de “distritalização” pelo qual passou a cidade de São Paulo.

A pesquisa de campo foi pensada a partir de duas regiões de Ermelino Matarazzo. Isto porque uma das hipóteses elaboradas para a pesquisa foi à existência de uma subdivisão geográfica e social entre os moradores “de baixo” - predominantemente operários, mais antigos, orgulhosos do passado de Ermelino Matarazzo e mais organizados politicamente - e os moradores “de cima” - habitantes mais recentes, socialmente heterogêneos, e mais distantes das lutas políticas do bairro. A predominância de escolas privadas na parte “alta” do distrito, corroborou a pertinência desta subdivisão para os objetivos desta pesquisa.

Inicialmente foram realizadas seis entrevistas com moradores da região “de baixo” e seis entrevistas com moradores da região “de cima”, considerados antigos moradores, com o objetivo de entender a história social segundo a perspectiva dos

¹⁶ Ver entrevista completa: Bruno, Pierro. A “distritalização” de São Paulo, segundo Aldaíza Sposati. Portal Luis Nssif Online. Disponível em <<http://www.advivo.com.br/blog/luisnassif/a-distritalizacao-de-sao-paulo-segundo-aldaiza-sposati>> Acessado em 16 de novembro de 2012

¹⁷ “Os limites das 31 Subprefeituras são definidos pela Lei nº 13.399/2002, alterada pela Lei nº 13.682/2003, e os limites dos Distritos Municipais, pela Lei nº 11.220/1992”. Disponível em <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/index.php?sub=notas&cat=3&titulo=Territ%F3rio&subtit=%20-%20Notas%20%E9cnicas>> Acessado em 16 de novembro de 2012

agentes. A partir destas doze entrevistas foi possível perceber que a região “de baixo” deveria ser desmembrada em duas, uma da época da industrialização e outra, mais recente, da época em que houve as ocupações de terra que deram origem às primeiras favelas. Mais tarde, foram realizadas mais quatro entrevistas com moradoras da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, antiga favela, em um único encontro na capela de mesmo nome. Considerou-se pertinente, realizar mais duas entrevistas com os moradores da região de baixo, que tinham envolvimento político, segundo outros moradores de Ermelino Matarazzo.

Ao todo, foram realizadas dezoito entrevistas com antigos moradores, em geral, com mais de sessenta anos. O critério de escolha foi “entrevistar antigos moradores” tanto da região de cima quanto de baixo, partindo do princípio de que a história da chegada a Ermelino Matarazzo e o engajamento ou distanciamento em lutas sociais que caracterizam a região seriam chaves importantes para compreender como se deu a configuração de Ermelino Matarazzo. Estes moradores e moradoras chegaram ao distrito entre 1943-1982. As entrevistas na região “de baixo” foram feitas no Jardim Belém e no Jardim Matarazzo e, mais tarde, na Comunidade Nossa Senhora Aparecida¹⁸. As entrevistas na região “de cima” foram realizadas no Parque Boturussu. Em quatro entrevistas, os cônjuges tiveram pequenas participações. Em outra, o neto de uma entrevistada acompanhou a entrevista, pois ele era o meu contato. Estas participações não foram consideradas como entrevistas, pois as considerações consistiam em tirar alguma dúvida ou complementar algum assunto. Quando pertinente, as participações destes agregados foram incorporadas ao texto, indicando o agregado. Somaram-se também mais duas entrevistas com o padre Ticão, liderança local, assim como o Prof. Dr. Elie Ghanem, da Universidade de São Paulo que participou de alguns episódios sobre educação em uma das escolas do distrito. Com a participação destes informantes, foram realizadas vinte entrevistas. Todas as

¹⁸ Esta Comunidade é um prolongamento da Comunidade Santa Inês, uma das primeiras favelas de Ermelino Matarazzo. Os diferentes bairros que constituem essas regiões serão explicadas nos próximos capítulos.

entrevistas foram gravadas e transcritas. Foi pedida uma carta de cessão para ser assinada (Apêndice 2)¹⁹. Apenas dois entrevistados não quiseram assinar.

O roteiro foi concebido para cobrir três aspectos: 1. A história familiar, escolar e profissional antes da chegada em Ermelino Matarazzo; 2. A mobilidade social e geográfica e a história profissional e escolar do entrevistado; 3. A atualidade, a história profissional e escolar das gerações seguintes, dos filhos e alguns dados sobre os netos (ver Apêndice 1). A inspiração do roteiro teve como pressuposto captar as evoluções geracionais contextualizadas pela chegada à cidade, pela experiência educacional e pela aquisição de uma profissão no interior de uma história familiar.

A partir dos depoimentos obtidos foi possível entender a trajetória individual tendo como perspectiva a história do bairro e de migração. Assim, as entrevistas transcritas foram analisadas levantando as seguintes categorias: migração e imigração; educação; trabalho; memória de Ermelino, ocupação e posição de uma geração à outra. Para tratar as entrevistas, foram emprestadas técnicas da História Oral. No texto foram “tirados os erros gramaticais e reparadas as palavras sem peso semântico. Os sons e os ruídos também foram eliminados em favor de um texto mais claro e liso” (Meihsy, 2002, p.238). As perguntas foram suprimidas escolhendo apresentar uma narrativa sem interrupções, além de edições como apagamento de repetições, com poucas interferências no texto. Os nomes foram trocados exceto do padre Ticão por ser uma figura pública.

As estatísticas, apresentadas em forma de tabelas e gráficos sobre o distrito e a cidade, foram coletadas da Secretaria Estadual de Educação e Prefeitura de São Paulo. Ambos os dados estão disponíveis nos sítios oficiais na internet. A Secretaria da Educação forneceu várias tabelas por Excel com dados específicos por *e-mail*, não tive nenhum tipo de recusa ou não fornecimento. A partir de troca de mensagens pude receber diversos bancos de dados das escolas do distrito, como também da Diretoria Leste 1 desde o ano de 1996. Grande parte dos dados estatísticos foi extraída do sítio

¹⁹ O modelo de carta de cessão (Apêndice 2) foi adaptado da carta utilizada pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em História Oral - Gephom cf. <<http://each.uspnet.usp.br/gephom/>> Acessado em 20 abril 2012. Agradeço a Prof. Dra. Valéria Barbosa Magalhães pela cessão do modelo.

da Prefeitura de São Paulo, denominado *Infocidade*. Trata-se de um grande banco de dados com mapas, estatísticas e indicadores sociais que podem ser acessados livremente, desagregados por distritos e por subprefeituras. Este portal da prefeitura reúne dados do IBGE, da Fundação SEADE. Este trabalho com as estatísticas foi realizado em equipe, no quadro do projeto “Estratégias Educativas em Famílias de Grupos Populares e das Novas Classes Médias”, sob a orientação da Profa. Dra. Graziela Serroni Perosa. O método de análise das estatísticas empregado foi a Análise de Componentes Principais, por meio do software SPAD 7.3, que tem como ponto forte apresentar as correlações entre os dados e distribuir tais correlações espacialmente. Este resultado será apresentado no primeiro capítulo para subsidiar a análise da posição de Ermelino Matarazzo em São Paulo.

Isamara Lopes Cruz, graduanda de Gestão de Políticas Públicas, contribuiu decisivamente com a análise de dados estatísticos. Helena Marcon realizou sua pesquisa de Iniciação Científica entrevistando diretores, professores e alunos de uma escola pública e outra privada localizadas no Parque Boturussu. A graduanda do curso de Obstetrícia, Elen Vieira, contribuiu com algumas transcrições de entrevistas. Para o trabalho de campo tivemos a colaboração de Helena Marcon do curso de Gestão de Políticas Públicas, de Eliton Rocha do mestrado em Estudos Culturais, com os quais realizamos visitas e algumas entrevistas domiciliares sobre a oferta escolar local. O grupo contou com a colaboração da Profa. Dra. Cristiane Kerches Leite para o uso de indicadores. Além disso, contou com a participação decisiva do pesquisador visitante da École de Hautes Études em Sciences Sociales de Paris, prof. Jean-Pierre Faguer, ligado ao Centre de Sociologie Européenne, que teve grande participação em trabalho de campo com fotografias e observações. Deve-se a ele o trabalho de objetivação realizado a partir da análise das estatísticas oficiais.

Como material de apoio, tenho utilizado o recurso das fotografias. A maioria das fotos foi feita por mim. Algumas foram cedidas por terceiros ou coletadas de livros, e estão indicadas as fontes. Outro recurso são os mapas copiados do *Google Maps* pela internet.

II. Os capítulos

O capítulo 1, intitulado “A cidade de São Paulo e suas periferias”, trata da heterogeneidade da periferia de São Paulo. Ele está dividido em três partes. A primeira trata da “*valorização socioespacial da Zona Leste*” que visa discutir o valor simbólico conferido às pessoas a partir do espaço que ocupam na cidade e pelos agentes que formaram a região. A segunda parte deste primeiro capítulo discute a heterogeneidade da periferia na cidade de São Paulo. A terceira parte pretende demonstrar as características de uma periferia como Ermelino Matarazzo, em relação a outras periferias da cidade, realizada a partir de dados estatísticos.

O capítulo 2 é denominado “Ermelino Matarazzo e seus moradores”. Para apresentar os entrevistados, este capítulo introduz a história da formação do distrito de forma panorâmica, começando com a intervenção da família Matarazzo e depois apresentando brevemente a diferenciação interna do distrito. Discute-se a relação entre imigrantes e migrantes, assim como o resultado da inserção destes agentes para explicar a diferenciação interna.

O capítulo 3 apresenta-se “As três regiões de Ermelino Matarazzo”. O distrito foi dividido em três regiões, que caracterizam três períodos da urbanização depois da industrialização na década de 1940: “a região dos loteamentos” que aconteceu entre 1940 e 1970; “a região das ocupações” que surgiu a partir da década de 1970 e, por fim, “a região das construtoras” a partir de 1980.

Por fim, o capítulo 4, demonstra a relação entre a oferta escolar e as três regiões de Ermelino Matarazzo. Foi possível discutir à luz da diferenciação interna como a questão espacial incidiu na instalação dos estabelecimentos escolares públicos e privados do distrito ao longo dos anos. A dissertação é finalizada com breves considerações.

Capítulo 1 – A cidade de São Paulo e suas periferias

A história de formação da Zona Leste faz parte do processo de metropolização pela qual passou a cidade de São Paulo (Campos, Gama & Sacchetta, 2004; Meyer, Grostein & Biderman, 2004). Os estudos sobre a periferia paulistana abordam-na como um lugar caracterizado pela ocupação do espaço urbano pelos loteamentos legais e clandestinos, desenhada pela autoconstrução no século XX, feita de forma desordenada e com pouca infraestrutura (Mautner, 1999; Grostein, 2004; Silva, 2004), resultado da explosão demográfica que significou a migração interna do nordeste para o sudeste (Perillo, 1996; Oliveira & Jannuzzi, 2005; Pasternak, 2005). Para entender o processo histórico de formação da periferia é necessário retomar alguns aspectos da história da cidade, desde o final do século XIX, que podem explicar a constituição dos bairros de periferia.

São Paulo, no Brasil Império, era uma pequena comunidade que se diferenciava de grandes capitais coloniais, tanto pelo tamanho - podendo ser considerada um povoado, quanto pela localização, por não estar no litoral. Seu isolamento da influência da Coroa fazia com que a cidade fosse provinciana em relação às grandes cidades como Rio de Janeiro, Recife, Salvador. Seu enriquecimento começou com o cultivo do café, no final do século XIX. Naquela época, a mão de obra escrava era utilizada para suprir as necessidades do modelo econômico escravocrata e para atender à elite paulistana que começava a se desenvolver. Devido à influência da Inglaterra, que almejava novos mercados consumidores de seus produtos, a escravidão estava sendo diminuída, gradativamente. Rapidamente, com a industrialização das primeiras décadas do século XX, a cidade de São Paulo começava a se modernizar (Morse, 1970).

A transição da escravidão para uma nova economia baseada no café e na industrialização trouxe profundas transformações em relação ao espaço urbano. Em 1868 “um piano valia tanto quanto um terreno de 10 mil metros quadrados nos arredores da cidade; um escravo jovem e com ofícios valia quase tanto como um

grande sobrado no centro da cidade” (Rolnik, 2003, p.102-103). Somente no final do século XIX, conforme a autora, este cenário se alterou e os imóveis urbanos se tornaram um grande investimento. Surge neste cenário uma nova figura a do empreendedor imobiliário, resultante das novas relações econômicas capitalistas que despontavam na época. Várias intervenções na cidade foram realizadas para valorizar algumas regiões, acompanhadas do aumento do preço de terrenos e aluguéis no centro da cidade.

Naquele contexto, a imigração europeia foi fortemente incentivada para substituir o trabalho escravo, principalmente no cultivo do café. As linhas de trem inauguradas ao longo dos rios Tamanduateí para Santos e duas ao longo do rio Tietê, a Sorocabana para Oeste e a Central do Brasil para o Rio de Janeiro, tornaram a cidade um entroncamento econômico singular para o país (Campos, 2012; Lamounier, 2012). O mesmo trem que levava o café para os portos para ser vendido para Europa era o que trazia todo o material manufaturado produzido pela Europa industrializada, tornado a cidade uma grande consumidora de tais produtos.

Com a riqueza produzida pela cafeicultura, a elite começou um processo de transformar a cidade segundo os padrões europeus tanto nas construções, quanto no transporte. Palacetes, bondes, iluminação pública transformavam o aspecto daquela antiga comunidade iniciada no Pátio do Colégio, crescendo do centro histórico para o Oeste e também para o Sul. Iniciou-se a partir da gestão de Antônio Prado em 1899 uma ação “considerada uma tentativa de europeização da cidade, para atender aos anseios da elite cafeeira de afastar-se do recente passado escravocrata e posar de civilizada e liberal” (Somekh, 1997, p.75). Este esforço se estendeu nas gestões de Raimundo Duprat (1911-1913) e Washington Luís (1914-1918), também representantes da elite configurando a *belle époque* paulistana. Com o aumento da riqueza e contato com as ideias europeias, foi promovida uma grande transformação na cidade em vários aspectos no plano urbanístico de novos bairros ricos com seus palacetes (Homem, 1996, p.183-211). Desde o final do século XIX, as frações mais elitizadas da sociedade paulistana migraram do centro da cidade para o sul e oeste, que se tornaram sinônimo de lugares sofisticados.

O crescimento demográfico da cidade de São Paulo na virada do século XX resultou em um número grande de crianças em idade escolar. Os poucos colégios públicos e a doutrina “de liberdade de ensino” permitiu a instalação de diversas escolas privadas, principalmente de instituições religiosas católicas, para atender uma nova elite que se formava (Perosa, 2009). O contexto de prosperidade econômica atrelou ao ensino grande valorização, o qual era a porta de entrada para quem almejava uma posição social de prestígio e não possuía um patrimônio econômico sólido. Segundo a autora,

Para o projeto de hegemonia política das antigas gerações de proprietários rurais, bem como para os industriais em ascensão, não interessava mandar os filhos para qualquer escola, mas para os prestigiados internatos católicos da cidade ou da Europa. Com isso poderiam garantir o ingresso nas escolas superiores e, sobretudo, a possibilidade de manter os jovens entre as famílias conhecidas e expostos a uma forma de socialização mais homogênea. (Perosa, 2009, p.43).

Esta nova elite, então, que se formava tinha um projeto de modernização inspirado nos modelos europeus. Este projeto se estendia a vários setores sociais como as intervenções urbanas na arquitetura e na forma de socialização desta elite, a partir também da educação e de distinção social (Bourdieu, 2008a). Na virada do século XIX para o XX, um grande contingente de imigrantes especialmente italianos começaram adotar São Paulo como sua nova pátria. Esta presença que crescia, causou como reação na elite paulista, uma divisão social entre as antigas famílias e os recém-chegados, à semelhança do que descrevem Elias & Scotson (2000) sobre uma pequena cidade na Inglaterra entre os *estabelecidos* e os *outsiders*²⁰. Muitos desses imigrantes, especialmente os italianos, se instalaram em bairros como o Brás, Bixiga, Mooca na Zona Leste. Pouco a pouco tais lugares foram associados a estes estrangeiros e passaram a ser considerados como bairros de menor sofisticação em relação à zona sul e oeste. Por isso, o estigma da região leste já podia ser captado pelo sotaque italiano e

²⁰ Os conceitos de estabelecidos e outsiders serão utilizados neste trabalho. Grosso modo, indicam a relação de um grupo coeso que está estabelecido socialmente, por isso tem condições de exercer influência sobre outro grupo de recém-chegados, tido em menor valor numa hierarquia social simbólica. Um exemplo interessante desta manifestação em São Paulo foi descrito na literatura no livro de contos *Brás, Bixiga e Barra Funda* de Alcântara Machado (1927).

os trejeitos destes europeus como marcas de desvalorização social. (Homem, 1996; Campos, 2005).

Enquanto havia um projeto de europeização desde o Brasil colônia, a vinda de imigrantes europeus teve uma representação diferente na cidade. Houve, sem dúvida, no início, a rejeição da elite cafeeira em relação aos imigrantes. Esta rejeição consistia em distinção social, na separação das atividades como também na diferenciação do lugar em que se estabeleceram. No entanto, muitos imigrantes enriqueceram na cidade e uma nova elite foi se formando, graças em parte, aos investimentos educativos. A criação de escolas para a comunidade, como por exemplo, o Colégio Dante Alighieri, instalado em 1913 (Perosa, 2004), era parte de um projeto desenvolvido pelos imigrantes para se inserirem na sociedade paulista. Os imigrantes ricos italianos e árabes se instalaram na região da Paulista, inclusive a família Matarazzo²¹, enquanto os brasileiros ricos no início preferiram o bairro da Luz, depois Higienópolis (Homem, 1996 e Campos, 2005).

Além disso, há dois outros aspectos destacados pelos historiadores e urbanistas contemporâneos que também acompanharam este curso alucinado de crescimento da cidade de São Paulo, no final do século XIX e início do século XX, que se relacionam com a formação leste da periferia: o branqueamento da cidade (Santos, 2008; Domingues, 2004; Rolnik, 1989; 2003) e a invenção do nordeste (Albuquerque Jr, 2009). Segundo estes autores, para efetivar-se no contexto nacional de povoado colonial para cidade moderna, a elite paulistana engendrou dois processos: 1) a vinda dos imigrantes europeus para substituição da força de trabalho negra, indígena e escrava e 2) a invenção do nordeste como região pobre, do atraso, do coronelismo, aspectos contrários à modernização que o sul pretendia para a nação.

Tanto Domingues (2004) quanto Rolnik (1989; 2003) afirmam que houve um branqueamento da cidade de São Paulo com a vinda dos imigrantes europeus para substituir a mão de obra escrava que não foi absorvida no processo modernizador de

²¹ A primeira indústria de Ermelino Matarazzo foi instalada pelo grupo Matarazzo, por isso esta família é importante para o estudo, a qual será discutida mais adiante.

São Paulo. Os negros foram “libertos”, mas continuaram marginalizados, tanto territorialmente como socialmente. A vinda dos imigrantes brancos estava associada ao imaginário da modernização e da higienização, em detrimento da população negra, indígena e mestiça, percebidas como promíscuas e desqualificadas para o trabalho. Conforme Domingues:

Se São Paulo sempre acolheu, de braços abertos, a maior parte dos imigrantes europeus, o mesmo não aconteceu com os africanos da diáspora e seus descendentes. Na transição do trabalho escravo para o trabalho livre, por exemplo, a elite paulista implementou um projeto de branqueamento da população, fundado no programa de imigração em massa de europeus e substituição do trabalhador negro pelo branco. (Domingues, 2004, p. 381)

Na virada do século XX, a cidade passou por uma “operação limpeza” e os territórios negros foram deslocados, especialmente do centro da cidade, tendo como justificativa uma guerra contra a promiscuidade, a qual era associada à questão racial. Os negros eram tomados como incapazes para o trabalho livre, além de serem considerados desregrados e promíscuos devido ao modo como ocupavam o espaço na cidade, nos cortiços em que várias famílias conviviam (Rolnik, 1989; 2003). Já naquela época, o valor social da pessoa estava associado ao espaço geográfico ocupado na cidade. Esse valor simbólico da pessoa assentava-se em condições objetivas: “Através desse mecanismo, poderoso, porque plenamente em vigor até os dias de hoje, se adere à precariedade material ao estigma moral, condenando o que é, antes de tudo, diverso e desconhecido, à condição de marginal” (Rolnik, 2003, p. 69). Este processo tinha uma finalidade:

No caso específico de São Paulo, importava politicamente aos novos dirigentes da nação – banqueiros, industriais, comerciantes e cafeicultores – inscrever-se como classe vitoriosa no espaço físico, além de, evidentemente, transformá-lo em fonte de lucro nos novos termos definidos pela economia urbana. Isso se deu por meio de reformas urbanas que, como veremos, deslocaram territórios negros e bloquearam seus circuitos, bem como através de ampla desqualificação e estigmatização desse território, em nome da luta contra a promiscuidade. (Rolnik, 2003, p.66)

A expansão do mercado imobiliário em São Paulo, realizados por grandes companhias loteadoras, teve como investimento a criação de zonas residenciais exclusivas, como nos bairros de Higienópolis e Jardins, no entorno da Avenida Paulista.

A expansão ao oeste da cidade, a partir do mercado imobiliário com vendas de lotes, foi regulada pelo poder público, enquanto os subúrbios, como era denominada a periferia naquela época, eram mantidos na precariedade.

Para Santos (2008), considerar que os imigrantes, especialmente italianos, foram os grandes protagonistas do crescimento de São Paulo é corroborar com o apagamento que se propunha, naquela época, da população que foi marginalizada e que contribuiu para a construção da riqueza da cidade. Assim, é importante salientar que havia um imaginário, uma representação simbólica, da hierarquia social que ia da superioridade das famílias antigas, passando pelos imigrantes e, por fim, os negros, os indígenas e os mestiços que ocupavam a posição mais baixa. Para Rolnik (1989; 2003), este processo histórico resultou em uma espécie de zoneamento social, isto é, os pretos e pardos moravam longe dos grandes centros e desprovidos de equipamentos urbanos básicos, como o saneamento, a eletricidade, o asfalto. Para estes autores, a questão racial no Brasil não é discutida devidamente, ao contrário, é tomada como se não existisse. Assim, enquanto os negros e mestiços foram sendo deslocados para as franjas da região central²², herdando socialmente um estigma, os europeus e seus descendentes estavam em melhores condições para se inserir na cidade, a partir do acúmulo de capital econômico, cultural e social.

O projeto de branqueamento de São Paulo durou pouco tempo, pois na década de 1930, a migração interna aumentou e, novamente, cresceu o número de não brancos na cidade. Segundo Rolnik, “temos Pernambuco com 50,14%, Bahia com 70,19% e Minas Gerais com 41,36% de sua população composta por pretos e pardos, o que apoia a hipótese de uma migração predominantemente não branca para as grandes cidades a partir da década de 40” (Rolnik, 1989).

A vinda de migrantes oriundos do Nordeste para São Paulo deflagrou outro processo histórico, o qual Albuquerque Jr (2009) denomina de “invenção do nordeste”. Para se entender o processo de invenção do nordeste, precisa-se retomar uma São

²² E continuam na periferia até nos dias atuais conforme Anexo 3: Participação da população preta/parda.

Paulo, provinciana, pré-industrial e imperial com o desafio de se impor no Brasil, como uma grande cidade, capaz de suplantar o espaço ocupado pelas grandes cidades históricas como Recife, Salvador e, sobretudo, o Rio de Janeiro. Para Albuquerque Jr., ao tomar o nordeste como recorte geográfico pode se cometer o erro de não historicizar essa construção, que para o autor, foi inventada pelo sul no período em que esta região se modernizava.

O Nordeste é, portanto, filho da modernidade, mas é filho reacionário, maquinaria imagético-discursiva gestada para conter o processo de desterritorialização por que passavam os grupos sociais desta área provocados pela subordinação a outra área do país que se modernizava rapidamente: o Sul; além das próprias mudanças internas, provocadas pelo crescimento das cidades, pela emergência de padrões urbanos de sensibilidade e sociabilidade, pela separação progressiva das novas gerações dos padrões de vida rurais, pela subordinação destes grupos rurais ao capital industrial e aos padrões mercantis que este impõe. (Albuquerque Jr., 2009, p. 342)

Assim, São Paulo também crescia como metrópole com alguns simbolismos da modernização: acolhendo a industrialização europeia; acolhendo os imigrantes como os trabalhadores mais qualificados; marginalizando os negros, mestiços e índios; e produzindo uma representação negativa do nordeste.

O estudo de Fontes (2008) sobre migrantes no distrito de São Miguel Paulista, vizinho de Ermelino Matarazzo, na Zona Leste, também corrobora com o duplo preconceito de nordestinos e negros. Os nordestinos eram chamados pejorativamente de “bairianos” por estes serem o maior número de migrantes, e nessa classificação “é importante não desconsiderar o componente racial implícito na designação” (Fontes, 2008, p.70). Segundo o autor, a chegada dos migrantes era mal vista por vários setores da sociedade que “longe de parceiros do desenvolvimento, os migrantes nordestinos eram considerados culpados e eventuais ‘bodes expiatórios’ pelas agruras advindas do rápido crescimento da cidade” (Fontes, 2008, p.72).

Para Paiva (2004)²³, o primeiro fluxo de migração se deu na década de 1930-1950 e foi incentivada por uma política de subsídio para compor mão de obra para o

²³ A contribuição de Paiva é demonstrar que a migração interna começou incentivada pela Secretaria da Agricultura a pedido da Federação Paulista das Cooperativas de Café. No período, eram contratadas

trabalho rural nos cafezais, visto que a Constituição de 1934 criou barreiras para a imigração. Era a política de nacionalização da mão de obra e tinha como origem a crise na cafeicultura. Fazia-se necessário, naquele momento de crise, a vinda para o sudeste de trabalhadores que aceitassem trabalhar muito em troca de baixos salários. Havia, pois, grande demanda por parte dos fazendeiros em conseguir este tipo de trabalhador. Era um momento de transição de uma economia baseada no setor agroexportador para o setor urbano-industrial. Os mecanismos utilizados para tal mobilidade de pessoas era uma reedição dos utilizados na imigração, como, por exemplo, o uso da Hospedaria dos Imigrantes para receber essa nova população. Para a Federação Paulista das Cooperativas de Café, que incentivou o agenciamento dos migrantes internos, havia uma “ideia negativa sobre o Nordeste, especialmente do ponto de vista das oportunidades dadas a seus filhos” (Paiva, 2004, p.33). Esta ideia negativa dizia respeito à ideia de um nordeste arcaico versus um sudeste moderno, tendo São Paulo como a terra da esperança.

A migração, antes incentivada pela política de subsídios, em 1950, já se tornara fundamentalmente espontânea (Paiva, 2004, p.26), ou seja, organizada a partir de redes e laços sociais (Fontes, 2008), que permitiram a vinda de tantos migrantes para o sudeste, mesmo quando o patronato não incentivava mais este deslocamento. Assim, a vinda da migração nordestina se relacionou com os dois processos sociais geridos na capital paulistana: o branqueamento e a invenção do Nordeste. São precisamente estes dois processos que combinados ajudam a caracterizar a formação da Zona Leste, principalmente, em seus extremos.

Portanto, para compreender melhor a periferia de São Paulo do século XXI, com suas clivagens sociais, faz-se necessário entender os processos históricos e sociais do passado que resultaram nessa espécie de “muro” social, que separa as partes ricas e pobres da cidade. Valendo-se desta metáfora, o muro é construído por diversos tijolos que se sobrepõem, como se diversas clivagens sociais, como classe, etnia, dentre outras, o constituísse. Certamente, esta segregação social está assentada sobre a

empresas que agenciavam estes trabalhadores no Nordeste. Mais tarde, foi criada a Inspeção de Trabalhadores Migrantes em 1938 para substituir as empresas particulares (Paiva, 2004, p.105-176).

distribuição da riqueza e do capital econômico, mas não se reduz a ela. Ao contrário, esta divisão é acompanhada e legitimada por uma dimensão simbólica do valor associado à periferia e aos seus habitantes. Nas palavras de Bourdieu: “As diferentes classes e frações de classes estão envolvidas numa luta propriamente simbólica para imporem a definição do mundo social conforme os seus interesses, e imporem o campo das tomadas de posições ideológicas, reproduzindo em forma transfigurada o campo das posições sociais” (Bourdieu, 2010, p. 12). E nessa luta, o poder simbólico se exerce para manter ou subverter uma ordem estabelecida. Uma das formas de exercer esse poder é naturalizar, isto é, impor como natural o resultado de uma relação social de dominação.

Esta discussão é importante para explicar a posição dominada, social e simbolicamente, da Zona Leste em relação à cidade de São Paulo. A partir desta posição, é possível pensar no valor simbólico da Zona Leste construído na metrópole paulistana, que denominado aqui de *valoração socioespacial*. Dito de outro modo, valoração socioespacial é a atribuição de um valor simbólico a partir do lugar que alguém (ou algo, uma escola, uma universidade, etc.) ocupa na cidade. Isso ocorre porque o espaço da cidade é uma transfiguração da divisão e da hierarquia social. Na realidade, no caso da Zona Leste, a valoração socioespacial é derivada dos dois aspectos tratados na formação da periferia da cidade: da questão racial e da origem geográfica de seus moradores.

1.1 A valoração socioespacial da Zona Leste

Em 1945, Aroldo de Azevedo defendeu uma tese na qual demonstrava que os subúrbios paulistanos orientais, isto é, situados na Zona Leste, possuíam uma função residencial e industrial. O crescimento da cidade ao leste foi o resultado da expansão cafeeira, da multiplicação das vias férreas, da imigração, especialmente italiana, somados à instalação de parques industriais e o loteamento de grandes propriedades (Azevedo, 1945). Estudos mais recentes sobre a história da ocupação da Zona Leste confirmam esta análise, acrescentando que o espaço consistia em um aldeamento

indígena e um antigo caminho que ligava São Paulo ao Rio de Janeiro. A antiga estrada de ferro, a Central do Brasil, tinha a mesma função de ligação entre os dois estados. O preço acessível dos terrenos da região impulsionou a implantação de indústrias, no início do século XX, desde o Brás até São Miguel Paulista (Rolnik & Frúgoli Jr, 2001; Fontes, 2008; Caldeira, 2003; Toledo, 2011).

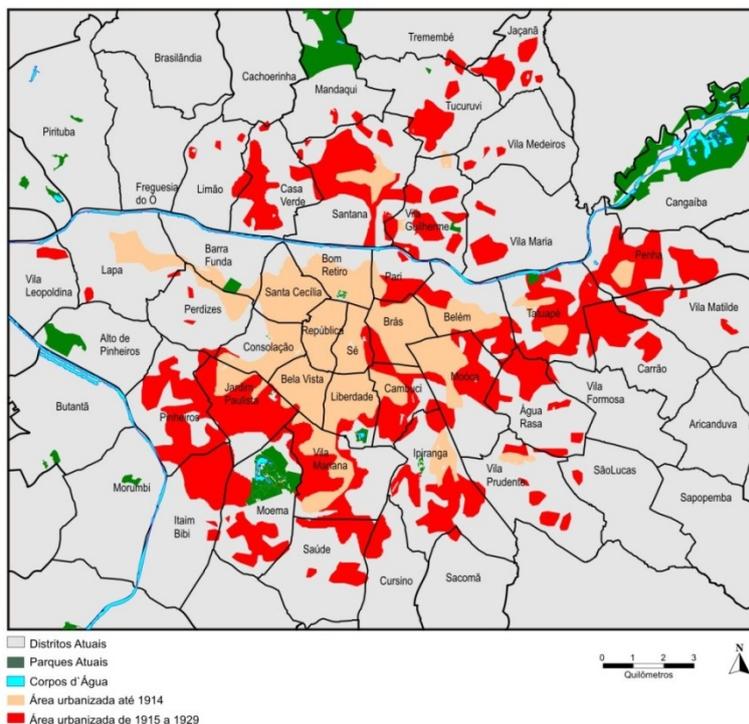
Na realidade, a Zona Leste não pode ser tomada como um todo homogêneo. Esta região se formou com a chegada de imigrantes e migrantes, com origens e histórias diferentes. É possível pensar a ocupação leste em dois momentos: a *ocupação imigrante* e a *ocupação migrante* que se diferenciaram no tempo e no espaço. A primeira ocupação se deu antes do início do século XX, até a região da Penha, pelos imigrantes, majoritariamente, antes da migração incentivada. O segundo momento se deu na região de São Miguel Paulista, em meados de 1930, com a vinda dos migrantes internos. A ocupação imigrante pode ser representada no mapa 1 da cidade de 1924 quando o limite do perímetro suburbano da região leste era a Penha.

O bairro do Brás se transformou, a partir de 1877, pela passagem do trem e a criação da Estação do Norte. “Dessa forma, o Brás tornou-se um dos primeiros subúrbios populares, onde se constituiu um forte e emergente mercado de imóveis para armazéns, manufaturas, casas e cômodos de aluguel.” (Rolnik, 2003, p.115) Assim, as regiões do Brás, Belém e parte da Mooca foram consideradas urbanizadas desde 1914, segundo os dados oficiais. Para Rolnik (2003, p.82), estes espaços foram ocupados por italianos, espanhóis, portugueses que compunham a classe trabalhadora da cidade, assim como o Bom Retiro, a Barra Funda, o Ipiranga. Entre 1915 e 1929, houve a urbanização da Mooca, do Tatuapé e da Penha o que estendeu as áreas suburbanas da cidade, intensificadas pela presença do operariado²⁴.

²⁴ “Das onze maiores [indústrias na capital em 1895] mencionadas, pelo menos nove situavam-se no Brás, no Belenzinho e na Mooca – Cervejaria Bavária, Cotonifício Crespi, Fábrica Santana, Funilaria Mecânica a Vapor, Companhia Mecânica Importadora, entre outras. Entre 1980 e 1893, o crescimento demográfico no distrito do Brás (que incluía Belenzinho e Mooca) foi de 15 mil pessoas. (...) Evidentemente, nesses bairros foram construídas casas populares que não obedeciam às disposições legais.” (Rolnik, 2003, p. 123) Ver também: Carone, 2001, p.56

Mapa 1: Área Urbanizada (1915/1929)²⁵

Área Urbanizada
1915/1929



Corroborando com esta análise, Toledo diz:

A ocupação industrial desse território da Zona Leste se deu obviamente a partir dos bairros mais próximos ao centro, como Brás, Mooca e Belenzinho, amplamente descritos pela imprensa operária das primeiras décadas do século e por outros documentos como locais de grande exploração de trabalhadores, onde as condições de vida eram precárias, com pouquíssima infraestrutura. Dali a indústria foi avançando para bairros mais distantes do centro, atraída por terrenos maiores e mais baratos, pela abundância de água e pela proximidade da ferrovia (Toledo, 2011, p. 35).

Esse subúrbio leste era formado de bairros industriais como, por exemplo, a Mooca que era “habitado basicamente por imigrantes europeus” (Caldeira, 2003, p.28). Na segunda metade da década de 1940, este distrito já era o mais populoso da cidade, tendo a maioria dos postos de trabalho oferecida pela indústria têxtil

²⁵ Disponível em <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1920.jpg> Acessado em 03 dezembro 2012

predominante na região (Duarte & Fontes, 2004). Sobre o lado leste da cidade, Rolnik explica que:

O Belenzinho, que fazia parte da zona suburbana, era, em 1916, o limite de uma região urbanizada contínua, flanco externo de uma fronteira que havia avançado a partir do Brás, entre o caminho da Penha e da Estrada de Ferro. Para além do Belenzinho, a ocupação mais esparsa, sobretudo em torno do Caminho da Penha. Nesse momento se formavam, a leste, os bairros do Tatuapé e Maranhão e começava a ter uma ocupação proletária o antigo núcleo da Penha. (Rolnik, 2003, p. 121)

Essas regiões eram ocupadas por diversos imigrantes que fizeram do investimento imobiliário uma estratégia para aumentar a renda, por meio da locação de imóveis, como forma de se estabelecer na cidade e de ascender socialmente. É possível verificar a crescimento demográfico na Zona Leste a partir da tabela abaixo.

Tabela 1 População Leste

População de Distritos da Zona Leste						
	1950	1960	1970	1980	1991	2000
Município São Paulo	2.151.313	3.667.899	5.924.615	8.493.226	9.646.185	10.434.252
Brás	55.097	48.875	41.006	38.630	33.536	25.158
Mooca	46.679	61.973	74.386	84.583	71.999	63.280
Tatuapé	34.122	60.493	83.277	89.389	81.840	79.381
Penha	55.507	96.315	127.642	140.213	133.006	124.292
Ermelino Matarazzo	10.835	38.218	50.872	80.513	95.609	106.838
São Miguel	4.008	12.052	49.859	100.182	102.964	97.373
Itaquera	5.070	15.245	63.070	126.727	175.366	201.512
Fonte: Prefeitura de São Paulo (2011)						

Como o Brás, a Mooca e a Penha foram urbanizados entre a década de 1910 e 1920, suas populações estavam entre 45 e 55 mil habitantes, em 1950. Nesta mesma década, Ermelino Matarazzo, São Miguel e Itaquera eram ainda pequenas aglomerações, possuíam, respectivamente, 10 e 5 mil habitantes. A partir de 1960, percebe-se o grande fluxo de moradores para os últimos distritos da tabela, que triplicaram sua população. O Tatuapé e a Penha quase dobraram o número de habitantes. A partir de 1970, pode se ver o crescimento exponencial do extremo leste,

enquanto os bairros mais próximos ao centro se estagnaram e até regrediram. Outro dado interessante, entre 1960 e 1980, 50 % da população do município de São Paulo já era de não naturais, segundo a Prefeitura de São Paulo²⁶, diminuindo esta porcentagem para 38% até o ano 2000. Os fluxos imigratório e migratório são responsáveis por estes números. É necessário salientar que, em meados do século XX, o grande responsável pelo crescimento populacional da cidade era a migração interna.

Para compreender a valoração socioespacial da Zona Leste é interessante retomar as conclusões de Almeida (2009) em seu estudo sobre formação das elites em São Paulo²⁷, sobre a região e, mais especificamente, sobre o Tatuapé. Segundo a autora, ocorre uma “homogeneização por baixo” na Zona Leste que consiste em não nomear o bairro em que se mora quando se pergunta o local de sua moradia: “Os bairros da zona leste não são jamais mencionados pelos seus nomes. Em se tratando ou não morador da região, as pessoas falam da *zona leste*” (Almeida, 2009, p. 129). Este fato é associado pela autora como uma oposição aos bairros de elite que se estabeleceram principalmente na Zona Sul e Oeste, nos quais se destaca o nome do bairro como trunfo social indicando sofisticação e status. Por volta de 1980, após a crise econômica ter afetado o setor de construção, a Zona Leste é redescoberta e reinventada como lugar propício para a classe média, tornando o Tatuapé um lugar privilegiado, atraindo investimentos imobiliários para a região. A mídia e propagandas publicitárias são utilizadas para esta reinvenção do espaço e para garantir um novo status social para a região até então estigmatizada (Almeida, 2009). Assim, este distrito recebeu uma população de alta renda e da classe média transformando o lugar com empreendimentos imobiliários de alto padrão, assim como infraestrutura para atendê-los.

²⁶ Fonte: Infocidade: Residentes Não Naturais nos anos de Recenseamento Geral. Disponível em <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br>> Acessado em 20 de novembro de 2012

²⁷ O objeto de estudo da autora é sobre os melhores colégios propedêuticos de São Paulo. Ela trata de forma tangencial a questão de espaço e distinção social. Mas esta questão levantada por ela foi fundamental para entender a questão simbólica de estar na zona leste. (Almeida, 2009).

Esse processo de *gentrificação*²⁸ pelo qual passou o Tatuapé e adjacências tornou esta parte da Zona Leste, ocupada outrora por imigrantes, mais valorizada, tornando-se sinônimo de alto padrão. A valorização desigual dos espaços da cidade incide sobre a valorização desigual dos indivíduos. O endereço passa a sintetizar isso. Como analisa Almeida (2009), o valor da pessoa está relacionado ao endereço e residir na Zona Leste “indica automaticamente uma posição social inferior para os seus habitantes” (Almeida, 2009, p. 129). A “invenção da zona leste” descrita por Almeida, sobre o Tatuapé, se refere à região ocupada no passado pelos imigrantes europeus. “Hoje, quanto mais se avança na direção leste, mais os bairros são pobres.” (Almeida, 2009, p.127). Na verdade, não é possível considerar apenas o mapa da cidade para compreender como os habitantes se percebem na cidade. É preciso considerar a existência de uma cartografia simbólica da cidade, uma espécie de mapa cognitivo construído a partir das propriedades sociais dos indivíduos.

Assim, a região da ocupação migrante é vista como lugar pobre e de difícil acesso. Morar no Tatuapé ou na Mooca não tem a mesma valoração socioespacial se comparado a quem mora em Ermelino Matarazzo ou em São Miguel Paulista. A partir de 1935, parte do extremo leste começou a ser ocupado pelos nordestinos, especialmente na região de São Miguel, devido à instalação da indústria Nitro Química. As áreas urbanizadas da cidade já alcançavam Ermelino e São Miguel nas décadas de 1930 e 1940 (ver mapa 3). A presença da Nitro Química refundou a região de São Miguel, predominantemente rural, até a chegada desta indústria (Fontes, 1997). Além da linha de trem, aquela região tinha algumas vantagens como a proximidade com o rio Tietê, o baixo custo dos terrenos e a presença de uma linha de ônibus que ligava São Miguel ao bairro da Penha. “Tal processo de ocupação ficou conhecido com o nome de ‘fenômeno dos loteamentos’ e deu origem ao surgimento de inúmeras *vilas* e *jardins* que até hoje caracterizam o bairro.” (Fontes, 1997, p.31). Os operários começaram a se instalar em seu entorno, tornando a região habitada,

²⁸ Termo proveniente da palavra *gentrificação*. Conforme explica Rolnik (1989): “do inglês ‘gentrification’, designa um processo de enobrecimento de determinado território da cidade, marcado pela valorização imobiliária, atração da população residente e usuária de maior renda e expulsão da população e atividades de baixa renda”.

predominantemente, por trabalhadores vindos do Nordeste. Ainda hoje, a população dos bairros de ocupação migrante é estigmatizada na cidade. Segundo Iffly, estes bairros “eram sempre lembrados pela imprensa como referência para o que existia de pior em São Paulo. Ainda hoje o sentimento de estar longe de tudo e o de não contar, constituem os elementos de uma definição subjetiva da periferia” (Iffly, 2010, p. 141). Assim, a diferença interna da Zona Leste, originalmente ocupadas por imigrantes e migrantes, traduz o processo de hierarquização social e simbólica dos espaços denominada aqui de valoração socioespacial.

Na realidade, tanto o mapa cognitivo da cidade quanto da Zona Leste são tributários das características sociais dos indivíduos e dos processos históricos nos quais eles estão inseridos. É possível verificar isso, observando-se uma série de estatísticas oficiais sobre a população residente nas diferentes subprefeituras da cidade atualmente. Por meio da exploração da distribuição de dados sobre a renda, de escolaridade, da cor da pele, dentre outros aspectos, é possível reencontrar as razões objetivas para a valorização e a desvalorização diferencial do espaço da cidade. Em outras palavras, os dados estatísticos reunidos nos permitem reconstruir a desigualdade da cidade em sua dimensão objetiva e para se interrogar sobre os fundamentos da hierarquia simbólica dos bairros e das regiões da cidade.

Desigual internamente, a Zona Leste possui distritos mais valorizados como a Penha e, principalmente, o Tatuapé e distritos menos valorizados, como Itaquera, Ermelino Matarazzo e São Miguel. Na realidade, estudos mais recentes sugerem a pertinência de falar em periferias, no plural, justamente em razão desta heterogeneidade das periferias urbanas (Marques, 2010). Nesta próxima seção, pretende-se responder com base em estatísticas oficiais, como esta heterogeneidade se apresenta. Em outras palavras, se há diferença entre as periferias e no interior da Zona Leste, no que consiste esta diferença? Qual é a situação concreta de Ermelino Matarazzo e sua posição em relação aos demais distritos da cidade?

1.2 As periferias de São Paulo

Urbanistas, historiadores e cientistas sociais são unânimes em reconhecer a formação da periferia como resultado da profunda segregação social e espacial que caracterizam as grandes metrópoles brasileiras, em especial, uma metrópole²⁹ como São Paulo (Kowarick, 1993; 1997; 2009; Mautner 1999; Rolnik 1989; 2003; Caldeira, 2003; Maricato, 2003; Cabanes et al., 2011).

O conceito periferia, segundo D'Andrea (2013), é polissêmico e de difícil definição por causa dos diferentes atores que se apropriaram do termo ao longo da história. Pelos anos de 1950, quando o crescimento urbano da cidade de São Paulo trazia consigo seus respectivos problemas de infraestrutura, de pobreza, dentre outros, na formação da própria periferia, o termo era utilizado como objeto de estudo na academia para explicar o próprio fenômeno³⁰. Assim, primeiramente, a definição de periferia se localizava majoritariamente no campo acadêmico. A partir dos anos de 1990, conforme D'Andréa, os significados da “periferia” não seriam monopolizados apenas pelo campo científico, assumindo novos campos discursivos para além da academia. O termo “periferia”, quanto referente de significado simbólico, foi apropriado especificamente pelos coletivos juvenis como referência identitária, por artistas que se declaravam periféricos e/ou marginais, cujas obras nasceram em locais ditos periféricos. Mais tarde, já nos anos 2000, “periferia” também seria utilizada pela indústria do entretenimento quando ela se torna objeto de obras como o filme “Cidade de Deus”. A distinção polissêmica do termo periferia é importante, pois concordando com D'Andréa, a partir dos anos 1990, novos movimentos culturais se apropriaram do termo “periferia” como mote de resistência e “orgulho periférico”,

²⁹ Neste trabalho metrópole corresponde à cidade de São Paulo e não à Região Metropolitana de São Paulo que compreende além da capital, municípios vizinhos como Guarulhos, Osasco, Diadema, dentre outros.

³⁰ Na década de 1970, autores como Lúcio Kowarick ao tratar “a lógica da desordem” e Ermínia Maricato ao anunciar formas urbanas específicas da produção do capital, são exemplos da consolidação dos estudos sobre a periferia nas Ciências Sociais (D'Andréa, 2013).

cujas manifestações também são tomadas como objeto de estudos acadêmicos (Felix, 2005; Silva, 2011; D’Andrea, 2013)³¹.

Neste trabalho, porém, a periferia será discutida a partir da apropriação clássica, quando começou a ser utilizada pelo campo acadêmico em meados do século XX, retomando os processos analisados para explicar a configuração de Ermelino Matarazzo e a segregação social subjacente a este distrito. Tal segregação pode ser entendida como “um processo segundo o qual diferentes classes ou camadas sociais tendem a se concentrar cada vez mais em diferentes *regiões gerais* ou *conjuntos de bairros* na metrópole” (Villaça, 2001, p.142). Apesar desta visível segregação social, para o autor, estas regiões não são completamente homogêneas: regiões de bairros ricos também possuem habitantes de baixa renda, assim como existem famílias de renda mais alta que habitam nas periferias. Isso não significa dizer que não haja uma grande concentração de habitantes de alta renda nas regiões ricas e uma concentração de famílias de baixa renda nas periferias.

Segundo a descrição de Villaça, São Paulo possui o chamado Quadrante Sudoeste composto por domicílios de maior renda³², que concentra boa parte dos serviços e postos de empregos, evidenciando que não se trata apenas de uma segregação residencial. O autor chama a atenção para a heterogeneidade nas diferentes regiões do espaço intra-urbano, assim como para a dificuldade de conceituar a cidade na dicotomia centro-periferia. Não apenas São Paulo, mas outras metrópoles brasileiras têm o seu “centro” caracterizado pela concentração da população de alta renda.³³ Em São Paulo, o centro da cidade é a Praça da Sé, onde há o marco zero. Esta localidade é chamada de centro velho e representa os primórdios

³¹ Para Felix (2005), a manifestação cultural que nasceu na periferia não se deu apenas na questão da fruição e apreciação artística, mas principalmente como ferramenta de militância no campo político. Conforme Silva (2011) a literatura marginal ou periférica é utilizada como ferramenta de militância dos que estão à margem. D’Andrea (2013) discute a formação do sujeito periférico que é um ator social protagonista decorrente de sua atuação política, que não discute apenas a periferia, mas o mundo social pelo olhar da periferia.

³² O Quadrante Sudoeste tem as seguintes subprefeituras: Lapa (8), Sé (9), Butantã (10), Pinheiros (11), Vila Mariana (12) e Santo Amaro (14). Ver Mapa 2: Distritos e Subprefeituras de São Paulo. Os maiores índices de desenvolvimento humano (IDH) na metrópole estão dentre os distritos de Moema, Morumbi, Jardim Paulista, Pinheiros, Itaim Bibi e Alto de Pinheiros do Quadrante (Villaça, 2012, p.55).

³³ Flávio Villaça estudou os casos de outras metrópoles brasileiras tais como Salvador, Recife e Belo Horizonte.

da cidade, que se iniciou no século XVI. No entanto, já no século XX, a elite paulistana foi se direcionando para o sul e oeste da capital. Um novo setor passa a ser considerado o “centro novo” da cidade, a região do Quadrante Sudoeste, que ultrapassou o centro histórico da cidade. Para compreender esta segregação é necessário *historicizar* o processo, a relação de dominação que perpetua a segregação e a maneira como ela se dá pelo espaço.

De maneira semelhante, Torres et al. (2003) analisaram a região de São Paulo verificando a diversidade de condições sociais na periferia, demonstrando sua heterogeneidade e complexidade. Os autores sugerem que “o modelo radial-concêntrico é uma simplificação genérica da forma urbana” (Torres et al., 2003, p.109). Para Marques (2010) é possível falar em periferias, pois há especificidades de condições em seu interior, no contexto da cidade de São Paulo. Tais estudos mais recentes contrapõem-se a uma literatura especializada internacional que descreve a segregação social como a existência de grupos homogêneos nas diferentes regiões das cidades, estruturada especialmente, pela etnia e pela raça (Harloe et al., 1992; Marcuse, 1996; Logan et al., 1992 apud Torres et al., 2003). Na literatura brasileira, segundo a análise de Torres et al. (2003), a ênfase recaiu sobre a existência das desigualdades sociais, a má distribuição de renda e dos serviços públicos, com menor atenção à análise da separação espacial entre os grupos sociais. Existem, atualmente, três tendências explicativas para a segregação urbana: em primeiro lugar, a explicação centrada no mercado de trabalho e na estrutura social que com suas dinâmicas produziram esta segregação. Em segundo lugar, os estudos que enfatizam a dinâmica do mercado imobiliário, a especulação e a competição pelo uso da terra. Por último, parte da literatura focaliza a ação do Estado na manutenção dos privilégios e na exclusão de parte da cidade dos benefícios da urbanização, via controle da legislação sobre construção civil e do uso do solo (Torres et al., 2003).

Nesta pesquisa, assume-se, assim como os autores, que estes processos ocorrem de maneira simultânea. Procurou-se, assim, contribuir para o debate de tal complexidade das periferias, agregando uma abordagem microsocial. Verificou-se que não apenas as periferias são heterogêneas entre si, mas também a configuração interna de um distrito periférico o é. No caso de Ermelino Matarazzo, tanto o mercado

de trabalho, quanto a dinâmica do mercado imobiliário e as políticas públicas estão imbricados na formação de Ermelino Matarazzo. Na realidade, pelas entrevistas foi possível perceber como todos estes fatores apontados pela literatura afetaram a vida dos entrevistados. A análise da distribuição dos estabelecimentos escolares públicos e privados acrescentou ainda outra dimensão ao debate sobre a segregação social e urbana (Dantas & Perosa, 2012)³⁴.

Antes de apresentar os moradores e a história da formação de Ermelino Matarazzo, no próximo capítulo, procurou-se compreender qual era a situação objetiva deste distrito na cidade e na Zona Leste. A partir da exploração de dados estatísticos oficiais, buscou-se reunir informações sobre a renda, a escolaridade, a cor da pele, o número de escolas públicas e privadas disponíveis por subprefeitura, sempre procurando identificar e comparar a situação de Ermelino em relação às demais.

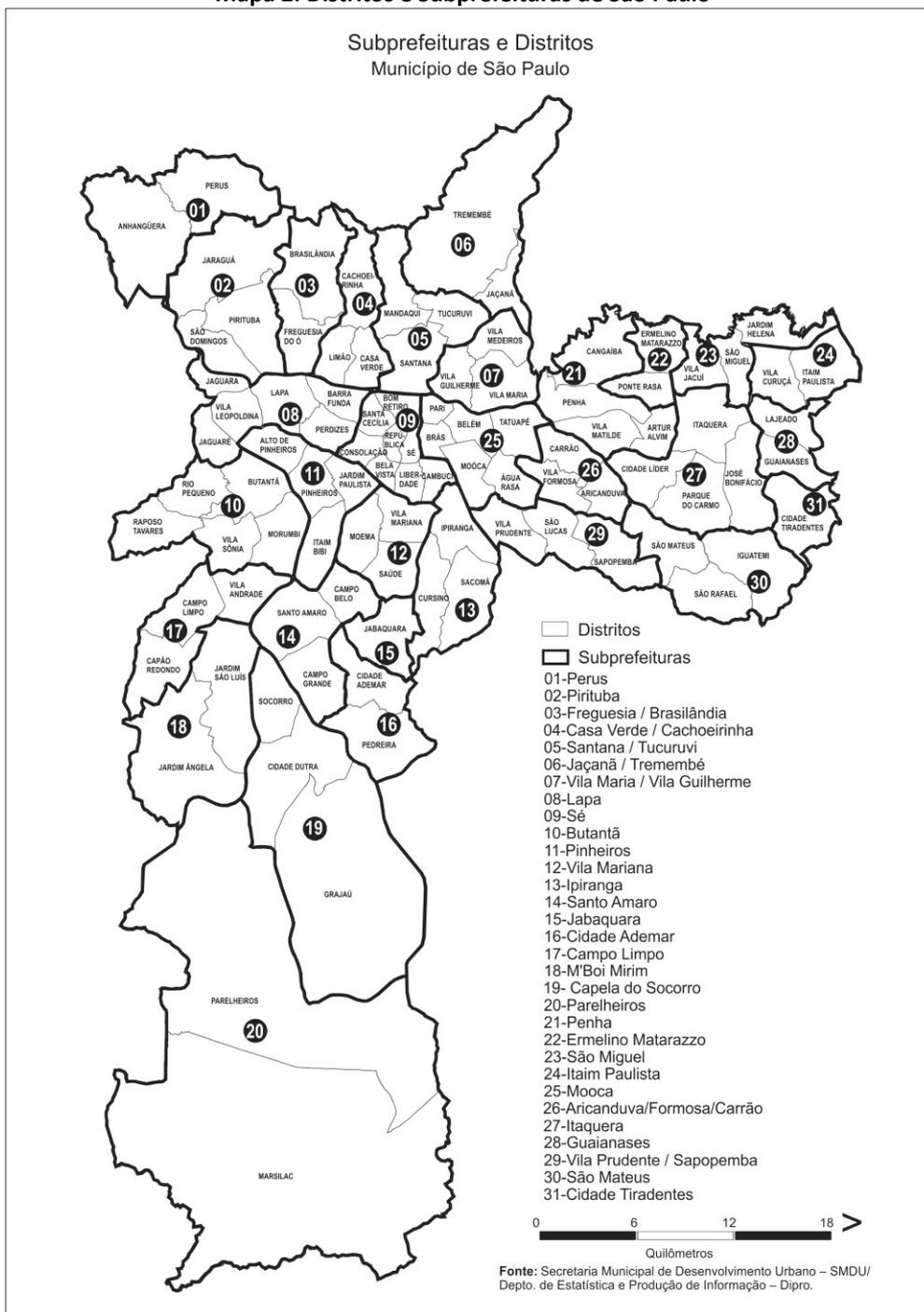
1.3 Uma periferia intermediária?

A cidade de São Paulo possui 31 subprefeituras, subordinadas à Prefeitura da cidade e que contam com um subprefeito (ver mapa 2 abaixo). Como pode se observar, a subprefeitura de Ermelino (22) é formada pelos distritos de Ponte Rasa e Ermelino Matarazzo. As subprefeituras são constituídas por distritos que, por sua vez, são conjuntos de bairros e vilas agrupados.

A medida que foi se identificando e comparando os dados de toda a cidade foi possível precisar a heterogeneidade das periferias da cidade e da própria Zona Leste. Como espera-se demonstrar, descobriu-se que Ermelino Matarazzo, ocupa uma posição intermediária no mapa da cidade, quando compara-se com aos demais distritos da cidade. A demonstração desta posição, de certa forma, singular, será apresentada a partir da exposição dos dados e depois subsidiará a análise da história dos entrevistados.

³⁴ Este assunto será tratado no capítulo 4.

Mapa 2: Distritos e Subprefeituras de São Paulo³⁵



³⁵ Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em <<http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br>> Acessado em 16 de novembro de 2012. Agradeço Alessandra Dantas pelo tratamento da imagem.

A partir do portal mantido pela Prefeitura, o *Infocidade*, obteve-se uma infinidade de dados por subprefeituras. O portal está disponível on-line e com a enorme vantagem de apresentar os dados desagregados por distrito e por subprefeitura. O material revelou-se extremamente útil para objetivar algumas hipóteses iniciais e desfazer imagens pré-construídas, como um lugar de pobreza e muita precariedade, atributos em geral, empregados para descrever a Zona Leste. Desde o início, sabia-se que havia diferenças sociais importantes internas à Zona Leste e mesmo no interior de Ermelino. Mas, no que consistiam estas diferenças? Qual era a história do distrito que explicaria sua atual configuração social? O uso dos dados estatísticos contribuiu para objetivar estas diferenças que foram tratadas no início do capítulo sobre a formação da Zona Leste. De certa forma, Ermelino Matarazzo era vista como uma periferia como as outras, caracterizada pela pobreza da população, pelas condições precárias de moradia, com baixa escolaridade.

Para efeito de comparação entre estas subprefeituras, foram escolhidos alguns aspectos e dados para serem comparados: a demografia, a educação, a renda, infraestrutura urbana e violência. A questão demográfica incluiu a porcentagem populacional de cada distrito no município, mas também foram examinados os percentuais de mulheres negras, mulheres brancas, homens negros e homens brancos e outras raças em cada sexo³⁶. Desde o início, assumiu-se que a cor da pele era um aspecto da maior importância para compreender tanto a heterogeneidade social, como a valoração socioespacial, a partir dos estudos sobre o processo de branqueamento da cidade, interrompido pela migração nordestina, significativamente, negra.

Os dados disponíveis sobre educação incluem a média de anos estudados, a frequência por nível de escolaridade, com exceção do Ensino Superior Completo,

³⁶ Os dados disponíveis sobre cor e raça por subprefeitura eram de 2000.

disponível apenas para toda a cidade e não desagregado. Inclui ainda o percentual de escolas públicas e privadas do Ensino Fundamental 2³⁷.

No que tange, à renda, utilizou-se os dados sobre o rendimento dos domicílios, de 2010. Para fins de tratamento estatístico agrupou-se a renda da seguinte maneira: os domicílios de 1 a 2 Salários Mínimos (SM); de 2 a 5 SM; 5 a 10 SM; 10 a 20 SM e os domicílios sem renda. Por razões óbvias, a renda é um critério muito pertinente e clássico para distinguir como a pobreza está distribuída. Na parte de infraestrutura urbana foram utilizados os dados sobre a porcentagem de favelas, os domicílios com esgoto e sem esgoto e o percentual de locatários e proprietários dos domicílios considerados aqui pertinentes uma vez que a formação da periferia esteve ligada à busca da casa própria. O esgoto foi escolhido dentre tantos itens de infraestrutura por se tratar de saneamento básico³⁸. Por fim, a violência também é um tema clássico no que diz respeito à periferia. Embora os dados estejam limitados à morte no trânsito, número de homicídios e suicídios, considerou-se importante compará-los também.

A partir dos dados disponíveis e organizados em uma grande tabela EXCEL, eles foram submetidos a um tratamento estatístico que permitisse identificar as principais correlações. O programa SPAD 7.3 foi muito útil porque permite realizar uma Análise dos Componentes Principais, que nos dá as correlações e, sobretudo, apresentar uma visualização espacial da distribuição destas correlações³⁹.

³⁷ Este item foi escolhido por se tratar do último ciclo do Ensino Básico obrigatório até a presente data. Dados dos anos 2010.

³⁸ Torres et al. (2003) ao analisar pobreza e espaço desconsideraram os indicadores de condições de moradia como a porcentagem de esgoto pela abrangência quase universal na cidade de São Paulo. No entanto, estas pequenas diferenças percentuais entre as subprefeituras também serviram nesta análise para caracterizar as diferenças das “periferias”.

³⁹ Ver matriz de correlações no apêndice 3. Agradeço Isamara Lopes Cruz, bolsista de Iniciação Científica e aluna de Gestão de Políticas Públicas da EACH. Ela trabalhou os dados do Infocidade no site da Prefeitura de São Paulo e do PNAD (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio) sobre todos os distritos de São Paulo. Vale dizer, que o Infocidade utiliza dados do IBGE, da Fundação SEADE, entre outros. Isamara conferiu vários dados, a partir de fontes diferentes, para garantir sua confiabilidade. Agradeço a Graziela Serroni Perosa que orientou o trabalho de grupo e submeteu estes dados ao programa SPAD 7.3, gerando o gráfico 1 e gráfico 2.

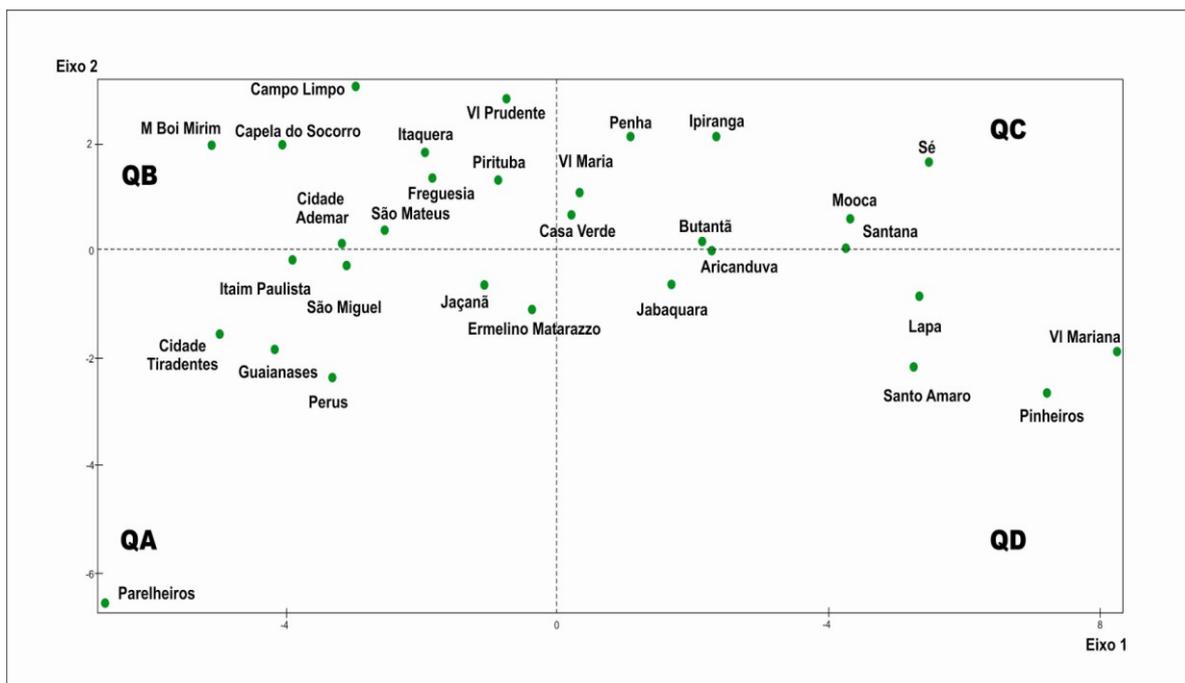


Gráfico 1: A distribuição das subprefeituras de São Paulo

O resultado do tratamento estatístico realizado está sintetizado no **Gráfico 1**. Este gráfico é dividido em dois eixos, um horizontal e outro vertical, as retas tracejadas dividem o espaço da cidade. O ponto de intersecção (ponto 0) entre os dois eixos é a origem deste sistema de diferenciação. Grosso modo, quanto mais à esquerda está a subprefeitura, mais pobre é a região; e quanto mais à direita, mais ricos são os distritos. Assim, no Gráfico 1, as subprefeituras estão agrupadas e distanciadas pelas suas semelhanças e diferenças.

No Gráfico 2, é possível verificar quais foram as variáveis que mais pesaram na definição dos eixos, pois permite o padrão de correlação entre as variáveis utilizadas⁴⁰. Nota-se que os domicílios com 1 a 2 SM estão altamente correlacionados com homens e mulheres negros e com a incidência de escolas públicas. A baixa escolaridade (Sem instrução e Ensino Fundamental Incompleto) está mais bem distribuída. No extremo oposto, nota-se que a renda de 10 a 20 SM aparece altamente correlacionada ao número de homens e mulheres brancas, com o ensino superior completo, bem como com um maior percentual de escolas privadas. Verifica-se que as maiores correlações

⁴⁰ No Gráfico 2, quanto mais longa a flecha que indica uma determinada variável, maior foi a sua frequência e, portanto, seu peso na definição dos quadrantes. Quanto menor a flecha, mais bem distribuída esta variável está pelo mapa da cidade. Quanto mais próximas às flechas, maiores são as correlações.

estão ligadas à renda, à cor da pele e à escolaridade. Assim, o ponto zero dos dois eixos, divide os mais pobres dos mais ricos, os menos escolarizados dos mais escolarizados, a maioria da população negra da maioria da população branca, as regiões em que predominam taxas mais altas de homicídio de onde há mais suicídio, as regiões com menos infraestrutura das regiões com mais infraestrutura. Em outras palavras, à esquerda estão as subprefeituras em que os moradores possuem a maior porcentagem de domicílios sem renda, entre 1 a 5 SM; à direita estão as subprefeituras com maior porcentagem de 5 a 20 SM. Sobre a escolarização, à esquerda há maior porcentagem dos sem instrução até o Ensino Médio Incompleto, assim como a maior número de escolas públicas; à direita, há maior porcentagem do Ensino Médio completo até o Superior completo, além do maior número de escolas privadas. Sobre a infraestrutura, à esquerda estão as subprefeituras com alta porcentagem de domicílios sem esgoto e na extrema direita, as regiões nas quais, praticamente, se universalizou os domicílios com esgoto.

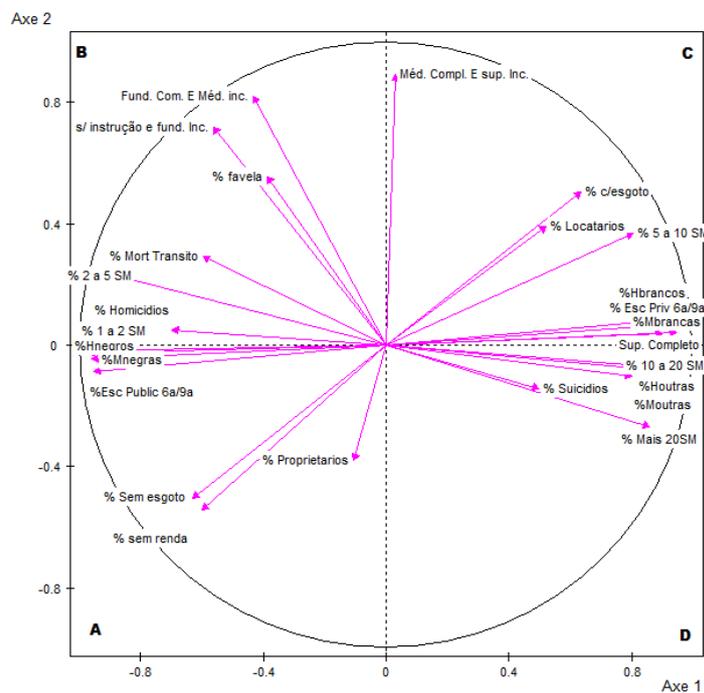


Gráfico 2: Distribuição das variáveis

De forma geral, todas as subprefeituras da esquerda são consideradas periferias. O interessante destes gráficos é perceber, que na realidade, é como se as

subprefeituras estivessem colocadas em um contínuo, no qual o ponto zero dos dois eixos representa uma posição intermediária se comparadas aos extremos mais pobres e mais ricos da cidade. Uma diferença de gradação com relação à renda, à escolaridade e também ao número de domicílios com esgoto e às demais variáveis, por exemplo, posicionam Penha, Mooca e Aricanduva, subprefeituras da Zona Leste, à direita do ponto zero, enquanto todas as outras subprefeituras desta região estão à esquerda do ponto de origem das coordenadas. Ermelino Matarazzo encontra-se à esquerda do ponto zero, mas próximo a ele, o que indica sua posição intermediária.

Para explorar melhor a posição de Ermelino Matarazzo, foram escolhidas algumas subprefeituras em posições distintas no Gráfico 1 e procedera-se a uma comparação sistemática da composição dos domicílios por renda, escolaridade, infraestrutura e níveis de violência. No quadrante A, escolheu-se Guaianases, Cidade Tiradentes e São Miguel que estão mais à esquerda de Ermelino Matarazzo e Jaçanã neste quadrante. Itaquera e Freguesia que no interior do quadrante B estão mais próximos do ponto zero e se distanciam de Cidade Ademar, Capela do Socorro e M'Boi Mirim. No quadrante C, foram escolhidos Penha, além de Mooca e Santana que possuem posições análogas. Para efeito de comparação com os bairros ricos foram escolhidas no quadrante D, Pinheiros e Vila Mariana.

Tabela 2: Domicílios por renda e subprefeituras

	Subprefeitura	Zona	Sem renda	1/2 a 1 SM	1 a 2 SM	2 a 5 SM	5 a 10 SM	10 a 20 SM	Mais 20 SM
QB	Capela do Socorro	Sul	5,8	8,3	21,9	40,3	16,8	4,5	1
	M'Boi Mirim	Sul	6,9	8,9	24,9	41,5	13,7	2,9	0,4
	Cidade Ademar	Sul	7,2	8,2	22,2	39,8	15,8	4,9	1,2
QA	São Miguel	Leste	7,2	10,2	23,7	39	14,8	3,4	0,5
	Guaianases	Leste	6,5	10,4	25,7	42,2	12	1,8	0,4
	Cidade Tiradentes	Leste	7,1	10,6	26,7	43	10,7	0,9	0,1
QB	Itaquera	Leste	5,7	7,3	19,6	40,2	20,5	5,6	0,8
	Freguesia/Brasilândia	Norte	5,5	8,2	19,7	39,3	18,8	6,5	1,4
QA	Ermelino Matarazzo	Leste	5,7	7,4	18,4	38	21,4	7,1	1,2
	Jaçanã/Tremembé	Norte	5,9	6,5	19	39,2	19,4	7,2	2,4
QC	Penha	Leste	4,3	6,4	15,5	36,8	24,7	9,9	2
	Mooca	Leste	5	3,5	8,9	26,5	26,7	19,6	9,7
	Santana/Tucuruvi	Norte	4,6	3,2	8,8	27,4	27,4	19,2	9,1
QD	Vila Mariana	Sul	5,2	1,3	3,5	13,8	21,3	26	27,5
	Pinheiros	Oeste	7,1	1,3	3,2	11,9	19,9	25,3	30,6

Por meio desta tabela, confere-se como a localização espacial das subprefeituras no gráfico 1 indica a semelhança na composição das faixas de renda. Comparando a questão da baixa renda, verificaremos as semelhanças das subprefeituras que estão próximas no gráfico 1. Ermelino Matarazzo possui 31,5% domicílios que possuem até 2SM. Em Cidade Tiradentes temos 44,4% dos domicílios na mesma condição, assim como em Guaianases 42,7% e em São Miguel, 41,1%. Definindo a pobreza aqui como os domicílios com renda de até 2SM, podemos verificar a gradação entre os dois extremos representados no Gráfico 1, observando a diminuição dos domicílios de baixa renda na Penha, na Mooca e na Vila Mariana. Tais subprefeituras possuem, respectivamente, 26, 2%, 17,4% e 10% de domicílios com renda de até 2SM.

A maioria dos distritos dos QA e QB tem 40% dos domicílios entre 2 a 5 SM, mas eles se distinguem bastante no que tange ao percentual de domicílios com a renda a partir de 5 SM. Na realidade, o que os diferencia é o percentual de domicílios com mais de 10 SM. Ermelino Matarazzo, por exemplo, possui 8,3 dos domicílios nesta situação. Cidades Tiradentes e Guaianases possuem, respectivamente, 1% e 2,2%. Em oposição, ou seja, à direita do ponto zero do Gráfico 1, temos a Penha e a Mooca, com 10,1% e 29,6%. Vila Mariana e Pinheiros possuem a maioria da população nesta faixa de renda, com 53,7% e 55,9% dos domicílios com mais de 10 SM. A maior surpresa com estes dados foi dimensionar a heterogeneidade interna de Ermelino Matarazzo, bem como sua posição intermediária em relação às demais regiões da cidade.

Tabela 3: Escolaridade Subprefeituras

	Subprefeitura	Zona	Sem Instrução Fund Inc.	Fund. Comp. Médio Inc.	Médio Comp. Sup. Inc.	Superior Comp.	Escolas Públicas	Escolas Privadas
QB	Capela do Socorro	Sul	46	20	25	7	67	33
	M'Boi Mirim	Sul	49	21	24	4	84	16
	Cidade Ademar	Sul	47	20	25	6	66	34
QA	São Miguel	Leste	46	20	27	5	63	37
	Guaianases	Leste	50	22	24	3	85	15
	Cidade Tiradentes	Leste	47	24	24	3	93	7
QB	Itaquera	Leste	42	21	29	8	63	37
	Freguesia/Brasilândia	Norte	42	21	27	8	52	48
QA	Ermelino Matarazzo	Leste	39	19	32	9	61	39
	Jaçanã/Tremembé	Norte	42	20	28	9	74	26
QC	Penha	Leste	36	19	31	14	47	53
	Mooca	Leste	28	16	29	27	43	57
	Santana/Tucuruvi	Norte	26	16	29	28	35	65
QD	Vila Mariana	Sul	14	9	24	52	20	80
	Pinheiros	Oeste	13	9	24	54	18	82

Pela tabela acima é possível confirmar a posição intermediária de Ermelino Matarazzo. Neste caso, Itaquera, Freguesia, Jaçanã e Ermelino Matarazzo possuem em média de 8,5% de moradores com Superior Completo. As subprefeituras que estão no extremo esquerdo do Gráfico 1, M'Boi Mirim, Cidade Tiradentes e Guaianases, apresentam a média de 3,3%. Em oposição diametral, estão as subprefeituras de Pinheiros e Vila Mariana com a média de 53% no Ensino Superior. Sobre as escolas privadas, percebe-se no destaque da tabela que as subprefeituras da Penha, Mooca e Santana tem mais de 50% de escolas desta dependência, enquanto na Vila Mariana e Pinheiros possuem 80% dos estabelecimentos de ensino fundamental 2 privados. É possível constatar também que muitos distritos à esquerda no Gráfico 1 já têm índices acima de 30% de escolas privadas. Ermelino Matarazzo possui 39% de estabelecimentos desta dependência administrativa⁴¹, já Cidade Tiradentes possui 7%.

⁴¹ O fenômeno das escolas privadas na periferia, a partir do caso de Ermelino Matarazzo, será tratado no capítulo 4

Tabela 4: Infraestrutura e violência

	Subprefeitura	Zona	Com esgoto	Sem esgoto	Proprietários	Locatários	Homicídios	Suicídios
QB	Capela do Socorro	Sul	82	18	69	20	23	4
	M'Boi Mirim	Sul	84	15	64	24	29	4
	Cidade Ademar	Sul	85	15	65	24	23	6
QA	São Miguel	Leste	89	10	63	21	14	9
	Guaianases	Leste	87	13	66	17	17	8
	Cidade Tiradentes	Leste	92	7	42	9	14	3
QB	Itaquera	Leste	91	9	63	17	15	5
	Freguesia/Brasilândia	Norte	91	8	62	24	17	6
QA	Ermelino Matarazzo	Leste	94	6	66	23	17	4
	Jaçanã/Tremembé	Norte	86	14	65	25	14	8
QC	Penha	Leste	96	4	64	23	11	6
	Mooca	Leste	99	1	57	28	11	7
	Santana/Tucuruvi	Norte	98	2	64	25	12	10
QD	Vila Mariana	Sul	100	0	66	25	7	15
	Pinheiros	Oeste	100	0	63	22	4	18

No que diz respeito às subprefeituras com esgoto, apesar das diferenças percentuais de 82% na Capela do Socorro contra 99% da Mooca demonstrem certa universalidade do atendimento, também indicam que as maiores carências ainda estão em distritos que agregam várias formas de precariedade. Ao se considerar a disponibilidade relativamente alta de esgoto pela cidade, nota-se que os distritos mais ricos aqui possuem 100% de saneamento básico.

Uma questão digna de nota é que os maiores índices de suicídio estão nas subprefeituras com maiores rendas, enquanto os índices de homicídios são maiores nas regiões mais pobres. As taxas de homicídio são decrescentes se observamos como está disposto nesta tabela, dos distritos mais pobres para os mais ricos. Neste aspecto Ermelino Matarazzo também tem uma posição intermediária de 17%, entre periferias como M'Boi Mirim e Capela do Socorro, com 29% e 24%, mais alta do que na Penha e Mooca com 11% e Pinheiros com 4%.

Tanto proprietários quanto locatários estão distribuídos por toda a cidade, embora haja uma frequência maior de proprietários nas periferias⁴². Por outro lado, os locatários estão mais concentrados no quadrante C, região em que predominam as classes médias e altas, domicílios com 5 a 10 SM. Isso se explica pelo fluxo em direção à periferia que viabiliza para muitos a casa própria e em outro sentido, expressaria a preferência destes grupos a morar de aluguel em um lugar mais valorizado do que comprar uma propriedade em uma região periférica, por exemplo.

Tabela 5: Cor da Pele⁴³

	Subprefeitura	Zona	Homens brancos	Homens negros	Mulheres Brancas	Mulheres Negras
QB	Capela do Socorro	Sul	54	44,7	57,8	41,1
	M'Boi Mirim	Sul	51,3	48,1	53,8	45,6
	Cidade Ademar	Sul	54,7	43,9	56,8	41,9
QA	São Miguel	Leste	54,3	44,7	57	42,1
	Guaianases	Leste	47,8	51,4	49,9	49,5
	Cidade Tiradentes	Leste	48,3	51,4	51	48,8
QB	Itaquera	Leste	61,4	37,2	63,8	35
	Freguesia/Brasilândia	Norte	63,7	35,5	66	33,3
QA	Ermelino Matarazzo	Leste	65,5	32,6	67,6	30,7
	Jaçanã/Tremembé	Norte	67,1	31,2	70,2	28,3
QC	Penha	Leste	71,2	26,5	73,8	24,2
	Mooca	Leste	86	11,1	87,2	10,2
	Santana/Tucuruvi	Norte	81,9	15,4	83,3	14,2
QD	Vila Mariana	Sul	84,5	6,4	83,5	7,7
	Pinheiros	Oeste	91,9	5	89,1	7,5

Considerando o percentual de homens negros e mulheres negras é possível verificar mais uma vez o contínuo que o Gráfico 1 representa e a gradação dos que estão mais à esquerda e mais à direita do ponto zero. Quanto mais à esquerda, como M'Boi Mirim e Cidade Tiradentes os índices são, respectivamente, de 48,1% e 51,4% de homens negros e 45,6% e 48,8% de mulheres negras. Nas subprefeituras mais próximas ao ponto de origem, como Ermelino Matarazzo e Freguesia, os índices são de 32,6% e 35,5% de homens negros e 30,7% e 33,3% de mulheres negras. Por outro lado,

⁴² A flecha do gráfico 2 que indica proprietários e locatários é mais curta, indicando essa peculiaridade.

⁴³ Os dados disponíveis da População por Sexo e Raça/Cor por Subprefeituras é do ano 2000. Fonte: IBGE. Censo Demográfico 2000; Fundação Seade. As pessoas sem declaração de cor foram distribuídas proporcionalmente. O residual dos 100% refere-se à população amarela e indígena.

as subprefeituras à direita do ponto zero, mostram a diminuição da concentração da população negra à medida que se caminha para o extremo direito do gráfico 1. Penha, Mooca e Pinheiros possuem, respectivamente, 26,5%, 11,1% e 5% de homens negros e 24,2%, 10,2% e 7,5% de mulheres negras.

Assim, no que diz respeito à renda, escolaridade, cor da pele e infraestrutura podemos destacar pelo menos três grupos de periferias: a periferia precarizada como Cidade Tiradentes e M'Boi Mirim; a periferia intermediária como Ermelino Matarazzo, Itaquera e periferia *gentrificada* como os distritos da Mooca e Santana/Tucuruvi⁴⁴.

Pela complexidade apresentada pelos dados sobre a metrópole na atualidade, concorda-se com Villaça (2010) e Torres et al. (2003) de que a dicotomia centro-periferia torna-se insuficiente para dar conta desta heterogeneidade. Não é o intuito deste trabalho aprofundar esta problemática, mas sim situar o distrito periférico de Ermelino Matarazzo na cidade de São Paulo e melhor compreender a posição dos entrevistados.

Retomando a história de formação da Zona Leste é possível situar de forma mais objetiva os distritos que formaram a região. Grosso modo, as antigas periferias de formação migrante como Mooca e Penha se gentrificaram. Elas são mais antigas que as intermediárias, como Ermelino Matarazzo e Itaquera, que por sua vez são mais antigas que Cidade Tiradentes, mais precarizada. Assim, classificar a Penha e Cidade

⁴⁴ A complexidade da cidade representada pela heterogeneidade social demanda debates sobre como classificar a periferia. O estudo de Marques (2005) sobre os grupos sociais que ocupam a metrópole paulistana classificou, grosso modo, as periferias em “periferia de fronteira” para a população mais pobre e menos escolarizada, com mais alto crescimento demográfico; depois de “periferia em crescimento” com população pobre, com alta presença de negros, nordestinos; por fim, “periferia estabilizada ou consolidada” com alta porcentagem de mulheres chefes de família e pouco crescimento demográfico”. Torres (2005), na mesma linha, aprofunda a discussão da “periferia de fronteira”. Outros distritos da periferia, que correspondem às subprefeituras da Penha e da Mooca, por exemplo, estavam situadas nos grupos de “classe média baixa”, “classe média em área de crescimento” e não necessariamente nas periferias classificadas. Neste trabalho, preferiu-se propor a classificação gentrificada, intermediária e precarizada pois a classificação de Marques e Torres restringe-se há alguns distritos mais pobres. Levando em conta o gráfico 1, assume-se a gradação da posição das subprefeituras, tendo o termo precarizada correspondendo à extrema esquerda, opondo-se à gentrificação da extrema direita e, por fim, a posição intermediária de alguns distritos dentre os dois pólos.

Tiradentes, ambos na Zona Leste, como periferia homogênea é desconsiderar o processo histórico-social de consolidação pelo qual passaram os distritos mais antigos.

A proposta desta visão panorâmica oferecida pela análise destes indicadores teve como propósito caracterizar as periferias entre intermediárias, precarizadas ou gentrificadas a partir de diferenças e semelhanças materiais permitindo aproximá-las ou distanciá-las nestas respectivas caracterizações.

Não apenas as diferenças materiais distinguem as segregações, mas também as questões culturais que se transmutam também em representações simbólicas como foi defendido na seção da valoração socioespacial. Assume-se que a distinção, nos termos bourdieusianos, entre os distritos da Zona Leste é construída de aspectos simbólicos calcados nas questões objetivas apresentadas nesta última seção. Pensar esta valoração desigual dos bairros da cidade significa reunir elementos para compreender a gênese do que significa não só “ser”, mas também “estar” na Zona Leste com todas as suas significações que ultrapassam as naturalizações como o fator econômico. Sua valoração socioespacial é depreciada por se tratar de uma região considerada mais carente na cidade de São Paulo, objetivamente, mas também está ligada simbolicamente aos moradores que constituíram este espaço. Assim, a valoração socioespacial condiciona o valor do habitante na cidade pelas condições objetivas do lugar de sua habitação, valorizado ou não. Tal valoração não é determinada apenas pelo poder econômico que o morador tem para arcar com sua moradia, mas também pelo componente simbólico, cuja construção foi calcada nas características das pessoas que ali vivem. De forma simples, é o valor social que a pessoa recebe pelo espaço onde consegue morar. Este valor simbólico é uma distinção social da metrópole contemporânea, pois separa as pessoas não apenas pelo lugar que frequentam, mas também pelo lugar onde moram⁴⁵.

⁴⁵ Ao analisar as mudanças na experiência urbana, Telles analisa moradores da periferia que frequentam bairros ricos e se aproximam pelo consumo, mesmo que isto resulte em grandes dívidas: “Aqui, os fluxos da riqueza e da pobreza se tangenciam o tempo todo, entrecruzam-se nos equipamentos de consumo que atravessam a região” (Telles, 2006, p.180).

Não apenas em São Paulo, mas em muitas outras capitais mundiais, habitar em um ou outro bairro da cidade não é indiferente, ao contrário, o endereço sinaliza a posição na estrutura social. Assim, os que estão no oeste e sul de São Paulo olham para o leste de forma simbolicamente marcada como inferior. Tomando como ponto de partida esta diferenciação podem-se associar vários efeitos sociais que envolvem o “estar” na Zona Leste. Pode-se comparar que assim como a zona sul e oeste, olham para o Tatuapé de forma estigmatizada por estar na Zona Leste, o olhar do Tatuapé, que está mais ao oeste geograficamente, de Ermelino Matarazzo, também representa um lugar simbólico de estigma, de status versus um lugar desprivilegiado, assim como seus vizinhos mais ao leste, como, por exemplo, São Miguel e Itaquera.

Trata-se de pontuar o efeito social presente que foi construído historicamente. Temos no discurso um dos papéis importantes para que tal efeito se concretize. Isto porque,

O ato da magia social de tentar dar existência à coisa nomeada será bem-sucedido quando aquele que o efetua for capaz de fazer reconhecer por sua palavra o poder que tal palavra garante por uma usurpação provisória ou definitiva, qual seja o poder de impor uma nova visão e uma nova divisão do mundo social. (Bourdieu, 2008, p.111)

Para Ermelino Matarazzo, a representação simbólica está relacionada à constituição histórica da própria Zona Leste. Pretendeu-se historicizar tal processo, conforme sugere Villaça (2012), para entender como se constrói socialmente a valoração simbólica de um distrito gentrificado como o Tatuapé em detrimento de um distrito mais intermediário como Ermelino Matarazzo. No caso da Zona Leste, defendeu-se que os dois processos discutidos anteriormente: o do branqueamento e a invenção do Nordeste estão na base simbólica da constituição da valoração socioespacial da Zona Leste, assim como de Ermelino Matarazzo.

E qual a função social desta posição simbólica da zona leste no século XXI? Numa sociedade neoliberal em que novos deslocamentos são forjados, como o deslocamento da questão política da pobreza e das desigualdades sociais, em que não se discute como a riqueza é acumulada e distribuída, é possível culpabilizar os que vivem em situação de vulnerabilidade pela condição. A pobreza da periferia, ao ser

naturalizada, pode ser comparada a três efeitos que Wacquant (2008, p.50) denomina de *desistorização*; *essencialização* da questão urbana e *despolitização* ao tratar sobre o termo *underclass* dos guetos negros dos Estados Unidos da América⁴⁶. O primeiro efeito diz respeito a não considerar a história por trás desta periferia que explica a configuração de precariedade em relação a outros lugares da cidade. A *essencialização* é atribuir aos indivíduos características que explicam o grupo em questão. E por fim, *despolitizar* diz respeito também a deslocar a responsabilidade coletiva, a qual não diz respeito nem a causa muito menos à solução do problema.

Assim, condições objetivas como ausência de recursos de infraestrutura, desemprego, violência, dentre tantos outros problemas mais frequentes na periferia, podem ser associados à condição de seus habitantes, como por exemplo, ser negro e nordestino⁴⁷ (essencialização), que muitas vezes não aparece de forma explícita (desistorização), mas se apresenta a partir da desqualificação do local em que estas pessoas estão inseridas. Tal desqualificação se torna genuína pela precariedade objetiva da própria periferia. Como consequência, a discussão sobre a produção das desigualdades que resulta na constituição objetiva da periferia com todas as suas precariedades é diluída (despolitização).

Na história, boa parte dos imigrantes teve mais acesso, se comparado aos negros e migrantes, ao projeto modernizador com seu trabalho e seu *know-how* na cidade. Muitos imigrantes puderam enriquecer-se na metrópole, o que tem sido mais custoso historicamente para os negros da diáspora e, mais tarde, para os migrantes internos, cujos acessos à escolarização e ao trabalho mais qualificados têm sido bem

⁴⁶ Wacquant utiliza esses efeitos para explicar o resultado da proliferação do conceito de *underclass* utilizado pela mídia, pelo governo e pela sociedade americana. Grosso modo, *underclass* seriam os negros dos guetos que são tidos como “incuráveis”, que não se adaptam socialmente. Não comparo aqui os guetos americanos com a periferia leste paulistana, apenas comparo os efeitos que podem se assemelhar com resultados diferentes devido à história de cada localidade.

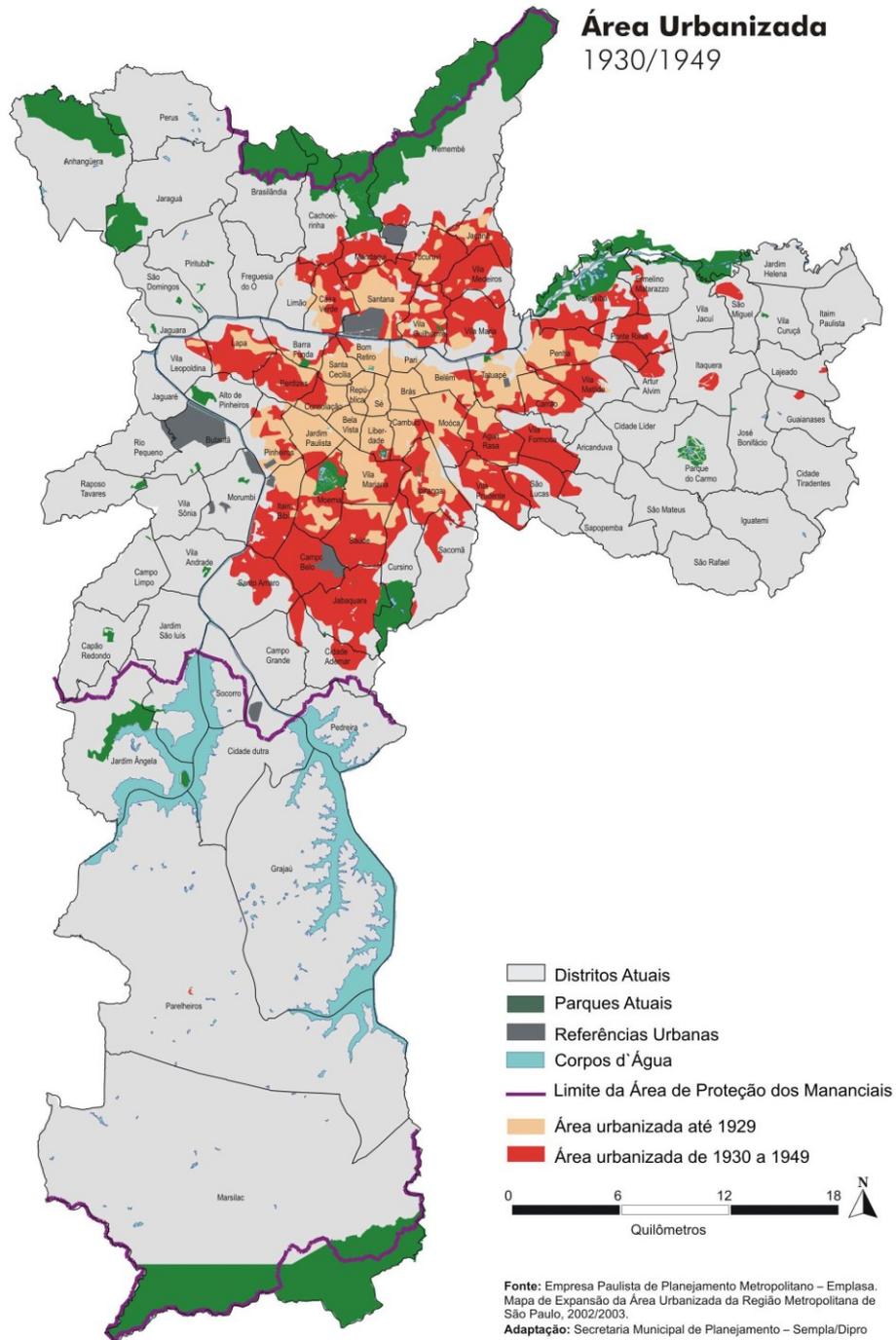
⁴⁷ Como ocorreu em uma polêmica no ano de 2006 quando José Serra, candidato ao governo, relacionou o baixo índice dos estudantes paulistas no Sistema Nacional de Avaliação Básica ao “problema” da migração. A declaração é geral sem especificar nordestinos ou zona leste, mas é um exemplo de como se culpabiliza pela condição. A declaração: “Diferentemente dos Estados do Sul, que são os que têm melhor situação [nos exames], São Paulo tem muita migração. Muita gente continua chegando, este é um problema. José Serra” (Silva, 2012, p.100). Para análise mais detalhada de como a imprensa do sudeste dissemina discursos sobre nordestinos ver Silva, 2012.

diferente do outro grupo. De maneira geral, sem desconsiderar os preconceitos sofridos por eles, estes imigrantes e seus descendentes foram adotados como *filhos legítimos* devido ao capital econômico, cultural e social que “conquistaram”. Por outro lado, os migrantes internos retomavam mais tardiamente os dois projetos que não foram valorizados na formação da cidade europeizada: o nordeste e a negritude. Os nordestinos foram tomados como *filhos bastardos* que precisam lutar pela sua legitimação na cidade que foi praticamente formada por processos migratórios em um pouco mais de um século.

Não é possível tomar a materialidade do que significa ser e estar em Ermelino Matarazzo atualmente, sua valoração socioespacial, sem relacionar à imigração, migração e negritude no contexto social da história da cidade de São Paulo. Como foi visto anteriormente, quanto mais ao leste se vai geograficamente, mais negros e descendentes de nordestinos estão ali localizados. E quanto mais se caminha para o leste, mais se aumenta o estigma. Por outro lado, quanto mais ao oeste se direciona, mais se aumenta o status social. Nos termos de Elias & Scotson (2000), quanto mais ao oeste mais *estabelecido*, quanto mais ao leste, mais *outsider*. Poder-se-ia definir como a valoração social depreciativa da Zona Leste migrante que se apresenta na localização geográfica caracterizada por sua precariedade de forma objetiva, mas que está fundada na condição de seus habitantes no campo simbólico.

Por outro lado, a Zona Leste de formação migrante tem sido palco de resistência por parte de seus moradores quanto sua posição dominada na cidade. No caso de Ermelino Matarazzo, a atuação política de seus habitantes tem estado presente desde meados do século XX quando sua urbanização se tornou mais intensa. Essa resistência de cunho político será discutida com suas transformações e rupturas por parte de diferentes atores no capítulo 3. Antes desta discussão, no próximo capítulo, serão apresentados os entrevistados que fizeram parte da história deste distrito.

Mapa 3 Área Urbanizada (1930-1949)⁴⁸



48 Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em <http://smdu.prefeitura.sp.gov.br/historico_demografico/img/mapas/urb-1940.jpg> Acessado em 03 de dezembro de 2012.

Capítulo 2 - Ermelino Matarazzo e seus moradores

Casei, comprei uma casinha lá no Ermelino.
Tenho três filhos lindos
Dois são meu, um é de criação.
(Adoniran Barbosa)⁴⁹

O samba de Adoniran Barbosa *Vide Verso Meu Endereço*, gravado em 1974, passa um bilhete contando a história de certa mobilidade social, de alguém que no passado precisou de ajuda financeira e atualmente goza de certa estabilidade com uma família constituída morando em Ermelino Matarazzo. Assim, como os entrevistados desta pesquisa, naquele período, na segunda metade do século XX, o distrito tornou-se um destino para aqueles que buscavam adquirir sua casa própria em uma localização distante, na periferia da cidade.

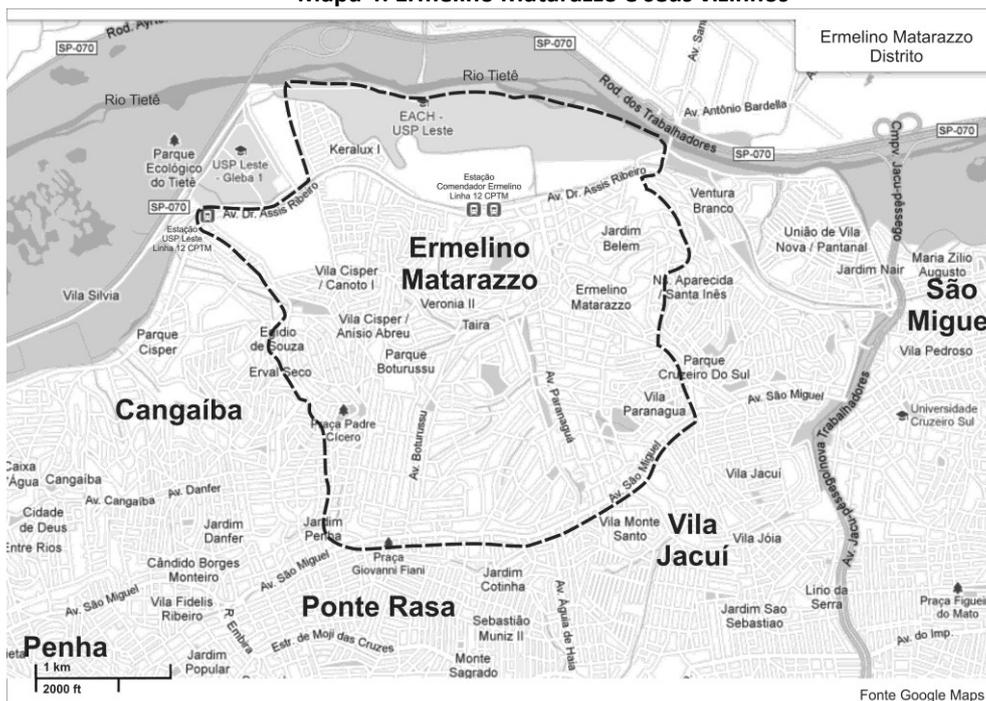
Oficialmente, o distrito de Ermelino Matarazzo foi constituído em 1959, quando foi desmembrado do distrito de São Miguel Paulista (Fontes, 2008, p. 127). No entanto, este marco legal está bem longe do início da história da ocupação do local⁵⁰. No início do século XX, a região era considerada rural⁵¹, composta por chácaras de pequenos produtores rurais que abasteciam a cidade, dirigidas por imigrantes portugueses e japoneses (Caldeira, 1984, p. 33; Paiva, 2004, p. 54). Havia também olarias cujas chaminés ainda fazem parte do cenário local. Atualmente, os limites oficiais de Ermelino Matarazzo podem ser vistos no mapa a seguir:

⁴⁹ Música: *Vide Verso meu endereço*.

⁵⁰ É preciso, porém, lembrar que antes mesmo da ocupação europeia, a região era habitada por tribos indígenas. Com o advento dos jesuítas em 1560 é fundado um aldeamento, denominado São Miguel de Uruaí, que foi administrado por essa ordem até 1640. Após essa data, foi a Câmara de São Paulo que administrou a região até 1653. Entre 1675 e 1691 foi proibido que oficiais dirigissem a região e em 1698 o governador Artur de Sá estabeleceu novas normas permitindo que voltassem 200 índios para São Miguel. Depois disso, a região ficou a cargo dos franciscanos. Assim, a região de Ermelino Matarazzo se constituiu um lugar de passagem de viajantes e romeiros, constituída por chácaras até o século XX. (Morcelli, 2010, p.38).

⁵¹ Ver Mapa 1.

Mapa 4: Ermelino Matarazzo e seus vizinhos⁵²



De acordo com esta divisão, Ermelino Matarazzo tem como seus vizinhos os distritos da Vila Jacuí e São Miguel Paulista ao leste, o distrito de Cangaíba ao oeste, o da Penha ao Sudoeste e o da Ponte Rasa ao sul. Ao noroeste está a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP) e o Parque Ecológico do Tietê. Ao norte, passa o rio Tietê, cuja extensão delimita a fronteira com o município de Guarulhos. Na região de várzea, próximo ao rio, há a linha 12 de trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM) que liga a estação do Brás na cidade de São Paulo ao bairro de Calmon Viana, no município de Poá. Também ao norte, paralelo ao rio, há a Rodovia Airton Senna, antiga Rodovia dos Trabalhadores, que liga a região até o Vale do Paraíba, passando pelos municípios de Guarulhos, Itaquaquecetuba, Mogi das Cruzes e Guararema.

Apesar desta tentativa de agrupamento, as fronteiras simbólicas⁵³ do distrito se expandem na percepção dos moradores. Alguns bairros como Parque Cisper e Vila

⁵² Agradeço Alessandra Dantas pelo tratamento dos mapas 2, 4 e 5

⁵³ Lamont & Fournier (1992) afirmam que os sociólogos da cultura, apesar de suas divergências, concordam que a humanidade é feita de grupos sociais que se diferenciam por suas práticas, crenças e instituições, criando fronteiras entre si. Diante de diferentes abordagens para tratar dessas fronteiras, que são conceituadas como simbólicas entre os grupos sociais, uma das posições mais controversas e influentes foi de Pierre Bourdieu e seus colaboradores. Para este autor, “se há um princípio de

Sônia ao oeste e Nossa Senhora Aparecida, Santa Inês⁵⁴ e Parque Cruzeiro ao oeste têm fortes ligações com distrito, considerados anteriormente como parte de Ermelino Matarazzo. No entanto, nesta dissertação será considerada a fronteira oficial como recorte de análise, mas sem desconsiderar as fronteiras simbólicas. Como visto no capítulo anterior, o mapa cognitivo dos habitantes da cidade de São Paulo tem grande importância para o estudo proposto. A valoração socioespacial por estar na zona leste relaciona-se não apenas ao aspecto histórico, no que diz respeito à formação desordenada da periferia, mas também como esse processo se deu. E na gênese dos processos sociais estão os agentes e que, neste caso, são descendentes de imigrantes e migrantes que participaram dos processos de metropolização⁵⁵ e periferação⁵⁶ de São Paulo. Por isso, neste capítulo se discutirá a inserção dos moradores e moradoras que foram entrevistados e participaram da configuração de Ermelino Matarazzo.

A complexidade da formação da periferia de uma grande metrópole pode ser verificada a partir do microcosmo de Ermelino Matarazzo. A dimensão de Ermelino Matarazzo é de 8,70 Km², com 13.059 habitantes por km² como densidade, e uma população de 113 mil habitantes em 2010⁵⁷.

organização para todas as formas de vida social, esta é a lógica da distinção (...) a qual aproxima grupos enquanto separa-os de outros” (Lamont & Fournier, 1992, p.5, tradução nossa). Neste trabalho, fronteiras simbólicas são tomadas com esta lógica de Bourdieu, que implica também que por trás desta lógica há uma disputa de poder a partir de aspectos culturais, tornando estas fronteiras simbólicas, também de cunho político.

⁵⁴ Parte da comunidade Nossa Senhora Aparecida faz parte de Ermelino Matarazzo e portanto será analisada neste estudo.

⁵⁵ A Lei Federal Complementar n. 14 de 1973 definiu as metrópoles brasileiras e teve como critério “magnitude da população aglomerada, extensão da área urbanizada sobre o território de mais de um município, integração econômica e social do conjunto e na complexidade das funções desempenhadas” (Rolnik & Somekh, 2002, p.109).

⁵⁶ Processo de incentivar a classe trabalhadora, mesmo que não confessa como política de Estado, a compra de terrenos nas franjas da cidade, resultando em construções irregulares, a qual não pode se beneficiar de moradias sociais no período. Ver Bonduki, 1994; Mautner 1994; Rolnik, 2003; Meyer, Grostein & Biderman, 2004.

⁵⁷ Fonte: Prefeitura de São Paulo. Disponível em: <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/subprefeituras/dados_demograficos/index.php?p=12758> Acessado em 05 de abril de 2013.

Tabela 6: Crescimento Populacional de Ermelino Matarazzo

Década	1950	1960	1970	1980	1990	2000	2010
População	10 835	38 218	50 872	80 513	95 609	106 838	113.615
Fonte: PREFEITURA DE SÃO PAULO (2011)							

Na década de 1950, já havia em Ermelino mais de 10 mil habitantes. Naquela década, a primeira indústria de Ermelino Matarazzo, a Celosul, que foi instalada em 1941, completava 10 anos de existência. Sua instalação modificou profundamente o espaço anteriormente rural para uma nova configuração: o urbano, atraindo trabalhadores para morar no seu entorno. Foi nessa época que chegaram alguns dos entrevistados. A instalação de indústrias na periferia leste teve na figura de industriais empreendedores um papel importante. Em São Miguel Paulista, as famílias Lefer e Ermírio de Moraes foram decisivas na criação da Nitro Química e transformação do distrito (Fontes, 1997, p.17). Para Ermelino Matarazzo, a figura de Francisco Matarazzo Jr. e a expansão das Indústrias Reunidas Matarazzo, com a indústria Celosul em 1941, contribuíram para mudar o cenário da região.

A instalação da Celosul se deu na região porque a família Matarazzo era uma das grandes proprietárias de terra do entorno. O nome do distrito refere-se ao filho do conde Francisco Matarazzo, que seria o sucessor natural do seu pai, se não fosse um trágico acidente de carro na Itália que tirou sua vida em 1920, aos 37 anos. Este acidente interrompeu fatalmente os planos do conde Matarazzo em vê-lo na direção dos seus empreendimentos (Couto, 2004, 126). Como homenagem ao filho, em 1926, foi aberta uma estação na ferrovia Central do Brasil, cujos trilhos passavam pelas terras da família.

Para entender o peso desta família é necessário retomar brevemente sua história na cidade de São Paulo. A migração da família Matarazzo começou com o pai de Francisco Jr., o conde Francisco Matarazzo. Ele se tornou um dos maiores industriais de sua época, além de acumular uma imensa fortuna em solo brasileiro. Para um de seus biógrafos foi o “colosso brasileiro” (Couto, 2004b). Francisco Matarazzo, segundo Martins (1974), chegou ao Brasil aos 27 anos em 1881, emigrando

da Itália Meridional. Ele era o primogênito de nove filhos. O pai de Francisco era advogado e proprietário de terras em Castelabe, província de Salerno, gozando de prestígio local. A morte do progenitor de Francisco mudou as condições financeiras da família. De forma breve, este foi o contexto local que permitiu a saída de Francisco Matarazzo para a América.

No Brasil, Francisco Matarazzo trabalhou no ramo comercial de importação e exportação, assim como industrial, no ramo da tecelagem. Outro empreendimento que Francisco Matarazzo participou foi na fundação de alguns bancos italianos em solo brasileiro como o *Banco Commerciale Italiano di São Paulo* e o *Banco Italiano del Brasile* (Martins, 1974). O título de conde foi recebido em 1917. Em 1926, o título se tornou hereditário por intervenção de Mussolini, pelas contribuições que o conde fez à Itália na Primeira Guerra. Por isso, seu filho, também recebeu o título de conde Francisco Jr. (Dean, 1991, p. 184). Assim, teve forte ligação com Mussolini, o qual admirava, sendo declaradamente fascista (Martins, 1974).

Era necessário um sucessor para o grande patrimônio acumulado na cidade. Como Ermelino Matarazzo, o sucessor natural, havia falecido, o seu penúltimo filho, Francisco Matarazzo Júnior, conhecido como Conde Chiquinho, que era o braço direito de seu pai desde o acidente com o irmão, foi constituído pelo pai como o herdeiro do império. Esta decisão acarretou disputas e desavenças entre os irmãos que não aceitaram muito bem esta escolha por parte do patriarca. Em 1941, quando seu pai já era falecido, Francisco Jr. inaugurou a Celosul, indústria de papel celofane. Este é o período que inicia o recorte da pesquisa proposta nesta dissertação.

Para entender o contexto de criação da indústria Celosul em Ermelino Matarazzo é preciso relacioná-lo ao distrito vizinho de São Miguel Paulista. Naquela localidade, Horácio Lafer, José Ermírio de Moraes e sócios americanos instalaram alguns anos antes, em 1935, a Nitro Química. Esta empresa veio a ser concorrente das Indústrias Reunidas F. Matarazzo que monopolizam a produção de fios sintéticos na indústria têxtil até meados dos anos de 1930. O intuito não era apenas a produção do raiom, mas também de outros produtos químicos ainda não produzidos no Brasil

(Fontes, 1997, p.26-27). A Segunda Guerra Mundial, consoante Fontes, contribuiu para o maior desenvolvimento da indústria têxtil no Brasil que teve sua produção elevada a 59% entre 1943 e 1945. A resposta do grupo Matarazzo não veio, porém, neste setor industrial. A Celosul foi criada para produzir filme transparente, o papel celofane. Este produto era produzido, desde então, com exclusividade pelo grupo Votorantim⁵⁸, que na pessoa de José Ermírio de Moraes, era um novo concorrente do grupo Matarazzo, na área têxtil com a Nitro Química. Estava em jogo, portanto, a competição por monopólios entre os dois grupos.

As estratégias usadas pelo Francisco Jr. na Celosul visavam competir com a indústria vizinha. O conde utilizou-se tanto do paternalismo, quanto da diferenciação da mão de obra mais ou menos qualificada, estrangeira ou brasileira (Dean 1991), que marcou a configuração inicial do distrito a partir da industrialização. Como veremos mais adiante, as condições materiais levadas a cabo por Francisco Jr. produziram uma convicção de beneficiário local nos trabalhadores e moradores. Com a morte do pai, o Francisco Jr. seguiu gestão semelhante, a ponto de deixar uma única sucessora, sua filha caçula, Maria Pia. Esta segunda sucessão foi ainda mais traumática entre a família Matarazzo. Quando assumiu em 1977, depois da morte de seu pai, o império já acumulava grandes dívidas. Nas palavras do jornalista Letaif (2010), “Famílias de muitos condes, os Matarazzo ergueram e implodiram o maior conglomerado industrial do país ao longo de três gerações”.

Apesar deste declínio, a trajetória da família é citada como motivo de orgulho e respeito pelos antigos moradores entrevistados que tiveram acesso ao Conde Francisco Jr. Foi ele, como já dito, que inaugurou a Celosul em 1941, data que já foi associada ao início do distrito pela imprensa (Assunção, 2004, p. H47). Mais recentemente, o vereador Chico Macena lançou o projeto de lei 369/2009, que foi

⁵⁸ O depoimento de um antigo operário no livro de memória do bairro: “era uma loucura, tudo o que produzia vendia, havia duas fábricas no Brasil, que eram a Matarazzo aqui em Ermelino e a Votorantim, lá na cidade de Votorantim, próximo à Sorocaba [...] Só os dois produziam o filme transparente naquela época e havia uma reserva de mercado, que não podia importar. Então você vendia muito ao preço que queria” (Augusti, 2012, p.64).

aprovado como a Lei 15.342 de 29/11/2010⁵⁹, a qual define o dia 7 de fevereiro como a data comemorativa de Ermelino Matarazzo por causa da história desta família na região. Parte da justificativa⁶⁰ do projeto de lei dizia o seguinte sobre esta escolha:

Entretanto, foi só a partir de 1913 e de 1915, por meio do loteamento Jardim Matarazzo, que o bairro começou a assumir sua atual feição urbana e industrial. Esse loteamento havia sido promovido pela Indústria Matarazzo, que vendeu 274 lotes de terras suas próximas de onde passaria a rodovia Rio-São Paulo e ao lado da linha férrea – Variante Poá, construída entre 1921 e 1926.

De fato, a estação de trem foi inaugurada a 7 de fevereiro de 1926, sendo que logo surgiu um povoado no seu entorno. A estação foi denominada Estação Comendador Ermelino Matarazzo, não só porque a linha férrea passava por terras que ainda pertencia (sic) às Indústrias Reunidas Matarazzo, terceiro filho do Conde Francesco Antonio Matarazzo, seu primeiro filho nascido no Brasil, e que havia recentemente falecido em acidente automobilístico na fronteira da França com a Itália.

Na década de 40, o Jardim Matarazzo, ainda estava em formação, mas logo começou a se destacar como aglomerado urbano e como polo industrial, sobretudo após a instalação da Fábrica Celosul, de papel celofane, inaugurada em 1941.

O Bairro de Ermelino Matarazzo foi desmembrado do território de São Miguel Paulista em virtude da Lei n. 5.285, de 18 de fevereiro de 1959. Entretanto, por ausência de memória relativa a alguma referência a sua data de fundação não havia como comemorar seu dia, adotando-se, então, o Dia do Trabalhador como dia do bairro.

Assim, a primeira vila do distrito chama-se Jardim Matarazzo, a primeira escola fundada pelo conde, portanto, de iniciativa privada, mas gratuita para os filhos dos operários, foi denominada de Ermelino Matarazzo. O primeiro estabelecimento público de ensino médio chama-se Condessa Filomena Matarazzo, a esposa de Francisco e mãe de Francisco Jr. Este, por sua vez, colocou o nome de Filomena e Ermelino em seus filhos. Outra escola estadual de ensino fundamental tem o nome do distrito. A figura de Francisco Jr. é muito importante na região, a ponto de alguns

⁵⁹ Disponível em <<http://camaramunicipalsp.qaplweb.com.br/cgi-bin/wxis.bin/iah/scripts/?!sisScript=iah.xis&lang=pt&format=detalhado.pft&base=proje&form=A&nextAction=search&indexSearch=^nTw^ITodos%20os%20campos&exprSearch=P=PL3692009>> Acessado em 10 de dezembro de 2012.

⁶⁰ Disponível em <<http://camaramunicipalsp.qaplweb.com.br/iah/fulltext/justificativa/JPL0369-2009.pdf>> Acessado em 5 dezembro de 2012.

comerciantes mais antigos colocarem um busto do conde na principal praça de Ermelino Matarazzo:



Figura 1: Conde Francesco Matarazzo Junior na Praça 1º de Maio no Jardim Matarazzo.
Foto: Adriana Dantas

É possível constatar que a família Matarazzo foi uma das protagonistas que participaram do processo de crescimento da cidade. Um imigrante italiano, representante da alta qualificação branca e europeia, era uma das figuras que a cidade requeria para seu crescimento. Aproveitou as oportunidades que a São Paulo na virada para o século XX oferecia. Fez parte de uma nova elite, não mais tradicional paulista, vinda dos barões do café. Enriqueceu⁶¹, morando nas recentes partes nobres da cidade, a Avenida Paulista, destinos desses novos ricos estrangeiros. A história desses imigrantes se cruza com a história de outros descendentes de europeus, não nobres, e de migrantes internos, nordestinos e de maioria negra, que foram morar em suas antigas terras na periferia. Esse encontro também pode ilustrar parte da formação do muro social entre a cidade rica e a cidade pobre a partir da história da configuração do distrito. Como dito no capítulo 1, este muro é construído por diversas clivagens e, no caso deste trabalho, se discutirá a questão do espaço, no qual Ermelino Matarazzo foi

⁶¹ Sobre aplicação dos lucros da Matarazzo, Dean diz o seguinte: "Apesar do custo da espetacular mansão da Avenida Paulista que dizem conter duas piscinas, e dos escritórios centrais, à feição de mausoléu, no viaduto do Chá, cuja fachada é revestida de 170 mil toneladas de mármore de Carrara, o valor das IRFM continuou a crescer espetacularmente sob a orientação do filho de Matarazzo" (Dean, 1991, p.181).

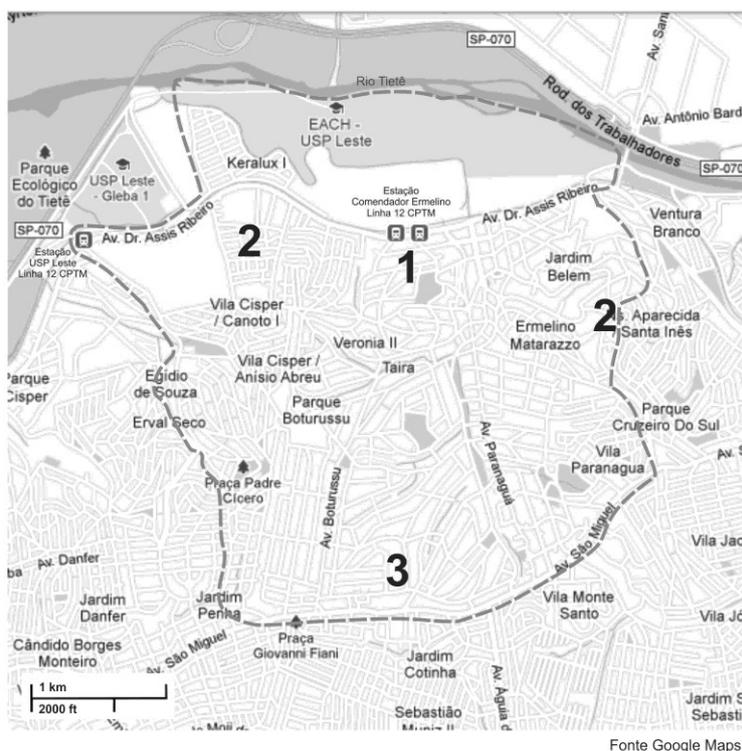
constituído, como uma das partes que caracteriza este muro social. Esta configuração tem diversas peculiaridades históricas, sociais e culturais. Ela pode ser materializada na diferenciação interna de Ermelino Matarazzo e reconstituída a partir da memória dos seus moradores e conforme serão vistos nas seções seguintes.

2.1 A diferenciação interna de Ermelino Matarazzo

A hipótese da diferenciação interna pôde ser verificada observando o processo de urbanização deste distrito, que antes da chegada da Celosul era considerado rural. Tal processo relacionou-se a diferentes fatores ao longo do tempo no espaço. A partir das entrevistas, identificaram-se três momentos principais: o período da industrialização que promoveu a venda de loteamentos para trabalhadores e atraiu muitos moradores; o período das ocupações de terra, caracterizado pelo surgimento de favelas; e o período de investimento por parte de empreendedores imobiliários, os quais vendiam casas construídas e não mais terrenos loteados. O próximo capítulo tratará de forma mais detalhada a diferenciação interna do distrito, que por ora, será introduzida brevemente para apresentar os entrevistados, que estão relacionados ao espaço que ocupam no distrito. Foram entrevistados 18 moradores e moradoras das três regiões. A partir da data de chegada destes moradores foi possível dividir as regiões nos seguintes períodos:

1. A região dos loteamentos (entre as décadas de 1940 e 1970);
2. A região das Ocupações (entre as décadas de 1970 e 1990);
3. A região das Construtoras (entre as décadas de 1980 e 2000).

Mapa 5. As três regiões de Ermelino Matarazzo



Os moradores das primeiras décadas se estabeleceram na região de várzea, próxima ao rio Tietê e à linha do trem. Estes são os que habitaram primeiramente a região dos loteamentos (1). A venda de lotes baratos teria atraído muitos trabalhadores para o distrito que construíram sua casa própria, permitindo morar próximo ao local de trabalho visto que os terrenos do entorno tinham preços acessíveis (Mautner, 1999).

Uma das primeiras intervenções da Indústria Matarazzo foi construir uma vila operária. A vila era para poucos e alvo de muitas disputas devido à demanda por moradia. Assim como os industriais da década de 1930 que instalaram suas fábricas na região leste, especificamente no Brás, Mooca e Belém construindo vilas operárias para os funcionários mais qualificados, isto também aconteceu em Ermelino Matarazzo, mesmo que em menor proporção. Para Kowarick (1993) a estratégia do empresariado era justamente trazer os operários para morar no entorno da indústria para reduzir os custos e, inclusive, justificar um salário mais baixo. Assim, a

construção da moradia era um bom investimento. Pouquíssimos funcionários tiveram acesso à vila operária, por isso, os lotes comprados ou ocupados deram origem à prática da autoconstrução no distrito. Por causa da industrialização, a localidade próxima à linha do trem recebeu os primeiros traços “urbanos” como arruamentos, a instalação da vila e de pequenos comércios, dentre outras coisas. A região era mais densamente ocupada até a década de 1970. Na região dos loteamentos (1) temos alguns bairros como o Jardim Matarazzo e o Jardim Belém como seus principais representantes.

A região das ocupações (2) está espalhada em torno destes primeiros bairros e indústrias, como a Vila Nossa Senhora Aparecida, o Jardim Keralux e o Pantanal que tem como extensão a União de Vila Nova, já no distrito vizinho de São Miguel Paulista. A década de crescimento mais intenso, entre os anos de 1970-1980, intensificou a luta por moradias na região, pois muitos trabalhadores já não podiam se beneficiar da compra dos terrenos. As ocupações de terra e a formação das primeiras favelas começaram a surgir na região. Naquele contexto, a luta por moradia se intensificou na região (2) a partir da década de 1970, principalmente na várzea e baixa colina, próxima à estrada de ferro em que as indústrias se estabeleceram. Ao redor da vila oficial, formada pelo loteamento, suas franjas foram ocupadas por moradores que não podiam mais comprar terrenos pelo alto preço da terra em Ermelino Matarazzo. Essa difícil situação também teria contribuído para a luta por parte dessas famílias para conseguir a efetivação de suas documentações sob a tutela da Igreja Católica, cuja atuação foi muito ativa ao abrigar esses movimentos populares em seu seio (Andrade, 1989; Iffly, 2010).

A região das construtoras (3) está próxima a Avenida São Miguel, que antigamente era denominada Avenida São Paulo-Rio. Azevedo (1945) informa que havia na região de São Miguel, nas colinas próximas, alguns núcleos que se constituíram a partir da rodovia São Paulo-Rio sem muita influência da região férrea ou industrializada. Quando a indústria Celosul foi inaugurada, os terrenos que estavam nestas colinas, longes da várzea, eram desvalorizados. Enquanto a região de

baixo era mais cara e valorizada, a região de colina, onde fica o Parque Boturussu, começava a receber alguns moradores que compraram ali seu lote muito mais barato que na região do Jardim Matarazzo na década de 1970.

Com o declínio das indústrias nas regiões de via férrea, devido ao deslocamento dos polos industriais de São Paulo para as regiões de estrada de rodagem (Villaça, 2001)⁶², o distrito passou por um processo relativo de *desindustrialização* (Rolnik e Frúgoli Jr., 2001). Nos anos de 1980, o distrito foi se tornando predominantemente residencial.

Nas décadas de 1980 a 1990, a região das construtoras (3) tinha características importantes para a especulação imobiliária: vários terrenos vazios, um centro mais ao sul, na região dos loteamentos (1), a Avenida São Miguel que ligava o distrito de São Miguel, ao leste, ao distrito da Penha, ao oeste, ambos mais desenvolvidos que Ermelino Matarazzo. Segundo Cardoso, Camargo & Kowarick (1973, apud Kowarick, 1993), o método da especulação imobiliária era o seguinte: a abertura de loteamentos não se dava um próximo ao outro, deixava-se terras vazias entre eles. Assim, para atender o loteamento mais distante, a linha de transporte era estendida, assim como a melhoria de vias para que o transporte fosse possível. Com o novo benefício de vias pavimentadas, as terras vazias entre os loteamentos se valorizavam simultaneamente. Assim o bairro do Parque Boturussu na região (3), anteriormente desvalorizado, tornou-se ideal para empreendimentos imobiliários, nos anos de 1980. A autoconstrução estava sendo substituída por casas construídas por empreendedores imobiliários, para atender outra população, não mais os operários, que desejava adquirir sua casa própria. As mudanças puderam ser vistas na valorização dos imóveis da região e no início da verticalização das moradias, com a construção de prédios residenciais, tanto pela falta de espaço de terrenos disponíveis quanto pela demanda de moradia para o bairro.

⁶² Ao discutir a localização das indústrias na metrópole de São Paulo, Villaça destaca que o advento de grandes rodovias como a Via Dutra atraiu um grande pólo industrial pela facilidade de distribuição da produção industrial via rodovia para todo o Brasil, em detrimento da estrada de ferro que limitava esse trânsito nacional (Villaça, 2001, pp.135-140).

No final do século XX, o crescimento populacional de Ermelino Matarazzo começa a diminuir. Entre 1980 e 1990 a porcentagem foi de 18%, entre 1990 e 2000 foi de 11% e, por fim, entre 2000 e 2010 houve um crescimento de 6%. Este declínio populacional coincide com a época em que as migrações internas no Brasil tiveram uma reorganização no território nacional. Os demógrafos informam que nos anos de 1980, o ritmo da migração em direção ao polo de atração na região metropolitana de São Paulo começou a diminuir consideravelmente, época em que a cidade teve seu saldo migratório negativo. E na década seguinte, a migração de retorno caracterizou a mobilidade no território nacional (Perillo, 1996; Pasternak & Bógus, 2005). No século XXI, há uma nova configuração das mobilidades espaciais brasileiras com grandes idas e vindas entre Nordeste e Sudeste, sem grandes fixações como ocorreu no século XX (Baeninger, 2012; Cunha, 2012). Especificamente, há uma redefinição dos processos migratórios na Região Metropolitana de São Paulo, “caracterizando-se como um ‘espaço perdedor’ das migrações internas no Brasil no século XXI” (Baeninger, 2011, p.75). Discussões atuais analisam o retorno de nordestinos para seu local de origem devido a diversos fatores, como as crises dos anos 1990, assim como mudanças regionais com novos postos de trabalhos no Nordeste. (Oliveira & Jannuzzi, 2005).

Ao analisar o microcosmo de Ermelino Matarazzo, de forma qualitativa, entrevistando pessoas que chegaram em épocas diferentes, foi possível verificar como as mudanças estruturais na sociedade brasileira afetaram seus destinos ao longo das décadas. A memória dos entrevistados mostrou-se um profícuo recurso para retomar o processo por qual passou Ermelino Matarazzo. Isto porque “as narrativas de vida constituem uma maneira de conhecer a versão não oficial dos acontecimentos sociais e permitem a compreensão dos fatos históricos e sociais filtrados pela ótica dos sujeitos, a partir da elaboração presente dos fatos passados” (Magalhães, 2007, p.28).

2.2 As moradoras e os moradores

Para escolher as pessoas que seriam entrevistadas foi utilizado como critério ouvir as memórias das moradoras e moradores “mais antigos”. Pela rede de contatos foi possível entrevistar aqueles que eram considerados pelos próprios habitantes como referencial deste critério, pelo tempo que habitavam nas regiões (1), (2) e (3) de Ermelino Matarazzo. Assim, eles chegaram ao distrito entre a década de 1940 e 1980. Suas idades variam entre 51 a 89 anos. A diferença de idade entre eles é definida em como chegaram à região, alguns chegaram crianças ou adolescentes, enquanto outros chegaram adultos. A lista, a seguir, dos entrevistados apresenta região, idade, ascendência, cor da pele, ano de chegada em Ermelino Matarazzo e profissão de cada um deles:

Tabela 7: Entrevistados pelas regiões

	Nome	Idade	Naturalidade, ascendência e raça	Chegada	Profissão
LOTEAMENTOS (1)	Botelho	84	Paulista, filho de espanhóis, branca	1943	Operário aposentado
	Isaiás	89	Pernambucano, filho de pernambucano	1947	Alfaiate aposentado
	Eliane	79	Paulista, filha de mineiro, branca	1949	Dona de casa ex-operária
	Mateus	63	Paulistano, neto de italianos, branca	1949	Comerciante aposentado
	Fernando	75	Baiano, filho de baianos, negra	1954	Metalúrgico aposentado
	Marcelo	86	Paulista, filho de italianos, branca	1962	Químico aposentado
	Damião	62	Baiano, filho de baianos, negra	1962	Motorista aposentado
CONSTRUTORAS (3)	Carla	93	Paulista, neta de europeus, branca	1960	Cozinheira aposentada
	Jefferson	66	Baiano, filho de baianos, negra	1964	Eletricista aposentado
	Zenilda	67	Baiana, filha de baianos, branca	1968	Dona de casa
	Márcio	78	Paulistano, neto de italianos, branco	1969	Macheiro aposentado
	Dalila	64	Baiana, filho de baianos, negra	1972	Auxiliar Geral
	Cleusa	58	Piauiense, filha de baiano e piauiense, branca	1981	Dona de casa
OCUPAÇÕES (2)	Dora	51	Baiana, pais baianos, branca	1970	Vendedora ambulante
	Anita	69	Piauiense, pais piauiense, parda	1977	Dona de casa
	Zilda	60	Pernambucana, pais pernambucanos, branca	1980	Dona de casa Ex-doméstica
	Helena	88	Pernambucana, pais pernambucanos, branca	1982	Dona de casa pensionista

Antes de apresentar brevemente os entrevistados, é importante salientar que esta lista está definida pela ordem de chegada a Ermelino Matarazzo. Por isso, os moradores da região (3) precedem os da região (2). Aqueles, como mais antigos, foram testemunhas de como a região das construtoras foram se modificando no final do século XX com a chegada de novos moradores.

O primeiro a chegar a Ermelino Matarazzo dentre os entrevistados foi Botelho em 1943. Seus pais eram espanhóis e chegaram à Barra Bonita, no interior paulista, para trabalhar na construção civil. Nasceu lá. Veio para São Paulo adolescente, pois seu pai tinha conseguido um emprego em uma indústria na capital e se instalou na Penha, como grande parte do operariado do começo do século XX. O bairro da Penha era o subúrbio que abrigava esses novos moradores vindos da Europa⁶³. Botelho começou a trabalhar na Celosul em 1943 quando tinha 16 anos. Mesmo com pouco estudo, cursou até a antiga 2ª série do primário, equivalente ao 3º ano do Ensino Fundamental, conseguiu cargo de influência ao longo de sua carreira. Começou carregando papel no laboratório, aprendeu a falar italiano entre a chefia, ascendendo profissionalmente lá dentro. Aposentou-se na fábrica. Comprou uma casa na antiga vila operária. Conheceu sua esposa na fábrica, que morava no distrito de Belém. Depois de casado vieram morar em Ermelino. Teve três filhos que já não moram mais no distrito, inclusive um deles vive nos Estados Unidos. Um de seus filhos chegou ao Ensino Superior, formando-se engenheiro. Tem cinco netos e cinco bisnetos.

Isaías, o próximo entrevistado a chegar a Ermelino Matarazzo, trabalhou na roça na infância. Sua mãe viúva casou-se novamente agregando mais cinco crianças à família. Era caçula dos três irmãos do primeiro casamento. Aos 13 anos foi para a cidade de Bom Conselho em Pernambuco aprender a profissão de alfaiate porque a mãe era costureira. O irmão mais velho de Isaías veio para São Paulo através da migração incentivada, isto é, foi levado por pessoas que buscavam trabalhadores para atuar em São Paulo. Depois de muitos anos sem contato com o irmão, Isaías descobriu que ele trabalhava na Celosul. Como havia várias oportunidades para quem trabalhava como alfaiate em São Paulo, segundo o relato do irmão, Isaías decidiu migrar. Juntou

⁶³ Ver capítulo 1, o item 1.1 A valoração socioespacial da Zona Leste.

dinheiro e veio com a mãe de carona em um carro de um conhecido que estava vindo para o Sudeste. Chegou em 1947 em Ermelino Matarazzo para encontrar seu irmão que já morava no distrito. Começou morando na mesma pensão do irmão, onde conheceu sua esposa. Trabalhou como alfaiate e atendia a população dessa região. Foi bem sucedido nos tempos áureos em que não havia roupas prontas. Pôde comprar não só sua casa, mas também outros terrenos no Jardim Belém, os quais são alugados para complementar sua renda na atualidade. Apesar da idade avançada, ainda trabalha como ajustador de roupas, pois precisa complementar a aposentadoria que não cobre suas despesas. É casado, tem uma filha pedagoga que não mora mais em Ermelino Matarazzo. Sua neta fez pedagogia na USP. Seu outro filho faleceu na idade adulta e não era casado.

Eliane foi criada em Araraquara, interior de São Paulo. Seu pai era de Minas Gerais e trabalhava como telegrafista. Faleceu, deixando sete filhos. Dentre estes, cinco eram menores, inclusive a Eliane que tinha 12 anos na época. Sua mãe, dona de casa, mudou-se para São Miguel Paulista na capital, porque tinha uma filha mais velha que trabalhava na Nitro Química. Aos 16 anos, Eliane conseguiu um emprego na Celosul, assim como outra irmã. Alugaram um quarto e cozinha de um português próximo à fábrica no Jardim Matarazzo para morar juntamente com a mãe em 1949. Mais tarde, conheceu seu esposo na fábrica. Saiu da Celosul com a chegada de sua primeira filha. Seu marido também trabalhou em outra indústria do entorno, a antiga Keralux, como chefe de departamento pessoal. Os dois compraram um terreno no Jardim Matarazzo. Com a morte do marido, trabalhou como vendedora de Yakult, vindo a ser muito conhecida entre os moradores. Foi muito ativa nas Sociedades de Amigos de Bairros (SABs) e festas populares de Ermelino Matarazzo. Suas duas filhas fizeram Ensino Superior. Uma delas estudou em escolas privadas na Penha durante toda a Educação Básica, formando-se em Química no Ensino Superior. Esta filha acabou trabalhando no ramo de editoras como representante comercial e mora em Recife-PE. A outra filha não se adaptou à escola privada da Penha, mudando cedo para as escolas públicas de Ermelino. Formou-se em Pedagogia e hoje trabalha como

diretora de creche, morando em Ermelino. Eliane já tem um neto formado pela EACH-USP no curso de Gestão de Políticas Públicas.

O Mateus nasceu na capital porque seu pai, trabalhador rural, tinha vindo do interior para trabalhar na Nitro Química no distrito vizinho de São Miguel Paulista. Seus avós eram italianos. O pai de Mateus, enquanto morava em São Miguel, aprendeu o ofício de alfaiate com o irmão. Para evitar a concorrência entre família naquele distrito, o pai de Mateus foi para Ermelino trabalhar como alfaiate lá. Como o distrito estava crescendo, seu pai comprou um terreno na Avenida Paranaguá para estabelecer um comércio lá em 1949, quando Mateus ainda era criança. Adolescente formou-se pelo SENAI, mas não trabalhou como metalúrgico. Isto porque abriu uma sociedade com o pai que estava expandindo os negócios, vislumbrando a oportunidade de vender roupas prontas. Abriram uma loja de armarinho. Expandiram tendo outros estabelecimentos. Foi muito ativo nas SABs. É aposentado, mas ainda trabalha como comerciante para complementar a renda. É casado e tem dois filhos do primeiro casamento. Os filhos estudaram em escolas privadas da região, mas não chegaram ao Ensino Superior. Um deles mora em Cotia, no interior, trabalha como corretor de imóveis.

Fernando era órfão de mãe e morava com uma tia e primas. Era morador de roça no interior da Bahia quando veio para São Paulo pela primeira vez, aos 16 anos, por meio de agenciador de pau-de-arara. Trabalhou na agricultura no Vale do Paraíba, quando voltou aos 18 anos para servir o exército na Bahia. Depois retornou para trabalhar na capital, conseguindo emprego primeiramente na construção civil. Um conhecido indicou a Celosul como uma melhor oportunidade de trabalho e começou a trabalhar em 1958. Saiu da Celosul em 1962 e com o dinheiro da indenização comprou seu primeiro terreno no Jardim Belém. Buscou sua esposa na Bahia, em sua localidade natal. Estudou para se tornar metalúrgico. Com o tempo, comprou outra parte do terreno em frente a sua antiga casa, construiu sua casa própria, estabelecendo-se em Ermelino Matarazzo. Aposentou-se como metalúrgico, trabalhando em algumas indústrias, inclusive em Guarulhos. É casado, pais de três filhos. A filha mais velha ainda mora com eles, trabalha como operária com Ensino Fundamental incompleto. O

filho mais velho é advogado, é funcionário público do Judiciário e mora em Arujá. O caçula é engenheiro e trabalha na Skol. Fernando tem dois netos pequenos de cada filho.

Marcelo nasceu em Pirassununga. Os pais eram italianos, cultivadores de café, donos de uma fazenda. Caçula de 12 irmãos chegou a São Paulo para estudar e se estabeleceu na Penha na casa de uma irmã. Formado em Química, no Ensino Superior, foi trabalhar na Celosul como profissional de alto escalão. Conheceu sua esposa, que era de Minas Gerais, e trabalhava na fábrica como operária no setor de administração. Mesmo tendo direito a morar na vila operária, preferiu comprar uma casa no Jardim Matarazzo, pois a vila já estava cheia em 1962 quando chegou. Anteriormente, morava de aluguel na Penha. Sua esposa faleceu poucos anos depois, deixando três filhos. Não se casou novamente. Foi ativo em muitos trabalhos sociais na região, nas festas populares e no sindicato da indústria. Aposentou-se na Celosul. Tem um filho advogado, uma filha dentista e a outra psicóloga. Todos moram em Ermelino Matarazzo. Um dos netos de Marcelo formou-se na EACH-USP em Gestão Ambiental e fez mestrado na mesma instituição.

Damião foi criado pela avó. Esta se separou do marido e foi para Mato Grosso procurar um filho que servia o exército lá, levando o neto com ela. Aos 9 anos, Damião foi para Araçatuba, interior de São Paulo. Adolescente foi trazido pela avó para Ermelino Matarazzo em 1962. Ela trabalhava de doméstica e descobriu a região através de colegas que informaram que o bairro tinha aluguel barato. Aos 12 anos conseguiu um registro falso para a “carteira de menor”, que era concedida com 14 anos, para trabalhar nas indústrias de vidros entre Tatuapé e Mooca. Também fazia bicos na imigração, viajando para o interior para trabalhar na colheita de café e cana-de-açúcar. Começou a trabalhar na Celosul aos 18 anos, aposentou-se lá como motorista. Conheceu sua esposa no distrito, pois ela trabalhava na indústria Keralux. Casou-se e morou de aluguel no Jardim Belém. Fez uma permuta com a indústria recebendo um terreno como pagamento de dívidas trabalhistas que tinha para receber. Depois vendeu esta antiga casa, comprando outra mais próxima no Jardim Belém. Damião é casado e pai de duas filhas, uma delas mora com a família. A mais

velha é formada em História e é professora da rede pública em São Miguel Paulista. A outra não terminou a faculdade de Educação Física e casou-se recentemente.

A história de vida dos entrevistados da região dos loteamentos é o exemplo do processo de formação da Zona Leste, com a vinda de imigrantes e migrantes. Alguns entrevistados, descendentes de imigrantes, faziam parte de uma primeira ou segunda geração de descendentes de europeus no país, que foram parar nos subúrbios orientais, como era conhecida a região leste de São Paulo. Até 1930, esta primeira periferia era composta a leste pelos distritos do Brás, Belém, Mooca e Penha⁶⁴. Segundo alguns entrevistados, Francisco Matarazzo Jr. tinha uma atuação ativa na captação de trabalhadores de ascendência europeia, indo buscá-los em regiões rurais do estado para trabalhar na Celosul. Outros imigrantes moravam de aluguel na região da Penha e Brás, como Botelho e Marcelo, e com a vinda para Ermelino, puderam comprar seus terrenos e construir sua casa graças ao trabalho como operários na Celosul. Aos poucos, os migrantes, que vinham de forma espontânea ou em rede, também se beneficiaram das vagas da indústria e conseguiram também comprar seus terrenos e ergueram sua casa própria. Nota-se aqui, os processos descritos por Tomizaki (2007) sobre os trabalhadores das indústrias do ABC paulista. Da mesma maneira que na região do ABC paulista, na indústria de Ermelino não havia apenas migrantes nordestinos, mas também migrantes do interior paulista dentre os operários, demonstrando que o processo de industrialização de São Paulo está ligado tanto ao processo de imigração quanto de migração. Assim, os antigos moradores da região de loteamento tiveram suas histórias ligadas de alguma forma às indústrias Matarazzo, entre a década de 1940 e 1960.

A moradora mais idosa da região das construtoras (3), a Carla, tinha 93 anos. Cresceu em Santa Adélia, no interior de São Paulo, em ambiente rural, como seus pais. Casou-se em Jaboicabal e a família do marido veio para São Paulo. Na capital, Carla se separou do marido e ficou com um filho. Conseguiu um emprego como lavadeira e a patroa a promoveu para cozinheira ensinando o serviço em um restaurante na Penha, morando no local de trabalho. Depois da volta dos patrões para Portugal, ela foi

⁶⁴ Ver capítulo 1, Mapa 1: Área Urbanizada (1915/1929).

trabalhar em uma padaria, também vivendo no trabalho até alugar uma casa na Penha. Seu filho cresceu na região, estudando em escolas públicas de lá. Conheceu o Parque Boturussu através da indicação de um colega. Quando o filho teve que se casar, pois a namorada tinha engravidado, eles pegaram a poupança que tinham feito ao longo dos anos e dividiram. A Carla deu entrada em um terreno que tinha uma casa nos fundos e foi construindo aos poucos, quando ela tinha por volta de 40 anos. Construiu na frente com ajuda de amigos. Mais tarde, o filho veio morar junto com a esposa e os quatro filhos. Quando a esposa foi embora, levou os netos de Carla, deixando-a em profunda depressão, aposentando-se por invalidez. Para Carla isso foi uma providência divina, pois a nora deixou os netos com ela que passou a criá-los desde então. O filho de Carla era taxista. Ele casou-se novamente. Faleceu quando os netos de Carla já estavam adultos. Todos os netos estudaram em escolas públicas da região e a mais velha chegou ao Ensino Superior. Todos se casaram e tiveram filhos. Diferentemente dos moradores da região (1), ela só chegou a Ermelino Matarazzo na década de 1960, mesmo sendo uma das mais idosas. Segundo seu relato ela era uma das mais antigas moradoras da região, tendo poucas casas no entorno. Por causa da idade, recentemente, uma de suas netas a levou para morar consigo no interior de São Paulo.

O Jefferson veio de Salvador da Bahia e seu pai era carpinteiro. Ele estudou em escolas privadas na cidade de Salvador até o começo do ginásio, como era denominado o Ensino Fundamental 2. Ele veio para capital em 1964 para visitar uma tia que morava em Ermelino Matarazzo, no Jardim Belém. A visita, que era para ser temporária, tornou-se permanente após conseguir um emprego de vigilante, ficando desde então em São Paulo. Depois de um ano e meio começou a trabalhar em uma boa indústria em Guarulhos por causa de sua formação escolar. Conheceu sua esposa Dalila em São Paulo e durante o tempo de namoro juntaram dinheiro para comprar um terreno para se casarem. Com o dinheiro de indenizações e a poupança de sua esposa como empregada doméstica, os dois deram entrada em um terreno no Parque Boturussu, mudando-se para lá depois de casado com Dalila, em 1972. Tiveram três filhos que são casados e moram em Ermelino. Os dois rapazes completaram o Ensino

Médio, o mais velho é gerente geral em uma drogaria e o outro é recepcionista contratado pela Prefeitura de São Paulo. A filha caçula formou-se psicóloga e é funcionária pública do Estado. Tem três netos e um bisneto recém-nascido do filho mais velho e um neto recém-nascido da filha caçula.

A outra entrevistada chama-se Zenilda. A mãe havia casado aos 15 anos com um fazendeiro de 70 anos. Ela fugiu com a filha para São Paulo, para que Zenilda não tivesse o mesmo destino. Ela desejava que a filha estudasse, visto que era analfabeta. Assim, Zenilda chegou a Sorocaba aos 12 anos. Começou a namorar lá e seu namorado concursou-se como guarda civil metropolitano em São Paulo. Logo depois veio para capital para casar-se com ele. Moravam em Água Funda, em imóvel alugado. Juntaram dinheiro para comprar uma casa na zona norte, mas o marido encontrou uma casa barata na Zona Leste. Ele comprou a casa no bairro sem que ela conhecesse o local, o que a surpreendeu muito quando chegou a Ermelino Matarazzo, devido à falta de infraestrutura. Ela teve cinco filhos, somente um mora em Ermelino, os outros estão no centro da cidade. Os filhos mais velhos estudaram em escolas públicas da região e os mais novos em escolas privadas na Penha. Tem uma filha psicóloga, uma advogada e um filho economista. Os outros são pequenos comerciantes. Todos os seus netos estudam em escolas privadas.

O Márcio é descendente de italiano e como o pai, trabalhava como operário. Trabalhava na região da Penha, casando-se com outra descendente de italiano. Morou primeiramente com a família da esposa. Eles eram comerciantes no distrito da Penha. Como os terrenos eram mais baratos em Ermelino, decidiu comprar um terreno para sair da casa da família da esposa. Estudou até a 4ª série, ou Ensino Fundamental 1, trabalhando logo em seguida, aos 12 anos, em fábricas. Aprendeu a profissão de macheiro, cuja função era fazer moldes de torneiras, válvulas e afins. A formação profissional foi informal, quando ainda adolescente. Outro macheiro o chamou para trabalhar na metalúrgica, ficando lá por 30 anos até aposentar-se. Teve apenas um filho que estudou em escolas públicas completando o Ensino Fundamental e hoje trabalha em almoxarifado na cidade de São Roque. Tem uma neta que mora com eles por causa dos estudos.

Outra entrevistada, Dalila, é do interior da Bahia. Ela trabalhava na roça da família e chegou a São Paulo em 1963 para ajudar a cuidar de um irmão que havia se acidentado. Acabou se instalando na cidade e trabalhando como doméstica aos 16 anos. Ela era a caçula. Apesar de ter irmãos que viviam em São Paulo, ela morou nas casas em que trabalhava por problemas familiares. Conheceu seu marido na capital e veio para Ermelino em 1972 depois de casada com Jefferson que já conhecia a região. Na época, trabalhava como doméstica no bairro do Ibirapuera. Estudou pouco, o básico para se alfabetizar. Depois veio trabalhar em bufês na Zona Leste.

A moradora mais nova da região das construtoras (3) entrevistada, a Cleusa, chegou a Ermelino Matarazzo na década de 1980. Ela fazia parte de uma nova população que não participou da autoconstrução, mas financiou sua casa própria. O pai de Cleusa, nascido em Salvador, era contador e advogado e foi para o Rio de Janeiro quando ela tinha dois anos de idade para tratar de um problema de saúde da filha. O pai morreu lá e a mãe casou-se de novo. Veio para São Paulo para casa de um tio e ficou morando na região de Cangaíba, bairro vizinho a Ermelino Matarazzo. Fez o antigo ginásio, o atual Ensino Fundamental. Tinha o desejo de fazer faculdade, mas casou-se aos 16 anos com o tio de uma colega que tinha 27 anos, interrompendo os estudos. O marido, baiano, tinha um bom cargo na indústria. Veio para Ermelino Matarazzo, pois comprou uma casa financiada pela Caixa Econômica Federal. Segundo ela, a Caixa só vendia imóveis novos e na região da Penha, onde morava, só não tinha imóveis antigos. Os vendedores disseram que Ermelino Matarazzo já tinha infraestrutura como asfalto e esgoto, mas ela contou que foram enganados. Tiveram dois filhos que sempre estudaram em escolas privadas na região da Penha e Tatuapé. Sua filha formou-se em Direito, casou-se e mora em Ermelino Matarazzo, nos fundos da casa. Seu filho é técnico em eletrônica e mora no Rio de Janeiro. Tem três netos do filho mais velho e dois da filha caçula. A escolarização dos netos se dá em escolas privadas.

Nas duas regiões, temos os paulistas de ascendência europeia, como Botelho e Marcelo, na região dos loteamentos (1), e Carla e Márcio, na região das construtoras (3), os quais tiveram seus ascendentes ligados à imigração na época da expansão

cafeieira na virada do século XIX para o século XX. Todos vieram do contexto rural. Temos também os migrantes, que vieram do Nordeste ainda na infância como Damião, Zenilda e Cleusa. Já os outros vieram adultos como Isaías, Fernando, Jefferson e Dalila. Quanto ao processo migratório alguns vieram por vontade própria ou porque foram trazidos por seus responsáveis. A maioria veio de um contexto rural, ou do interior de São Paulo ou do interior do nordeste, com exceção de Jefferson que veio de Salvador e Cleusa da capital do Piauí.

Comparando os moradores das duas regiões, eles chegaram a Ermelino Matarazzo em datas e contextos diferentes. Os primeiros estavam ligados à industrialização da Celosul e os segundos já buscavam terrenos mais baratos na periferia, sem ter relação com a industrialização da região de várzea do distrito. Um exemplo é a Carla e Botelho. Apesar da idade avançada de ambos, Carla com 93 anos e Botelho com 84 anos, o contexto de chegada foi bem diferente. Carla, cozinheira que morava no trabalho na região da Penha, conseguiu comprar um terreno no Parque Boturussu na década de 1960 e levantou sua casa com ajuda de amigos. Botelho, que morava de aluguel na Penha, chegou ao distrito para trabalhar na Celosul em 1943, morando em Ermelino logo em seguida, diferenciando em basicamente quinze anos de instalação um do outro. Carla testemunhou o crescimento do Parque Boturussu, que na época de sua vinda, não tinha muitos vizinhos no entorno.

Os antigos moradores do Parque Boturussu, na região das construtoras, chegaram antes dos moradores das ocupações. No entanto, estes últimos tiveram sua instalação no bairro de Ermelino Matarazzo associada mais aos moradores dos loteamentos. Os moradores do Parque Boturussu, por sua vez, por serem os mais antigos, compraram seus lotes entre a década de 1960 e 1970, construindo sua casa própria. Os lotes dessa região eram bem mais baratos do que os da região dos loteamentos que já tinha mais infraestrutura. Por causa disso, puderam testemunhar a chegada de novos moradores que caracterizaram a região a partir da década de 1980. Era uma nova população que não construiu sua própria casa, como o caso de Cleusa, mas compraram-na de empreendimentos privados.

Por fim, as últimas entrevistadas da tabela eram da região das ocupações (2). A primeira a chegar foi a Dora, ainda criança com 9 anos de idade. Tinha onze irmãos que moravam em Santo Inácio, no estado da Bahia, em uma região rural. Tinha outros irmãos e tios que moravam em São Paulo, dentre eles um irmão que era operário. Este foi o responsável em mandar buscar os irmãos, assim como os pais, para virem para São Paulo. O irmão alugou uma perua para trazer a família e levaram dois meses para chegar porque o transporte quebrou várias vezes pelo caminho. Quando a família chegou, foram alocados na casa do irmão. Quando uma tia conseguiu uma casa no Jardim Belém, a família ficou morando no barraco que esta tia morava. Seus tios tinham invadido e construído o barraco onde tinham morado. Acompanhou o processo de regularização da região. Assim que chegou trabalhou como doméstica dos 9 aos 16 anos de idade. Também estudava paralelamente. Adolescente trabalhou como operária em uma firma de calçados. Teve de parar os estudos no último ano do ensino fundamental para cuidar da mãe doente. Desde então, para ter renda, trabalha como vendedora de Yakult. Casada há 17 anos, comprou uma casa na Vila Nossa Senhora Aparecida. Tem apenas uma filha que está terminando o Ensino Médio em uma escola pública.

Anita chegou a São Paulo com o esposo e três filhos. O quarto filho nasceu em São Paulo. Natural do Piauí saiu de lá juntamente com o marido para morar em Belém. Estudou até a 6ª série do antigo ginásio em sua terra natal. Seu esposo trabalhou na Mendes Junior na região do Piauí abrindo estradas até chegar a Tocantins. Depois foi trabalhar como motorista de ônibus em Belém. Motivado pelo que ouvia de São Paulo, decidiu levar a família para o Sudeste. Chegaram à casa de um cunhado em Itaim Paulista na Zona Leste da capital. Tiveram grande dificuldade em alugar um local para família até saberem de uma casa que estava sendo vendida na Santa Inês. Ficaram sabendo que era invadida, uma casa de tábuas, mas mesmo assim a compraram. Segundo ela, “era muito dinheiro pra gente pagar” pela casa. Seu marido trabalhou como motorista de ônibus em São Paulo. Ela foi dona de casa. Seus filhos estudaram em escolas públicas da região. Casaram-se. Um deles se separou e mora com ela. Tem

duas netas que estão completando o Ensino Médio, assim como o idioma Espanhol na escola estadual em que estudam. Uma delas já está trabalhando.

Zilda era trabalhadora rural em Pernambuco. Era órfã com mais dez irmãos. À medida que foram casando, ficou apenas ela de solteira. Um dos irmãos que morava em São Paulo a trouxe para a capital em 1980 quando ela tinha 28 anos. Teve muita dificuldade para conseguir emprego de doméstica naquela época. Estudou até a 3ª. Série do antigo primário, não tendo mais oportunidade de estudar aqui em São Paulo porque teve de trabalhar. Quando conseguiu um emprego no Morumbi, conheceu seu esposo e casaram-se. Moraram primeiro em um barraco até construírem uma casa de alvenaria, conforme a região se regulamentava. Quando o segundo filho chegou, ficou trabalhando como dona de casa desde então. Todos estudaram na escola pública da região. Seus filhos já estão casados e agora ela vive apenas com o esposo. Um filho é segurança e a filha é auxiliar de serviços gerais em escolas. Os dois moram na comunidade. Tem netos pequenos de cada filho.

A última entrevistada, apesar da idade avançada de 88 anos, chegou a Ermelino Matarazzo no começo da década de 1980. Helena já era casada e mãe de oito filhos quando decidiu vir para São Paulo. A morte de sua mãe foi um grande trauma particular, a ponto de ela deixar todos e tentar a vida em São Paulo. Segundo ela, viviam bem em Pernambuco, por isso não era a questão financeira que a motivara a migrar, mas sim o trauma. Chegou por um contato que tinha em São Paulo, trabalhando como empregada doméstica em uma casa de família na Zona Sul. A patroa compadecida da história ajudou o marido de Helena vir para São Paulo. Ele trabalhou em indústrias. Com a morte do marido, ficou em uma situação difícil, até que conseguiu uma casa na comunidade Nossa Senhora Aparecida por intervenção de liderança que se compadeciu de sua necessidade. Desde então, mora lá há 30 anos com uma das filhas.

As entrevistadas da região das ocupações vieram para Ermelino Matarazzo, pois tiveram o contato de algum parente ou conhecido em São Paulo, com exceção de Helena. Chegaram um pouco mais tarde, a partir da década de 1970. As condições de

trabalho para migrantes já tinha se modificado, sendo mais difícil conseguir emprego, assim como comprar lotes como aconteceu com os moradores da região do Jardim Matarazzo, Jardim Belém e Parque Boturussu.

De forma geral, esta pequena amostra identifica o distrito como uma localização popular em que trabalhadores se deslocaram para ter sua casa própria. Na região dos loteamentos foi possível encontrar mais descendentes de imigrantes entre os mais antigos moradores do que as outras regiões. A instalação da indústria Celosul em 1941 foi um marco que permitiu uma nova configuração na região com novos moradores que foram morar em seu entorno. Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista, mais ao leste, faziam parte de uma franja recente na cidade naquela década. Por outro lado, os distritos mais ao oeste, como Penha, Brás e Mooca já eram periferias reconhecidas na cartografia da cidade. Diante dos dados destes entrevistados é possível discutir um pouco mais sobre a formação da periferia leste imigrante e migrante em uma das suas fronteiras: Ermelino Matarazzo.

2.3 Entre Imigrantes e Migrantes

A constituição da periferia leste no capítulo anterior discorreu sobre o encontro entre imigrantes e migrantes nesta localidade de São Paulo. Retomando a discussão do capítulo 1, estudos recentes sobre a migração interna, especialmente de nordestinos que se instalaram na região leste da cidade, visam destrinchar melhor como o processo se deu. Por exemplo, Paiva (2004) e Fontes (2008) destacam o papel dos agenciadores que traziam pessoas do nordeste para São Paulo pelos caminhões denominados paus-de-arara e como os próprios nordestinos foram criando uma rede familiar que caracterizou a migração interna daquele período. Este processo imbricado de migração incentivada e migração em rede pode ser constatado nos entrevistados nordestinos que chegaram a Ermelino Matarazzo. Como foi o caso do Fernando que deixou a Bahia em 1954, com 16 anos:

Havia uma fazenda lá no Vale do Ribeira, litoral sul, que precisava de gente para trabalhar. Então, eles tinham uns funcionários que eram da Bahia. Então perguntaram para ele se seria fácil trazer gente de lá pra trabalhar aqui. Aí eles foram para lá, alugaram um caminhão, isso lá na Bahia. Ficaram lá uns dias enquanto recrutavam gente pra trazer. Então, aí nesse meio, me falaram que tinha essa lotação que viria pra São Paulo pra trabalhar nessa fazenda, não precisava pagar nada, passagem se pagava quando chegasse aqui trabalhando.

A experiência de Fernando retrata o processo descrito por Paiva (2004), assim como remonta a história de São Paulo. A necessidade de trabalhadores rurais fez com que os donos de fazenda trouxessem vários trabalhadores do Nordeste a partir do agenciamento. Aos 18 anos, Fernando voltou para Bahia para se alistar, assim como para rever a família. Quando voltou trouxe seu irmão para trabalhar em seu lugar no Vale do Ribeira, enquanto ele ficou em São Paulo para tentar algo diferente:

Aliás, quando eu vim de lá, quando eu fui me alistar que eu vim, nessa altura eu trouxe o meu irmão. Só que meu irmão foi lá pro litoral, pro Vale do Ribeira, porque lá eu já tinha conhecimento. Lá, ele já ia trabalhar com certeza, só que serviço pesado, mas tinha serviço lá. E eu fiquei aqui, porque não sei o que vou arrumar aqui.

Ele foi o “cabeça” da rede, vindo pelo agenciamento descrito por Paiva (2004), enquanto seu irmão já veio em uma situação com melhor conhecimento, de forma espontânea, motivada pelo irmão, pelo processo de rede, segundo descreve Fontes (2008). Conforme o autor:

Os migrantes rurais nordestinos não foram apenas reflexos de forças econômicas determinadas externamente, embora estivessem imersos nelas. Eles foram também agentes do seu próprio movimento e dessa forma, através de estratégias diversas, contribuíram na moldagem do processo migratório. (Fontes, 2008, p. 54)

Outro entrevistado, o Isaías, mesmo chegando antes de Fernando em São Paulo, em 1947, veio pelo processo de rede, segundo descreve Fontes, pois seu irmão o chamou para vir trabalhar no Sudeste. Este parente do entrevistado, por sua vez, saiu de Pernambuco, como relata Paiva, pela migração incentivada por agenciadores para trabalhar em São Paulo, como atesta Isaías:

Pessoas daqui iam para o Nordeste pegar pessoas que queriam vir aqui para São Paulo, trabalhar aqui. E o meu irmão novinho quis vir assim nesse ponto. Como vinha muita gente, vinha de navio mesmo, de navio, e ele veio assim. Ficou um período muito grande sem nós termos notícias dele, ele não escrevia pra gente, ficava um bando de tempo. Depois com muitos anos, eu já era alfaiate, foi que ele escreveu lá pra minha mãe, dando notícia deles e tudo. Ficou sabendo que eu era alfaiate e mandou dizer também que aqui em São Paulo era muito bom para alfaiate. Foi quando eu interessei, eu já tinha alfaiataria lá em Garanhões [Pernambuco]. Foi quando eu vendi a alfaiataria e vim aqui pra São Paulo, foi nesse período.

Diferenciar estes dois processos, a migração incentivada e a migração em rede, é importante para entender sua relação com a invenção do Nordeste na cidade de São Paulo como foi descrito no capítulo 1. O processo de agenciamento fez com que a migração interna crescesse de forma intensa, sem que as autoridades paulistas tivessem o controle do processo. A partir de então, foi se criando a ideia da migração apenas como fuga da pobreza, esvaziando o catalizador do processo. O imaginário do nordeste no sudeste é cheio de representações simbólicas que hierarquizam estes agentes na cidade.

Esta informação de incentivo à migração é importante para entender como tem se construído esta representação do nordestino em São Paulo. Esta informação tem sido ocultada historicamente e tem se perpetuado a ideia de que somente a pobreza em que se encontravam era a força motivadora da gênese desta migração. No entanto, as necessidades econômicas dos cafeicultores em crise incentivaram a vinda de nordestinos e mineiros, os quais encontraram no sudeste uma oportunidade para reconstruir suas vidas em um novo contexto, visto que a escassez era sim presente em seus locais de origem.

A força da representação ou de classificações como negro e nordestino está no campo prático, mas tem como base um arcabouço simbólico, que incidem sobre as questões objetivas nas quais os indivíduos interagem na sociedade. Como desenvolve Bourdieu, “classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de *efeitos sociais*” (Bourdieu, 2008, p.107). Assim, esta forma de classificação social, nordestinos pobres, que moram como escravos, também

estão ligados às representações mentais, ou seja, categorias de pensamento expressas em suas apreciações e, especialmente, na maneira como os agentes se veem dentro desse universo:

Sendo assim, não havendo nenhum sujeito social capaz de ignorá-lo praticamente, as propriedades (objetivamente) simbólicas, mesmo as mais negativas, podem ser utilizadas estrategicamente em função tanto de interesses materiais como dos interesses simbólicos de seu portador (Bourdieu, 2008, p. 108).

Essas representações mentais são comunicáveis e sua ação se dá por via do discurso performativo⁶⁵, isto é, que se transforma em ação. Em outras palavras, quando alguém chama alguém de “nordestino” em São Paulo pode não estar comunicando uma condição e sim uma depreciação, tornando esse chamamento um ato de fala, um performativo no qual estão embutidos os simbolismos do termo. Esta depreciação se dá pela comunicabilidade. Para Silva (2012), a comunicabilidade se dá projetando aos interlocutores uma posição específica, uma história que se deseja contar ou propagar; tendo utilidade para uma construção ideológica e pragmática. Para o autor, “a própria história do Nordeste revela a construção de cartografias comunicáveis em que a região desponta como metonímia do passado e da morte, traços de que os discursos modernos de São Paulo e do Sudeste querem se distanciar” (Silva, 2012, p.119).

Estas representações mentais que estão nos discursos tornam-se ações práticas que ao longo do tempo podem criar vários desdobramentos. A própria denominação “baiano”, que significa uma condição de nascimento, tornou-se um xingamento na cidade em decorrência desse processo social. É o que Silva (2012) conceitua de a “pragmática da violência” na constituição das identidades e subjetividades dos nordestinos. Na conceituação de Bourdieu é a “violência simbólica” que está a serviço de uma luta de classe que se utiliza “de comunicação e de conhecimentos de ‘sistemas simbólicos’ [que] cumprem a sua função política de instrumento de imposição ou de

⁶⁵ O conceito de performativo dos atos de fala foi desenvolvido pelo filósofo inglês Austin. Poderia ser entendido como a capacidade da linguagem ordinária de ser instrumento poderoso; o performativo refere-se a capacidade de se “fazer coisas com as palavras” segundo Austin (cf.: Rajagopalan 1996)

legitimação da dominação, que contribuem para assegurar a dominação de uma classe sobre outra (violência simbólica)” (Bourdieu, 2010, p.11).

Segundo Fontes (2008), algumas estratégias por parte da mídia ou do governo foram usadas como comparar a vinda dos nordestinos ao tráfico negreiro, combatido historicamente de forma simbólica. O autor associa a comparação por parte das autoridades e da mídia às péssimas condições na viagem. No entanto, a diáspora africana aconteceu sem o consentimento de povos que eram trazidos de forma forçada e no caso da migração havia o consentimento dessas pessoas que tinham um objetivo no processo e um papel ativo. Como aconteceu com Dora que chegou a Ermelino Matarazzo aos 13 anos de idade porque seu irmão já estava instalado na cidade:

Eu morava em Santana de Inácio no estado da Bahia. Aí meus irmãos moravam aqui, os meus tios moravam aqui. Aí meu irmão mandou buscar a gente. Como eram treze irmãos, ele mandou uma perua. Que a perua quebrou no caminho, nós ficamos em várias cidades de lá pra cá. Levamos dois meses pra chegar aqui em São Paulo. (...) Aí quando nós viemos, fomos morar na casa da minha tia no Jardim Belém.

Na entrevista, perguntei a Dora porque o irmão mandou buscá-la da Bahia e a resposta foi a seguinte:

Porque a situação de lá era assim: ou você trabalha pra comer ou você não trabalha, porque não tem como. O meu irmão trouxe nós porque ele já estava aqui. Aí ele trouxe, mandou uma perua buscar. Minha tia que foi buscar de perua. Nós levamos dois meses pra chegar porque a perua quebrava no caminho e a gente era obrigado a ficar nas cidades onde a perua quebrava. Às vezes quebrava no meio do mato. Foram dois meses pra chegar aqui em São Paulo. Nós chegamos aqui e pensava que nem ia chegar mais. Porque nós passamos boa no caminho até chegar aqui.

Mesmo com tamanha dificuldade, quando chegavam de forma espontânea, mesmo em condições precárias, eles não vieram obrigados como na diáspora, em que africanos foram arrancados de sua terra natal, em um contexto de escravidão. Eles vieram com uma esperança de melhores condições de vida. Por isso, acredito que a comparação está mais relacionada com a invenção do nordeste e o que Paiva (2004)

chamou de ideia negativa do nordeste. Em outras palavras, associar os migrantes aos negros africanos pode ser o reforço de aspecto negativo a partir de uma representação social com um fim social de controle dessa nova população que chegava a São Paulo.

Em algumas entrevistas o tema representação de nordestinos na cidade de São Paulo foi tocado. Ao se falar sobre preconceito, alguns responderam em tom de brincadeira dizendo que havia muita piada com “nortista”, especialmente baiano. Jefferson e Fernando fizeram menção a isso desta forma. Uma das entrevistadas, a Dalila, que é negra, também como seu esposo Jefferson, falou um pouco mais sobre a questão racial depois de certa insistência em relação ao preconceito sofrido por ela especificamente⁶⁶. Fernando e Jefferson relataram as brincadeiras com baiano, deixando a entender que isso não foi um problema para eles. No entanto, durante a entrevista com Fernando, sua esposa que permaneceu calada a maior parte do tempo, quando se tocou neste assunto, interferiu na entrevista dizendo “falava, falava muito mal de baiano”. Esta interferência foi bem significativa visto a passividade dela diante dos outros assuntos. Este assunto a mobilizou a participar, mesmo que de forma rápida. Ela disse que não se importava. Perguntei o que falavam sobre baiano e ela disse: “baiano é burro, não sabe nada, veio da Bahia”. Diante dessa interferência, Fernando contou o seguinte logo após frase de sua esposa, explicando que se tratava de piada:

Não era só isso, falava que baiano não era gente. Aí saiu uma piada que dizia que baiano só é gente no banheiro porque você bate lá e ele fala: “tem gente” [risos]. É cada piada gozada. Que mais? Baiano não morre, desaparece. E tudo essas coisas aí [risos]. Agora acabou isso aí. Ah, tinha piada do norte que eu nem lembro, tinha um monte. Aí o próprio pessoal daqui foi percebendo que não era todo mundo baiano. Pernambucano, mineiro não, fala diferente, mas nortista é quase tudo igual, bem parecido um com outro, pouca diferença.

Este é um exemplo de violência simbólica em que se admite a violência, que não se dá de forma física, como uma piada. O interessante é que somente as mulheres

⁶⁶ Ela relatou o seguinte quando eu perguntei se ela tinha sofrido preconceito: “quando eu fui trabalhar em casa de família, uma vez minha patroa falou assim: eu vou lhe pegar porque você não é negra, e você está bem arrumada. Eu falei, mas eu sou negra. Aí ela falou mas não é tão preta. Aí acertei tudo, mas naquele dia eu não fui, né, então tem sim, tem, tem muito”

admitiram o preconceito de forma abertamente, enquanto seus esposos levaram o caso na brincadeira. O entrevistado Fernando tocou em alguns aspectos de como se dá essa comunicação da violência em São Paulo contra os nordestinos: através da homogeneização: todo nordestino é igual, é baiano, mesmo com todas as diferenças existentes nos diferentes estados que constituem o nordeste. Outro ponto é considerar o nordestino burro ou ignorante⁶⁷.

Estas representações podem influenciar como os nordestinos se veem na cidade e no contexto de trabalho. No caso de Ermelino Matarazzo, na industrialização local, houve o encontro entre imigrantes e migrantes. Uma frase de Fernando sobre essa relação de nordestino e estrangeiro no serviço industrial pareceu emblemática:

Naquela época também tinha muito estrangeiro, eles se deram melhor porque tinham mais capricho. Tem uns conterrâneos que estudaram, mas outros até hoje caíram na bebida.

O Fernando veio de um contexto rural com pouca escolarização. Para ele, o estrangeiro possuía o dom de ter “mais capricho”.⁶⁸ Ter mais capricho no contexto era ter mais formação escolar e cultural e, conseqüentemente, melhor oportunidade de trabalho em uma indústria que destinava os cargos de gerência e de direção aos estrangeiros. A formação escolar ou não, resultado de uma história objetiva, é percebida por Fernando como uma característica pessoal, “ter capricho”.

Por outro lado, outro entrevistado, o Botelho, antigo morador, trabalhador da indústria Matarazzo como Fernando, mas descendente de espanhol, que trabalhou em área de chefia, confirma o grande número de estrangeiro da indústria:

⁶⁷ Esta visão é tão contundente que na eleição para presidente da República quando Dilma Rouseff foi indicada vencedora em outubro de 2010, uma estudante de direito paulistana casou polêmica nas redes sociais ao escrever “Nordestino (sic) não é gente, faça um favor a SP, mate um nordestino afogado!” (Silva, 2010). Em um artigo em que Daniel Silva analisa os textos de jornais do sudeste e a repercussão da fala da estudante, que foi indiciada pela a Ordem dos Advogados do Brasil seção Pernambuco, o autor reafirma “que a injúria que fere os nordestinos é atual e circula. O dito injurioso provoca o seu próprio tipo de violência. Essa violência pode funcionar nos termos da violência física, como é o caso, por exemplo, da invectiva racial” (Silva, 2010).

⁶⁸ Ver Bourdieu (1998). Este estudo mostra que as desigualdades escolares não se referem ao dom e sim as diferenças de capitais culturais de cada estudante segundo sua classe social.

Na fabrica do Matarazzo tinha muito italiano e espanhol e eu acabei conhecendo, falando um pouquinho mais de italiano do que espanhol. Se me forçar a falar espanhol, eu vou ter que me esforçar um pouco, italiano eu já falo com facilidade porque o grupo de pessoas que estavam lá na fabrica de Matarazzo, era mais italiano do que outra coisa, depois com o tempo foi acabando, foi entrando outras pessoas.

Tentando entender um pouco mais o processo da constituição do distrito com esse entrevistado, ele disse o seguinte:

De principio, nós tínhamos moradores na vila de cá, que foi construída em 1941, pessoas normais. Eu digo normais assim, pessoas que o Matarazzo indicou para morarem aqui, os primeiros moradores da fábrica viviam aqui.

Mateus, descendente de italiano, que chegou a Ermelino Matarazzo com o pai alfaiate e trabalhou no comércio local definiu da seguinte forma a chegada dos primeiros trabalhadores da fábrica local:

Ele resgatava do interior porque o pessoal que trabalhava no café, a maioria era italiano. Então ele resgatava o trabalhador da roça para trazer para trabalhar. Agora, por exemplo, o engenheiro, as pessoas mais qualificadas ele trazia de fora, trazia da Itália, trazia dos Estados Unidos, ele contratava lá e trazia para cá. A mão de obra mais rala ele trazia dos interiores, trazia do nordeste.

Segundo este entrevistado, dentre os primeiros trabalhadores trazidos pela indústria Matarazzo tinham os que vinham tanto do interior quanto do nordeste. Em sua visão sobre os nordestinos e paulistas da roça, “a mão de obra mais rala” vinha para ocupar os postos mais baixos na indústria. A desqualificação do nordestino aparece pela homogeneização, isto é, todos são “bairanos”:

Trouxe tanto nordestino para São Miguel que São Miguel ficou famoso com o nome de segunda Bahia. Tudo que chegava ali era baiano. Era do nordeste todo, cearense, pernambucano, chega em São Miguel era baiano.

Generalizar ou homogeneizar os nordestinos trata-se de um tipo de violência simbólica na qual os agentes estão submetidos à visão imposta de desvalorização, por quem tem o poder de assim nomeá-la. Está em questão a imposição da legitimidade

social de um grupo em detrimento do outro, no caso a valorização dos descendentes de europeus e a desvalorização dos migrantes do nordeste. Um exemplo emblemático ocorreu quando conversava com um morador de Ermelino Matarazzo. Ele ao justificar a escolha do supermercado de sua preferência, disse o seguinte: “Não gosto de comprar no Extra São Miguel porque lá é muito bagunçado. Tem uma baianada lá. Prefiro ir à Penha”⁶⁹. O termo “baianada” exemplifica a construção do preconceito do nordestino, o qual é associado a pessoas de baixa renda. Percebe-se também a baixa valoração socioespacial de São Miguel Paulista pelo capital simbólico que envolve a região no que diz respeito à migração interna. Assim, “baianada” é uma ressignificação do que é ser nordestino em São Paulo em um novo contexto ofensivo⁷⁰.

Estudar um distrito que recebeu estas duas figurações tornou-se interessante também para verificar a diferença de inserção de migrantes nordestinos ao longo do tempo. Os primeiros puderam comprar terrenos e autoconstruir suas moradias a partir dos anos de 1940. Com o passar das décadas, migrantes com capital cultural semelhante já não tinham as mesmas condições que os primeiros ao se instalarem no distrito, passando pelo processo da formação das primeiras favelas. Faz-se necessário um interstício para analisar as diferenças do tempo de chegada daqueles oriundos do nordeste e os processos que testemunharam na próxima seção, como contribuição do estudo de um microcosmo que recebeu em diferentes décadas migrantes nordestinos.

2.4 Migração em três tempos

⁶⁹ Não há hipermercado Extra em Ermelino Matarazzo. O mais próximo fica em São Miguel e o mais distante fica próximo ao parque linear Tiquatira, região da Penha. Ambos os estabelecimentos ficam na Avenida São Miguel, que liga os dois distritos, passando por Ermelino Matarazzo. Como os dois hipermercados são organizados de forma parecida e praticam os mesmos preços na cidade, a diferença entre eles está na localização e nas pessoas que frequentam o estabelecimento. O de São Miguel fica ao lado de um conjunto habitacional do CDHU (Companhia de Desenvolvimento Habitacional e Urbano do Estado de São Paulo - empresa do Governo Estadual, vinculada à Secretaria da Habitação) e o da Penha perto do parque do Tiquatira, com casas regulares e condomínios verticais.

⁷⁰ A relação se dá pelo que Silva (2012) denomina da iterabilidade da ofensa. O autor retoma a ideia da iterabilidade de Derrida que pode ser entendido como a possibilidade de rompimento do sentido original do signo tomando outro contexto e o princípio de ressignificação da ofensa em que “a fala ofensiva pode ser retornada sob uma diferente forma ao ofensor” (Silva, 2012, p.67). A questão racial dos migrantes é terreno ainda mais complexo pela forma como o racismo é encarado no Brasil, como não existente. O racismo colonial cuja sustentação esteve na aproximação e dominação, o qual no Brasil foi herdado da apropriação da cultura europeia (Munanga, 1990) torna a questão mais camuflada para ser discutida se comparada ao racismo de segregação como no *apartheid*.

Estudos sobre migrantes originários do nordeste apontam algumas características sobre o capital cultural destes agentes. Dados de 2009, sobre a inserção de migrantes de diferentes naturalidades na região metropolitana de São Paulo, apontam que os nordestinos, especialmente baianos, são os menos escolarizados. A maioria dos baianos não completou o ensino fundamental e a tendência é ocupar postos domésticos. Já os cearenses são os que menos se inserem neste tipo de ocupação. Há uma pequena porcentagem de nordestinos com alta renda. A pesquisa conclui que “os migrantes nordestinos encontram menores possibilidades de boa inserção” (Araújo & Codes, 2012, p.36).

A situação atual destes migrantes é o que Cabanes denomina de “proletários em meio à tormenta neoliberal” em que os postos de trabalhos se precarizaram ainda mais no século XXI, pela guinada neoliberal que se deu no contexto brasileiro. Tal guinada foi caracterizada pelas privatizações, subcontratações de trabalhadores e por um mercado de trabalho desregulamentado (Cabanes, 2011)⁷¹. Entrevistar antigos moradores e moradoras de Ermelino Matarazzo permitiu concordar com os dados atuais de como eles chegavam a São Paulo, com pouca escolaridade, em postos de trabalhos menos remunerados. No entanto, os que chegaram mais cedo, até meados do século XX, tiveram uma inserção diferente dos que vieram mais recentemente, no final do século XX. Isto sugere que as condições materiais com que chegaram à cidade não foram tão determinantes quanto os fatores sociais externos que foram se modificando ao longo do tempo, levando tais migrantes cada vez mais para a precarização (Cabanes, 2011). Pode-se também apontar como possível explicação para o retorno apontado pelos demógrafos no século XXI (Oliveira & Jannuzzi, 2005; Baeninger, 2011).

⁷¹ O autor afirma que essa guinada se intensificou no governo de Fernando Henrique Cardoso. Em decorrência deste processo social, Ludmila Abílio (2011), alerta para o deslocamento da questão estrutural da pobreza, negando-a como questão política, para uma questão de gestão de um público “focalizável” gerido nos moldes do mercado que ela denomina de “mercado da cidadania”. A autora chega a esta conclusão analisando programas municipais na gestão da ex-prefeita Marta Suplicy do Partido dos Trabalhadores (PT) para desempregados e pessoas de baixa renda, demonstrando de forma contundente, que os pobres do passado tornaram-se um “público-alvo” para serem atendidos por programas de inserção social pelo governo. De forma semelhante, uma nova pauta no empresariado no Brasil são práticas de responsabilidade social dando um novo sentido político para pobreza como um problema de gestão que nas palavras de Tatiana Maranhão é deslocar “os direitos sociais como serviços” (Maranhão, 2011, p.247) da iniciativa privada.

Outro estudo sobre migração questiona posicionamentos epistemológicos por parte dos pesquisadores que avaliam a experiência do migrante de forma marcada pela idealização, privação e essencialismo ao utilizar noções como “perda de identidade” e “desenraizamento” ao tratar a questão do nordestino (Penna, 1998, pp. 89-112). O essencialismo pode ser entendido como condicionar as dificuldades de inserção no novo ambiente ao próprio migrante, atribuindo tal responsabilidade às suas condições materiais, que nesta pesquisa, entende-se por seu capital cultural. Outro problema, segundo a autora, é tomar a noção de identidade social do senso comum, sem reconhecer as diversas possibilidades de identidades calcadas nas questões de reconhecimento dentro de um contexto social. É atentar para questão teórica de como o migrante se vê ou se constrói. Em seu trabalho, Penna toma o discurso desses migrantes como uma (re)elaboração dos fatos e não, necessariamente, como eles se deram. Para ela, “a linguagem não apenas *expressa* a experiência, mas antes a *constitui*, pois é através dela que o migrante constrói uma representação da própria vida, dando-lhe significado” (Penna, 1998, p. 90). Penna propõe um novo olhar analítico para a migração, a partir de novas representações que os próprios migrantes constroem. “Migrar, em suma, para não se conformar” (Penna, 1998, p.105). Assim, “a migração acarreta mudanças radicais no modo de vida, no nível do trabalho, da inserção comunitária – notadamente na passagem de um ambiente rural ao urbano -, no acesso a bens materiais e simbólicos.” (Penna, 1998, p.108).

Retomar a (re)elaboração dos fatos pela memória dos moradores e moradoras de Ermelino Matarazzo é compreender de forma mais aprofundada como se deu o percurso no passado dos fenômenos acima relatados. A história de cada um pode ser representativa de um período de migração, pois no distrito é possível encontrar histórias semelhantes entre seus pares. O intuito não é aprofundar esta discussão, mas apresentá-la para que futuros estudos qualitativos sobre a migração nordestina levem em questão o período de chegada e a inserção em São Paulo. Para efeito de comparação foram escolhidos três migrantes de cada região que chegaram com pouca instrução e solteiros a São Paulo, vindo a casar-se no sudeste com filhos cuja escolarização foi feita na região: Fernando, Dalila e Zilda.

Tabela 8: Migração em três tempos

	Fernando Região dos Loteamentos	Dalila Região das Construtoras	Zilda Região das Ocupações
Naturalidade	Bahia	Bahia	Pernambuco
Idade de Saída	16 anos	16 anos	28 anos
Escolaridade de saída	2º ano do antigo primário	Analfabeta	Analfabeta
Ano de chegada em SP	1954	1964	1980
Ocupação Chegada	Ajudante de pedreiro construção civil	Doméstica Casa de família	Doméstica Casa de Família
Ano de casamento	Aprox. 1972	1972	Aprox. 1982
Escolaridade/ Profissão Cônjuge	Alfabetizada/ dona de casa	1º ano do ginásio/ Eletricista	Analfabeto/ não relatado
Ano da Casa própria	Aprox. 1970	1972	1982
Escolarização/Profissão Filho 1	Fundamental Incompleto/ Operária	Ensino Médio/ Gerente Geral Drograria	Ensino Médio/ Segurança em Escola Privada
Escolarização/Profissão Filho 2	Advogado/ funcionário Público Judiciário	Ensino Médio/ Recepcionista contratado Prefeitura	Ensino Médio/ Auxiliar Geral em Escola
Escolarização/Profissão Filho 3	Engenheiro/ gerente em indústria	Psicóloga/Funcionária Pública Fundação Casa	

Partindo da ideia de entender a migração a partir da (re)elaboração dos fatos pelos próprios agentes, analisando especificamente a trajetória de Fernando em São Paulo, é possível notar como ele foi acumulando um novo capital cultural no contexto da cidade. De certa forma, a história dos migrantes nordestinos que chegaram adultos nas três regiões indica o rompimento caracterizado por não desejar perpetuar a história dos pais, tanto de exclusão material quanto afetiva. Fernando saiu do interior da Bahia, de ambiente rural, estudou na roça o equivalente ao 2º ano primário em suas palavras, e seu motivo de saída foi o seguinte no ano de 1954 aproximadamente:

Eu ainda era de menor. Como minha mãe faleceu cedo demais, eu morava com minha tia, ela me incentivou pra vir pra cá. Meu pai não gostaria que eu viesse, mas ele não tinha outra alternativa, um plano B pra mim lá. Queria alguma coisa que eu pudesse aprender que tivesse um pequeno futuro. Eu tinha 16 anos, trabalhava na roça.

Na experiência de Dalila seus irmãos foram os primeiros a migrar. Ela chegou a São Paulo em 1964, dez anos depois de Fernando, por causa de um acidente familiar:

Nós somos de uma família de doze irmãos: oito mulheres e quatro homens. Meu pai se separou da minha mãe e deixaram os doze filhos pra ela criar. Aí minha irmã mais velha, que chama Dalva, veio pra cá. Aí foi trazendo uma por uma pra cá. Primeiro veio os mais velhos. Depois o meu irmão, mais ou menos assim quando tinha 18 anos sofreu um acidente, ele quebrou a coluna. Nisso minha mãe e eu, que era caçula, viemos de São Paulo, do Norte.

A vinda para São Paulo veio motivada pela intenção de mobilidade social como explicitamente Fernando relatou. Já no caso de Dalila, que chegou por causa do acidente do irmão, este desejo também era real. A história de seus pais foi relatada como exemplo do que era o não desejo, ou nas palavras de Penna (1998), a migração como não conformação. Foi a tentativa de algo diferente do seu lugar de origem. O rompimento já estava feito para que a migração acontecesse como Dalila relata:

Eu não tive estudo. Meu pai era separado e falava que quem estudava naquela época era vagabunda, os piores nomes. Aqui em SP, eu fazia bico à noite, de dia eu trabalhava na casa de família e, à noite, eu ia servir outras casas pra mim ganhar um dinheiro e mandar pra minha mãe que não tinha quem sustentasse. Eu falava, eu não quero isso pra mim, eu vou lutar, eu vou melhorar, eu vou correr atrás, eu não posso ter pena de mim, não é porque meu pai era um alcoólatra, minha mãe era alcoólatra, a gente nem sabia o que era pai nem mãe.

De certa forma, Dalila supera o que seu pai pensava sobre a educação de mulheres e estuda o básico em São Paulo. Ela vê no trabalho a oportunidade de conseguir o bem material que lhe é mais caro, uma casa própria, e o bem simbólico para seus filhos, a educação:

Meu objetivo era ter alguma coisa a mais, eu queria ter uma casa, uma sala, o quarto dos meus filhos, bem arrumadinho, direitinho, como pobre. Queria que minha filha estudasse. Eu não queria o que eu passei, na casa dos outros, eu não queria que nenhum dos meus três filhos passassem. Eu queria que todos estudassem.

Zilda também saiu por influência dos irmãos como no caso de Dalila. No entanto, ela chegou a São Paulo na década de 1980, quatorze anos depois de Dalila.

Meu irmão me trouxe porque eu fiquei sem pai, sem mãe. Éramos onze irmãos que ficamos sem pai, sem mãe. Foram casando, casando, ficou eu de solteira, aí meu irmão me trouxe pra aqui. Eu vim morar com meus irmãos casados. Cheguei aqui era barraco de tábuas.

Tanto Fernando quanto Dalila disseram que trabalharam em diferentes postos desde que chegaram à capital. Ele trabalhou primeiramente como ajudante na construção civil, depois ajudante de motorista. Fernando continuou estudando e se inserindo nas indústrias. Dalila começou em casa de família, trabalhando em postos de serviços de limpeza ou ajudante geral em locais domésticos ou privados. Nas palavras de Kowarick e Marques: “No momento de mais intenso crescimento da metrópole, tiveram ocasião de trabalhar de forma contínua, com muitas horas extras, pois, até pelo menos 1980, empregos não faltavam nas indústrias ou vários ramos do setor terciário” (Kowarick & Marques, 2011, p.10). Fernando e Dalila moraram muitas vezes no seu trabalho e mais tarde em pensões, como no caso de Fernando. Já Zilda veio em um contexto diferente, tanto de trabalho quanto de moradia:

Minha irmã morava aqui, uma amiga e um irmão, o meu cunhado e minha cunhada. Foi aí que eu vim morar com eles. Fiquei muito tempo morando com eles. Teve uma vez, foi uma coisa engraçada. Pra mim foi! Porque eu cheguei aqui ninguém me queria pra trabalhar porque a gente por honesta que for, paga pelos erros dos outros, ninguém me queria pra trabalhar. As minhas irmãs, as minhas cunhadas que eu vim morar com elas me levava pra casa das pessoas e dizia: eu conheço você, mas não conheço ela, não vou querer pra trabalhar. E quando eu vim do norte, quando a gente vem do norte não traz nada. Traz apenas quatro pecinhas de roupa, foi o que eu trouxe. Chegou aqui, a mala pegou fogo, queimou minhas roupas tudinho. Aí minha irmã começou a chorar. Como era barraco de tábuas, as crianças dela acenderam uma vela e um pedacinho da minha malinha que eu trouxe desse tamanho e foram no banheiro. Quando voltaram era fogo, tinha queimado minha mala todinha. A minha irmã começou a chorar, chorar: ah porque você não tem nada e o que tinha o fogo queimou. Eu disse eu viro logo índia, [risos] ninguém quer me dar trabalho lá fora, viro logo índia.

Pelo relato de Zilda, a precariedade material com que ela chegou a São Paulo pode ser vista pelos poucos pertences pessoais. Ela nunca tinha estudado no ambiente rural em que vivia em Pernambuco. Seu destino era a casa da irmã, em barraco de tábuas sem luz elétrica, em que conviviam ela, o cunhado, as crianças, o irmão e uma amiga na Comunidade Santa Inês. Nos anos de 1980, ela já não teve a mesma facilidade em conseguir um posto de trabalho como doméstica como as mulheres de sua convivência, muito menos a possibilidade de morar no emprego como Dalila fez várias vezes. Mesmo assim, a experiência de migração para Zilda também foi de mobilidade em se apropriar de bens culturais outrora desconhecidos:

Porque quando a gente chega do Norte, é aqui que a gente vem abrir o olho. Por sabido que você seja no Norte, se você não é de lá, por muito que você sabe no Norte, parece que aqui em São Paulo é um livro aberto. Aqui quem não sabe ler aprende. Porque meu esposo quando chegou aqui, ele sempre fez jogo da lotérica, sempre gostou de fazer um joguinho, mas ele não conhecia número, quando ele chegou aqui, que já tá pegando 40 anos que ele tá aqui, ele pega ônibus melhor do que eu, metrô pra qualquer lugar, ônibus bem longe. Aí a gente aprende.

Mais tarde conseguiu trabalhar como doméstica em uma casa no bairro do Morumbi. Em menos de um ano, conheceu seu esposo em Ermelino Matarazzo. Assim como ela, seu marido era nordestino e analfabeto. Pelo seu relato, a compra de sua “casa própria” foi assim:

Meu esposo comprou um pedacinho de chão e fez um barraquinho e foi construindo, aí fez a casa. Mas comprou um pedacinho de chão, uma casinha de madeira.

No período de compra do terreno, na década de 1980, já não era possível apenas “invadir” um espaço na antiga Favela Santa Inês, era preciso comprar. Assim, o casal foi construindo sua casa enquanto a favela se regularizava, recebendo melhorias de infraestrutura nos anos seguintes. A experiência de compra de Fernando e Dalila já se deu de forma diferente. Puderam de certa forma se “programar” para construir sua casa. Na década de 1960, Fernando informou que os terrenos na região do Jardim Matarazzo eram os mais caros da região. Por este motivo, ele comprou o seu na região do Jardim Belém, um pouco mais distante da estação do trem e da fábrica dos

Matarazzo. Ele informou também que era um processo demorado, de longo prazo para pagar o terreno:

Eu saí do Matarazzo e a indenização que eu peguei de lá, eu comprei um terreno que tem aqui atrás. Naquela época se comprava terreno em 10 anos, era 10 anos o prazo, não passava de 10 anos, comprava um terreno pra se pagar em 10 anos. Era imobiliária normal, igual hoje, só que aqui tinha uma imobiliária perto da estação (...). Eu comprei esse terreno e aí eu construí, quando casei já tinha construído casa. Eu chamei meu irmão [pra construir], meu irmão já estava aqui [em São Paulo]. Eu busquei ele lá no interior. Ele entendia de pedreiro, começou a trabalhar aqui também em construção civil. Ele veio, começou, mas não deu tempo dele terminar. Eu chamei, empreitei para outra pessoa que terminou a casa.

Fernando construiu sua propriedade com a ajuda do irmão. Sua casa não teve planta oficial, fizeram de acordo com o conhecimento do irmão e, mais tarde, com o mestre de obra contratado. A autoconstrução é, nas palavras de Kowarick, “uma alquimia que serve para reproduzir a força de trabalho a baixos custos para o capital, constitui-se num elemento que acirra ainda mais a dilapidação daqueles que só tem energia física para oferecer a um sistema econômico” (Kowarick, 1993, p.65). Dito de outro modo, ela é um processo longo, que se utiliza das redes que a pessoa tem. É necessário utilizar-se do tempo de folga do trabalhador para ser realizada. Outra questão é que depende da capacidade do proprietário de poupar para injetar os recursos para a construção. Um dos caminhos para conseguir os recursos para compra de terrenos era por meio de indenização. Antes de se decretar o Fundo de Garantia por Tempo de Serviço, o FGTS, que aconteceu em 1966 (BRASIL, 1990), o funcionário ganhava estabilidade após 10 anos trabalhados. Por isso, Fernando negociou sua demissão para receber a indenização. Esse dinheiro permitiu que ele desse entrada em um terreno, tendo ainda outros dez anos para terminar de pagar, além de custear a construção da casa.

De maneira semelhante Dalila comprou seu terreno com a ajuda do esposo Jefferson. Ele morava na mesma região que Fernando, nos loteamentos. Provavelmente compraram o terreno em 1965 concluindo a obra de construção em

1972. Dalila ajudava a pagar as prestações, mas a entrada foi dada por uma indenização que Jefferson havia recebido em uma das indústrias que trabalhou:

Eu comprei o meu terreno, nós dois compramos. Tem quarenta anos que eu comprei aqui. Era tudo mato, mato, mato! Não tinha água, era água de poço, a rua tudo de terra. Ele morava aqui em Ermelino. Ele foi numa imobiliária e viu que estava vendendo. Aí juntou nós dois e compramos. E parcelamos em oito anos pra pagar. Aí a gente foi pagando. Quando estava perto do casamento, ainda levou um ano pagando. Mas quando já estava perto pra casar, como era tudo aberto, não tinha muro, era tudo matagal, os moleques derrubaram toda a casa. Aí nós construímos de novo. Sempre eu falava pra ele: vamos na luta, nós temos tudo. Eu sempre fui uma pessoa muito assim, nós temos tudo, nós temos braço, perna, tudo, então nós temos que ir à luta. Não vamos nos fazer de coitado. Meu marido é uma pessoa que desiste rápido e eu sou uma pessoa assim de luta. Ele trabalhou em firmas muito grandes, ele trabalhou na Mercedes⁷², ele trabalhou na Cummins⁷³, ele trabalhou na Filizola⁷⁴, tudo firmas muito grandes, mas ele sempre teve um objetivo sempre diferente de mim, ele sempre falava assim, pra mim, eu tendo um barraco, arroz, feijão e farinha, tá bom, só que a minha ambição não era essa.

Como Dalila relata, seu esposo havia trabalhado em boas indústrias como as citadas. Assim como Fernando que trabalhou em várias como a Decavê⁷⁵, SKF⁷⁶ e a própria Cummins e se utilizou das indenizações para compra de terrenos. O esposo de

⁷² “A Mercedes-Benz do Brasil presente há mais de 50 anos no País é a maior fabricante de veículos comerciais da América Latina” Fonte: sítio oficial. Disponível em <<http://www.mercedes-benz.com.br/Homeinterna.aspx?categoria=140>> Acessado em 10 de abril de 2013.

⁷³ “No início da década de 70, seguindo a trajetória de alguns de seus grandes clientes mundiais, entre eles Komatsu e Ford, a norte-americana Cummins Engine Company se instalou no Brasil, atraída por novas oportunidades do mercado brasileiro. A subsidiária brasileira foi constituída legalmente em 1971, sob a razão social de ‘Cummins Brasil’”. Fonte: sítio oficial. Disponível em <http://www.cummins.com.br/cla/quem_somos.php> Acessado em 28 de fevereiro de 2013.

⁷⁴ Filizola Beyond Technology. Indústria de Balanças automotivas, de saúde, de rodoviárias dentre outras. Disponível em <<http://www.filizola.com.br/home/>> Acessado em 10 de abril de 2013.

⁷⁵ “O primeiro carro nacional foi um DKW, sigla que todos "liam" como Decavê. Ou melhor, uma. A perua que depois viria a ser conhecida por Vemaguet inaugurou a fábrica no bairro do Ipiranga, em São Paulo, em 1956” Fonte: Revista Quatro Rodas. Disponível em <http://quatrorodas.abril.com.br/classicos/brasileiros/conteudo_143500.shtml> Acessado em 22 de fevereiro de 2013

⁷⁶ “experiência prática em mais de 40 setores com nosso conhecimento em plataformas de tecnologia da SKF: rolamentos e unidades, vedações, mecatrônica, serviços e sistemas de lubrificação” Fonte: sítio oficial da empresa. Disponível em <<http://www.skf.com/br/our-company/index.html>> Acessado em 26 de fevereiro de 2013.

Dalila morava na região dos loteamentos, mas comprou seu terreno na região das construtoras que tinha os preços mais baratos, visto a pouca infraestrutura: sem iluminação pública, sem esgoto, sem asfalto.

O processo de autoconstrução foi árduo para Fernando e Dalila. No entanto, depois de pronta suas casas, permitiu certa estabilidade familiar se comparada com a história de Zilda. Para os primeiros, suas preocupações estavam relacionadas aos seus filhos, ao estudo e ao trabalho.

Fernando teve três filhos: uma filha, a mais velha, e dois homens. Segundo ele, sua filha nunca se interessou muito pelos estudos por isso ficou apenas no “ginásial”. Todos os seus filhos estudaram perto de sua casa na escola estadual Lúcio de Carvalho Marques na região do Jardim Matarazzo. Ele incentivou seus dois filhos homens a estudarem no SENAI e se profissionalizarem. Fato comum aos pais operários que viam nesta formação um futuro para seus filhos (Tomizaki, 2007). O mais velho chegou a fazer o Ensino Médio técnico, mas não se adaptou à indústria seguindo a carreira pública, trabalhando primeiramente na prefeitura e depois no poder judiciário. Formou-se em Direito em uma universidade privada. O segundo filho era incentivado a partir do exemplo do mais velho. Ele dizia que o irmão passaria a perna nele se ele não estudasse. Esse segundo trabalhou mais tempo na indústria, formando-se engenheiro em uma universidade privada na região de Guarulhos. De acordo com o capital cultural adquirido na cidade, pelo seu novo *habitus* no ambiente urbano, Fernando “investe” mais na vida dos filhos do que da filha, no que diz respeito ao prolongamento da escolaridade deles.

De forma semelhante, Dalila, mesmo estudando pouco em São Paulo, investe de forma acidentada na escolaridade dos filhos. Pelo contrário de Fernando, Dalila acaba “investindo” mais na filha do que nos dois filhos. Ela apreende estratégias novas em São Paulo para a educação dos seus filhos a partir de diferentes socializações que a nova realidade lhe proporciona:

Minha filha era muito inquieta, aí eu levei ela na médica. A médica falou assim, “procura colocar ela em vários cursos”. Como eu sempre fui

andarina mesmo comecei a perguntar onde tinha escola de dança, aí eu coloquei ela. Eu levei ela numa dentista, a dentista falou: “ah sua filha faz aula de dança, agora tá na hora de colocar ela no inglês, inglês é importante porque quando ela fizer a faculdade, quando ela se formar, ela precisa falar bem inglês”. E foi bom, porque ela foi trabalhar em albergue. Por incrível que pareça, a gente tem uma noção que albergue é só pra morador de rua e não é. O albergue é para vários estrangeiros, vem africanos, coreanos.

No ambiente urbano, o contato com outros profissionais mais escolarizados permitiu que Dalila aprendesse novas estratégias que foram aplicadas na vida de sua filha. Ela constata que foi uma boa escolha dar oportunidade de aprender outra língua para sua filha, pois profissionalmente a ajudou no futuro. Assim, essa socialização informal pode ser um dos indícios de como se dá o processo de encontro do migrante rural ao ambiente urbano em (re)elaborar e recriar a necessidade da escola. Sua filha formou-se em Psicologia e trabalha com menores em situação de rua, infratores. Seus outros filhos completaram o Ensino Médio.

Por outro lado, o relato de Zilda indica as dificuldades relacionadas em morar primeiramente em um barraco de madeira. A incerteza de ter o barraco derrubado ou não pela prefeitura era uma constante. A falta de creche também impediu a continuidade de seu trabalho, obrigando-a a ficar em casa para cuidar de seus filhos. A questão violência foi presente em seu relato, algo que não apareceu de forma tão contundente nas memórias de Fernando e Dalila. Ela relata o seguinte:

Graças a Deus melhorou muito agora. Agora tá uma benção. A gente que mora aqui dentro hoje tem que levantar as mãos pro céu porque aqui tá muito bom. A gente entra aqui a hora que quer. A hora que precisa sair daqui ninguém anda correndo com medo aqui não. Graças a Deus tá uma maravilha aqui em vista do que era antes. Mas agora a gente chega do serviço uma hora da manhã, duas horas. Se precisa de um médico. Aqui a gente entra e sai ninguém mexe com ninguém. Graças a Deus.

A situação mais precarizada de chegada e de jornada de Zilda em relação a Fernando e Dalila também pode ser vista no destino de seus filhos. Os de Zilda completaram o Ensino Fundamental e trabalham como segurança e ajudante geral,

morando ainda na comunidade. O prolongamento dos estudos dos filhos dos entrevistados das outras regiões, chegando ao Ensino Superior foi mais evidente.

Capítulo 3. As três regiões de Ermelino Matarazzo

Desde os índios Guaianazes no século XVI, a chegada dos colonizadores brancos principalmente a partir do século XVII e a contínua afluência de novos moradores à região, tornaram-na o que é nos dias atuais: uma região ocupada por milhões de pessoas.
(*Memórias de Ermelino Matarazzo*)

A preservação da memória de Ermelino Matarazzo é uma preocupação de moradores engajados politicamente no distrito por décadas. O relato da epígrafe faz parte de um esforço coletivo que se transformou no livro *Memórias de Ermelino Matarazzo: um bairro paulistano, seu povo, sua gente* editado por Augusti (2012). A tentativa do resgate vai para além da colonização portuguesa. Esta peculiaridade cultural destes moradores é uma boa introdução para discutir a diferenciação interna do distrito, pois esta preocupação não é generalizada na localidade.

Na hipótese inicial deste trabalho, pensou-se em dois grupos de moradores: os “mais politizados” e os “menos politizados”. Resgatar como essa diferença e tantas outras se constituíram é o objetivo deste capítulo que tratará de forma mais aprofundada as três regiões de Ermelino Matarazzo. A primeira é a Região dos loteamentos que foi ocupada prioritariamente entre as décadas de 1940 e 1970. A segunda é a Região das Ocupações que teve seu auge entre as décadas de 1970 e 1990. Por fim, a terceira constituiu a Região das Construtoras que recebeu empreendimentos imobiliários a partir da década de 1980. As duas primeiras localidades se confirmaram como as regiões “mais politizadas” devido aos movimentos populares de reivindicações protagonizados por seus moradores e lideranças locais. Os processos de loteamentos/autoconstrução e de ocupação foram acompanhados de participação popular devido às precariedades envolvidas na constituição das regiões do distrito. A possível explicação para a terceira região constituir-se como a região com menos participação política e popular se deve ao fato do distrito já estar em um período mais consolidado. As casas construídas por empreendedoras já apontavam para o momento em que o distrito se tornou alvo do mercado imobiliário de empreendimentos imobiliários e não mais de venda de lotes. Esta população mais

nova, com maior poder aquisitivo, já não teria as mesmas motivações para uma participação política mais efetiva no distrito, por isso, menor envolvimento.



Figura 2: Antiga Vila dos Matarazzo em 2012⁷⁷. Região de Loteamentos. Foto: Adriana Dantas



Figura 3: Rua principal da comunidade Nossa Senhora Aparecida. Região de Ocupação. Foto: Adriana Dantas



Figura 4: Vista de uma rua do Parque Boturussu. Região de Construtoras⁷⁸. Foto: Adriana Dantas

⁷⁷ Ao longo dos anos, moradores transformaram a frente em garagem, colocaram portões, coberturas para carros, mudaram portas, janelas, azulejaram ou pintaram as fachadas.

⁷⁸ Ao fundo, um exemplo da verticalização em meio às casas sobrados, as quais são típicas no Parque Boturussu. Os sobrados eram semelhantes, mas foram transformados por cada morador. Prédio que foi entregue em 2012.

3.1 A região dos loteamentos

No início do século XX, Ermelino Matarazzo era um pequeno núcleo composto a partir da estação de trem. A região era considerada rural com grandes descampados e densas vegetações à margem do rio Tietê. Era possível tomar banho no rio, pescar e ver animais nativos na região. Naquela época, a família Matarazzo já tinha construído seu império. Antes mesmo da inauguração da variante Comendador Ermelino na ferrovia Central do Brasil em 1926, a família Matarazzo já apresentava suas terras para a venda, conforme uma matéria da **Folha da Manhã** de 1925:

O “Jardim Matarazzo” ocupa uma área de 120 alqueires, 50 dos quais situados na várzea, junto ao Tietê, foram reservados para a edificação de grandes fábricas que as Indústrias Reunidas F. Matarazzo vão em breve instalar ali, a começar por um estabelecimento de cerâmica. Os 70 alqueires de colina é que foram divididos em lotes segundo uma planta bem calculada e já aprovada pela Prefeitura⁷⁹.

Em 1925, a terra dos subúrbios era vista como uma grande oportunidade de investimento financeiro segundo o anúncio no mesmo jornal:

**ACCUMULAE VALORES — PONDE EM SEGURO O
VOSSO FUTURO, ADQUIRINDO TERRENOS!**

TERRAS NÃO DESMORONAM
TERRAS NÃO DESAPARECEM
TERRAS NÃO SE DESVALORISAM

UM SUBURBIO SALUBERRIMO DE SÃO PAULO
— HOJE A CIDADE DE MAIOR PROGRESSO NO
MUNDO — CONSTITUE O

Jardim Matarazzo

ONDE SE ENCONTRAM LOTES A 45000 ATE' 105000 o metro quadrado
SITUADO NA ESTAÇÃO ERMELINDO MATARAZZO A' MARGEM DA E. F. CENTRAL DO BRASIL E DA
ESTRADA DE RODAGEM SÃO PAULO-RIO.

Foram vendidos, em 4 meses, a 1.600 pessoas terrenos no valor total de
6.200:000\$000!

ESCRITURAS DEFINITIVAS PASSADAS POR I. R. F. MATARAZZO

EMPRESA DE TERRENOS JARDIM MATARAZZO
SÃO PAULO

RUA ALVARES PENTEADO N. 1 — Telep. Central 5004
Caixa Postal, 51

Figura 5: Anúncio Folha de São Paulo de 1925⁸⁰

⁷⁹ Fonte: Acervo da Folha de São Paulo: Folha da Manhã, 6 de junho de 1925, p. 7. Agradeço ao Prof. Dr. Martin Jayo por compartilhar a reportagem. Ver Reportagem completa em Anexo 4.

⁸⁰ Fonte: Acervo Folha. Anúncio em Folha da Manhã, 9 de dezembro de 1925, p 3. Agradeço ao Prof. Dr. Martin Jayo por disponibilizar a imagem.

Pela reportagem é possível perceber que a divisão dos lotes da várzea para a indústria e as partes da colina para os loteamentos se concretizaram. As grandes glebas baratas permitiram a instalação de diferentes indústrias na região de várzea. Como já dito, a primeira de Ermelino Matarazzo foi instalada em 1941 na região de várzea, a Celosul de propriedade da família Matarazzo, que mais tarde, em 1991, tornou-se uma cooperativa denominada Copercell. Outra indústria importante foi a Companhia Industrial São Paulo Rio, a Cisper, que se instalou na região, em 1947, para produzir vidros. Mais tarde, a maioria do seu capital foi vendida para Owens Illinois Inc. que continua ativa na região. Já em 1954, a Bann Química teve uma unidade no distrito para produzir produtos derivados da borracha e foi fechada pelo poder público em 2006 por ser uma grande poluente. Também nos anos de 1950, a indústria Badoni de caldeiraria chegou ao distrito encerrando suas atividades em 1993. (Augusti, 2012, pp. 80-81). A Keralux, indústria de azulejos, pisos e cerâmicas, instalou-se na região em 1957 e faliu na década de 1970, cedendo seu terreno para o Banco do Brasil em 1977⁸¹. Por fim, foi inaugurada a Empresa de Cimento Liz em 1976 em funcionamento na atualidade.

Por outro lado, as regiões de baixa colina e alta colina foram loteadas para pequenos proprietários, principalmente após a instalação da Celosul na década de 1940. Naquele período, a industrialização do distrito marcou esta nova fase. O povoamento urbano da região se deu pela lógica deste momento, como pode ser visto no seguinte mapa:

⁸¹ Fonte: Acervo *O Estado de São Paulo*, 18 de janeiro de 1972. Caderno Geral, p.36; *O Estado de São Paulo*, 17 de dezembro de 1997. Caderno Cidades, p.21

Na década de 1930⁸³, as vilas operárias era um bom investimento por parte do industrial, pois permitia que os operários mais qualificados morassem perto do trabalho, reduzindo assim seus custos e permitindo um salário mais baixo a ser pago (Rolnik, 2003). No entanto, com a intensificação da industrialização e o crescimento da força de trabalho, especialmente migrante, tornou-se inviável este tipo de intervenção fazendo com que a responsabilidade da moradia ficasse por conta do próprio trabalhador. Naquele período o loteamento, que consistia na venda dos terrenos no entorno das fábricas, foi incentivado para resolver os problemas de moradia. Isto permitia que os trabalhadores buscassem adquirir-los para construir sua casa perto do trabalho (Mautner, 1999).

É possível ver como estas medidas afetaram a região. Apesar da construção de uma vila operária como resquício do passado recente, Ermelino Matarazzo participava do momento de transição que a sociedade brasileira estava vivendo de abertura democrática após o Estado Novo de Getúlio Vargas⁸⁴. Algumas políticas - como a lei do inquilinato de 1942 que congelou o aluguel, a criação de mecanismos para subsidiar moradias e o decreto-lei n. 58 que permitiu a regulamentação de prestações para venda de lotes, - são exemplos do início desta intervenção por parte de Vargas que influenciaram o momento de crescimento do distrito (Bonduki, 1994).

A venda de lotes à prestação caracterizou o primeiro período de urbanização da região, como uma oportunidade do trabalhador adquirir a casa própria e fugir do aluguel. Pelos entrevistados, foi possível resgatar como se dava a especulação imobiliária também na região, mostrando certa diferenciação entre os bairros Jardim Matarazzo e Jardim Belém. Eles estão muito próximos geograficamente: o primeiro

⁸³ Na Velha República de ideologia liberal, o Estado não deveria financiar casas populares, mas estas deveriam ser feitas pela iniciativa privada. A solução que o governo incentivava era a criação de vilas operárias pelos próprios industriais, como aconteceu ainda em Ermelino Matarazzo. O Estado brasileiro começou a intervenção no setor imobiliário no governo Vargas que tinha como objetivo fortalecer o país como uma sociedade urbana e industrializada (Bonduki, 1994).

⁸⁴ O Brasil estava saindo do Estado Novo, a ditadura de Getúlio Vargas que chegou à presidência da República em 1930 (Skidmore 2010). O varguismo “cumpriu o papel de núcleo organizador da sociedade, deixando pouco espaço para a organização e a mobilização autônomas de grupos sociais (sobretudo dos vinculados às classes populares), e funcionou como alavanca para a construção de um capitalismo industrial, nacionalmente integrado mas dependente do capital externo, por meio de uma estratégia de substituição de importações” (Sallum Jr, 2003, p.35)

está localizado perto da região de várzea e o segundo na região de baixa colina. Os primeiros moradores paulistas puderam se instalar no Jardim Matarazzo como Botelho e Mateus. Na década de 1940 e 1950, os terrenos mais valorizados estavam no Jardim Matarazzo. Já Isaías, de Pernambuco, conseguiu comprar seu terreno no Jardim Belém. Os dois baianos também moravam no Jardim Belém. O Fernando indicou que só foi possível comprar naquela região, pois o terreno era muito mais barato do que próximo à linha do trem. O morador Isaías indicou que lote no Parque Boturussu, a última região a ser mais densamente habitada, a das construtoras, era ainda mais barato, mas ninguém se interessava na década de 1950. Os terrenos eram comprados a prazo, cerca de 10 anos, por intermédio de imobiliárias da região. Muitas casas eram construídas por “empreitas”, isto é, o termo que os moradores utilizavam para denominar a contratação de um mestre de obra que levantava a casa.

Para os entrevistados mais antigos do distrito, havia grande admiração pelas indústrias Matarazzo e a forma como elas expandiram aqui no Brasil. A indústria Celosul era mais um de seus empreendimentos. A forma como Francisco Jr. interveio na localidade até hoje é vista de forma saudosa e respeitosa por grande parte dos antigos trabalhadores como relata Marcelo:

A indústria Matarazzo, eu tenho um grande conceito dela porque ela fabricava. Começou a fazer macarrão, fazer sabonete, fazer sabão, banha de porco, bolacha. Tudo que o Matarazzo fazia, o dinheiro era empregado aqui no país mesmo. E com esse dinheiro ele ia fazendo outras fábricas. No auge do Matarazzo, ele tinha 272 fábricas no Brasil todo. São Paulo tinha refinaria de petróleo. Naquele tempo fazia gasolina e a gasolina do Matarazzo dava de 10 a 0 nessa que está aí agora. A gente abastecia lá, tinha a bomba. O Matarazzo abasteceu o país todo com produtos e evitava que viessem importados. O Matarazzo, nessa parte, ele teve uma grande participação patriótica na construção do país com as indústrias que ele fazia. Ele era arrojado né? Até pão depois ele fazia, vinha pão do Belenzinho. Aí tinha a fábrica de tecido, fábrica de papelão, tinha padaria. Ele fez aqui um grande supermercado, uma cooperativa que atendia todos os funcionários que iam lá com cartão. Compravam, enchiam os carrinhos de tudo quanto é produto. A gente vivia tranquilo. Fazia compra ali, pagava no salário. Era interessante a vida da gente aqui, o Matarazzo cuidava da gente. Não só trabalho, mas queria dar um bem estar. Todo o seu dinheiro, toda a verba que ele arrecadava, de tudo que ele vendia, cada vez fazendo mais

fábrica, cada vez modernizando e até mesmo um pessoal laboratório médico. Tinha a escola, cinema, aqui era um bairro que não tinha grandes recursos, mas a gente vivia muito bem aqui.

A ideia de que “o Matarazzo cuidava da gente” é a exemplificação do paternalismo apontada por Dean (1991). As intervenções urbanas, mesmo escassas, e totalmente contrastantes com as melhorias dos bairros ricos da cidade eram vistas como benfeitorias e não como resultado da espoliação urbana (Kowarick, 1997)⁸⁵.



Figura 6: Celosul. Foto: Adriana Dantas⁸⁶

Para viabilizar o funcionamento da Celosul, Francisco Jr começou um processo de intervenção no distrito vendendo lotes, criando uma infraestrutura básica, especialmente para os profissionais de alto escalão. Neste ponto, pode-se ver um exemplo do muro entre a cidade rica e a cidade pobre. Como o distrito de Ermelino Matarazzo era parcialmente urbanizado em 1949 (ver Mapa 3 Área Urbanizada (1930-1949)), os recursos públicos e as legislações no início do século XX, segundo Rolnik (2003), eram destinados prioritariamente às obras de melhoramento do centro estendido da cidade. No entanto, quando era do interesse do setor privado, uma

⁸⁵ “Neste sentido, a espoliação urbana só pode ser entendida como produção histórica que, ao se alimentar de um sentimento coletivo de exclusão, produz uma percepção de que algo – um bem material ou cultural – está faltando e é socialmente necessário. Desta forma, a noção contém a ideia de que o processo espoliativo resulta de uma somatória de extorsões, isto é, retirar ou deixar de fornecer a um grupo, categoria ou classe o que estes consideram como direitos seus”. (Kowarick, 1997, p.108) No caso de Ermelino Matarazzo, esse sentimento coletivo ficou em evidência nas décadas seguintes como veremos nas regiões de ocupações.

⁸⁶ À esquerda, os fundos da antiga Celosul; à direita a linha de trem, paralela à via férrea, a Avenida Assis Ribeiro.

região sem infraestrutura tornava-se um grande empreendimento imobiliário, como foi o caso dos Jardins, que recebeu investimentos necessários em infraestrutura⁸⁷.

Por outro lado, conforme Rolnik, os subúrbios eram um espaço não regulado, e por isso mesmo, uma nova fonte de renda. Isto porque industriais e grandes proprietários vendiam lotes, abriam ruas, com pouca intervenção do poder público. Nas palavras de Rolnik, o objetivo dos industriais em fornecer infraestrutura mínima consistia no seguinte:

Via de regra, industriais edificavam vilas com o objetivo de obter renda de capital empregado na compra dos terrenos e diversificar seus investimentos na cidade. (...) De qualquer forma, investimentos desta natureza implicavam um envolvimento do patrão para além do mundo do trabalho, além de um maior controle sobre greves e protestos, na medida em que, para os moradores das vilas, o desemprego poderia também significar o despejo” (Rolnik, 2003, p.117-118)

Corroborado pelo utilitarismo dessas ações para o sucesso do empreendimento empresarial, Bonduki afirma:

Vinculadas à emergência do trabalho livre no país, grande parte das vilas operárias surgem em decorrência da necessidade de as empresas fixarem seus operários nas imediações das suas instalações, mantendo-os sob seu controle político e ideológico e criando um mercado de trabalho cativo”. (Bonduki, 1994, p.715)

A partir da memória dos entrevistados foi possível apreender os significados atribuídos por eles aos processos descritos pelos urbanistas. Ermelino Matarazzo não foi propriamente uma vila operária criada pela indústria Matarazzo. A vila não foi muito extensa, mas nem por isso, alvo de muitas disputas ao longo dos anos. No entorno da vila foi se criando um vilarejo a partir da intervenção de especuladores imobiliários que também foram protagonistas na periferia. Somente os funcionários de mais alto escalão tiveram acesso a ela.

⁸⁷ Um exemplo extremo segundo Rolnik (2003, p.134) foi quando: “Em 1913, as atenções da Cia. [City] voltaram-se para o desenvolvimento de uma gleba próxima à várzea do rio Pinheiros, não contígua à área urbana – que terminava na Alameda Jaú, paralela à avenida Paulista, tido como inóspida, dada sua extrema umidade; certos trechos eram verdadeiros ‘charcos’. Nessa gleba, a Cia. City desenvolveu o primeiro projeto *Garden-city* da América do Sul: o Jardim América, projetado pelo famoso escritório dos ingleses Barry Parker e Raymond Unwin”

A Celosul era uma empresa em que muitos queriam trabalhar. Tanto a remuneração quanto o fornecimento dos trâmites legais eram uma vantagem para os trabalhadores, conforme atesta Marcelo, que fazia parte da chefia, e que era descendente de italianos:

O Matarazzo era uma firma que pagava bem, registrava, naquele tempo, em 60, era uma segurança para a gente, registrado, carteira profissional, o pessoal valorizava muito isso. Então era uma demanda, conseguir uma vaga aí, mais ou menos assim. No início, esses anos que eu cheguei aqui, em 60, 61, 59, mais ou menos, foi aqui no Matarazzo, não tinha nada em Ermelino Matarazzo, a não ser esse núcleo aqui. Tinha uma chácara aqui em cima que era onde o Francisco Matarazzo passava os finais de semana, uma chácara extraordinária, uma casa muito bonita.

Funcionários com menos instrução educacional também tiveram oportunidade de conseguir vagas. Um dos entrevistados Fernando, que era um migrante vindo da Bahia, ainda estava terminando o primário em São Paulo quando soube desta indústria:

Aí eu vinha pra cá pra Ermelino. Me falaram dessa fábrica do Matarazzo. (...) Falaram: “olha você indo para lá você arruma um emprego na fábrica do Matarazzo e é melhor pra você”. Aí eu vim pra aí né. Eu vim pra exatamente 1958, eu vim aqui pra Ermelino. Arrumei quarto aqui, aluguei. Se não fosse pensão, você alugava um quarto, colocava uma cama e estamos conversados. Então foi isso que eu fiz. Aí arrumei, consegui arrumar vaga no Matarazzo, aí fiquei desde 1958 até 1962.

Mesmo sendo um núcleo pequeno, as pensões e quartos de alugueis eram comuns na década de 1950 e 1960 como recorda Fernando. Ainda era um bom negócio para os proprietários desses imóveis receberem essa nova população de trabalhadores. Outra entrevistada, que também chegou a Ermelino para trabalhar na Celosul, também morou de aluguel. No seu caso, é possível constatar que esses quartos e pensões já eram comuns na década de 1940. Havia várias casas e perguntado quem era o proprietário, Eliane respondeu:

Era do Abel, agora quem fez, eu não sei. Ele morava na frente que tinha um armazém, que agora tem o Day [hospital]⁸⁸. Do lado de cá tem a clínica do Day, ali era o Abel, era o armazém que tinha aqui em Ermelino. Então era dele e ele tinha as casas no fundo que ele alugava e nós fomos morar: quarto, sala e cozinha.

Havia uma cooperativa que vendia de tudo um pouco para os operários, desde tecidos a alimentos. Os funcionários recebiam um vale e podiam trocá-los na cooperativa. Francisco Jr. também se preocupou em instalar uma escola, onde hoje tem o hospital Day (ver Mapa 6 Região dos Loteamentos ponto 4).

Para o Mateus havia um ar interiorano em Ermelino Matarazzo. As pessoas se conheciam, tinham ali o necessário para subsistência, criavam vínculos. Este imaginário de lugar de bom convívio apontado por este entrevistado é confirmado no livro *Memórias de Ermelino Matarazzo* (Augusti, 2012) editado com o apoio do poder público. O livro relata a memória de antigos moradores, fotografias e do papel ativo dos agentes da Região dos loteamentos na construção do distrito. Também é possível resgatar parte desta intervenção de Francisco Jr. na construção de escola, do hotel e da vila de funcionários no livro e em outro memorial escrito por Marino Bocaicoa denominado *A história do bairro de Ermelino Matarazzo* (sem data).

Os antigos moradores entrevistados da região dos loteamentos foram praticamente unânimes em responder “era tudo barro” ao serem perguntados como era Ermelino Matarazzo na época de sua chegada. Não havia energia elétrica, não havia água encanada, conforme relata Isaías que teve que trabalhar com ferro a carvão por falta de eletricidade:

Quando eu comecei a trabalhar aqui, tudo barro, tudo, tudo, tudo! Você não tinha esse jardim, tinha essa pracinha aí, mas era um bosque; era um bosque que tinha árvore nativa. Esses coqueiros mesmo são nativos, são três pés de coqueiro, são nativos, eles nasceram aí. Aí passou um tempo grande, eu trabalhava aqui com ferro a carvão, era uma luta!

⁸⁸ Ver Mapa 6 Região dos Loteamentos, número 4. A rua do hospital leva o nome deste português: Abel Tavares.

Na década de 1940 ainda era barato comprar terreno na região. Além da venda dos lotes e da vila para funcionários de alto escalão, foi construído um hotel para hospedar engenheiros que vinham atuar temporariamente na fábrica. Este estabelecimento, nas palavras de Mateus: “chamava-se Palace Hotel Celosul, era um hotel pequeno, mas podia se dizer cinco estrelas”. Francisco Jr. utilizou o mesmo procedimento de seu pai em buscar mão de obra especializada europeia. (Dean, 1991, p.165).

Quanto ao recrutamento de funcionários, a preferência inicial da Celosul era por funcionários estrangeiros e descendentes de imigrantes europeus, como relembram os antigos moradores. Os estrangeiros que vieram em melhores condições foram trazidos pelo Francisco Jr. para trabalhar como engenheiros. Um dos exemplos citados por Damião foi de alguns alemães que moraram nas antigas “mansões” erguidas pelo industrial no bairro como foi descrito anteriormente, como a casa de veraneio que se transformou no Parque Dom Evaristo Arns pela mobilização popular. Segundo vários entrevistados, o próprio Matarazzo vinha regularmente descansar em sua casa de campo.



Figura 7: Casarão de Veraneio do Matarazzo no Parque Dom Evaristo Arns. Foto: Lopes, 2011

No início, os terrenos ainda estavam nas mãos da família Matarazzo, conforme relata Mateus:

Os terrenos eram todos do Matarazzo nessa região, principalmente nessa área aqui do Jardim Matarazzo. Então se comprava no escritório

do Matarazzo. O interessante do Matarazzo era comprar as terras, tirar madeira para abastecer as caldeiras da fábrica. Depois aquela casa não tinha serventia. Então ele loteou, foi vendendo, vendia para o pessoal pagar a prazo longo. Então principalmente os funcionários da firma eram bem dizer forçado a comprar um terreno, as prestações eram irrisórias, era descontado até em folha de pagamento para quem trabalhava lá. Então a facilidade era boa. É que não tinha nada, não tinha nem energia, meu pai era alfaiate e o ferro dele era a carvão. A Paranaguá não tinha nem asfalto, a população era pouca, a maior parte que morava aqui trabalhava no Matarazzo, era funcionário.

Terrenos também eram vendidos para profissionais autônomos para instalar açougue, padaria, dentre outros serviços. Alguns estrangeiros vieram para a região com esse intuito. Como o caso do português Abel Tavares que tinha um armazém e também alugava casinhas para operários morarem. Esta era a forma de moradia de Eliane, que ainda era adolescente quando veio trabalhar para o Matarazzo. À medida que o Jardim Matarazzo se expandia com o comércio local e a vinda de energia elétrica, o preço dos terrenos também aumentava. O “*laissez-faire* urbano” contribuía para a grilagem, tão comum na periferia, como também em Ermelino Matarazzo. Perguntado como isto aconteceu, Damião definiu do seguinte modo:

Eles [grileiros] andavam dentro de Ermelino e via um terreno vazio. Um terreno que nem esse aqui, vamos supor, que não tivesse casa e não tivesse nada e estivesse aberto aqui. Eles iam procurar pelo número da quadra, da rua e fazia um levantamento. E o cara, vamos supor, está com o imposto atrasado e o cara que tinha um terreno e comprou aqui, (...) Então o que acontecia? Eles faziam levantamento e metia uma placa de venda. Ou então eles pagavam o imposto e ia lá no Paraná e tirava o nome de uma pessoa que já faleceu e falava "o terreno é de fulano". Fazia um cambalacho que não tinha tamanho. Tem nego aí que ficou milionário com esse negócio de malandragem de grilar terras inclusive da Matarazzo e de outras pessoas, que comprou, foi embora depois e deixou aí. Tinha um que andava a pé e o cara tinha dinheiro, ele andava a pé naquele morro lá em cima olhando os terrenos e quando era da Matarazzo, aí é que ficava fácil porque a Matarazzo não tinha documento.

Para o Kowarick,

Esses terrenos ilegais do ponto de vista de legislação urbana representavam a desobrigação dos poderes públicos em realizar investimentos. Contudo, em prazos longínquos, significariam enormes custos para urbanizá-los, dado

a forma rarefeita e desordenada de ocupação destes locais, que frequentemente pipocavam pelas encostas íngremes e vales alagáveis. Obviamente, a “clandestinidade” ou “ilegalidade” era apenas formal, pois os órgãos públicos não só tinham conhecimento desta modalidade de expansão urbana, como acabaram por aceitar que ela se tornasse a regra dominante no processo de ocupação do solo. (Kowarick, 2009, p.165)

O crescimento desordenado do distrito fez com que a população cada vez mais percebesse a necessidade da intervenção do poder público para conseguir melhorias cada vez menos latentes. À medida que o distrito se consolidava, as necessidades de infraestrutura também emergiam, resultando nas associações entre os moradores sob o mote de busca de melhorias, especialmente, no contexto político de cunho populista da década de 1950.

O movimento de associações de bairros surgiu nos anos de 1930. Sua multiplicação aconteceu principalmente na década seguinte decorrente das contingências históricas brasileiras. Bonduki (1994) afirma que houve uma transição de pensamento na sociedade a partir de 1930, inclusive por parte dos industriais, por exemplo, sobre a questão habitacional. Anteriormente não se atribuía ao Estado qualquer interferência a respeito de moradias populares. No período do pós-guerra de 1945-1964, a participação da população irrompe de forma significativa junto ao poder público com poder de barganha em cidades recém-industrializadas como São Paulo (Gohn, 2001, p.90-91). Isto reiterava o deslocamento da ideologia do início do século XX em que o setor privado era o principal interventor na cidade para a ideia de que era o poder público o “novo” responsável.

Nesse palco de disputas, políticos encontraram uma oportunidade de legitimação a partir da mobilização popular. Em São Paulo, Sposito (2002) afirma a importância do político Jânio Quadros⁸⁹ em consolidar uma nova forma de fazer política em que estabelecia relações mais estreitas com as periferias a fim de cooptar a

⁸⁹ Segundo Skidmore (2010), Jânio Quadros surgiu significativamente no cenário político em 1953, quando se elegeu prefeito de São Paulo. Era um desconhecido professor que conseguiu derrotar candidatos situacionistas, tendo como estratégia o combate à elite política tradicional, utilizando-se de linguagem popular, sob o slogan “A revolução do tostão contra o milhão”. Assumiu como governador logo em seguida, entre 1955-59. Chegou à presidência da República em 1961, renunciando ao cargo no mesmo ano.

população. O populismo janista⁹⁰ era “caracterizado pela atenção dedicada aos problemas da periferia e de seus moradores, daí sua grande influência no movimento de reivindicações urbanas e na proliferação das SABs⁹¹” (Sposito, 2002, p.189). Em São Paulo, este político aproveitou-se da estrutura das SABs, as quais estavam sendo organizadas em diversos bairros, inclusive cedendo terrenos para criação de novas sedes⁹². Como “Jânio Quadros foi um dos primeiros a levar as questões sobre luz elétrica, transporte, moradia, escola, creche, saneamento básico, calçamento, etc., para dentro da Câmara Municipal” (Duarte & Fontes, 2004, p.100), essa estratégia permitiu a mobilização da massa popular detentora de boa parte dos votos na cidade de São Paulo. Neste contexto, a fase de intervenção do conde Francisco Jr. em Ermelino Matarazzo já fazia parte de um passado recente. Assim, novos atores se responsabilizavam pelas melhorias do bairro como descreve Marcelo:

O bairro de Ermelino Matarazzo sempre foi muito ousado, muito forte em sociedade, sabe? Nós tínhamos no início uma Sociedade Amigos de Bairro muito forte onde muitos comerciantes antigos ajudavam, então tinha um grupo de pessoas que participavam e reivindicavam as coisas. Muitas pessoas aqui que já faleceram lutaram pelo bairro bravamente para conseguir asfalto, conseguir luz. Nós mesmos, a luz aqui, não tinha luz também na década de 70, nós fundamos uma sociedade amigos do Jardim Matarazzo que foi fundada aqui dos moradores.

Como relata o entrevistado, Ermelino sempre foi muito forte em associações. Havia várias sociedades de amigos de bairros como a de Ermelino Matarazzo, do Jardim Matarazzo, do Parque Boturussu, do Jardim Verônia. Nem sempre elas trabalhavam em conjunto, pois havia disputas de campo de atuação. Na verdade, o interesse de cada SAB era trazer melhoria local para o bairro que ela representava.

⁹⁰ Antes de Jânio Quadros, Adhemar de Barros surgiu como força política populista na capital paulistana. Este político, que tinha se associado com Vargas, perdeu para Jânio Quadros a eleição para prefeito. Segundo Sdimore (2010), um dos trunfos de Jânio Quadros foi fazer certa oposição ao “sistema”, em outras palavras, ao varguismo, mas sem se associar abertamente aos “antigetulistas”, mantendo uma posição ambígua diante do presidente.

⁹¹ SABs: Sociedade de Amigos de Bairros. Sobre o surgimento das SABs ver o capítulo “Movimentos Sociais e Populismo em São Paulo” (Sposito, 2002).

⁹² Segundo Duarte & Fontes (2004), o crescimento das SABs se deu como resposta às insatisfações populares ao sistema de controle político nas periferias criado pelo populista Adhemar de Barros como a instituição de subdelegados e inspetores de quarteirão. Jânio aproveitou as SABs para criar uma plataforma de atuação política em oposição ao adhemarismo. Há um erro em atribuir a criação das SABs a Jânio Quadros, isto se deve, na concepção dos autores, ao fato de que ele “foi o político que melhor soube se relacionar com elas” (Duarte & Fontes, 2004, p.106).

A configuração dos novos bairros contribuiu para facilitar as organizações populares. Naquele período a região se formou distante dos outros centros vizinhos mais consolidados como a Penha e São Miguel Paulista. Tinha-se um sentimento de pertencimento como se ali fosse uma pequena cidade do interior como saudosamente Mateus relembra. Por isso, as pessoas se conheciam e tinham como se juntar para reivindicar serviços estruturais para o poder público. “Era sempre política” como atestou Eliane ao responder como conseguiam os benefícios para a região, caracterizando de forma sintética como se dava o populismo no distrito. O contexto político da cidade tinha grande interesse nessas associações, como explica Iffly:

A partir de 1945, com a democratização, as massas urbanas tornam-se uma das bases de legitimação do sistema político, por meio do voto. Esse cacife eleitoral é uma condição essencial da relação que se estabelece a partir de então entre os setores populares, organizados em função de reivindicações, dirigidas aos poderes públicos, e os políticos que controlam as administrações da prefeitura de São Paulo. (Iffly, 2010, p.127)

No caso de Ermelino Matarazzo, os setores populares faziam parte de uma “elite” local que tomava à frente dessas reivindicações, dentre eles comerciantes, ou mesmo funcionários mais antigos e influentes do Matarazzo, como no caso de Botelho e Marcelo. Mesmo no interior de um bairro popular havia uma hierarquização nas associações populares. Mateus, comerciante, relembra de sua participação:

Aqui todas as entidades que tiveram aqui eu participei. Eu não sou político, mas eu gosto de fazer política. Então estou sempre envolvido com serviços sociais. (...) Geralmente um grupo de comerciantes, a maior parte era grupo de comerciantes, a gente se reunia para reivindicar algumas coisas. Comerciante, profissional liberal, isso era o forte das associações que a gente tinha para reivindicar as coisas. Só que para reivindicar as coisas você tem que ter mais gente, gente influente para você ter força. Porque você vai sozinho pedir uma coisa para o governo ele nem te atende. Você vai lá com uma comissão representando o comércio, você marca uma audiência, você é recebido porque é interesse do político receber você, entendeu? Porque é uma entidade que tem força. (...) Posto policial, segurança pública, escolas, transporte, a gente sempre reivindicou escolas, a gente continua reivindicando até hoje. No caso, na época do Carvalho Pinto, ele se dedicou muito à educação. Então era uma porta aberta para você ir

reivindicar uma escola para o bairro que estava precisando. Então fazia uma associação, fazia um abaixo assinado, ia lá no planalto (sic) do governo. Ia lá reivindicar, às vezes não surgia em nada, não virava em nada, mas às vezes virava, entendeu? E a gente acabava conseguindo. Era iluminação pública, posto de saúde, entendeu?

Em sua reformulação do passado, Mateus justifica o porquê da hierarquização de profissionais liberais para representar os moradores diante do Estado. O poder de barganha popular estava calcado na influência que os representantes populares poderiam ter diante do poder público. Assim, as SABs eram “constituídas, em geral, por uma incipiente classe média do bairro – pequenos comerciantes, funcionários públicos, militares de baixo escalão, professores primários, um ou outro profissional liberal” (Sposito, 2002, p. 222). Como se atesta em Ermelino Matarazzo, os profissionais liberais e comerciantes faziam parte da liderança local. Inclusive o presidente da SAB mais antiga, a SAEM, sociedade de amigos de bairro de Ermelino Matarazzo foi o Alastair Quintas, chefe de segurança do posto policial local, considerado uma liderança muito influente segundo a memória dos entrevistados.

Apesar desta hierarquização interna entre os habitantes de Ermelino Matarazzo, as reivindicações junto ao poder público eram tomadas em uma posição classista, isto é, era a classe trabalhadora se organizando em busca de direitos como moradores de uma localização carente de infraestrutura. Para Duarte (2008), as SABs permitiram inserir na agenda política não apenas as demandas de reivindicação, mas também quem seriam os porta-vozes da classe trabalhadora naquele momento histórico. Aquele período consistia, para Duarte & Fontes (2004), em um sistema populista caracterizado pelo seguinte paradoxo: “o de operar simultaneamente em dois registros aparentemente contraditórios, inserindo trabalhadores em redes de relações pessoais de clientelismo, mas recuperando a sua dimensão como cidadão, através do voto e da participação política e social” (Duarte & Fontes, 2004, p.120). Os autores enfatizam a importância da participação popular, mesmo considerando a relação assimétrica entre os moradores e o poder público. Na verdade, como se constata em Ermelino Matarazzo, a mobilização neste período foi de grande importância para a consolidação do distrito. Houve, por exemplo, a aproximação das

SABs de Ermelino com o governador Carvalho Pinto (1959-1963)⁹³ como indica Mateus para conseguir estabelecimentos escolares para a região. Naquele período, pós-janismo, foram instaladas três escolas estaduais no distrito de Ermelino Matarazzo, com destaque à escola Condessa Filomena Matarazzo, que oferecia o Curso Clássico/Científico, o equivalente ao Ensino Médio atual. Uma escola secundária na periferia na década de 1960 revela um vanguardismo na educação local⁹⁴. Além da educação, Carvalho Pinto foi associado ao tempo em que a água encanada chegou a Ermelino como relembra Marcelo:

Aí na época do Carvalho Pinto que veio a água. [Antes da água encanada] Fazia os poços, tinha a água, depois secava, afundava mais, depois desbarrancava. Era uma tristeza. Depois eu pus bomba com luz elétrica, tirava água naquela manivela. Na Vila Matarazzo eu tinha água, nós pegávamos água do Tietê e tinha um tratamento de água. Naquela ocasião, fazia tratamento dessa água, mas o Tietê era limpo praticamente né. Mas tinha que numa pedra de carvão, depois alguns produtos químicos, cloro, etc., porque servia para beber. A vila toda era abastecida pela água ali do Matarazzo.

Essas associações, como atestou Iffly (2010), eram organizadas em vista dessas dificuldades estruturais da região. No caso da água, era comum entre os moradores fazer poços artesianos para conseguir água em suas casas. Outra peculiaridade consistia na Vila Matarazzo ser abastecida pela água do rio Tietê, tratada a partir da Celosul. Mas este benefício chegava apenas nas localidades próximas à linha do trem e o bairro já tinha se expandido, sendo necessária a intervenção pública no abastecimento de água.

Um fato muito peculiar da região dos loteadores decorrente das associações consistia na organização de festas populares como a Festa de 1º de Maio e a Festa das Nações. A que mais se destacou nas primeiras décadas foi a Festa de 1º de maio, tanto

⁹³ Carvalho Pinto era o candidato de Jânio Quadros para a sucessão do governo de São Paulo, que acabou sendo eleito. (Skidmore, 2010)

⁹⁴ Os detalhes sobre a educação serão tratados no capítulo 4.

que com o tempo, comemorava-se o aniversário do distrito nesta data⁹⁵. Marcelo relatou o seguinte:

Essa sociedade conseguiu muitas coisas, pessoas que lutaram bravamente, ela conseguia fazer uma Festa de 1º. de maio em Ermelino Matarazzo. Naquele tempo eu também participava das comissões, que era espetacular. Era a maior festa de 1º. de maio que se tem notícia aqui em São Paulo. Faziam desfiles com escolas, ginásios que vinham do centro, colégios religiosos, vinham escoteiros, corpo de bombeiros. Tinha o corpo de bombeiros daqui e tinha o de lá, quase que fazia rivalidade com o da central porque a fábrica aqui era uma fábrica de alta periculosidade e a fábrica no meu setor eu trabalhava com setor de explosivos. Mas houve um desfile aqui com carros de bombeiros, os governadores. Ermelino sempre foi bem servido de sociedade e nessa sociedade se reivindicava.

A festa de 1º de maio era o evento cultural mais importante de Ermelino Matarazzo. Nos tempos áureos, a festa consistia em um grande desfile que começava no fim da Avenida Paranaguá, próximo à Avenida São Miguel, até o Jardim Matarazzo, considerado o centro de Ermelino. Os moradores ficavam ao longo da avenida assistindo a parada que mobilizava escolas, corpo de bombeiros, dentre outras atrações. Também era uma vitrine para os políticos que participavam no apoio à festa, pois no evento tinham participação de honra nos pronunciamentos. Conforme o livro de memórias feito pela comunidade local “o diferencial dos festejos de Primeiro de Maio de Ermelino Matarazzo em relação aos de outras localidades: [era] a entrega das reivindicações pela própria população” (Augusti, 2012, p.109). Era, portanto, uma festa política. Havia uma grande mobilização por parte dos organizadores como relata a Eliane:

No tempo do Maluf era do partido progressista, acho que tinha outro nome antes de ser progressista. Então a gente apelava para eles para ajudarem, sempre tinha quem ajudava, principalmente esse 1º de maio. A gente ia para fazer esse 1º. de maio, a gente começava em outubro e ia em tudo quanto que é lugar e no palácio do governo. Eu fui muitas vezes, sempre tinha um governador. A gente ia lá pedir para fazer, para

⁹⁵ Ver a introdução do capítulo 2.

poder fazer o 1º. de maio, para ganhar as coisas, ganhava redes, bolas. Era no centro cultural que a gente ia para pedir as coisas, tudo.

Segundo Gohn (1991), as SABs foram desarticuladas no período militar, ressurgindo articuladas com a Igreja Católica. No interior de Ermelino, percebe-se que os dois momentos se fizeram distintos principalmente por causa dos atores envolvidos. Muitos dos comerciantes locais não participaram daquele momento posterior, assim como a luta por moradia na região trouxe novos protagonistas que não pertenciam ao grupo de comerciantes e moradores mais estabelecidos⁹⁶. À medida que se conseguiam os benefícios, as associações também foram diminuindo seu campo de atuação.



Figura 8: Praça Primeiro de Maio com busto do Matarazzo à direita⁹⁷. Foto: Adriana Dantas.

O período seguinte a este vivido em Ermelino Matarazzo, diz respeito a não mais aos problemas de infraestrutura da região. Mesmo com dificuldades, os primeiros moradores, tanto da chefia, quanto operários da linha de produção, quanto comerciantes locais, conseguiram comprar seus terrenos no Jardim Matarazzo ou no Jardim Belém. No entanto, novas conjunturas no final da década de 1970, associadas à especulação imobiliária, às mudanças econômicas, políticas e trabalhistas delinearam um novo momento em Ermelino Matarazzo quanto à forma de moradia, que foi assim resumido por Marcelo:

⁹⁶ Esta questão será discutida ainda neste capítulo no tópico “A região das Ocupações”

⁹⁷ Na praça: à direita, na ponta, busto do conde Francisco Matarazzo Jr.; à esquerda, posto policial. Do lado direito da praça, pequeno centro comercial com bancos e lojas. Do lado esquerdo da praça, a Avenida Paranaguá.

Então, o que ocorre num lugar que está em ascensão, em progresso? As imobiliárias já pegam todos os lotes e depois põe o preço que ela quer e nem todo mundo pode pagar. Então força a pessoa a ir para os barrancos, para os pantanais. Mas porque mora no Pantanal⁹⁸? A pessoa que fala assim não sabe quanto custa um terreno em Ermelino Matarazzo. E se eu tivesse chegado do interior e não tivesse condições de morar aqui, eu também teria ido morar no Pantanal.

3.2 A região das Ocupações

A descrição de Marcelo resume de forma didática como acontecia a especulação imobiliária, cujas regras do jogo são definidas por quem detém a propriedade de terrenos. Estas regiões, no que diz respeito à valoração socioespacial, estão hierarquicamente em situação inferior diante dos núcleos Jardim Matarazzo e Jardim Belém. Estas formações seriam as franjas das franjas. Em outras palavras, seria a periferia no interior de uma região que já é periférica, indicando uma das fronteiras da diferenciação interna do distrito, a partir do espaço ocupado. Em termos objetivos, algumas foram “urbanizadas” a partir de invasões, construções clandestinas, sem regularização, sofrendo constantes ameaças de serem expulsos a qualquer momento.

À medida que a região foi progredindo, os valores dos terrenos já estavam acima do poder aquisitivo dos trabalhadores que habitavam Ermelino Matarazzo na década de 1970 em diante. Migrantes com condições parecidas de seus antecessores, com pouca escolarização e qualificação profissional, já não teriam as mesmas oportunidades dos que chegaram nas décadas anteriores e puderam comprar seus terrenos e construir sua casa⁹⁹. Para Maricato, “trabalhadores do setor secundário e até mesmo da indústria fordista brasileira foram excluídos do mercado imobiliário privado e, frequentemente, buscaram a favela como forma de moradia” (Maricato, 2003, p.153). É o que a autora chama de “produtivo excluído”. Mesmo ainda sendo uma força de trabalho utilizada na cidade, esses trabalhadores são excluídos da cidade

⁹⁸ Pantanal ou Jardim Pantanal refere-se às regiões às margens do rio Tietê onde várias favelas foram formadas. Atualmente, sofrem com enchentes nas épocas da chuva por estarem no mesmo nível do rio.

⁹⁹ Esta discussão foi realizada no capítulo 2 no subtema: “Migração em três tempos”

legal. Conforme a autora, tais trabalhadores são deixados de fora deste mercado imobiliário privado, mas permite-se que eles ocupem lugares ilegais na cidade, sem políticas públicas eficientes para habitação. Depois, corre-se atrás do prejuízo com melhorias pontuais, muitas vezes acompanhadas do clientelismo em épocas de campanhas eleitorais ou resultantes de barganhas políticas. Em Ermelino Matarazzo não foi diferente. Quem tinha capital para comprar grande parte dos terrenos, como aconteceu com as imobiliárias da região, os revendiam de forma a obter grandes lucros, impossibilitando a compra para quem não tinha poder aquisitivo para tal. Nas palavras de Kowarick, “tratava-se de um *laissez-faire* urbano”, produtor de enorme especulação imobiliária” (Kowarick, 2009, p.165).

O resultado consistiu na formação de favelas em Ermelino Matarazzo no final da década de 1970. A favela em São Paulo tem características diferentes em relação ao Rio de Janeiro e outras cidades litorâneas, conforme Kowarick. Na capital paulistana, os cortiços nas regiões centrais seriam a modalidade de moradia precária nas primeiras décadas do século XX. Mais tarde, na década de 1940, a autoconstrução seria a representante desta precarização. Assim, o crescimento das favelas em São Paulo se daria a partir de 1980 com o declínio da autoconstrução. No interior de Ermelino Matarazzo esta análise se confirma entre a autoconstrução e o surgimento das favelas.

Mapa 7: Região das Ocupações



Uma das primeiras favelas a serem formadas em Ermelino Matarazzo, segundo a memória dos entrevistados, consiste na Santa Inês e Nossa Senhora Aparecida (1)¹⁰⁰. As entrevistadas são desta região. Enquanto os loteamentos cresciam ao sul da estação do trem ao longo da Avenida Paranaguá, uma região da prefeitura começou a ser ocupada por moradores e moradoras. A região do Pantanal (2) também era alvo dessas ocupações e seguiam o curso do rio Tietê (7) passando pelo distrito de São Miguel Paulista. Entre a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo, a EACH (5) e a região do Pantanal (2) havia várias indústrias como a Keralux (4), a Celosul, Bann Química dentre outras que estavam entre a linha do trem e o rio. Neste trecho de indústrias, várias ocupações foram sendo formadas. A Rua Dr. Assis Ribeiro (6)¹⁰¹ foi aberta na década de 1950. O decreto 2.803 de 28 de janeiro de 1955 do prefeito Jânio Quadros oficializou o nome desta via pública¹⁰². Esta se tornou uma importante via de acesso tanto para Penha quanto para São Miguel Paulista. Ao longo do seu trajeto é possível acompanhar, especialmente entre a linha do trem e o rio Tietê que lhe são paralelos, a formação de várias favelas e ocupações em processo de regularização como o caso do Jardim Guaraciara, conhecido como Keralux, vizinha da EACH-USP.

Segundo os entrevistados, a região das construtoras, que será tratada no tópico seguinte, já começava a ser habitada na década de 1960, anterior à região das ocupações. No entanto, aquela era uma região bem menos populosa, demorando décadas, especificamente em 1980, para começar a melhorar em infraestrutura. Apesar da maioria destes primeiros moradores comprarem lotes e construírem suas

¹⁰⁰ Primeiro surgiu a Santa Inês mais distante da Avenida Abel Tavares que liga o Jardim Matarazzo à Avenida São Miguel, passando pela Igreja São Francisco de Assis, uma das mais importantes da região onde o Pe. Ticão é pároco. A comunidade Nossa Senhora Aparecida é uma expansão da Santa Inês chegando até a Avenida Abel Tavares.

¹⁰¹ A maioria do trecho desta rua acompanha a linha do trem desde a Penha até São Miguel Paulista. O homenageado escolhido para nomeá-la foi o mineiro, Assis Ribeiro. Ele trabalhou na estrada de Ferro Central do Brasil chegando a subdiretor interino da companhia. Trabalhou também como chefe geral da locomoção da Estrada de Ferro Oeste de Minas no início do século XX. Fonte: <<http://www.dicionarioderuas.prefeitura.sp.gov.br/PaginasPublicas/ListaLogradouro.aspx>> Acessado em 10 de janeiro de 2013

¹⁰² Nos dois primeiros meses do ano de 1955 que Jânio passou na prefeitura de São Paulo, lançou este decreto que dispunha sobre diversas denominações de vias públicas. Disponível em: <<http://www.leismunicipais.com.br/a/sp/s/sao-paulo/decreto/1955/280/2803/decreto-n-2803-1955-dispoe-sobre-denominacao-de-vias-publicas-1955-01-28.html>> Acessado em 25 de julho de 2013.

casas, seus relatos ajudaram a entender o processo da especulação imobiliária por qual passou a região. Por outro lado, a região das ocupações começou a se formar próxima do primeiro núcleo que consistia no Jardim Matarazzo e Jardim Belém.

A partir dos relatos de algumas moradoras foi possível compreender um pouco melhor a relação entre movimentos sociais, Igreja Católica e os migrantes que chegavam a partir de 1970. Em outras palavras, a participação política naquele período começava a se diferenciar da ocorrida na região dos loteamentos porque a demanda das reivindicações se modificava. Também foi possível resgatar parte do processo de urbanização da Santa Inês a partir da memória das moradoras.

Uma das primeiras favelas de Ermelino Matarazzo tem nome de santa, a Santa Inês. Sua extensão, a favela Nossa Senhora Aparecida também. A religiosidade da comunidade e a intervenção da Igreja Católica explicariam a predileção por assim nomeá-las. No final da década de 1970, conforme Andrade (1989), as lutas por moradia em Ermelino Matarazzo e São Miguel Paulista se intensificaram motivadas por moradores que compraram lotes de terrenos, mas não conseguiam receber a escritura definitiva. No entanto, a partir da diferenciação interna de Ermelino Matarazzo, é possível perceber que a situação de compra de lotes, mesmo grilados, em uma região mais consolidada, era diferente da situação de quem vivia no fio da clandestinidade, como os moradores de barracos e sua preocupação de perder tudo a qualquer momento, como aconteceu na região de ocupações, conforme atesta Anita que chegou em 1977:

Eu cheguei aqui já morava muita gente, mas tudo em barraco de tábuas. Não tinha nenhuma casa de material assim, que o pessoal tinha medo de fazer e a prefeitura vir derrubar. Como derrubaram umas ali, junto da escola. Naquele tempo que derrubaram eu já tava aqui. Fizeram tudo de material, aí o trator veio e derrubou tudo. Aí ficamos no barraco de tábuas.

Alguns estudos apontam que a região leste de formação migrante foi palco de uma singular luta por moradia na cidade de São Paulo (Andrade, 1989; Menezes, 2007; Iffly, 2010). Este posicionamento político-ideológico não era abraçado pela Igreja

como um todo, segundo Andrade (1989), fazia parte dos grupos que se organizavam no interior da igreja em defesa de direitos. O momento histórico brasileiro da ditadura militar, conforme a autora, também permitiu a reunião de diferentes modelos ideológicos: a Igreja (ideais cristãos), estudantes (a revolução), partidos políticos (revolução ou mesmo estruturação política). As mobilizações tinham caráter mais imediatista do direito à habitação. O início da mobilização coletiva por parte desses agentes era com o objetivo de defender o direito dos moradores de favelas, trazendo à baila uma discussão maior em que os sujeitos se perceberam como cidadãos de direitos. Na década de 1980, a Igreja começava a desvincular-se dos partidos políticos, não querendo mais dividir a liderança dos movimentos com estes pares.

Parte da Igreja que adotava este posicionamento tinha como doutrina a Teologia da Libertação no Brasil¹⁰³. As mobilizações se davam a partir da atuação das comunidades eclesiais de bases (CEBs). “As CEBs passam a representar a ação pastoral da Igreja, valorizando o papel do leigo, - o homem do povo – na renovação da Igreja, proposta pelo Concílio Vaticano II” (Menezes, 2007, p.26). As principais preocupações das CEBs se dirigiam à questão dos direitos humanos que se desdobravam em diversas pautas como, por exemplo, as pessoas torturadas no regime militar.

¹⁰³ Para Menezes (2007) a ação progressista da Igreja Católica teve como marco o Concílio Vaticano II de 1962 convocado por João XXIII com o intuito de refletir sobre as violações dos direitos humanos na América Latina. Havia naquele momento histórico um desejo de renovação da atuação da Igreja em resposta à opressão vivida nos países ditos de Terceiro Mundo culminando no que mais tarde foi denominado de Teologia da Libertação. Segundo Catão (1986), o episcopado latino-americano já questionava a ação dominadora da Igreja Católica europeia nos países pobres e o Concílio Vaticano II permitiu que tal episcopado se reunisse na Colômbia, em Medellín, fundando a Teologia da Libertação em 1968. E em 1979, em Puebla no México, a Igreja latino-americana se reúne para consolidar esse novo momento doutrinário da igreja do sul da América. O argumento bíblico para a Teologia da Libertação vem da ideia do êxodo do povo hebraico no Antigo Testamento que foi liberto da escravidão do Egito. De forma semelhante, a vinda do messias no Novo Testamento tem como objetivo também a libertação do povo. No contexto político, tal libertação se daria pelo fim da opressão vivida nos países ditos subdesenvolvidos. Já para Boff & Boff (1982) há uma dupla articulação que estruturaria a Teologia da Libertação. A primeira: a sacramental, que inclui sentir a miséria, protestar contra ela, praticar a solidariedade. A segunda seria a socioanalítica, isto é, apreender a realidade criticamente para agir, interpretar a Bíblia segundo a realidade social e agir consoante os passos anteriores.

Já para Iffly (2010), é no final dos anos de 1980 que a Zona Leste se consagra como espaço de luta política por moradia. Para a autora, as mobilizações tiveram ações inovadoras, se comparada à época populista em que o abaixo-assinado era uma das ferramentas para se conseguir melhorias locais. Não era apenas a questão da moradia, consistia em um movimento. Por exemplo, a Igreja Católica acolheu a criação do movimento dos sem-terra da Zona Leste pós-ditadura. Enquanto a mídia denominava “invasões”, a Igreja da região denominava de “ocupações” como referência direta ao êxodo bíblico em que o povo de Israel marchava para ocupar a terra prometida, evidenciando o caráter político-estratégico da ação (Iffly, 2010, p.171-186).

A antiga Favela Santa Inês, que agora é Comunidade Santa Inês, foi uma das primeiras regiões que foram ocupadas em Ermelino Matarazzo. Menezes (2007) afirma que os movimentos populares de moradia sob a tutela da Igreja Católica ocuparam terrenos inativos da prefeitura: “Hoje, a antiga ocupação chamada de Favela Santa Inês é urbanizada e conta com a gestão paroquial de Pe. Ticão” (Menezes, 2007, p. 29). Assim, o protagonismo da Igreja Católica faz parte deste momento histórico das décadas de 1970 e 1980.

O Padre Ticão nasceu em Urupês, interior de São Paulo. Filho de pai italiano e mãe portuguesa, a vocação para padre foi muito bem recebida em uma família tradicionalmente católica. Estudou em São Carlos e foi parar em São Paulo para estudar Teologia porque queria se aproximar de Dom Evaristo Arns¹⁰⁴ e das mudanças da Igreja Católica que estavam ocorrendo na capital. Antes mesmo de se ordenar padre, acompanhou toda a movimentação política na época da ditadura, quando Dom Evaristo Arns era arcebispo de São Paulo e Dom Angélico¹⁰⁵, bispo de São Miguel. Já

¹⁰⁴ Segundo Iffly (2010), Dom Arns foi um dos idealizadores das CEBs quando ainda era bispo na capital, tendo como referência os ideais do Vaticano II. Foi nomeado arcebispo de São Paulo em 1970 tendo a periferia como objeto de ação católica. Em 1996, ao completar 75 anos pediu sua substituição ao Papa João Paulo II, sendo substituído por Dom Cláudio Hummes em 1998.

¹⁰⁵ Dom Angélico Sândalo Bernadino foi o bispo da região de São Miguel Paulista nomeado em 1975 por Dom Evaristo Arns. Sua atuação foi bastante controversa no meio católico pela confrontação política que se propunha (Iffly, 2010). Além de teólogo, era filósofo e jornalista. Utilizou-se do jornal comunitário *Grita Povo* como instrumento de conscientização política (Menezes, 2007). Era extremamente admirado na periferia por estar a frente dos movimentos de ocupação de terra. Sua

ordenado, não se adaptou às igrejas do interior pela sua atuação mais progressista. Padre Ticão foi transferido algumas vezes para congregações cada vez menores pelo bispo de sua região por acolher movimentos populares no interior das paróquias, das quais era responsável. Quando foi mandado para um lugar muito extremo e pequeno, saiu de lá sem autorização, sendo protegido por Dom Angélico na cidade de São Paulo. Começou a atuar na Zona Leste no final dos anos de 1970. O pároco chegou a Ermelino Matarazzo em 1982. Ele assim relembra sua vinda:

Quando eu cheguei tinha esse bispo, o Dom Angélico, que era super, assim o pé no acelerador. Ele motivava a organização social. E eu chegava do interior, caipira numa cidade grande. A minha cidadezinha era pequeninha. Mas tinha o cardeal Dom Evaristo na cidade também, uma igreja, o Dom Paulo, o Dom Angélico e a igreja de São Paulo tinham uma dinâmica interessante, eles faziam todo ano uma grande plenária. Aí eles tiravam prioridades. Então educação era sempre uma dessas prioridades.

Em Ermelino Matarazzo é possível localizar geograficamente onde estiveram os focos das mobilizações. Há uma mudança de agentes e também de objetos para tais associações. Por um lado, as SABs buscavam melhorias para o bairro como iluminação, saneamento básico, escolas, por volta dos anos de 1950 e 1960. Já no período da ditadura, especialmente a partir dos anos de 1970, os movimentos formaram associações para buscar o direito à moradia, já impossível de ser adquirida pela própria valorização obtida nas décadas anteriores. Nas SABs, os agentes consistiam em profissionais liberais da região com poder de influência junto ao poder público. Quando perguntei para um dos participantes, o Mateus, se as reuniões das SABs aconteciam na igreja, ele respondeu:

Olha, naquela época não! Porque as reivindicações com força da igreja mesmo foi depois que o padre Ticão veio. Porque tinha uma rotatividade de padres, um ficava dois anos, aí saía, vinha outro. Então o padre Ticão quando veio ele, veio e ficou. E uma das maiores qualidades dele é brigar por serviços públicos né, serviços para o bairro.

atuação ainda é muito admirada na região de São Miguel Paulista a ponto de editarem um livro em homenagem ao seu aniversário de oitenta anos, denominado *Dom Angélico Sândalo Bernardino: bispo profeta dos pobres e da justiça* (Marchioni et al. 2012).

Antes da chegada do padre Ticão, as associações estavam por conta das SABs ou agremiações parecidas. Iffly (2010) propõe uma diferença entre esta época no populismo, para as ações mais estratégicas, principalmente por moradia, no período pós-ditadura. O Brasil já sinalizava a abertura política na época da chegada do padre Ticão que aconteceu em 1982, que teve uma forte participação nas lutas por moradia, como apontou Dora, chegando a ser preso por conta disto. Outra moradora do Jardim Matarazzo, a Eliane, muito ativa nas SABs também indica esta diferença de atores:

As lutas [por moradia], para falar a verdade, elas foram com o Ticão. Ele que começou a ter essas lutas para as casas. Aí começou. Eu não entrava nesse meio não. Eu só comecei a entrar quando foi para a USP, porque na Vitória Simionato tem a SAEM que é a sociedade de amigos. A gente frequentava lá. A gente ia lá. Quando tinham essas coisas a gente ia, mas não era sempre não, principalmente moradias, a gente não acompanhava, mulher geralmente não acompanhava.

Como a entrevistada relatou, ela frequentava a SAEM (Sociedade de Amigos de Ermelino Matarazzo). Segundo ela, mulheres não acompanhavam este tipo de luta por moradias. No entanto, segundo o próprio padre, a maioria que lutava nesses movimentos por moradias eram as mulheres, como a conhecida líder da região, a dona Neusa¹⁰⁶. Na verdade, essa diferença está relacionada aos atores envolvidos. As mulheres da região de maior valoração socioespacial, como o Jardim Matarazzo, não participavam de reuniões sobre um lugar cuja clandestinidade e ilegalidades estavam em jogo por se tratar de uma “invasão”. Mas nem por isso deixavam de participar de alguma reunião em busca de outras melhorias, como foi no caso da USP Leste, a EACH. Um exemplo de certa cisão entre as duas associações, as SABs e movimentos por moradia, diz respeito à vinda do Hospital Municipal de Ermelino Matarazzo, nas palavras do padre Ticão:

Uma das sociedades mais antigas é a de Ermelino Matarazzo. Hoje perdeu. Mas ela tem uma história que valeria a pena. Tinha uma sociedade de amigos do Parque Boturussu também. Tinha do Verônia, até hoje tem lá no Verônia. No Jardim Belém. O Belém chamava Berlim, sabia não? Mas por causa da guerra, aí Belém. Então sempre teve, o

¹⁰⁶ Dona Neusa já é falecida. Há um depoimento dela sobre as lutas por moradia no documentário *Ermelino é Luz* (2009).

Jânio Quadros, ele chegava num bairro, a primeira coisa que ele fazia, ele dava um terreno para as lideranças fazerem uma sociedade de amigos. Foi aí que criou o janismo. Então essas sociedades até hoje tiveram um papel, Ponte Rasa, tiveram um papel. Ali na vila Nossa Senhora Aparecida. Agora, os temas, eles tinham uma luta mais localizada, de pequenas lutas. Certas lutas são estruturais, você lutar por exemplo, por um hospital, ou se articula todo mundo. A luta já existia quando eu cheguei, desde a década de 70, que eles lutavam pelo hospital. [...] Aí a comunidade se reuniu, aí levantaram essa questão: olha, quem vai tomar essa luta? Olha a igreja tomou isso aqui como prioridade, vai levar. Nós não excluimos ninguém, entra aqui.

O padre relembra a importância do populismo na figura do Jânio Quadros na formação das SABs. Também analisa que a atuação dessas associações se dava de forma mais pontual. Assim que ele chegou, a comunidade da Igreja São Francisco de Assis se reuniu para lutar por este hospital e tentou se articular com as SABs, que já tinham estrutura na região, mas trabalhavam de forma autônoma, mas que também tinham interesse no tema. O padre Ticão usou a estratégia aprendida nas plenárias de Dom Evaristo Arns para levantar as prioridades. Por isso, para a pauta do hospital seria necessário um trabalho ainda mais estruturado e organizado de todos que quisessem atuar.

É possível afirmar esta separação entre os antigos reivindicadores das SABs e os novos movimentos “adotados” pela Igreja Católica. Neste último caso, havia novas demandas de novos atores, que precisavam também exercer influência junto às autoridades, que naquele período, foi realizado pela Igreja. Mesmo porque esses novos agentes, muitas vezes migrantes nordestinos, já possuíam um déficit simbólico na cidade e estavam na clandestinidade em regiões de ocupação. Esses migrantes morando em favelas associavam uma valoração socioespacial ainda mais desqualificada, do que as pessoas que moravam também na periferia, na Zona Leste, em Ermelino Matarazzo, mas no Jardim Matarazzo e Jardim Belém, por exemplo. Naquele período, as SABs já estavam sendo desarticuladas pelo governo militar (Gohn, 1991) e as contingências históricas decorrentes deste período permitiu que a Igreja Católica também se tornasse uma das protagonistas na mediação entre a população e

o poder público, tornando-se um novo agente de influência que abarcava os movimentos por moradia.

A questão da legalidade da terra é bastante ambígua no Brasil. Para Maricato (2003), uma favela pode ser tolerada desde que não interfira nos interesses do lucro do setor imobiliário; do contrário, a lei pode ser impor. Para ela, “lei de mercado, e não norma jurídica, determina o cumprimento da lei” (Maricato, 2003, p.159). E nesta luta desigual, em que de um lado está o setor privado e do outro o “produtivo excluído”, nos termos de Maricato, o primeiro leva vantagem diante do poder público. Para entrar neste jogo, tais trabalhadores tiveram de se organizar debaixo de lideranças locais, apoiados por alguns membros da Igreja. Ao perguntar como foi o surgimento da comunidade Nossa Senhora Aparecida, a Dora explicou o seguinte:

Foi invasão. Naquela época o padre (...) estava em frente dos trabalhos, tava a frente junto com nós. Então o terreno estava todo desocupado, era só mato. Então tinha seu Santo, tinha as outras meninas, como é que era? Eu nem lembro mais. Aí naquela época nós ajuntamos, o padre sabia que o terreno era da prefeitura, aí a gente ajuntou todo mundo, um grupo de pessoas, igual tem as invasões agora, invadimos e construímos um barraquinho, cada um construiu um barraquinho.

A “invasão” precisava ser orquestrada. Não era possível apenas uma família construir um barraco, fazia-se necessário criar uma estratégia. Também era preciso lideranças locais, como o caso do Seu Santo e outras “meninas” que também estiveram à frente, como a já citada Dona Neusa. Essas lideranças eram também complexas, como relata Anita sobre o Seu Santo:

Ele ajudava as pessoas, trabalhava na comunidade, nas igrejas aí, pra ajudar as pessoas. Então as pessoas não tinham onde morar, eles arranjavam um cantinho pra morar. Ele foi uma pessoa muito boa que ajudou muita gente aqui. Aí terminou que assassinaram ele. A minha casa mesmo, uma parte nós compramos. Eu e minha prima, nós dividimos, ela numa parte e eu na outra. Aí como nós tinha mais filhos, aí quando o finado Santo tirou eles daqui e botou lá na outra rua de cima né. São Salvador, não sei como é que chama lá. Aí ficou um pedaço dela que caiu. Aí ele falou, esse pedaço não vamos dar pra ninguém, nós vamos dar pra essa família que tem muito filho, muita gente que acaba

que a casa é pequena. Aí veio a assistente social concordou e deram pra nós.

Anita foi pessoalmente ajudada pela liderança de seu Santo, por isso ele era visto como uma pessoa boa aos seus olhos. Mas a atuação dele na comunidade não era unânime, a ponto de ser assassinado. Percebe-se o poder de decisão nas mãos desse líder, pois pôde indicar outra casa para a prima de Anita e permitir que ela continuasse na casa sem outra família, visto que eram mais numerosos. Vê-se que a liderança também era um elo entre a questão legal (assistente social) e os moradores.

Outro ponto apontado era saber de quem era o terreno: privado ou público. Havia parceria entre os moradores e o pároco local que tinha como ideologia a pregada na Pastoral da Terra¹⁰⁷. Para Iffly:

A população pobre empregou diversas estratégias nos anos 1980, algumas vezes consistindo em métodos aceitos pelas autoridades, outras ilegais. Muitas vezes buscou fazer ouvir suas reivindicações, mas, quando o poder público não lhes deu ouvidos, também recorreu à ação direta. Enquanto o meio mais comumente empregado durante o período populista foi o abaixo-assinado, apresentado às autoridades por algum político, os movimentos pela moradia na década de 1980 inovaram de diversas formas. As ocupações de terras constituem uma forma de ação coletiva desconhecida no espaço urbano – talvez mesmo no repertório nacional (pode-se, a rigor, considerá-las como importação de práticas já empregadas no campo, apesar de diferenças importantes). (Iffly, 2010, p.179)

Para a autora, esse tipo de ação orquestrada, legal ou não, assemelhava-se à ação do movimento dos sem terra empregada no campo. Por isso, a autora toma as ocupações de terras como uma ação coletiva inovadora. Ao mesmo tempo, a Teologia da Libertação, cuja doutrina entendia a terra como um direito, confrontava diretamente a especulação imobiliária, que tem ditado as regras na cidade. Naquele período, a desarticulação dos bispos da Teologia da Libertação por parte do Vaticano tem se explicado pelo perigo comunista que eles representavam. Pode-se levantar a

¹⁰⁷ Com as mudanças no Vaticano e a nomeação de Dom Evaristo Arns como arcebispo de São Paulo, houve uma mudança na atuação da Igreja Católica, que transferiu seu olhar para a periferia. Em 1975, Dom Angélico foi nomeado bispo na região de São Miguel, tendo uma ação bem confrontadora com o poder público. Para o bispo, a terra era um direito, que pertencia a Deus, por isso não poderia ser negada a ninguém. Por isso, eram “ocupações” e não “invasões”. Com as mudanças do Vaticano, com a chegada de João Paulo II ao papado, vários líderes que seguiam a Teologia da Libertação foram sendo transferidos, tendo sua liderança desarticuladas, como aconteceu com Dom Angélico. Este foi mentor do padre Ticão.

hipótese, para estudos posteriores, de que talvez essa visão da terra que contrariava os interesses privados imobiliários contribuiu também para a desarticulação dos bispos da Teologia da Libertação, especialmente o Dom Angélico, mentor do Padre Ticão, que teve forte atuação na questão da terra. Por causa desse tipo de visão da Pastoral da Terra, da qual padre Ticão fazia parte, sobre a apropriação do solo urbano, uma investigação por parte da polícia federal foi iniciada contra o padre. (Iffly, 2010, p. 178). Menezes (2007) também relata que algumas de suas missas eram acompanhadas por agentes do Dops (Departamento de Ordem Política e Social). Além de algumas prisões, como ocorreu em 1979, por distribuir folhetos sindicais em fábrica no distrito da Penha e outra em 1984 quando impedia a desocupação de moradias ilegais por parte da polícia, como Dora lembrou:

Porque nós não tínhamos casa, não tínhamos onde morar, então a gente ajuntou um monte de gente, tinha uns moradores que já moravam aqui em barraco também. Fizemos uma turma e invadimos o terreno. Ai depois o padre entrou em contato com a prefeitura e conseguiu um papel que consta que a gente mora aqui, nós não temos posse. Mas ele lutou muito com nós, ele foi até preso por causa disso aí, dessa invasão.

Um dos grandes temores dos moradores era o medo de perder seu investimento em construção de alvenaria por isso viviam em barracos de tábuas. A intervenção da Igreja foi crucial para eles naquela época. Conforme já dito anteriormente, o objetivo da Igreja na Zona Leste, segundo Andrade (1989), não era apenas defender os moradores de favelas dos problemas iminentes, como o despejo, demolição dos barracos, mas levar tais moradores a “reconhecer os seus direitos enquanto indivíduos” (Andrade, 1989, p. 62), conforme a liderança local.

Com toda esta pressão sofrida pelo padre Ticão e principalmente por seus antecessores, vê-se um padre mais pragmático nos anos seguintes. Ele chegou à paróquia na década de 1980, período de mais abertura política, que culminou no término da ditadura militar. Talvez isso explique a longevidade do pároco, se comparado com Dom Angélico e Dom Evaristo Arns que foram transferidos de suas

posições. Padre Ticão está há mais de 30 anos da região, assumindo o papel de negociador. A entrevistada Helena analisa assim a atuação do padre:

O padre Ticão criou muita comunidade aqui dentro. Ticão não é padre só, ele é um padre político. Ele trabalhou muito com os políticos, né? É por isso que ele organizou muito, muito mesmo aqui dentro porque ele é muito apegado à política.

Para Helena, uma das características do padre é o pragmatismo. Ele fez a mediação com vários políticos de diferentes partidos para conseguir as melhorias para comunidade, pois o poder de barganha estava em suas mãos. Iffly (2010) aponta a aproximação do movimento por moradia, inclusive sob a influência do padre Ticão, de políticos como o Mário Covas, do PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e da Luíza Erundina, na época do PT (Partido dos Trabalhadores), cujas siglas são adversárias.

Esse pragmatismo, segundo o padre, é necessário para se conseguir as benfeitorias para a Zona Leste. É necessário ir atrás daqueles que têm o poder de decisão. Nas palavras do padre Ticão é uma estratégia de acupuntura:

Minhas lutas aqui na zona leste sempre foram tipo de uma acupuntura: você vai pondo uma agulhinha aqui, uma escola aqui, uma creche aqui, um posto de saúde aqui, uma luta pra acabar com aquele lixo. (...) Então as coisas na Zona Leste você consegue assim como uma acupuntura. Você põe uma agulhinha aqui, uma escola, você põe uma moradia, um loteamento. Eu tenho uma lista lá de trinta coisas, toda semana eu vejo o que caminhou, o que não caminhou, e a gente vai atrás.

As entrevistadas confirmaram a importância da atuação do padre. Em um passado recente de violência vivida na favela, com justiceiros, pessoas assassinadas dentro da própria comunidade, um grande clima de medo, a luta por policiamento foi fundamental na visão dela. A intervenção do padre Ticão para trazer policiamento para lá, ajudou muito a melhorar a questão da segurança, segundo seus relatos. Não só nisso, mas Anita relembra a atuação dele em outras áreas:

E essas urbanizações foram feitas depois que ele veio pra igreja aqui. É que foi feito esse calçamento. Chegou luz. Não tinha água, não tinha esgoto. Pegava água de poço. A luz era emprestada, quando dava seis horas, desligava as lâmpadas. Não dava nem pra iluminar dentro de casa. A gente ligava e queimava os nossos aparelhos tudo. Depois que ele começou a lutar pela gente aqui, entrou luz, a Eletropaulo. Aí foi começar a fazer a urbanização, veio esgoto, chegou água da Sabesp, a gente teve água em casa. Mas antes, a gente pegava tudo água do poço. Aquele que tinha poço cedia água pra gente. Eu peguei muita água ali, nossa!

A questão religiosa traz certa credibilidade para os movimentos, mesmo que muitos não concordem ou participem dele como foi dito por alguns entrevistados. A influência do padre Ticão se dá não somente nestas duas regiões, mas também entre os moradores da região das construtoras. Duas entrevistadas deram sua opinião sobre o padre. A primeira de forma positiva, a Zenilda:

Até hoje tem reunião de comunidade de base, que a turma luta aí pelas coisas, até hoje tem. Foi quando o padre Ticão também entrou nesta coisa e fez de Ermelino o que é hoje. Santa Inês lá tudo, tudo aí tem mão do padre Ticão. Ele entrou nessa, nesse caminho e foi. [...] Ele é muito legal. Ele está sempre disposto a ajudar. Nossa! Está sempre disposto. O padre Ticão trabalhou muito aqui. Trabalhou e trabalha.

Para Zenilda, a atuação do padre foi fundamental para Ermelino. Ela cita particularmente a educação pelo projeto das ACDEM (Associações da Casa dos Deficientes de Ermelino Matarazzo) que surgiram em 1989. As ACDEM foram formadas para atender uma demanda de mães com filhos deficientes na região¹⁰⁸. Para ela, as ACDEM são “a menina dos olhos do padre”.

A importância dos líderes católicos pode ser vista nas homenagens pelo bairro. Na Comunidade Nossa Senhora Aparecida, a biblioteca tem o nome do Padre Ticão e o Telecentro¹⁰⁹ do Dom Angélico.

¹⁰⁸ Ver Capítulo 34 ACDEM (Augusti, 2012, pp.127-129).

¹⁰⁹ Telecentros são centros de informática mantidos pela Prefeitura de São Paulo tendo como objetivo a inclusão digital.



Figura 9: Biblioteca e Telecentro na Comunidade Nossa Senhora Aparecida. Fonte: Adriana Dantas

No entanto esta atuação política de líderes católicos não é apreciada da mesma forma pelo distrito. Outra entrevistada, a Dalila, disse que não gostava do trabalho do Ticão como padre. No entanto, como benfeitor da Zona Leste, ele tinha ajudado muitas pessoas e por isso ela o admirava. A entrevistada também admitiu que muitos padres não concordavam com o trabalho dele. Perguntando um pouco mais, ela explicou melhor o que pensa sobre visão da Teologia da Libertação e as ocupações de terra:

É briga, é morte, né? Os barracos que eles constroem, a prefeitura manda derrubar, as pessoas vão pro albergue, vai pra, é, pros albergues, pra esses lugares que a prefeitura dá e fica nessas coberturas, nessas cabanas aí um ano, sem ter nada. [...] Teve um movimento muito grande ali na favela da Santa Inês, uma das maiores favelas que tem. Ali foi uma invasão muito grande. Mas até ai, até agora ninguém saiu de lá. Ali foi uma invasão muito grande, que nem eu te falei, está todo mundo lá quieto, ninguém sabe com o tempo se ainda vão, mas ali já estão como posse. [...] a Santa Inês é ali perto da igreja de São Francisco. Ali é morro. Ali é uma das favelas mais violentas que existe é a Santa Inês. Apesar que o pessoal tá falando que agora tá tranquila né. Tem posto policial, tem igreja, tem coisa pra terceira idade, tem muita coisa.

Dalila chegou a São Paulo em uma época em que ainda era possível comprar terrenos, em 1964. Ela chegou analfabeta em São Paulo, trabalhou como doméstica e juntamente com o marido operário comprou um terreno, terminando sua casa em 1972.

A visão da terra como um direito, pregado pela Igreja Católica de ideologia libertária, é vista com desconfiança, como ela relata:

A Igreja Católica acha que a terra não é de ninguém, que a terra pertence a Deus. Então ele acha na Igreja Católica que a pessoa tem o direito de invadir qualquer lugar que não tem casa, qualquer fazenda, assim construir a sua casa. Então a Igreja Católica não parou o movimento, ainda continua esse movimento muito grande, só que agora não está sendo tão divulgado. Mas como nós trabalhamos na Pastoral da Criança, nós sabemos que ainda tem. [...] A Igreja Católica ainda continua com esse movimento, principalmente aqui, continua muito forte ainda. [...] Eu não concordo, muito [...]. Porque eu acho assim, muitas vezes eles falam que a terra é de Deus, todos nós sabemos disso. E se alguém comprou uma fazenda com suor e muita gente que não é, que não fez nada, vai lá invade. Quebra a plantação da pessoa, mata os bichos da pessoa, galinha, usa e às vezes aquela pessoa não tem nada a ver com o trabalhador, é um desocupado. Então nesse lado eu fico meio assim, eu fico nas minhas dúvidas. Sabemos que a terra é de Deus, mas sabemos que tudo o que Deus dá pra gente, Deus também dá pra gente lutar e ter. Será que aquelas pessoas estavam trabalhando para invadir aquela fazenda? Que nem esses dias, quanta plantação de laranja foi destruída com esses sem-terra? Eles destruíram muita, aí nisso eu fico pensando: isso é certo ou errado? Eu não concordo muito não. Ele sabe muito bem disso.

A visão de Dalila é mais conservadora e compartilhada por grande parte da sociedade, principalmente pelas notícias vinculadas sobre o movimento dos sem-terra, que é visto como uma violação da propriedade privada. Ela entende que a visão da ocupação de terra é uma exceção dentro da Igreja e, atualmente, tal visão não é dita abertamente. Esta forma mais conservadora de conceber a terra, não discute como a especulação imobiliária é perversa e, sim, o direito privado violado. Nas entrelinhas, o que está em questão é a incapacidade do trabalhador em conseguir recursos para ter uma moradia digna, pois esta é resultado de trabalho e esforço. O direito a terra é sobrepujada pelo direito privado imobiliário. E a responsabilidade recai sobre o trabalhador e sua incompetência, pois para se conseguir um bem material, como a terra, é necessário suar e trabalhar. E o sucesso vem como resultado. E violar essa regra pode ser tarefa de um “desocupado”, que não merece ter a terra visto que não trabalhou para pagá-la.

Outro agravante é que as ocupações também são contraditoriamente alvo de especulações imobiliárias no seu interior. Damião, morador da região dos loteamentos, informou que pessoas utilizavam a invasão para investimento pessoal:

Tem nego que é dono de loja aqui, dono de casas aqui é dono de casa lá, você está entendendo? Alugada. Então aquilo é tudo invadido. Virou um povoado também.

Depois de formada a favela, ela se tornava um investimento imobiliário também. Os próprios moradores revendiam, alugavam, seguindo as leis do mercado, conforme informa Dora:

Até hoje, onde eu moro hoje é comprado. Eu comprei com meu marido, quando a gente casou ali onde eu moro, já foi comprado. Porque a casa da minha mãe é lá do outro lado.

Assim que Dora chegou criança, sua família participou da invasão. Já adulta, teve de comprar sua casa. Zilda chegou um pouco mais tarde do que Dora. Quando a favela já estava formada, teve de comprar um pedaço de terra e começar a construir:

Foi em 80. A gente foi chegando assim. A maioria do pessoal daqui sempre foi chegando assim: um parente indo pra casa de outro. Dali foi crescendo, aumentando mais e mais. Quase ninguém nunca vem diretamente pra dentro de sua casa mesmo. Muitos que eu conheço, principalmente da minha família foi assim. Vinha pra casa de um parente, os parentes ia indo comprar um pedacinho e foi aumentando assim desse jeito. Porque a gente não tinha condições de comprar uma casa. Agora graças a Deus a gente tem uma casinha pra morar.

Zilda relata o processo de como a favela foi aumentando. A migração em rede (Fontes, 2008), em que um parente ou amigo traz outro para dentro de sua casa, até que este outro tenha condições de se estabelecer, foi o mecanismo utilizado. No caso, desses migrantes da década de 1980, as condições de trabalho e de compra de terra na periferia já estavam bem diferentes e a favela era o que estava ao seu alcance. Hoje, com a urbanização e regularização da Comunidade Nossa Senhora Aparecida, há um sentimento de “gratidão” por ter um teto para morar.

Também é importante salientar a advertência de Maricato que bem cabe neste processo: “A consolidação e melhoria da cidade ilegal e sem urbanização exige o contraponto da produção de novas moradias, do contrário estaremos consolidando a dinâmica da ‘máquina de produzir favelas’ com as políticas públicas correndo sempre atrás do prejuízo” (Maricato, 2003, p.163). Para a autora, a máquina de produzir favelas se daria pela acomodação de arranjos possíveis, como a favela, em um jogo de forças assimétricas.

Por outro lado, a movimentação popular em prol de moradias na periferia mudou as relações entre associações e sistema político, na visão de Iffly (2010). Mesmo sendo uma organização frágil, dependente ora da Igreja, ora de partidos políticos, novas regras do jogo se delinearam desde a década de 1980. Um dos exemplos se deu quando o padre Ticão assumiu a liderança da Pastoral da Terra. Naquele contexto histórico, formou-se a União dos Movimentos de Moradia (UMM) que reuniu diferentes movimentos em São Paulo para organizar as mobilizações em 1987, incluindo caravanas para Brasília. A UMM também mobilizou movimentos de outros estados em prol de um projeto de lei para a criação de um fundo para moradia, apresentando um projeto de lei no Congresso Nacional em 1991 que culminou no projeto Minha Casa Minha Vida¹¹⁰ (Iffly, 2010, p.198-199).

É possível ver a influência desse fundo nacional federal em Ermelino Matarazzo com o levantamento de novos empreendimentos imobiliários por causa do financiamento federal. Na Avenida Assis Ribeiro (ver Mapa 7: Região das Ocupações, o número 6), no meio de uma região de ocupação, duas torres estão sendo erguidas com os subsídios do programa:

¹¹⁰ Segundo o sítio da Caixa Econômica Federal: “O Minha Casa Minha Vida é um programa do governo federal que tem transformado o sonho da casa própria em realidade para muitas famílias brasileiras. Em geral, o Programa acontece em parceria com estados, municípios, empresas e entidades sem fins lucrativos”. Disponível em: <http://www.caixa.gov.br/habitacao/mcmv/index.asp> Acessado em 18 janeiro 2013.



Figura 10: Torres na Assis Ribeiro em área de ocupação em 2012. Foto: Adriana Dantas.

Esta política pública habitacional beneficiou muitas famílias nas primeiras décadas do século XXI, as quais puderam adquirir seu imóvel com ajuda do financiamento do governo. No entanto, tal política pode ser criticada no ponto em que ela tem mais dificuldade em atender e diz respeito à própria gênese do processo. O fundo nacional foi uma ideia surgida no seio da UMM, de movimentos por moradia organizados por população de baixa renda. E esta população tem se beneficiado pouco do programa Minha Casa, Minha Vida. O programa tem diferentes faixas: A faixa 1 atende famílias com rendas até R\$ 1,6 mil cuja habitação deva custar até R\$ 95 mil no ano de 2012. As faixas 2 e 3 atendem famílias entre R\$ 1,6 mil e R\$ 5 mil. Segundo uma reportagem de *O Estado de São Paulo*, grandes empreendedoras teriam prejuízo ao ter como público famílias mais pobres atendidos pelo Minha Casa Minha Vida, cuja renda seja inferior a R\$ 1,6 mil. O público menos visado pelas construtoras. A autora do caderno negócios assim explica:

Vender imóveis para a população de baixíssima renda no Brasil nunca foi o melhor negócio para as grandes empresas imobiliárias. O foco sempre esteve nas famílias de classe média para cima, onde estão as maiores margens de lucro. Essa lógica começou a mudar em 2009, quando o governo federal lançou o programa habitacional Minha Casa Minha Vida. Companhias de todos os portes correram para abocanhar uma fatia do mercado, desconhecido para muitas delas. (Gazzoni, 10 dez 2012, p. N4)

A reportagem destacava que as empresas estavam tendo prejuízos por causa da inadimplência com as duas últimas faixas, as preferidas para investimento. O motivo da reportagem era demonstrar o sucesso de uma empresa que investiu

exatamente na faixa mais carente, de até R\$ 1,6 mil, que não era contemplada pelas incorporadoras. Por outro lado, as torres que estão sendo levantadas na Avenida Assis Ribeiro não contemplavam esta faixa de família e, provavelmente, muitos dos moradores que estão em seu entorno.

Desde a concepção de habitação social (Bonduki, 1994) na era Vargas, passando pelo BNH (Banco Nacional da Habitação)¹¹¹ e atualmente o “Minha Casa, Minha Vida” o direito à moradia é sobrepujado pela mercado imobiliário. A gênese da luta para conseguir o fundo pelo movimento de moradia já estava esvaziado. Conseguir novas fatias na periferia já era um bom negócio, que sempre esteve em curso na cidade. Ermelino Matarazzo também foi e tem sido alvo de diferentes maneiras, como veremos na região das construtoras.

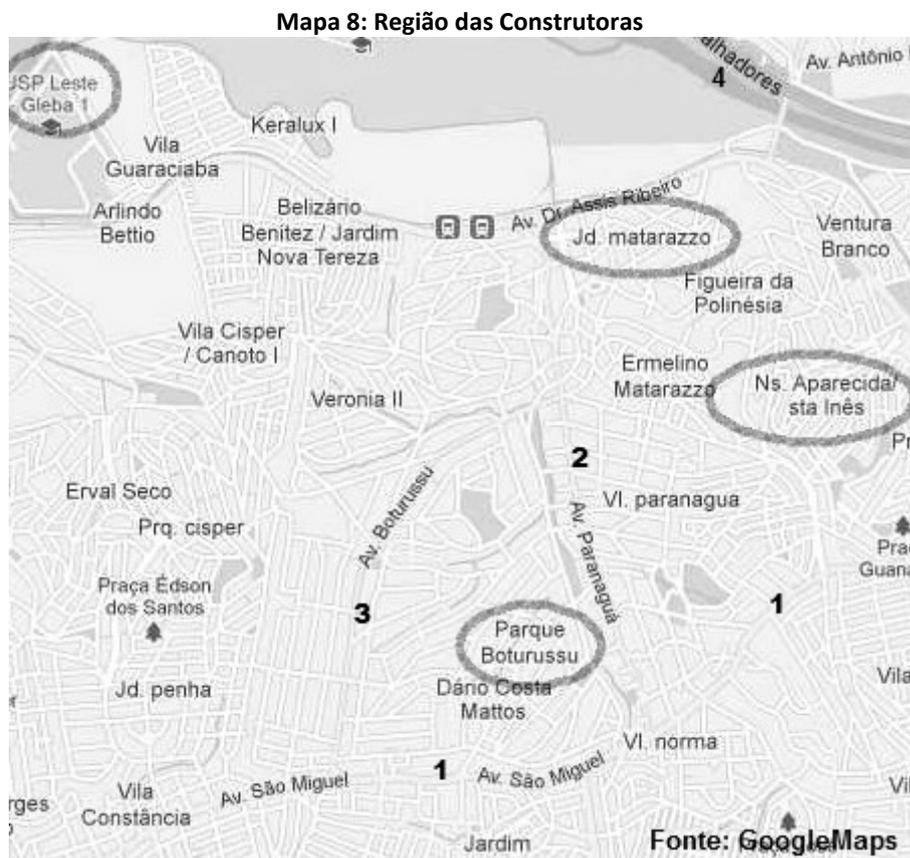
3.3 A região das Construtoras

Apesar dos antigos moradores entrevistados terem chegado à região das construtoras anteriormente aos moradores da região das ocupações, esta região é tratada por último. Isto porque se trata do processo que eles testemunharam: as casas construídas por empreendedoras e vendidas para uma nova população. Os antigos moradores entrevistados participaram do processo de loteamento que na região não foi tão intenso. Por este motivo, esta parte do distrito era praticamente vazia na década de 1970 com poucas casas autoconstruídas.

Esta parte do distrito era pouco habitada, porém tinha-se ao oeste o distrito da Penha que desde o início do século já tinha certa urbanização, como foi visto no capítulo 1. Ao leste, tinha o distrito de São Miguel Paulista que, segundo Fontes (1997), foi refundado a partir da instalação da Nitro Química nos anos de 1930. Estes dois distritos são ligados pela Avenida São Miguel. A região das construtoras, como o bairro chamado Parque Boturussu, está entre a Penha e São Miguel. Por isso, a partir de 1980 e principalmente na década de 1990, já havia várias melhorias no entorno, tanto em

¹¹¹ No período da ditadura, criou-se o FGTS que abastecia o BNH, conforme Botega (2007). O fracasso do BNH, para o autor, se deu porque os recursos eram transferidos para a iniciativa privada que se responsabilizava pela gestão do banco, cuja lógica de existência, servia mais para dinamizar a economia nacional a partir do setor imobiliário. Sua extinção se deu em 1986.

relação aos vizinhos, como ao próprio centro de Ermelino, mais ao norte. Assim, era possível ao setor imobiliário investir em casas populares na região ao invés de venda de loteamentos para autoconstrução.



A partir do mapa acima é possível verificar onde Ermelino Matarazzo teve seus primeiros loteamentos, no Jardim Matarazzo, em destacado na figura. Vê-se que uma das primeiras ocupações se deu mais distante da várzea do rio Tietê: a Santa Inês e Nossa Senhora Aparecida, também em destaque. Ao sul, estava a Avenida São Miguel (1). Esta avenida, antiga rodovia São Paulo-Rio, fica na região de alta colina, segundo Azevedo (1945), cerca de 3 km da estação de trem Comendador Ermelino e 5 km da EACH-USP. Enquanto o Jardim Matarazzo já tinha certa infraestrutura nas décadas de 1970, com terrenos já valorizados para a classe operária, fazendo com que muitos novos moradores fossem parar na antiga favela Santa Inês, o Parque Boturussu, perto da Avenida São Miguel (1) era pouco valorizado. Conforme o relato do entrevistado Isaías, morador da região de loteamentos desde 1947, é possível entender o motivo:

Eu comprei aqui [no Jardim Belém] porque parecia que era o centro de Ermelino Matarazzo. Mas foi engano. Eu tive oportunidade de comprar do outro lado, que era mais barato do que aqui, no Boturussu, Paranaguá. Aquela parte era tudo mato, mas como aqui nessa parte tinha a fábrica do Matarazzo, se pensava que aqui seria o centro de Ermelino Matarazzo. Se eu tivesse comprado pra lá, pra mim seria melhor. O preço que eu comprei aqui, lá dava pra comprar três lotes. Era muito mais barato, era tudo encharcado. Ninguém queria comprar, mas foi onde melhorou. Cresceu mais do que pra cá. De uns quinze a vinte anos atrás começou a crescer mesmo. O corretor aqui nos levou lá e disse: aqui vai passar uma avenida e explicou tudo, mas era mato virgem mesmo. Eu não quis.

Isaías aponta que a partir da década de 1990, essa região começou a melhorar. No entanto, anteriormente era um local que poucos queriam morar. Provavelmente, na década de 1950, como ele informa, era possível comprar três lotes no Parque Boturussu, pelo valor de um no Jardim Belém, que já era mais barato do que a região do Jardim Matarazzo. Esse tipo de melhoria urbana era um método de especulação imobiliária, descrito na literatura, que consistia em não abrir loteamentos um próximo ao outro, mas deixavam-se terras vazias entre eles como já relatado no capítulo 2 (Cardoso, Camargo & Kowarick, 1973, apud Kowarick, 1993).

Empreendimentos financiados pelo poder público foram crescendo no Parque Boturussu e redondezas, atraindo novos moradores que não estavam ligados, necessariamente, à industrialização. Também é possível constatar certa verticalização no distrito. No entanto, inicialmente foram as casas, especialmente sobrados, com dois quartos, com uma ou duas vagas na garagem que surgiram na região. Geralmente as casas possuem muros altos, grades, revelando a preocupação com a segurança.

Na década de 1970, o Parque Boturussu era cheio de mato, sem infraestrutura básica. Dalila estranhou quando chegou a Ermelino em 1972. Assim que chegou da Bahia em 1964, começou a trabalhar como empregada doméstica. Naquele tempo, ela morava na casa dos patrões. Antes da vinda para a Zona Leste, ela morava na região do Ibirapuera e relata o seguinte sobre sua chegada:

Pra começar, quando eu cheguei aqui em Ermelino, como eu já estava habituada em lugar muito chique, que a gente esquece a miséria que a gente veio e a pobreza, então pra mim já foi assim: nossa, onde eu comprei? Onde eu vou morar? Dentro de um matagal! Você está acostumada lá no lugar de milionário, eu estranhei muito, muito, que eu já tava não sei quantos anos morando pra lá. E a dificuldade que a gente tinha: a rua, muita terra, muita lama. Quando chovia a gente tinha que tirar o chinelo pra entrar em casa de tanta lama que era. A gente ia subir a rua e a gente descia porque escorregava. A dificuldade de água, de puxar água, a gente não tinha encanamento, a fossa. Então pra mim, eu estranhei bastante. Mas depois veio, como é que fala, o progresso daqui de Ermelino, agora já está se considerando um bairro mais ou menos né? E a gente vai se habituando com tudo, a gente vai convivendo, a gente vai se habituando com aquilo.

A moradora mais antiga, a Carla, morava no emprego, nos fundos de uma padaria. Juntou dinheiro e comprou um terreno com um barraquinho:

Então quando vim comprar o terreno com o barraquinho, vim morar aí. Mas não tinha água, não tinha luz, não tinha banheiro, nada. Só tinha o barraquinho.

Zenilda chegou à região por acaso em 1968. Ela e o esposo tinham poupado para comprar uma casa própria e fugir do aluguel. Eles moravam na Água Funda. Seu esposo tinha a intenção de comprar algo na Zona Norte e por acaso pegou um ônibus sentido Zona Leste. Como eles tinham pressa em adquirir essa casa, porque ela tinha acabado de engravidar do segundo filho, ela conta o drama que foi chegar a Ermelino Matarazzo, depois de morar na Água Funda:

Olha vai comprar essa casa em qualquer lugar! Vamos aproveitar esse dinheiro que nós temos aí, antes de gastar. Aí ele saiu e comprou aqui e eu nem vim ver, não vim ver. Aí arrumamos a mudança. Eu lembro que eu descí ali, meu Deus, quando eu vi essa rua, essa casa, ah, eu me enterrei! Eu me enterrei aqui. Nossa, eu não tinha mais alegria, eu não tinha mais. Meus amigos ficaram todos lá na Água Funda, porque a gente tinha um círculo muito bom de amizade, ele tocava na igreja. Tinha um grupo, um coral. Nossa casa sempre tava cheia de amigos, sempre. (...) Ai quando eu vi aquele mato, nossa mãe! Água de poço. Não tinha. Nós não tínhamos nem poço ainda, nem luz né, não tinha luz também não.

A separação entre a cidade rica e a cidade pobre da periferia era sentida por seus moradores. Para as duas moradoras, estar em uma região com tão pouca infraestrutura era motivo de desconforto, de estranhamento e até de sofrimento como no caso de Zenilda. Não havia estrutura básica como água encanada e saneamento em relação ao esgoto produzido. A grande quantidade de lama na rua também é lembrada por todos os entrevistados, principalmente pelos transtornos que causavam na época de chuva. Viver em condições precárias era a possibilidade que tinham nas mãos em relação à casa própria. Em relação à atualidade da periferia, os terrenos eram grandes: cerca de 10m X 40m. Quando esses terrenos tinham alguma área construída, era bem pouca como na experiência de Márcio:

Compramos a prazo. Comprei já de segunda. A pessoa tinha comprado o terreno e já tinha essa casinha do lado, que é da inquilina. Essa casinha já tinha, o resto do terreno... O terreno é grande. Tem outra casa grande lá nos fundos, que morava meu filho. Então, nós fizemos a casa aqui e viemos morar para cá.

Ele aproveitou o terreno para fazer mais duas casas, a dele e a do filho. Atualmente, a primeira casa está alugada e a do filho está desocupada. De forma semelhante, Zenilda comprou já construída também e foi ampliando com o tempo:

Isso, por um acaso, ele chegou aqui, aí conheceu o Darci que era construtor dessas casas aqui. Construiu esta casa, esta aqui, a dona Maria, essas duas de baixo aqui, ele que construiu e nós compramos dele esse aqui. (...) Compramos quarto, sala, cozinha e banheiro e o resto tudo quintal. Essa obra de arte assim foi depois, foi esticando, esticando, e faz sabe como é que é, ia nascendo um filho, mais um quarto, nascia outro filho, mais um quarto.

A partir do relato de Zenilda já é possível ver a transição entre a venda de lotes e o investimento de empreendimentos imobiliários na periferia. Neste caso, ela relembra de um construtor que fazia casas simples e vendia na região. Márcio também relembra como muitos desses construtores surgiram na periferia contando a experiência de dois irmãos pernambucanos que vislumbraram um novo negócio a partir do mercado imobiliário privado:

Ele e o irmão dele não eram pedreiros, mas começaram a levantar a casa no terreno que eles compraram. Os dois iam morar juntos no terreno. (...) Eles começaram a levantar a casa e quando iam cobrir, passaram lá e falaram: “Você quer vender?” “Vendo. Quero tanto”, e deram. Com aquele dinheiro compraram dois terrenos, um para cada irmão e começaram a construir junto ali. Quando eles levantaram [perguntaram de novo] “quer vender?”, venderam. Sempre com lucro. Ele falou “é uma mina de ouro”. Eles compravam terreno e começavam... Um dia ele passou com um carrão, já não trabalhava mais lá comigo. (...) Ele falou “olha como eu progredi”, já tinha firmas, empregados, tudo para construção. Tem pessoas que evoluíram, onde pega se transforma em ouro.

O setor imobiliário privado era uma oportunidade de mobilidade social como aconteceu com esses empreendedores. Adquirir um terreno, construir e revender tornou-se um grande empreendimento na região que tentava cooptar novos moradores que queriam adquirir sua casa própria, como aconteceu com a Cleusa:

Na Penha não tem casa nova. E naquela época, o financiamento, a Caixa dava pra casas novas, casas que ninguém morou. E ali na Penha não tinha nenhuma casa que me interessasse, de maneira nenhuma, tudo era casa já antiga, não tem sobrado, não tem prédio novo, não tem nada ali, tudo é velho. (...) Aquela Penha é muito velha, muito antiga né, as casas de lá são bem derrubadas.

Cleusa e seu esposo buscavam uma casa para comprar. Eles moravam na região da Penha e buscavam uma casa nova que atendesse as exigências da Caixa Econômica Federal que financiaria tal objetivo. Ela conta que buscou um corretor da região que apresentou o empreendimento que estava sendo feito no local. O detalhe é que falaram que já tinha asfalto no local na época em 1981, o que só se concretizou em 1986. E como ela relembra:

Cheguei aqui em 81. O bairro estava começando, tinha muita casa aqui construindo.

É interessante ela notar que o bairro estava começando, visto que desde 1940, o distrito de Ermelino Matarazzo já tinha iniciado sua urbanização. No entanto, esta localidade é mais uma fronteira que mostra que outro tipo de intervenção estava

acontecendo no distrito que caracterizaria sua diferenciação interna: “Muita casa construindo” não mais pelos próprios moradores.

Diferentemente das duas outras regiões, as associações de moradores realizadas de forma mais organizadas como as SABs e o movimento de moradia não aconteceram. Zenilda relembrou que influenciada pelas lutas que aconteciam na Igreja Católica, especialmente na Igreja São Francisco de Assis, antes da chegada do padre Ticão, começaram a ter algumas mobilizações de mães na região. Ela conta que cerca de dez mães se reuniam para se organizar e reivindicar creche no gabinete do prefeito, sem intermediários, elas mesmas eram recebidas como grupo:

Então, nós já tínhamos a visualização do local. Então, pedimos creche, pedimos prezinho¹¹² pra lá, creche pra lá. Então a gente levava todas as coisas, a rua onde que era. Porque naquele tempo era rudimentar, não tinha lá o computador que aparecia. Eles tinham os mapas, né. Então a gente levando as coisas, eles visualizava lá nos mapas, onde tinha e tal. E sendo deles o terreno, aí começaram também a invadir o terreno aí, então rapidinho eles mandaram construir aquela creche.

Neste relato, é possível ver que a região também sofria de algumas invasões que eram desfeitas pelo poder público. Durante o período dos movimentos de moradia, os terrenos públicos eram alvo de grupos organizados. Colocar uma escola na localidade poderia ser uma estratégia de impedir o crescimento da invasão. Essa mobilização descrita por Zenilda foi pontual e não se estendeu mais em um grupo organizado como uma SAB.

Cleusa também recordou que houve uma mobilização com abaixo-assinado para conseguir o asfaltamento da rua. Quando ela comprou sua casa, constava na prefeitura esta benfeitoria que não tinha acontecido. Então ela, como alguns outros moradores foram na prefeitura reivindicar que se concretizasse algo que já estava no papel. Assim, como a mobilização pela creche descrita por Zenilda, essas associações eram rápidas para conseguir perante o poder público algo específico em infraestrutura.

¹¹² “Prezinho”, antiga pré-escola, atualmente Escola de Educação Infantil.

A região das construtoras está bem próxima à Avenida São Miguel (ver Mapa 8: Região das Construtoras), fazendo fronteira com o distrito da Ponte Rasa. Como foi dito anteriormente, essa região é vista como uma das mais valorizadas de Ermelino, tanto por moradores do Jardim Belém, como foi visto no relato do seu Isaiás, como na percepção dos moradores do Parque Boturussu, como no caso de Mário, ao explicar porque o cartório se mudou para esta região:

Eu lembro que o cartório era em Ermelino [região dos loteamentos], no centro de Ermelino e o cartório mudou para a Ponte Rasa [distrito vizinho, fronteira com o Parque Boturussu]. Eu perguntei para a juíza “por que vocês mudaram?”, ela falou “progresso”. Ela falou “Ermelino parou e a ponte Rasa está progredindo demais. Então, nós mudamos para cá”.

Os moradores dessa região tem a Ponte Rasa como seu centro comercial, que fica no cruzamento entre a Avenida São Miguel e Avenida Boturussu (ver ponto 1 e 3 no Mapa 8: Região das Construtoras). Eles dificilmente se utilizam da linha do trem ou dos transportes públicos que passam pela Avenida Paranaguá (ver ponto 3 no Mapa 6 Região dos Loteamentos ou a Rua Assis Ribeiro (ver ponto 6 no Mapa 7: Região das Ocupações). O principal motivo é que os transportes públicos do Parque Boturussu não passam por estas ruas e avenidas, a locomoção se dá prioritariamente pela Avenida São Miguel, definindo assim o itinerário dos moradores. A Ponte Rasa está no percurso entre Ermelino e a Penha. Esta questão do transporte ajuda a definir por onde estes moradores circulam, criando uma fronteira a partir dos circuitos, entre os moradores que estão mais acima geograficamente, dos que estão na região de várzea. Em contrapartida, o centro de Ermelino Matarazzo é a região do Jardim Matarazzo. Os dois centros, tanto este, quanto a Ponte Rasa, possuem hoje vários estabelecimentos franqueados com pouca diferença entre si. O progresso relatado pela juíza do cartório só se explica por este fato: a forma como as pessoas adquiriram a moradia nas duas regiões.

Ermelino Matarazzo é um distrito periférico, da Zona Leste da capital. No entanto, a região das construtoras recebeu pessoas com poder aquisitivo um pouco maior, pois puderam comprar suas casas financiadas e não mais pelos processos

descritos das outras duas regiões. Portanto, há mais valorização socioespacial perto do Parque Boturussu. Para Zenilda, houve uma mudança no bairro como ela relata:

Depois daquele negócio do Cruzado, a classe média de lá do Tatuapé, do centro, ficaram pobres de repente. Aí vieram tudo pra cá. Foi essa época que começou. (...) Eu não lembro o ano, foi noventa e pouco. Aí que deu aquela guinada. Hoje você tinha dez mil cruzeiros num instantinho você ia pra quinze mil cruzeiros. Era cruzeiro naquele tempo. A inflação tava demais. Aí deu uma brechada total, fechou as contas do banco. Botou o real. Fechou as cadernetas de poupança. Fechou as contas e derrubou o povo do centro, do Tatuapé. Menina, o que veio de gente morar pra cá, nesse prédio então [referindo-se a um dos primeiros prédios da região do Parque Boturussu], invadiu aqui. O povo lá, invadiu. Aí foi mudando a cara do bairro totalmente nessa época. É mesmo! Nessa época foi mudando a cara do bairro. Aquele povo que era classe média e aqui éramos pobres. Então nós temos um ritmo de vida, quem é classe média tem outro ritmo de vida. Aí foi mudando a cara do bairro, nessa época o bairro foi crescendo. Olha só, foi bem isso que fez o bairro crescer tanto. Foi o Collor que fez o bairro crescer tanto.

Para Zenilda, o contexto econômico contribuiu para a vinda de novos moradores da região. A entrevistada se referia a um momento histórico, no qual o Brasil passava que consistia em uma crise de Estado na década de 1980. Naquele período começou uma transição política entre a era varguista (nacional-desenvolvimentista) até chegar a um novo padrão, liberal moderado no governo Fernando Henrique, conforme Sallum Jr (2003). Entre esta transição, que também foi caracterizado pela abertura democrática, tivemos pós-ditadura as primeiras eleições diretas para presidente em 1989, quando Fernando Collor de Mello foi eleito. Estas eleições foram um marco divisório daquele momento de mudança. Este presidente tomou medidas que afetaram profundamente a classe média. “Para estabilizar a moeda o Plano Collor congelou preços, confiscou provisoriamente e reduziu parte da riqueza financeira das classes médias e empresariais. Assim, além de atingir a riqueza material, ameaçou a segurança jurídica da propriedade privada” (Sallum Jr, 2003, p.42). O confisco das poupanças e outras medidas do ex-presidente Collor desbancaram a classe média, que passou por um processo de declínio social. Zenilda associou este contexto histórico à vinda de pessoas de regiões mais valorizadas da Zona Leste como o Tatuapé ou mesmo do centro da cidade para uma região, até

então, com baixa valoração socioespacial. Como já dito, é necessário fazer um estudo mais aprofundado entre estas relações econômicas à questão habitacional e da formação de periferia. A questão primordial é o período em que elas aconteceram na região do Parque Boturussu, que pode ser datada a partir de 1980, pelo relato de uma das primeiras moradoras que chegaram ao bairro do Parque Boturussu comprando uma casa financiada pela Caixa Econômica.

Os moradores antigos, como a Dalila, testemunharam a mudança. Ela e o seu esposo ainda têm uma área grande não construída em seu terreno e ela informa o interesse que isto acarreta:

Naquela época [que comprou o terreno] era bem mais barato. E o meu terreno ainda tenho hoje é uma cobiça muito grande, pra muita gente, muita. A gente recebe proposta de todos os valores aqui mas eu vou deixar pros meus filhos, aí depois eles decidem.

Esta região passou por certa gentrificação em relação às outras localidades de Ermelino Matarazzo. Como resultado, já na década de 1990, as primeiras escolas privadas surgiram para atender esta nova população que chegava¹¹³. Também houve a valorização dos imóveis tanto para venda quanto para locação¹¹⁴. Os preços dos imóveis tanto para compra quanto para a venda também apontam para uma periferia mais consolidada. Os alugueis em 2013 das regiões “gentrificadas” estão entre 1 e ½ SM a 2 e ½ SM para locação para casas construídas. Os apartamentos de 50 m² custam em média de R\$ 200 mil. Assim, isto explicaria o aumento da renda por domicílio dos moradores de Ermelino Matarazzo, que se divide nestas principais faixas: 18% com 1 a 2 salários mínimos; 38% com 2 a 5; 21% com 5 a 10; 7% com 10 a 20.

¹¹³ A relação dos estabelecimentos escolares e a diferenciação interna será discutida no próximo capítulo.

¹¹⁴ Em 2012, um sítio sobre mercado imobiliário divulgou o seguinte: “A região de Ermelino Matarazzo, zona leste de São Paulo, foi a campeã de valorização do metro quadrado de apartamentos nos últimos 45 meses. Segundo levantamento realizado pela Fipe (Fundação Instituto de Pesquisas Econômicas) em parceria com a ZAP imóveis, o preço médio do metro quadrado do apartamento no bairro cresceu 213,9% entre janeiro de 2008 (quando tinha valor de R\$ 1 mil por metro quadrado) e novembro de 2011 (com valor de R\$ 3,14 mil). A valorização verificada em Ermelino Matarazzo foi a única a ficar acima de 200% em um ranking de 140 regiões da capital paulista” Disponível em <http://www.terra.com.br/economia/infograficos/valorizacao-imoveis-sao-paulo/> Acessado em 15 setembro de 2012.



Figura 11: Sobrados do Parque Boturussu em 2012¹¹⁵. Foto: Adriana Dantas



Figura 12: Torres e casa autoconstruída no Parque Boturussu em 2012¹¹⁶. Foto: Adriana Dantas.



Figura 13: Entrada de uma das torres no Parque Boturussu em 2013¹¹⁷. Foto: Jean-Pierre Faguer.

¹¹⁵ Exemplo de sobrado geminado, que foi modificado (o da direita) descaracterizando o projeto original, mas muito comum no bairro, pois o morador intervém com o objetivo de distinguir a sua moradia com melhorias, como o aumento do quarto no andar de cima.

¹¹⁶ As torres são dos anos 2000 e a casa dos anos 1970.

¹¹⁷ Empreendimento financiado pelo *Programa Minha Casa Minha Vida* lançado em 2012.

3.4 A participação política das três regiões

Os agentes de Ermelino Matarazzo têm um papel importante no que diz respeito à participação política frente à segregação social da periferia discutida no capítulo 1. Logo no início da industrialização do distrito, o papel da população em se organizar para reivindicar infraestrutura básica como iluminação pública, saneamento, asfalto fizeram com que as SABs se proliferassem em Ermelino Matarazzo. No relato dos entrevistados, que compraram lotes em uma região carente de recursos entre 1940 e 1960, essa constatação faz parte da memória coletiva e motivo de orgulho ao se rememorar.

Mais tarde, a venda dos lotes já estava inviável para muitos dos migrantes que chegaram a Ermelino Matarazzo. A partir da década de 1970, as ocupações de terra já se tornavam uma realidade no distrito. Já não se tratava apenas de moradores que tinham lotes e casas autoconstruídas reivindicando infraestrutura básica. Estava também em disputa o direito pela moradia àqueles que não tinham condições de se estabelecer em Ermelino Matarazzo da mesma maneira pela qual os moradores da região dos loteamentos o fizeram em um passado recente. Diante desta disputa, alguns atores antigos das SABs recuaram pela própria natureza da reivindicação dos movimentos por moradia daquele período que, diretamente, não lhes diziam tanto a respeito. A participação da Igreja Católica se tornava, então, mais intensa. E ela foi importante, não só como mediadora diante do poder público, mas também como locus de formação sobre o direito de moradia por parte da população da região das ocupações. Arrisca-se a assumir também que a Igreja Católica teve papel acolhedor desta população migrante, majoritariamente nordestina que, na cidade, já tinha uma depreciação simbólica, como discutida no capítulo 1. O peso da religião católica é bastante significativo, não somente na região das Ocupações, mas também na região dos loteamentos. Isto é importante porque os moradores das antigas favelas de Ermelino Matarazzo poderiam ser internamente segregados no distrito, como são externamente na cidade, por uma baixa valoração socioespacial por morarem na ilegalidade. Estes atores ainda têm grande participação política em Ermelino

Matarazzo sob a tutela da Igreja, especialmente na Comunidade de São Francisco de Assis, liderada pelo padre Ticão¹¹⁸.

Por outro lado, a região das construtoras teve uma pequena participação popular muito diferente da organização realizada nas outras duas regiões. Antes de 1980, havia poucos moradores que não estavam vinculados às indústrias de Ermelino. Por isso, a mobilização ocorrida na região dos loteamentos não se realizou na região das construtoras, pois as contingências políticas e sociais destes moradores eram distintas daqueles outros. A chegada das construtoras permitiu o aumento de infraestrutura da região. Assim, esta população de mais alta renda e com histórico social e profissional distinto das outras duas regiões, explicaria o pouco envolvimento político da região das construtoras.

Em relação à diferenciação interna é importante destacar que as regiões não são homogêneas quanto ao tipo de moradia. Por exemplo, encontra-se autoconstrução na região das construtoras assim como casas construídas na região dos loteamentos. A divisão corresponde à maior caracterização de cada espaço geográfico do distrito, que não invalida a proposta de diferenciá-los internamente. Cada um dos períodos destacados teve uma urbanização que caracterizou preferencialmente determinado espaço, sustentando, pois, a diferenciação interna deste distrito a partir dos processos destacados: os loteamentos, as ocupações e as construções. A forma como os moradores e moradoras se instalaram no tempo e no espaço em Ermelino Matarazzo, conforme seus capitais econômicos e culturais resultaram a heterogeneidade social discutidos neste trabalho.

O próximo capítulo discutirá como esta configuração influenciou a questão educacional, no que diz respeito ao estabelecimento de escolas públicas e privadas, explicado pela diferenciação interna.

¹¹⁸ É importante salientar o papel do Bispo da Zona Leste, Dom Angélico Sândalo Bernardino, como o “bispo dos pobres e da justiça” na década de 1970 que trouxe para o centro das discussões a questão do direito a terra e das injustiças sociais cometidas na periferia leste. A comunidade de Ermelino Matarazzo organizou uma biografia de 639 páginas sobre o bispo e sua atuação na Zona Leste. Conferir: MARCHIONI et al., 2012.

Capítulo 4 - A oferta escolar em Ermelino Matarazzo

A distribuição da oferta escolar de Ermelino Matarazzo mostrou-se um meio muito interessante para demonstrar a inscrição espacial das desigualdades sociais no interior do distrito. Na verdade, foi o levantamento dos estabelecimentos escolares (Tabela 9, abaixo) que levantou pistas sobre a incidência geográfica de escolas públicas e privadas pelos bairros do distrito, levando adiante a hipótese da diferenciação interna.

Vale lembrar, no início, uma das principais interrogações desta pesquisa dizia respeito à chegada de escolas privadas ao distrito. Logo no começo do trabalho de pesquisa foi realizado um levantamento a partir de documentos oficiais, fornecidos pela Secretaria de Educação, sobre as características das escolas tanto de Ermelino Matarazzo quanto em parte da região leste (número de alunos, dependência administrativa, endereço, nome completo, nível de ensino). Deu-se prioridade aos dados sobre o número de escolas disponíveis de Ensino Fundamental e Médio, o ano de fundação, a localização e a dependência administrativa no distrito. Foi a partir deste procedimento de pesquisa que se tornou evidente o ritmo da chegada de escolas privadas ao distrito.

A segunda descoberta realizada a partir deste mesmo procedimento foi identificar a existência de uma relação entre as características históricas e sociais das três regiões de Ermelino e a distribuição dos estabelecimentos públicos e privados. Na realidade, as características da oferta escolar revelaram-se ajustadas às diferenças sociais notadas entre os moradores, entrevistados nas regiões dos loteamentos, das ocupações e das construtoras.

Tabela 9: Escolas públicas e privadas, localização e ano de fundação.

Estabelecimento	Dep. Administrativa	Localização	Fundação
1. Octavio Mangabeira	Pública/Municipal	Construtoras	1956
2. Condessa Filomena Matarazzo	Pública/Estadual	Loteamentos	1960
3. Professora Eunice Laureano da Silva	Pública/Estadual	Construtoras	1961
4. Professora Benedita de Rezende	Pública/Estadual	Loteamentos	1963
5. Centro Educacional SESI 074	Privada	Loteamentos	1964
6. Ermelino Matarazzo	Pública/Estadual	Loteamentos	1971
7. Professor Lúcio De Carvalho Marques	Pública/Estadual	Loteamentos	1977
8. Jornalista Francisco Mesquita	Pública/Estadual	Loteamentos	1977
9. Professor Dr. Geraldo Campos Moreira	Pública/Estadual	Loteamentos	1977
10. Professora Leonor Rendes	Pública/Estadual	Construtoras	1979
11. Pedro de Alcântara M. Machado	Pública/Estadual	Construtoras	1979
12. Colégio Floresta	Privada	Construtoras	1982
13. Professor Joaquim Torres Santiago	Pública/Estadual	Loteamentos	1985
14. Therezinha Aranha Mantelli	Pública/Estadual	Construtoras	1988
15. Professor Umberto Conte Checchia	Pública/Estadual	Construtoras	1990
16. Colégio Argumento	Privada	Construtoras	1992
17. Professor João Franzolin Neto	Pública/Municipal	Loteamentos	1994
18. Deputado Januário Mantelli Neto	Pública/Municipal	Loteamentos	1997
19. Colégio Abílio Augusto	Privada	Construtoras	1997
20. Colégio Sena De Miranda Unidade I	Privada	Construtoras	1997
21. Colégio Integração	Privada	Construtoras	1998
22. Colégio Inovação - Unidade II	Privada	Construtoras	1998
23. Colégio Conexão	Privada	Loteamentos	1999
24. Parque Ecológico	Pública/Estadual	Ocupação	1999
25. Irmã Annette M. Fernandes de Mello	Pública/Estadual	Ocupação	2000
26. Colégio Amorim	Privada	Construtoras	2000
27. Colégio Forth	Privada	Loteamentos	2001
28. Sena de Miranda Colégio Unidade II	Privada	Loteamentos	2001
29. Colégio Mont Martre	Privada	Construtoras	2002
30. Colégio Pedro Peralta	Privada	Loteamentos	2004
31. Centro Educacional Nova Jornada	Privada	Ocupação	2005
32. Colégio San Marino	Privada	Construtoras	2006
33. CEU Rosangela Rodrigues Vieira	Pública/Municipal	Loteamentos	2008

Estabelecimentos de Ensino Fundamental e Médio.
Fonte: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2011)

O aumento da oferta escolar, ao longo dos anos, está relacionado ao crescimento populacional, que se intensificou entre 1950 e 1960. A partir da tabela

acima, percebe-se que as primeiras escolas concentram-se na região dos loteamentos, e depois na região das construtoras. Relacionando a fundação de escolas por décadas, associando aos dados demográficos da Prefeitura de São Paulo, temos os seguintes dados:

Tabela 10: Crescimento da População do Distrito e o Número de Escolas Fundadas por Década¹¹⁹

Década	1950	1961	1971	1981	1991	2001	2010
População	10 835	38 218	50 872	80 513	95 609	106 838	113.615
Escolas Públicas	2	2	6	3	4	1	Dados não Disponibilizados
Escolas Privadas		1		1	7	6	
Fonte: PREFEITURA DE SÃO PAULO (2011) e SECRETARIA DA EDUCAÇÃO (2011)							

Entre a década de 1950 e 1970, a população de Ermelino Matarazzo cresceu cinco vezes. Ela foi de 10 mil para mais de 50 mil habitantes em 20 anos. Neste mesmo período onze escolas foram fundadas, quase todas elas públicas, com exceção do SESI (Serviço Social da Indústria) inicialmente gratuito e que, mais tarde, assumiu seu caráter privado e cobra atualmente mensalidades. Apesar do crescimento de oferta escolar nas periferias da cidade de São Paulo, entre as décadas de 1960-1970, essa oferta não foi feita a partir de um planejamento adequado por parte dos poderes públicos, ocasionando muitas deficiências de infraestrutura. Em termos de fundação, o período da ditadura militar foi um tempo áureo de chegada de estabelecimentos de ensino públicos no distrito, especialmente na região dos loteamentos com seis escolas fundadas na década de 1970. Em dez anos, a população crescia de forma exponencial saindo de 50 mil habitantes até chegar aos 80 mil habitantes no início da década seguinte. Na década de 1980, no início da abertura democrática do país, Ermelino Matarazzo não teve uma expansão dos estabelecimentos de ensino público no distrito como na década anterior. Ao longo da década de 1980 surgem apenas três novos estabelecimentos públicos de ensino e a primeira escola privada, o Colégio Floresta, na região das construtoras no Parque Boturussu. A população também não cresceu como nas décadas anteriores, o crescimento populacional foi de 18%, em números absolutos um pouco mais de 15 mil habitantes vieram para Ermelino, correspondendo ao

¹¹⁹ Os dados da Prefeitura de São Paulo estão disponibilizados a partir da década de 1950.

decréscimo populacional da cidade conforme apontado pelos demógrafos (Pasternak & Bógus, 2005; Baeninger, 2011; 2012).

Pela Tabela 9: Escolas públicas e privadas, localização e ano de pode-se notar que há uma diferença na oferta escolar local antes e depois de 1990. O primeiro período (até 1990) à maioria dos estabelecimentos escolares instalados no distrito são públicos, com exceção do Colégio Floresta e do Sesi que se tornou privado mais tarde. Depois de 1990, o ritmo de crescimento das escolas privadas foi de quase uma fundação por ano até 2000. A partir deste período, se intensifica ainda mais a instalação das privadas e decresce a criação de escolas públicas. A exceção é a instalação do CEU, na gestão de Gilberto Kassab, em 2008.

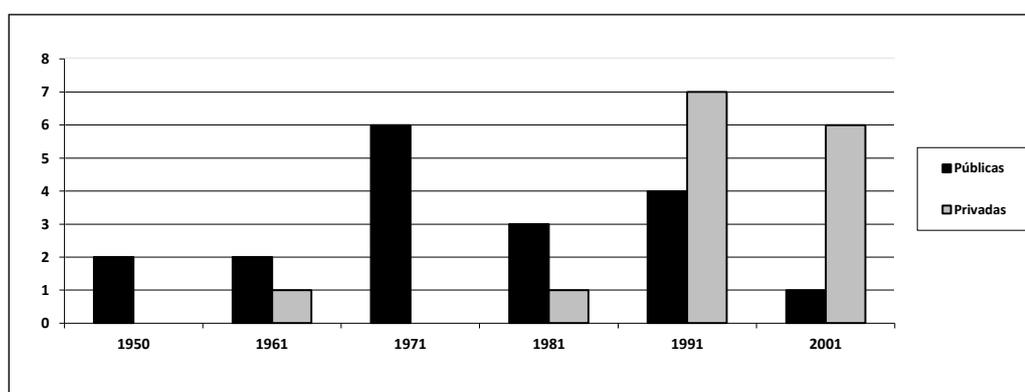


Gráfico 3: Número de Escolas Fundadas por Décadas¹²⁰

Do ponto de vista espacial, nota-se como instalações de escolas públicas e privadas não se deu ao acaso pelo espaço do distrito. Um grande número de escolas públicas, tanto estaduais quanto municipais, foi instalado na região de loteamentos e também de construtoras. Na realidade, os lugares regularizados há mais tempo receberam o maior número de equipamentos públicos. As regiões de ocupação têm um número menor de estabelecimentos públicos e recebeu uma escola privada em 2005.

O aumento significativo das escolas privadas na região das construtoras relaciona-se à chegada de uma nova classe média ao distrito, a partir de 1980, assim

¹²⁰ Fonte: Secretaria da Educação, 2011.

como a configuração daquele espaço não remeter aos operários da região dos loteamentos derivados da industrialização. Pelas entrevistas, foi possível verificar que, a região das construtoras, como o Parque Boturussu, atraiu pessoas como a Cleusa. Ela chegou ao distrito em 1980. Com maior poder aquisitivo, Cleusa comprou sua casa própria já construída por uma empresa do ramo, diferentemente dos entrevistados que compraram lotes ou ocuparam um terreno. Segundo o relato da entrevistada, ela nunca pensou em colocar seus filhos em escolas públicas. Os filhos de Cleusa fizeram o mesmo, colocaram seus filhos em escolas privadas.

Por outro lado, os entrevistados mais antigos no distrito como Fernando e Isaías, da região de Jardim Belém e ligados à industrialização de 1940, afirmaram que nunca pensaram em colocar seus filhos em escola privadas, pois as públicas que ali existiam eram consideradas boas por eles, na década de 1950 e 1960. Os filhos de Fernando e de Isaías estudaram em escolas públicas e alguns deles, prolongaram seus estudos até o Ensino Superior. Foi interessante notar que os filhos destes primeiros moradores, egressos de escolas públicas que fizeram ensino superior, na geração de seus filhos decidiram matricular seus filhos na dependência privada. Tal resultado é coerente com os resultados similares encontrados nas pesquisas empíricas de Bourdieu (1998), quando o autor nota que as diferenças de investimentos educativos das famílias, dependem do peso relativo do capital cultural na estrutura de capitais das famílias. Em outras palavras, as famílias com maior capital cultural tendem a encorajar e a exortar os filhos a aderir à escola, pois acreditam na ascensão social pela educação. Ao que tudo indica não foi diferente com os filhos dos entrevistados desta pesquisa. Os que devem sua posição social à passagem pelo sistema de ensino e à posse de diplomas superiores tenderam a fazer um investimento escolar maior, em especial, procurando as escolas privadas do distrito.

Em síntese, alguns fatores puderam ser identificados como decisivos para a configuração da oferta escolar em Ermelino, tal como ela encontra-se estruturada hoje. Em primeiro lugar, no início da urbanização e do crescimento do distrito era a mobilização dos habitantes da região dos loteamentos que negociaram a vinda dos primeiros estabelecimentos públicos junto ao Estado, por meio de estratégias que

serão descritas a seguir. Em segundo lugar, a presença e o crescimento do peso da escola privada na oferta escolar local cresceu porque as características sociais dos habitantes recém-chegados se alteraram. Como foi discutido no capítulo anterior, os novos moradores da região das construtoras possuíam características sociais diferentes daquelas dos migrantes do nordeste que chegaram anteriormente. Basicamente, possuíam maior poder aquisitivo, pois compraram suas residências via construtoras, enquanto os moradores da região dos loteamentos conquistaram a casa própria via autoconstrução. Em terceiro lugar, outro aspecto bastante interessante que permite compreender o crescimento no número de escolas privadas na região é exatamente o que aconteceu com os filhos dos migrantes. O prolongamento da escolaridade na geração dos filhos dos entrevistados parece ser um fator decisivo para a constituição de uma demanda por escolas privadas no distrito¹²¹.

Metade dos entrevistados teve pelo menos um dos filhos que chegou ao ensino superior e nestes casos, predominou a escolha por escolas privadas na geração dos netos. No imaginário popular, a escola privada foi associada, historicamente, a uma escola para a elite que tende a encaminhar os filhos para os postos de trabalho mais qualificados (Almeida, 2009; Perosa, 2009). Faz-se necessário lembrar que a abertura política na década de 1980 que culminou na Constituição Brasileira de 1988 confirmava o espaço para o mercado escolar, nas análises de Cury (1992). A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira (LDB) 9493/1996 marcou os trâmites legais para uma escola mercantil capitalista de cunho liberal, facilitando a ampliação da rede de escolas privadas que podem ser vistas neste distrito da periferia, que se consolidava no período. Segundo alguns estudos, alimentava-se a concepção de que o sistema educativo privado seria a alternativa para a ineficiência do sistema público (Pino, 2000; Vieira, 2008)¹²².

¹²¹ Helena Marcon, participante do nosso grupo de pesquisa, em sua iniciação científica, entrevistou pais de uma escola privada de Ermelino Matarazzo. Eles eram filhos de migrantes que tiveram uma escolarização mais prolongada corroborando com a análise deste estudo.

¹²² Ver apêndice 4: **As modificações da oferta escolar na Zona Leste** que apresenta brevemente alguns dados sobre a ampliação da rede privada da Diretoria Leste 1.

A configuração do espaço escolar em Ermelino Matarazzo, com suas divisões o (público/privado e de localização), torna-se mais clara quando pode se sobrepor a ela, o depoimento dos entrevistados sobre a percepção que possuíam sobre a oferta escolar de seu tempo. No capítulo anterior, recuperou-se a mobilização das associações populares junto ao poder público. Neste capítulo, juntamente ao quadro das escolas de cada região serão acrescentados os dirigentes públicos do período, em uma tentativa de lançar luz a esta relação entre a população local e o poder público como fator constituinte da oferta escolar local¹²³.

4.1 As escolas dos loteamentos

A região dos loteamentos é a região mais antiga de Ermelino Matarazzo e que cresceu em torno da Celosul. Devido a pouca infraestrutura local, as mobilizações populares eram intensas por asfalto, por iluminação, por saneamento básico e por escolas. Na fase inicial da industrialização e urbanização do distrito, os moradores contavam apenas com a escola criada pelos Matarazzo, conhecida pelo nome de Grupo Escolar Ermelino Matarazzo, que funcionava sob a tutela da indústria e não do Estado. Na realidade, a escola Otávio Mangabeira foi a primeira instalada no distrito sob a responsabilidade do poder público municipal em 1956, curiosamente, na região das construtoras, que era muito menos habitada do que a região dos loteamentos naquele período.

Na região dos loteamentos, propriamente, o primeiro estabelecimento estadual fundado foi a Escola Condessa Filomena Matarazzo, sob o comando de Carvalho Pinto (mandato: 1959-1963). No capítulo anterior, dois entrevistados, o Mateus e o Marcelo salientaram a importância deste político para negociar melhorias para o distrito. Ele foi o sucessor de Jânio Quadros, o político populista, que mantinha estreita relação com a periferia para atender suas demandas. As ações populistas “eram demasiadamente restritas, permanecendo a participação popular sob o

¹²³ Não coube no escopo deste trabalho tal aprofundamento. Este tema merece estudos futuros mais aprofundados, sobre a relação de políticos, periferia e educação. No entanto, é interessante destacar alguns pontos em relação às escolas de cada região.

controle dos projetos políticos-eleitorais das lideranças” (Sposito, 2002, p.188). Naquela época, houve o crescimento desta participação popular através de reivindicações políticas e, como atesta Sposito, não invalidou a conquista de benefícios para a classe trabalhadora, mesmo condicionada aos interesses eleitoreiros.

Tabela 11: Escolas dos loteamentos

Estabelecimento	Administração	Prefeito(a)	Governador
1. Condessa Filomena Matarazzo	Estadual	Adhemar de Barros	Carvalho Pinto
2. Professora Benedita de Rezende	Estadual	Prestes Maia	Adhemar de Barros
3. Centro Educacional SESI 074	Privada		
4. Ermelino Matarazzo	Estadual	Figueiredo Ferraz	Laudo Natel
5. Prof. Lúcio De Carvalho Marques	Estadual	Olavo Setúbal	Paulo Egydio
6. Jornalista Francisco Mesquita	Estadual		
7. Prof. Dr. Geraldo Campos Moreira	Estadual		
8. Professor Joaquim Torres Santiago	Estadual	Mário Covas	Franco Montoro
9. Professor João Franzolin Neto	Municipal	Paulo Maluf	Fleury Filho
10. Deputado Januário Mantelli Neto	Municipal	Celso Pitta	Mário Covas
11. Colégio Conexão	Privada		
12. Colégio Forth	Privada	Marta Suplicy	Geraldo Alckmin
13. Sena de Miranda Unidade II	Privada		
14. Colégio Pedro Peralta	Privada		
15. CEU Rosângela Rodrigues Vieira	Municipal	Gilberto Kassab	José Serra

Fonte: SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2011)

Exemplo de conquista daquela época do populismo foi a Escola Condessa Filomena Matarazzo. Esta escola recebeu o nome de um membro da família Matarazzo, a mãe de Francisco Jr. Ela se localiza na Avenida Paranaguá (ver Mapa 6 Região dos Loteamentos), a mais importante da região dos loteamentos. Outro fato importante sobre a escola Condessa Filomena Matarazzo é que ela é uma escola de ensino médio. Ela é um exemplo das lutas por estabelecimentos escolares em Ermelino, as quais reivindicavam para a periferia a escola pública. Tais reivindicações tinham como pauta não só o ensino de primeiro grau como era denominado o ensino fundamental na época, mas também de segundo grau, correspondente ao ensino médio atual e o ensino supletivo (Sposito, 2010, pp. 253-297). A fundação desta escola já na década de 1960 demonstra certo vanguardismo dessas lutas da periferia, pois ainda não se tinha sido aprovada a Constituição de 1988 e muito menos a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira, a Lei 9394/1996 (Brasil, 2012), que tornou o ensino básico compulsório e gratuito, marcando a “universalização” do acesso escolar. Para o Mateus,

Daquela época do Carvalho Pinto para frente foram surgindo histórias [de escolas] mais rápidas, não foi que nem o primeiro que foi uma luta danada.

Percebe-se pelo relato que as estratégias desenvolvidas pelos moradores diziam respeito ao acesso escolar, pois equipamentos públicos eram poucos na região. Pela Tabela 9 é possível ver o resultado da expansão de escolas públicas, principalmente nas décadas de 1960 e 1970, depois da primeira, em 1960, que “foi uma luta danada”.

Conforme dito anteriormente, pelo relato dos moradores, o Grupo Escolar Ermelino Matarazzo era a primeira escola do distrito. Segundo alguns entrevistados, este grupo foi transferido para um novo terreno cedido pela família Matarazzo para a construção da Escola Benedita de Rezende. Conforme relembra Marcelo:

Tinha os antigos moradores daqui com bom relacionamento com os políticos e começaram forçar o governo a investir em escola aqui. O Matarazzo dava o terreno, o Matarazzo dava uma certa facilidade e o governo veio para cá por reivindicação dessas entidades, Sociedades de Amigos.

A escola Benedita de Rezende foi fundada em 1963, em frente à estação do trem, na administração do governador Adhemar de Barros (mandato: 1963-1966)¹²⁴. Para Skidmore (2010), Adhemar de Barros era um político populista, não nos moldes de Jânio Quadros, inclusive eram adversários, com ambições à presidência da República. Aproximou-se inclusive dos ideais desenvolvimentistas da era Vargas, apoiando a industrialização.

No ano seguinte, também foi fundada uma escola privada, o SESI em 1964¹²⁵. Por causa da defasagem educacional desses trabalhadores foram criados cursos populares de alfabetização oferecidos pelo SESI, desde 1947, que fizeram grande

¹²⁴ Todos os dados de mandato dos governadores citados foram extraídos do *site* do governo do Estado de São Paulo: GALERIA dos governadores. Disponível em: <<http://www.galeriadosgovernadores.sp.gov.br/07govs/govs.htm>>. Acesso em: 10 maio 2011 e relação dos governantes de São Paulo. Disponível em <<http://www.bibliotecavirtual.sp.gov.br/pdf/saopaulo-relacaodegovernadores.pdf>> Acessado em 28 janeiro 2013.

¹²⁵ Tanto o SESI quanto o SENAI (Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial, criado em 1942) tinham como objetivo oferecer formação profissional, a medida que crescia a industrialização.

sucesso (Campos & Rodrigues, 2011). De acordo com o relato oral de uma funcionária da secretaria do SESI de Ermelino Matarazzo, a função inicial da escola era de alfabetizar os operários das fábricas do entorno. Segundo Fontes, em um levantamento de 1962, 60% dos trabalhadores que se transferiram para São Paulo, no contexto de migração interna, eram considerados analfabetos (Fontes, 2008, p. 64), corroborando com a explicação da funcionária sobre o motivo da instalação dessa primeira escola privada da região. Por isso, essa escola tem um papel específico para atender o interesse dos industriais que se instalaram na região de Ermelino Matarazzo.

Nos anos de 1970, houve um aumento de escolas estaduais em Ermelino Matarazzo, com destaque ao governo de Paulo Egydio Martins (mandato: 1975-1979). Esse crescimento pode ser explicado, a partir da Lei 5692/71 que reformou o ensino de primeiro e segundo grau, tendo a questão da profissionalização do ensino médio como uma das suas principais vertentes. A educação brasileira nos anos da ditadura foi marcada pelo tecnicismo, tendo como ideologia a Teoria do Capital Humano que associava a educação ao desenvolvimento econômico. Para Freitas & Biccás (2009), tais conjunturas trouxeram prejuízos para nossa história educacional, culminando numa escola pública tida de baixa qualidade e para os menos favorecidos economicamente.

Outro destaque na região é o número limitado de escolas municipais de ensino fundamental. A gestão que trouxe para região escolas desta dependência foi a dupla Maluf-Pitta. Nesta região são fundadas duas escolas pelos prefeitos Paulo Maluf (mandato: 1993-1996) e seu sucessor Celso Pitta (mandato: 1997-2000)¹²⁶. O prefeito e governador Maluf teve forte influência nesta região, principalmente nos festejos do Primeiro de Maio como relata Eliane:

No tempo do Maluf era do partido progressista, acho que tinha outro nome antes de ser progressista. Então a gente apelava para eles para ajudarem, sempre tinha quem ajudava.

¹²⁶ Todos os dados de mandato dos prefeitos citados foram extraídos do *site* da Prefeitura de São Paulo: OS PREFEITOS de São Paulo. Disponível em: <http://ww1.prefeitura.sp.gov.br/portal/a_cidade/organogramas/index.php?p=574>. Acesso em: 6 maio 2011.

Ainda na gestão seguinte de oposição, da prefeita Marta Suplicy (mandato: 2001-2004), do Partido dos Trabalhadores, nenhuma escola municipal de ensino fundamental foi fundada. A próxima escola desta dependência administrativa só aconteceu na gestão do prefeito Gilberto Kassab (mandato: 2006-2012). Ironicamente foi fundado um CEU, idealizado por sua opositora política a prefeita Marta Suplicy em mandatos anteriores, que neste caso foi retomado por Kassab. Após o período malufista, o CEU é o único estabelecimento público municipal fundado, enquanto as escolas privadas aumentavam na região.

A demanda por escolas privadas já crescia em Ermelino Matarazzo, como relata o neto da Eliane que participou da entrevista. Ele estudava em uma escola privada na região das construtoras e explica o motivo:

Eram poucas opções. É o que a gente mais escuta da mãe falando, porque de pequeno a gente não lembra muito. Para mim era um pouco difícil porque eu pegava o transporte escolar. Minha mãe pagava transporte escolar, que só que eu dava volta pelo Ermelino inteiro. Eu entrava às 13h e saía daqui meio dia. Era difícil, mas era o que a gente tinha. Quando eu fui passar da quarta para a quinta série surgiu o Sena de Miranda. Eu fui a primeira turma da tarde de quinta série, foi nesse prédio que hoje ele é. Eu fiquei da quinta até a oitava série no Sena de Miranda.

No entanto, a demanda por escolas privadas não era uma novidade. As duas filhas de Eliane estudaram em uma escola privada da região da Penha. Uma delas não se adaptou, transferindo-se para as escolas públicas de Ermelino, enquanto a outra fez toda a sua trajetória escolar no Colégio São Vicente de Paulo, na Penha. O colégio São Vicente de Paulo¹²⁷ é o mais antigo da região Penha fundado em 1904 por uma ordem católica que acompanhou a primeira onda de industrialização, chegando ao bairro da Penha no início do século XX. Até 1930, a Penha foi o limite extremo de fundação de colégios privados católicos (Perosa, 2009, p.52). Mais tarde, chegaram ao distrito vizinho de Vila Matilde os colégios São José¹²⁸ e Olivetano¹²⁹. As ordens católicas com

¹²⁷ Fundado em 1904 na Penha é o mais antigo de uma rede denominada colégios vicentinos <<http://sp4.colegiosvicentinos.com.br/sites/web/pages/hst.aspx>> Acessado em 20 de maio de 2012.

¹²⁸ O colégio foi iniciado entre 1938 e 1939 no bairro da Vila Matilde. Disponível em <<http://www.saiosevm.g12.br/historia/historia.htm>> Acessado em 20 de maio de 2012.

menos poder no interior da Igreja Católica é que se instalaram na região dos bairros operários¹³⁰, contrastando com colégios mais prestigiados que atendiam a elite paulistana, cujas ordens religiosas possuíam mais recursos econômicos, sociais e simbólicos (Miceli, 1988). Em Ermelino Matarazzo, a ação da Igreja Católica não investiu na criação de escolas privadas¹³¹.

De forma semelhante como internamente as vilas e parques de Ermelino se hierarquizam em função da diferenciação social dos habitantes, uma das oposições que estruturam o espaço escolar na percepção dos entrevistados é a oposição entre a Zona Leste de formação imigrante, constituídos por distritos como o Tatuapé e Penha, da zona leste de formação migrante. O distrito do Tatuapé é um dos mais elitizados da Zona Leste, com uma classe média alta ali estabelecida como já foi discutido no capítulo 1 com alta valoração socioespacial pelos moradores de Ermelino. Menos elitizado, mas bem melhor conceituado simbolicamente, os bairros da Penha e Vila Matilde foram apresentados como exemplo de lugares de boas escolas conforme o relato da esposa do Damião que teve suas filhas escolarizadas na década de 1980. Quando o Damião foi entrevistado sua esposa Silvia teve uma pequena, mas preciosa participação, pois ele não sabia responder sobre a escolarização das filhas e chamou a esposa para responder. Como dona de casa, pude perceber que tinha como responsabilidade cuidar dessa área na família. Conforme o relato dela:

Os mais ricos iam para o Padre Olivetano ou então para a Penha no São Vicente de Paulo, mas os que eram da classe média alta eram tudo Mangabeira.

¹²⁹ O colégio foi criado como semi-internato, estilo creche em 1954, ampliando para educação infantil, até oficializar o ginásial em 1970. Disponível em <http://www.olivetano.g12.br/olivetano2008/instituicao/historia.htm> Acessado em 20 de maio de 2012.

¹³⁰ Os capitais variados destas ordens religiosas, bem como a data de fundação na cidade é que explicam porque algumas congregações se instalaram na Avenida Paulista, como o Colégio São Luís, na Avenida Higienópolis, como o Colégio Nossa Senhora do Sion que recebiam os filhos da antiga elite agrária e política de São Paulo. Não por acaso, as ordens religiosas que se estabeleceram na zona leste ofereciam predominantemente cursos técnicos (Perosa, 2004).

¹³¹ Sua atuação mais significativa foi na época da ditadura pelos movimentos sociais como descrito no capítulo anterior.

A partir do excerto da esposa de Damião, é possível verificar certa classificação social por parte dos próprios moradores, apontando alguns como “os mais ricos” a partir das “escolhas” da escola dos filhos. Esta percepção da entrevistada aponta para a discussão entre a desigualdade social a partir do espaço no interior da oferta escolar (Françóis & Poupeau, 2008). Apesar de ser um distrito periférico, havia certa hierarquia econômica que definiria a escola pelo poder financeiro que cada família detinha.

Um fato interessante era considerar uma escola da região das construtoras como escola pública padrão na década de 1980. Para Silvia e Damião, que tiveram suas filhas escolarizadas na década de 1980, a escola pública municipal Octávio Mangabeira no Parque Boturussu, região das construtoras, estava destinada à “classe média” local, que fazia esforço para colocar seus filhos lá. Eles moravam no Jardim Matarazzo e suas filhas puderam frequentar a única escola municipal de qualidade do distrito que se localizava naquela região, segundo a percepção da família. Questionada porque esta escola seria considerada “padrão” foi possível verificar a impressão de Silvia do que seria uma boa escola:

Porque era da prefeitura. Aí era todo mundo, só tirando daqui de baixo [da região dos loteamentos] que já estava no fim. E depois fizeram o Filomena lá em cima para ter o colégio e aqui virou Benedita de Rezende. Aí ficou o primário e ginásio. Então aí [o Octávio Mangabeira] ficou a melhor escola do bairro. Na época principalmente antes que a Érica [a filha mais velha] entrou e acho que pelos anos de 80 eu acho que entre 80 e 90 foi uma das melhores escolas aqui no bairro. (...) Tinha um filho e colocava lá [Octávio Mangabeira] e o pessoal daqui de baixo [da região dos loteamentos] e do outro lado todo mundo queria o Mangabeira.

Verifica-se no relato, que de certa forma se evitava as escolas da região dos loteamentos. Em suas lembranças estava “todo mundo, só tirando daqui de baixo”. Por motivos financeiros, ela teve que transferir suas filhas para a escola estadual mais próxima de sua casa, a Lúcio de Carvalho Marques, pois precisava pagar transporte para que as filhas chegassem à escola. Outro ponto destacado em sua fala foi sobre as

pessoas “ricas” do distrito, as quais colocavam seus filhos em escolas privadas no distrito da Penha ou Vila Matilde.

Silvia faz referência a um processo há muito descrito na literatura educacional brasileira que diz respeito à forma pela qual se estrutura a desigualdade educacional que possui uma clara clivagem econômica, na qual as escolas privadas são para os mais ricos e escola pública para aqueles cujas possibilidades de escolha são limitadas ou nulas (Almeida, et al. 2010). Quando perguntei para Silvia quem seriam os mais ricos, ela indicou “os comerciantes”. Evidentemente, a percepção de rico e do que seja classe média é muito dependente da posição social dos agentes, e não necessariamente com a mesma classificação sócio ocupacional dos demógrafos.

É possível entender estas escolhas a partir do capital cultural e econômico dos entrevistados. Para ilustração destas hierarquizações internas é possível destacar a trajetória de dois profissionais da Celosul. O primeiro é paulista, o Marcelo, vindo do interior, descendente de italiano e outro, o Damião, baiano que veio do interior daquele estado. O primeiro teve a oportunidade de uma escolarização alta, chegando a São Paulo para cursar ensino superior. O segundo chegou analfabeto e encontrou na cidade uma nova oportunidade em relação à educação.

Marcelo nasceu em Pirassununga, filho de italianos. Seu pai era especialista em cultivo de café, por isso trabalhava como administrador em uma fazenda. Marcelo era caçula de doze irmãos. Fez até o científico que era o equivalente ao ensino médio, propedêutico. Fez o ensino superior em Química. Chegou a Ermelino Matarazzo em 1962 para trabalhar na chefia. Casou-se com uma operária, do estado de Minas Gerais.

Quando seus filhos nasceram, ele os colocou no colégio São Vicente de Paulo, no distrito da Penha. Além de ser muito religioso e devoto desta ordem, o fato de que tivesse ensino superior o distinguiu de todos os demais entrevistados. Todos os seus filhos chegaram ao ensino superior, o mais velho é advogado, a segunda filha é dentista e a terceira é psicóloga. Todos fizeram universidade privada, uma vez que o valor estava muito mais em ter o ensino superior.

Damião chegou a São Paulo um pouco antes da adolescência por intermédio de sua avó. Ela era doméstica sem escolarização. Na cidade, Damião estudou pouco. Começou a trabalhar adolescente em indústrias, assim como também viajava para trabalhar temporariamente no setor rural que empregava temporariamente mão de obra. Já adulto, se estabeleceu na Celosul, pois tinha muitos conhecidos no bairro que também lá trabalhavam. Aposentou-se como motorista. Damião teve duas filhas. Pelo relato, a escolarização das meninas ficava por conta da esposa. Eles não podiam pagar uma escola privada, mas enquanto puderam colocaram-nas na “melhor” escola pública da região, mesmo distante de sua casa. Todas chegaram ao Ensino Superior. No entanto, só a mais velha formou-se em História em uma faculdade privada e é professora de escola pública. A outra abandonou o curso e trabalha na área de telemarketing. É importante registrar que, de forma semelhante ao que ocorreu com os filhos do Damião, nas demais famílias entrevistadas, apenas alguns filhos chegaram ao ensino superior ou o concluíram. Portanto, o prolongamento da escolarização na geração dos filhos dos migrantes nordestinos não foi generalizado e nem uniforme.

Uma das diferenças entre os primeiros moradores migrantes e descendentes de imigrantes referia-se à escolha entre a dependência privada e pública. Entre os migrantes deste primeiro período, a questão da escola privada não esteve presente como os descendentes de imigrantes, que desde cedo já buscaram escolas na Penha. A demanda por escolas privadas por estes entrevistados pode ser entendida pelo capital cultural já apreendido na cidade. Tanto Eliane e Marcelo já eram filhos de migrantes, cuja geração anterior já estava em São Paulo, diferentemente dos migrantes nordestinos que estavam chegando de um ambiente rural para o urbano.

A questão de escolarização entre os nordestinos que chegavam a São Paulo mostrou-se interessante neste trabalho. Tradicionalmente, a saída dos migrantes de sua terra natal é explicada pelo fator socioeconômico. A construção simbólica do nordeste como sinônimo de pobreza e atraso explicaria a vinda desses migrantes para o sul, como resultado quase exclusivo da pobreza material desta região do país. No entanto, um dos vários motivos que atraíam os migrantes para a cidade era também a oportunidade de escolarização dos filhos, a qual era muito mais difícil nas regiões de

rurais do nordeste: “Na Bahia’, lembrava uma mãe de família também entrevistada no início da década de 1950, ‘não se podia dar boa educação aos filhos. A escola fica longe. Aqui há mais facilidades’” (Fontes, 2008, p.48). Há um grande apelo ao fator educativo que pode ser apontado como um fator anterior à chegada ou ser entendido como uma reelaboração após o tempo de estada no ambiente da cidade.

Outro entrevistado, o Fernando vindo da Bahia, já sinalizava o desejo de “aprender algo para um pequeno futuro”. No seu lugar de origem, Fernando criou a expectativa de aprender algo para sua mobilidade social. E quando ele chegou a São Paulo, seguiu esse objetivo, a ponto de priorizar a educação formal em detrimento do emprego, levando-o a pedir demissão e procurar um trabalho em que pudesse continuar seus estudos:

Eu tinha o 2º. ano primário e fui estudar lá no [colégio] Maria Zélia de noite. Só que eu trabalhava em três turnos [na Celosul]. Eu entrei no ginásio e isso me atrapalhou porque eu perdia uma semana de aula todo mês. Eu terminei o 1º ano na marra, meio apertado, mas passei. Começou o 2º ano e ficou mais difícil, isso aí foi já em 1962. O que eu fiz? Eu pedi para ir embora, não dá pra ficar aqui porque eu tava muito empolgado fazendo o ginásio. Cada dia aprendendo coisa que eu não sabia, aquilo abre o olho da gente. Eu falei não, vou arrumar outro emprego, não vou ficar aqui. Aí me mandaram embora.

Quando começou a estudar percebeu que “aquilo abre o olho da gente”. Naquela década, ainda era possível deixar um emprego, pois os postos de trabalhos ainda eram acessíveis até a década de 1980 (Kowarick & Marques, 2011). Por isso, foi possível perceber certa facilidade de mudar de emprego para priorizar os estudos. À medida que passava o tempo na cidade, ele foi adquirindo conhecimento a partir da socialização de seus pares, abrindo os horizontes para os universos de possíveis naquela nova realidade oriunda da migração. Assim, ele veio do cultivo do café no interior, chegando à capital trabalhando na construção civil, quando ouviu o conselho de um colega, que já estava há mais tempo na cidade, que ajudou a mostrar um caminho para que o objetivo anterior de Fernando fosse atingido:

Um rapaz novo também como eu, falava pra mim: poxa você trabalhando nesse serviço aí não dá futuro não, procura aprender uma profissão. Aí eu me animei com aquilo.

A partir daí, ele procurou terminar o primário e depois o ginásio. A educação se tornou tão importante a ponto de mudar de emprego quando este atrapalhou seu plano, com já foi mencionado anteriormente. Ele se profissionalizou e se aposentou como metalúrgico.

Tanto Marcelo quanto Damião e Fernando tiveram filhos que chegaram ao Ensino Superior. A diferença é que todos os filhos de Marcelo se graduaram, enquanto de Damião apenas uma filha prolongou seus estudos e do Fernando apenas os dois rapazes enquanto a filha ficou no Fundamental. A diferença de capital cultural da geração anterior, isto é, o acúmulo educacional de Marcelo era muito diferente de Damião e Fernando pouco escolarizados. A escolarização prolongada de todos os filhos de Marcelo se sobressai diante de todos os outros entrevistados migrantes nordestinos que tiveram filhos no Ensino Superior. Assim como o pai Marcelo, todos os filhos dele também fizeram uma faculdade, enquanto os filhos de migrantes nordestinos, nem todos chegaram lá. No caso de Damião e Fernando nem todos os filhos completaram o Ensino Superior. A questão de gênero mostrou-se interessante na família de Fernando, pois pelo relato, o pai controlou mais a trajetória dos filhos pelo capital que ele tinha adquirido profissionalmente: a metalurgia. Assim como a mãe, segundo Fernando, a filha também não se interessava muito pelos estudos. Ela trabalha como operária em uma indústria na linha de produção.

4.2 As escolas das ocupações

A quantidade de escolas nesta região é bem pequena. Como já visto, as duas escolas estaduais criadas entre 1996 e 2000 na diretoria Leste 1 (ver apêndice 4) estão nesta região:

Tabela 12: Escolas das Ocupações

Estabelecimento	Administração	Prefeito(a)	Governador
1. Parque Ecológico	Estadual	Celso Pitta	Mário Covas
2. Irmã Annette M. F. Mello	Estadual	Celso Pitta	Mário Covas
3. Centro Educacional Nova Jornada	Privada	José Serra	Geraldo Alckmin

Uma primeira explicação diz respeito ao fato de que os moradores desta região se beneficiavam dos equipamentos já instalados no entorno. Pelo relato das entrevistadas a Escola Estadual Ermelino Matarazzo, na região dos loteamentos, era utilizada pelos moradores da Comunidade Nossa Senhora Aparecida. Todos os filhos das três entrevistadas, a Dora, Zilda e Anita lá estudaram. Como esta escola recebia o nome do filho do Conde Matarazzo, assim como a primeira escola fundada pelos Matarazzo, ela era apelidada de “Segundinho”. Anita disse o seguinte sobre seus filhos:

Estudaram tudo no Segundinho. Desde o primeiro ano, esse menino meu que nasceu aqui desde o primeiro ano. Naquele tempo não tinha esse negócio até a quinta série, não. Pegava do primeiro ano até... O Elton mesmo, esse menino, não conhece outra escola. Ele terminou os estudos dele aí.

Este filho da Anita que nasceu em São Paulo era do ano de 1979. Por isso, eles frequentaram esta escola principalmente na década de 1980. Paralelamente, como foi visto na seção anterior, muitos moradores da região dos loteamentos já estavam evitando escolas da redondeza, preferindo a escola Octávio Mangabeira da região das construtoras, tida como uma das melhores do distrito nos anos de 1980. Possivelmente, uma escola mais distante geograficamente, a única da prefeitura como a Octávio Mangabeira, poderia ser uma forma de distinção social no interior de um distrito periférico, pois as escolas da região dos loteamentos estavam recebendo os filhos destes migrantes que se instalavam em Ermelino Matarazzo de maneira irregular.

A Comunidade Nossa Senhora Aparecida estava inserida no entorno da região dos loteamentos. Por outro lado, ao longo das décadas, diferentes ocupações se expandiam no distrito. Algumas localidades eram de difícil acesso, mais distante da região dos loteamentos, mas próximos da linha do trem e o rio Tietê. Parte dessas novas ocupações estava na região denominada Pantanal. A linha do trem dificultava o acesso para o outro lado. Do lado contrário da linha do trem, por sua vez, também recebia novas ocupações que foram se regularizando ao longo das décadas (ver Mapa 6 Região dos Loteamentos).

Segundo a tabela acima, vê-se apenas duas escolas fundadas neste local. Essas duas escolas foram as únicas fundadas entre os anos de 1996 e 2000 na Diretoria Leste 1 que compreende mais outros cinco distritos: Cangaíba, Itaquera, Penha, Ponte Rasa e Vila Jacuí (ver apêndice 4). Não é coincidência o fato de estar na administração do governador Mário Covas. Este governo teve uma grande aproximação aos movimentos de moradia através do padre Ticão. Assim, as escolas reivindicadas neste período têm a característica das associações daquele momento do distrito.

A primeira escola, a Irmã Annette Marlene de Melo, situa-se no Jardim Keralux, região de ocupação a partir da década de 1990 no terreno que era da antiga indústria Keralux. Nesta região, ao lado do campus da EACH-USP, há uma grande organização por parte dos moradores segundo o Padre Ticão. Segundo ele, a regularização dos terrenos ocupados, iluminação pública, saneamento, assim como esta escola ilustram as diversas conquistas, as quais foram frutos de mobilização dos moradores e moradoras do Jardim Keralux. Assim, o padre relembra os processos finais de negociação:

E fomos lá novamente no Palácio Bandeirantes. O Covas, eu me lembro que ele pegou o telefone, ele tinha esse costume, ele já pegava o telefone, já ligava para o secretário e “Padre vem cá, fala aqui com o secretário”. Aí no outro dia, veio um que estava acima dele. Nossa, ele veio aí, escolher o terreno. A comunidade, estava a Teresinha, até hoje ela é moradora ali, “olha é aqui que nós queremos”, onde tem hoje a escola Irmã Annette.

A outra escola, o Parque Ecológico, foi fundada para atender moradores de um conjunto do CDHU, do lado de uma grande região de ocupação, denominada de União de Vila Nova. Esta grande comunidade pertencente a São Miguel Paulista, que faz divisa com Ermelino Matarazzo é outra região com forte organização popular. Segundo o relato de uma funcionária da escola, antes de sua fundação, as crianças estudavam em um barracão, até a oficialização de um novo espaço. Esta escola foi a primeira colocada no IDESP (Índice de Desenvolvimento da Educação do Estado de São Paulo)¹³²

¹³² Fonte: Secretaria da Educação. Disponível em <<http://idesp.edunet.sp.gov.br/arquivos2011/924258.pdf>> Acessado em 20 de maio de 2012.

de 2011 sendo destaques na mídia impressa e digital como o jornal *A Folha de São Paulo*. Esta escola por ser mais recente, já tem uma estrutura diferente sendo construída com material pré-moldado.

As duas escolas estão situadas na região de várzea entre o Rio Tietê e a linha de trem da CPTM. Elas foram fundadas para atender comunidades que ocuparam as regiões no entorno da estrada férrea. Este dado é importante para verificar a questão da mobilização social para se conseguir novos estabelecimentos junto a um Estado que tem se demitido desta tarefa educacional. Assim, como as SABs foram importantes para a vinda de estabelecimentos públicos no distrito de Ermelino Matarazzo, as lideranças das comunidades locais precisam ainda exercer este tipo de pressão junto ao poder público. Especialmente nesta região, que pode ser hierarquizada, com muito cuidado, como a de mais baixa valoração socioespacial do distrito, a pressão por benfeitorias públicas é sempre necessária. O próprio número de equipamentos que são destinados para lá, confirmam a desigualdade espacial na qual as escolas se inserem.

A escola privada está na Rua Doutor Assis Ribeiro (ver Mapa 7: Região das Ocupações), onde há várias ocupações entre as estações de trem USP Leste e Comendador Ermelino. A escola Nova Jornada, instalada nos anos 2000, reflete o aumento do poder aquisitivo da classe trabalhadora. Um estudo comparativo verificou que o gasto com educação entre 1987-1988 e 2002-2003 foi um dos que mais aumentou na participação orçamentária das famílias brasileiras. Este estudo apontou que o destino do investimento era para cursos superiores regulares e escolas privadas com mensalidades mais baratas, fenômeno que ocorreu especialmente nas regiões urbanas do Sudeste, Sul e Centro-Oeste (Castro & Vaz, 2007).



Figura 14: Escola Estadual Parque Ecológico¹³³. Foto: Adriana Dantas.



Figura 15: Colégio Nova Jornada. À esquerda, a escola na Rua Doutor Assis Ribeiro indicada pela flecha. Fotos: Adriana Dantas.

Os dados de Ermelino Matarazzo demonstram este fenômeno a partir dos anos de 1990 com o aumento das escolas privadas no distrito para atender a demanda da população. Percebe-se que o setor privado educacional ampliou o seu mercado para as regiões periféricas, no final do século XX e ampliando no século XXI. A questão da diferenciação interna de Ermelino Matarazzo, mostra como foi se expandindo espacialmente numa hierarquia de valoração socioespacial: primeiro a região mais gentrificada, como veremos mais adiante, até as regiões de ocupações.

¹³³ Em primeiro plano, linha 12 de trem da CPTM. Atrás da escola está a Rodovia Airton Senna e o rio Tietê.

O destaque, porém, desta região é a implantação da Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo (EACH-USP). Faz-se necessário discutir esse campus, pois se refere à ampliação da maior universidade dentro da cidade. Esta ampliação na Zona Leste traz consigo várias questões simbólicas que têm sido tratadas ao longo deste trabalho.

A EACH foi implantada no mandato do governador Geraldo Alckmin (2001-2006). Assim, como as duas escolas públicas acima, ela se localiza entre a linha do trem e o rio Tietê, paralelamente há a Rodovia Airton Senna e a Rua Doutor Assis Ribeiro (ver Mapa 7: Região das Ocupações). Ela está em uma localidade de baixa valoração socioespacial, tanto por estar na Zona Leste, quanto por estar em um distrito de formação migrante e na região de ocupação deste distrito.

Antes da escolha final de onde seria a sede da EACH, os distritos de São Miguel e Itaquera foram considerados. O Parque do Carmo, em Itaquera, era o mais cotado. No entanto, por questões ambientais foi preterido por essa localidade que pertencia ao governo do Estado de São Paulo (Gomes, 2005)¹³⁴. Por outro lado, para Damião, um dos entrevistados, a EACH serviu para criar um limite para as ocupações:

Se não tivesse a faculdade, pelo amor de Deus, era para estar chegando [a ocupação] no [Parque] Ecológico, lá no campo do Corinthians, da Portuguesa. Não fizesse nada ali para você ver uma coisa. Então é assim que funciona. Aí foi acabando tudo, acabando [a indústria Keralux] e o povo invadindo.

É interessante o fato de que a região escolhida seja exatamente esta: o da ocupação. A história dos movimentos locais por moradia e por educação amadureceu seus agentes no que diz respeito ao direito à educação. Nas reuniões dos salões da Igreja São Francisco¹³⁵, a luta por universidades públicas na Zona Leste é vista como um direito e não um privilégio. Esta concepção é interessante, pois aponta o

¹³⁴ O livro, organizado por Gomes (2005), traz artigos de diversos autores sobre a concepção, o projeto, a construção, da USP Leste.

¹³⁵ Particpei de várias reuniões sobre a instalação do campus leste da Universidade Federal de São Paulo desde 2010. No final de 2012, eles tinham conseguido que o prefeito Gilberto Kassab comprasse o terreno de uma antiga fábrica em Itaquera na Avenida Jacu-Pêssego. O projeto é uma parceria entre prefeitura e governos federal. Este entraria com a gestão da universidade federal em um terreno cedido pela prefeitura.

agenciamento destes agentes que estão na subalternidade da cidade. Ao longo deste texto, tenho discutido a questão da valoração socioespacial cuja finalidade é atribuir um valor social alto ou baixo a partir do local em que as pessoas estão inseridas. Este valor é simbólico, mas atribuído a partir de dados materiais objetivos com finalidades sociais específicas. A maior parte da Zona Leste tem o estigma de baixa valoração e estar nesta região, recebe-se também essa herança simbólica social. Por isso, há a estranheza de uma universidade neste local. Isto porque, historicamente este estabelecimento privilegia as classes mais abastadas, e faz mais sentido estar localizado em um local com alta valoração socioespacial.

Os efeitos sociais destes embates podem ser apreendidos pela luta da hegemonia do campo. A desigualdade no sistema de ensino aponta que a universidade pública é para poucos e os mais privilegiados (Almeida, 2009). Daí, ser tão interessante a EACH estar onde ela está. Os agentes desta localidade estão no jogo, mesmo de maneira assimétrica. A EACH recebe uma carga externa simbólica correlata ao que os agentes da localidade convivem historicamente por causa da precariedade do local. A luta para a instalação desta universidade é antiga, desde a década de 1980, quando a proposta era vista como improvável pelo poder público. Para muitos que tiveram à frente da luta pelo direito à educação na Zona Leste houve um deslocamento:

As insatisfações e frustrações coexistem com a expectativa positiva, e que conta com perceptível propagação, de que as atividades acadêmicas beneficiem as comunidades locais. Contudo, é rara e quase inexistente a preocupação inversa, ou seja: qual a importância das comunidades locais para o desenvolvimento das atividades acadêmicas? (Ghanem & Marchioni, 2005, p.199)

A resposta dos autores a esta pergunta diz respeito ao fato de que a comunidade contribuiu para a inovação da Universidade de São Paulo. A EACH, por tudo o que ela representa, com seus avanços e conquistas, assim como seus déficits, é marcada pelo protagonismo destes agentes que a conceberam como um direito. Ela é real e está na Zona Leste. Este fato já tem um peso histórico.

A apropriação do poder público institucionalizando um anseio da comunidade, a democratização relativa porque poucos da periferia conseguem vagas, assim como o

esvaziamento do diálogo entre universidade e comunidade (Perosa, Santos & Menna-Barreto, 2011) mostram facetas deste jogo, em que a assimilação pelo lado mais forte, enfraquece o lado mais fraco. Ao mesmo tempo, que a história se modifica pela agência dos subalternos, também se criam mecanismos de assimilação por parte dos hegemônicos para que as forças assimétricas se equilibrem na estrutura.

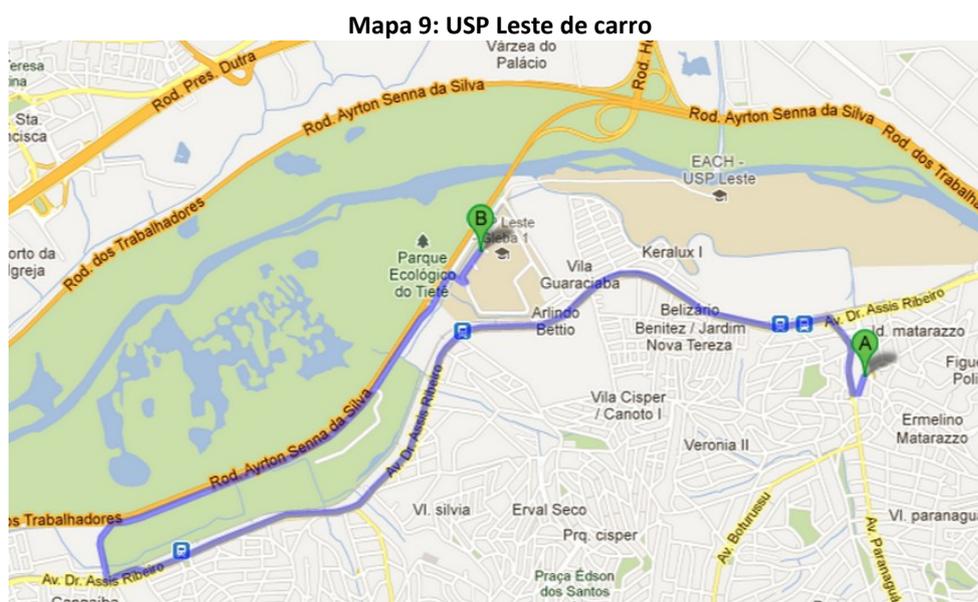
Há algumas idiossincrasias na concepção da USP Leste ao se conceber um campus deste porte em uma região como Ermelino Matarazzo. Havia algumas expectativas dos benefícios que esta instalação traria para os vizinhos (Medina, 2004). No entanto, alguns destes benefícios desta instalação para o entorno, alguns detalhes importantes para estes vizinhos, escaparam.

Havia a demanda, por exemplo, da criação de uma estação de trem para a comunidade do Jardim Keralux, vizinha à universidade. Depois do Tatuapé, a linha 12 da CPTM só tem estações em Engenheiro Goulart, Comendador Ermelino, e depois só em São Miguel. Há uma imensa comunidade na região do Pantanal (ver mapa 6) que poderia ter acesso a mais estações. No entanto, a dificuldade de infraestrutura em locais que começaram na ilegalidade é muito mais evidente, como a demora em se conseguir mais estações nestas áreas, além da diminuição do tempo de espera, pois é uma linha lotada nos horários de pico.

A estação do trem USP Leste se concretizou por causa da universidade e não tanto pela demanda. As saídas estão para Avenida Assis Ribeiro ou para EACH. Como o campus da universidade foi concebido como um entrave fortificado (Caldeira, 2003), não permite que os moradores da Keralux se beneficiem desta entrada. A da Assis Ribeiro é bem distante, pois eles estão do outro lado da linha do trem. Assim como há uma passarela de acesso para a USP, poderia ter sido feita do lado oposto da estação, outro acesso, por exemplo, para que os vizinhos da Keralux pudessem entrar na estação diretamente como os usuários da universidade, sem precisar andar longas distâncias ou mesmo pegar um ônibus, como muitos fazem atualmente. Assim, como a escola irmã Annette, fruto de negociação junto ao poder público, este acesso da estação tem sido negociado para sua implantação. Não conceber este tipo de benefício

aos vizinhos tão próximos por parte do poder público demonstra o paradoxo pela diferença que se faz entre a demanda do equipamento e demanda da comunidade. Pela lógica, a universidade tem muito mais credibilidade para conseguir a estação, afinal um equipamento deste porte precisa de acessos. Já a questão da comunidade não tem o mesmo peso nesta hierarquização.

Outro fato relacionado ao projeto em si da universidade foi conceber apenas uma entrada por rodas pela rodovia Airton Senna. O campus foi idealizado também com o intuito de facilitar o acesso de estudantes da região à universidade pública. Na hora de conceber o projeto, pensou-se em uma entrada para quem vem do lado oposto da cidade. Para alguém de Ermelino Matarazzo chegar de carro na EACH é preciso fazer o seguinte percurso:



O ponto A do mapa é a praça 1º de Maio no centro de Ermelino Matarazzo e o ponto B é a portaria 1 da EACH, a única entrada oficial de carros particulares. A distância entre a praça até a estação da USP Leste é de 3 km. No entanto, para entrar na EACH de carro, é necessário andar mais 7 km, totalizando 10 km ao todo. Esta é mais uma peculiaridade interna que demonstra como as necessidades do entorno foram pensadas na prática.

Sobre as questões externas à EACH, estar na Zona Leste tem um custo simbólico. A USP Leste recebeu como herança o estigma ao ser instalada em uma região de baixa valoração socioespacial. Uma das classificações da EACH pelos de fora é denomina-la de USP *Lost*¹³⁶. Este tipo de alcunha é um performativo¹³⁷ que desqualifica a instituição entre os estudantes dos dois campi da capital, caracterizada pela relação entre os estabelecidos, do oeste, e os *outsiders*, do leste. (Elias & Scotson, 2000).

Outro ponto externo diz respeito à desconfiança por parte da mídia sobre os cursos da EACH. Tanto o caráter inovador de muitos deles, assim como a questão de serem mais técnicos, são alguns assuntos abordados. Assim,

Esta hierarquização simbólica da USP, materializada nas notícias de jornais e nos depoimentos dos acadêmicos, enraíza-se em outras formas de desigualdades, entre elas e com especial peso, nas desigualdades espaciais/territoriais, sociais e de renda que caracterizam a cidade de São Paulo. Tudo se passa como se o valor de uma escola estivesse assentado nas propriedades sociais do seu público potencial, e não no que ela efetivamente produz ou terá condições de produzir para o avanço do conhecimento científico, para a formação de seus alunos e para a sociedade que lhe financia. Dessa maneira, quando a imprensa taxa os cursos da EACH de “técnicos”, está em jogo uma operação de hierarquização das carreiras da USP, que produz novas desigualdades educacionais, uma vez que ela tende a agregar valores simbólicos distintos aos diplomas cancelados pela Universidade de São Paulo (Perosa, Santos, Menna-Barreto, 2011, p.44).

A USP Leste é um ganho para a região. Ela representa transformações na concepção do lugar de uma universidade pública concebida por agentes que veem o ensino superior como direito. Sua localização traz inerentemente a discussão sobre o valor a partir do espaço, que muito reflete a questão da desigualdade da periferia e suas clivagens.

¹³⁶ Mesmo uma instituição prestigiada como uma das melhores universidades do país herdou a herança simbólica de quem está na zona leste. A alcunha Usp *Lost* faz referência a um seriado americano em que pessoas ficaram perdidas (*lost* no inglês) numa ilha misteriosa depois que o avião delas caiu em algum lugar do Oceano Pacífico. Usp *Lost* faz trocadilho com a USP Leste. Segundo os estudantes de Ermelino Matarazzo, a alcunha USP *Lost* foi dada pelos estudantes do Butantã. Seria um termo de desclassificação calcado pelo lugar em que está inserido, ou um valor social pelo espaço (a valoração socioespacial). E como indica Bourdieu, “classificações práticas estão sempre subordinadas a funções práticas e orientadas para a produção de *efeitos sociais*” (Bourdieu, 2008, p.107)

¹³⁷ Esta discussão foi feita no capítulo 1. Performativo para Austin significa “fazer algo com as palavras” (ver Rajagopalan, 1996). Neste caso, desqualificar.



Figura 16: Saída da Linha 12 da CPTM. Foto Adriana Dantas



Figura 17: USP Leste, no destaque, entre as ocupações. Foto: Adriana Dantas.

4.3 As escolas das construtoras

A última região tem em suas escolas privadas a confirmação de que a gentrificação de um espaço traz consigo novos mercados. Neste caso, além do mercado imobiliário, o mercado escolar também surgiu com os novos moradores que ali chegaram a partir da década de 1980:

Tabela 13: Escolas das Construtoras

Estabelecimento	Administração	Prefeito(a)	Governador
1. Octavio Mangabeira	Municipal	Toledo Pizza	Jânio Quadros
2. Prof. Eunice Laureano da Silva	Estadual	Adhemar de Barros	Carvalho Pinto
3. Professora Leonor Rendes	Estadual	Reynaldo de Barros	Paulo Maluf
4. Pedro de Alcântara M. Machado	Estadual		
5. Colégio Floresta	Privada		
6. Therezinha Aranha Mantelli	Estadual	Jânio Quadros	Orestes Quércia
7. Professor Umberto Conte Checchia	Estadual	Luiza Erundina	
8. Colégio Argumento	Privada		Fleury Filho
9. Colégio Abílio Augusto	Privada	Celso Pitta	Mário Covas
10. Colégio Sena De Miranda Unidade I	Privada		
11. Colégio Integração	Privada		
12. Colégio Inovação Unidade II	Privada		
13. Colégio Amorim	Privada		
14. Colégio Mont Martre	Privada	Marta Suplicy	Geraldo Alckmin
15. Colégio San Marino	Privada	José Serra	

A escola municipal Octávio Mangabeira é o primeiro estabelecimento fundado consoante os dados oficiais da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo, fundada em 1956. O cenário político na cidade, conforme descreve Sposito (2002), estava representado pelo populismo, na atividade da sua figura principal na capital, o prefeito e, mais tarde, governador Jânio Quadros. Com a chegada de Jânio Quadros ao governo, a partir de 1955, vários distritos da capital estavam sendo contemplados com escolas estaduais. Segundo a autora, havia uma disputa entre o Município e o Estado pela construção de escolas na cidade. No caso de Ermelino Matarazzo, foi o município que disputava com o governo que fundou a primeira escola em 1956. Naquele ano, o prefeito Wladimir de Toledo Piza assinou um decreto em 2 de agosto, criando oficialmente o Ensino Municipal (Sposito, 2002, p. 219). Assim, alguns meses depois, em 16 de novembro de 1956, a Octávio Mangabeira foi oficialmente fundada pela prefeitura municipal na região do Parque Boturussu. No entanto, pela memória dos moradores, ela consistia em uma escola de madeira onde hoje há uma escola municipal de educação infantil, denominada Augusto Froebel. Naquela década, a

escola funcionava de forma bem precária. O estabelecimento de alvenaria só foi mesmo inaugurado em meados de 1960. Esta escola teve seu auge, segundo os relatos dos entrevistados, na década de 1980.

De forma semelhante ao já visto anteriormente, há pouco investimento da Prefeitura em ensino fundamental. Por outro lado, os governadores Carvalho Pinto e Paulo Maluf continuaram fundando escolas em Ermelino Matarazzo, também nesta região. Como já foi destacado, os moradores organizados em SABs tinham contato com estes políticos, que trouxeram equipamentos escolares aos lugares mais consolidados de Ermelino Matarazzo: a região dos loteamentos e construtoras. Outro governador que trouxe duas escolas para a localidade foi o Orestes Quércia (mandato: 1987-1991)

A primeira escola privada destinada para toda população (e não apenas para os operários como foi o SESI) foi fundada no Parque Boturussu: o Colégio Floresta em 1982. Conforme Marcon (2012)¹³⁸, o Colégio Floresta foi fundado a partir da constatação de uma professora da demanda por educação infantil em Ermelino Matarazzo, a partir de sua experiência pessoal ao procurar uma escola para matricular sua filha. A escola começou em sua própria casa e expandiu até o Ensino Médio. No ano de 2011, este colégio ficou na 19ª na cidade de São Paulo e em 2ª. lugar na Zona Leste no *ranking* das escolas privadas que mais pontuaram no ENEM (Exame Nacional de Ensino Médio). Assim como esta professora, outros docentes, profissionais liberais, funcionários públicos de Ermelino Matarazzo buscavam outro tipo de educação para seus filhos fora da dependência pública no próprio distrito. Diferentemente do que acontecia anteriormente quando os moradores, especialmente da região dos loteamentos, buscavam as escolas privadas nos distritos vizinhos como a Penha e Tatuapé.

¹³⁸ Assim como esta pesquisa de mestrado, esta iniciação científica estava inserida no grupo “Estratégias Educativas em Famílias de Grupos populares” orientada pela profa. Dra. Graziela Serroni Perosa. Foi realizada uma entrevista com a diretora e fundadora do Colégio Floresta. Ver: Marcon, Helena de Souza. *Estratégias Educativas em tempos de mobilidade social: o caso das famílias de Ermelino Matarazzo*. Relatório parcial de pesquisa de iniciação científica. São Paulo: FAPESP, outubro de 2012.

Começava um novo fenômeno em Ermelino Matarazzo nos anos de 1990: o surgimento de escolas privadas. São fundados seis estabelecimentos entre os anos de 1992 e 1999 todos na região do Parque Boturussu. Conforme a diretora do Colégio Floresta, muito desses empreendedores buscaram consultoria com ela para abrir estes estabelecimentos (Marcon, 2012) que se mostravam muito atraentes naquele período. A maioria dos colégios privados adota algum sistema apostilado dentre eles do Objetivo, Anglo e Etapa. Um dos maiores colégios atualmente é o Integração com sistema apostilado do Etapa.

A criação de novos estabelecimentos escolares a partir da década de 1990, principalmente pós-LDB não é coincidência. No contexto político brasileiro, uma nova concepção é adotada, consistindo na hegemonia neoliberal (Sallum Jr, 2003). Nas palavras de Frigotto & Ciavatta significa “o máximo mercado e o mínimo de Estado” (Frigotto & Ciavatta, 2003, p. 106). As consequências desta nova configuração também são vistas na educação, conforme os autores:

É o governo Cardoso que, pela primeira vez, em nossa história republicana, transforma o ideário empresarial e mercantil de educação escolar em política unidimensional do Estado. Dilui-se, dessa forma, o sentido público e o Estado passa a ter predominantemente uma função privada. Passamos assim, no campo da educação no Brasil, das leis do arbítrio da ditadura civil-militar para a ditadura da ideologia do mercado (Frigotto & Ciavatta, 2003, p.107).

A lógica do mercado em um distrito periférico se deu através de uma hierarquia espacial. Primeiro, a região mais “gentrificada” recebeu as primeiras escolas para atender um público cada vez mais crescente. Vê-se cada vez mais a retração do poder público ao longo das tabelas das escolas.

A partir dos entrevistados foi possível perceber o descrédito da escola pública a partir das décadas, mas sem ao certo conseguir definir porque houve a mudança. Dentre os relatos foi possível apontar como o motivo do sucateamento da escola pública a questão da violência, falta de respeito aos professores, assim como a desmotivação ou despreparo dos educadores. A questão estrutural de um

sucateamento para que haja menos Estado e mais mercado não é vislumbrado como um dos motivos. E como resultado, quem tem poder aquisitivo, retira seu filho da escola pública, na crença de que a educação privada é mais qualificada.

As transformações destas concepções foram sendo conformadas ao longo do tempo. Na ausência de escolas privadas na região, os moradores mais antigos se locomoviam para a região da Penha para buscar uma escola desta dependência administrativa para seus filhos. Entre as décadas de 1970 e 1990 temos um pouco mais de mobilidade dentro do distrito dos antigos moradores e a escolha das escolas mais próximas para os recém-chegados.

Outro ponto importante para se destacar é que não bastava ser uma escola privada para ser boa, mas também a localidade desta escola entra em jogo na percepção do que seria uma boa escola para os mais abastados. É interessante notar que outra escola conceituada da região na contemporaneidade não foi citada como exemplo de boa escola: o Colégio Cruzeiro do Sul que foi fundada em 1965¹³⁹. A Faculdade Cruzeiro do Sul foi criada em 1972 e em 1993 foi reconhecida como a Universidade Cruzeiro do Sul, que teve seu primeiro campus no distrito de São Miguel Paulista anexado à escola¹⁴⁰. O único entrevistado que citou escolas desta região foi o Mateus, pois seu pai tinha morado em São Miguel e optou colocar seus filhos nas escolas da região. Como veio criança para o distrito, Mateus estudou em escolas públicas de São Miguel. Ele não teve acesso à escola Ermelino Matarazzo sob a coordenação das indústrias Matarazzo, porque seu pai não era trabalhador da Celosul.

Outra entrevistada a Zenilda, do Parque Boturussu, região das construtoras, ao responder sobre as melhores escolas de Ermelino Matarazzo atualmente, retomou o colégio Olivetano e o São José na Vila Matilde e o São Vicente de Paulo na Penha, concluindo o seguinte:

¹³⁹ Fonte: <<http://www.cruzeirodosul.edu.br/content/colégio.aspx>> Acessado em 20 de maio de 2012.

¹⁴⁰ Fonte: <[http://www.cruzeirodosul.edu.br/content/historia.aspx?over=\\$edfaaa666](http://www.cruzeirodosul.edu.br/content/historia.aspx?over=$edfaaa666)> Acessado em 28 de junho de 2012.

Até escola paga não tem mais, aqui no bairro não tem, você tem que ir pra cidade. Você tem que ir pro São José, uma escola boa. Até o Olivetano não presta mais. O São Vicente, uma amiga minha, o filho dela aprendeu a usar droga lá. O São Vicente, uma escola de conceito.

Dentre os entrevistados, Zenilda tinha um posicionamento mais crítico em relação aos estabelecimentos escolares e participava ativamente do que acontecia na vida escolar de seus cinco filhos. Os três filhos mais velhos estudaram na primeira escola municipal fundada no distrito no Parque Boturussu, a Escola Octávio Mangabeira. Na década de 1970 e 1980, esta escola teve seu apogeu segundo vários entrevistados, sendo indicada como a melhor escola da região. Diante do declínio do ensino público, ela optou por colocar seus dois filhos mais novos em escolas privadas na região da Penha. A filha mais velha é psicóloga, a caçula é advogada. Dentre os três rapazes, filhos de Zenilda, apenas um chegou ao Ensino Superior, formando-se economista com pós-graduação. Os outros são pequenos empresários, segundo seu relato. Todos os netos dela estudam em escolas privadas.

Mais uma vez, este posicionamento pode ser entendido também pelo capital cultural da entrevistada. A história de Zenilda também perpassa o processo migratório de forma inversa. Geralmente, atribui-se a questão financeira como motivo para a saída de seu lugar de origem. Mas o motivo de sua vinda foi outro, por parte de sua mãe. Como filha de fazendeiro, com todas as regalias na Bahia, Zenilda passa para filha de empregada doméstica, separada, morando no interior de São Paulo. Zenilda narrou o desejo de sua mãe de não se conformar com a condição da mulher em sua terra natal:

Minha mãe se separou do meu pai e me pegou e me trouxe pra São Paulo. Ela era uma pessoa analfabeta, ela tinha um olhar pra frente. Meu pai era fazendeiro. Eles já quando nasce o filho, já contrata pra casar com o filho do outro amigo dele fazendeiro. Então eu certamente com 13, 14 anos eu ia casar com algum fazendeiro do amigo do meu pai. Minha mãe era muito lutadora, uma guerreira. Ela conheceu o meu pai no dia do casamento, e meu pai já devia ter uns 70 anos por aí, ele já era idoso e ela tinha 15 anos. Então ela não queria aquela vida pra mim. Ela queria que eu estudasse, que eu me formasse, que eu fosse alguém. Então, ela me trouxe pra São Paulo. Trabalhou de doméstica, depois de costureira. Nossa, ela queria que eu estudasse, que eu fosse melhor, que eu fosse bem.

Os investimentos em educação da mãe de Zenilda, bem como sua origem social, podem ser percebidos pelas estratégias educativas elaboradas em relação aos seus filhos e na sua posição em relação aos estabelecimentos escolares da região. Três dos seus cinco filhos chegaram ao Ensino Superior, inclusive o mais novo chegou à pós-graduação. Apenas um dos filhos mora em Ermelino Matarazzo, todos os outros estão morando em regiões mais nobres da cidade. Ela também está se mudando para a “cidade”, região do centro, como lugar mais valorizado. E segundo ela, as escolas também da região mais central são melhores do que as privadas da região da Penha e Vila Matilde em sua percepção.

Vê-se, pois, no interior de um distrito periférico as diferenças de como os estabelecimentos escolares foram se distribuindo no espaço. Não de forma aleatória, mas pela lógica da demanda e das transformações sociais com que passavam a periferia ao longo das décadas. À medida que o distrito passava por mais consolidação estrutural, mais o setor privado investia, agora na questão educacional, para atender uma nova demanda, enquanto o Estado se retraía. A percepção de que a escola privada é a melhor opção já pôde ser vislumbrada pelos filhos de migrantes, que tiveram uma maior inserção no distrito e uma escolarização mais prolongada, e escolheram esta dependência administrativa para seus filhos, mesmo muito deles estudando em escolas públicas no passado.



Figura 18: Escola Octávio Mangabeira. Foto: Jean-Pierre Faguer



Figura 19: Colégio Integração no Parque Boturussu. Foto: Adriana Dantas.

Considerações Finais

Aí passava a semana! A gente trabalhava a semana toda. Aí no sábado o pessoal ia embora. Trabalhava até onze horas, meio-dia e ia embora. Aí eu ficava triste pra bocado! Só ficava eu aqui. Eu ficava ali naquela construção, o resto do sábado e o domingo. Eu ia pra estação do Brás, porque a gente que vinha de lá, chamava de Estação do Norte. Tinha muito nortista lá. Eu ia por ali e ficava olhando o movimento, se aparecesse algum conhecido aqui, mas não apareceu nenhum desses conhecidos.

O relato de Fernando conta a história de tantos brasileiros e brasileiras que decidiram adotar São Paulo como sua nova terra. Ele corajosamente veio só para a cidade. Primeiro veio agenciado para trabalhar nas plantações de café no interior paulista. Depois, decidiu se aventurar pela capital para tentar algo melhor e chegou à construção civil. A própria construção que ele erguia, servia como moradia temporária, que ele só teria direito até o término da empreitada. Os apartamentos que ajudava a construir não tinham como ser dele, era necessário encontrar outros caminhos.

Sozinho em São Paulo tinha como passatempo, no final de semana, ir à estação de trem no Brás. Não era um divertimento. Motivado pela tristeza de estar só, sua esperança era encontrar algum conhecido, que assim como ele, tivesse decidido vir para São Paulo tentar uma vida diferente. E quem sabe no encontro, confortar quem chega ao desconhecido e o conhecido tornar-se um conforto para quem ali já estava.

A estação do Brás foi um palco muito importante para imigrantes e mais tarde para migrantes. A hospedaria que tinha ali perto, primeiro abrigou os estrangeiros que chegaram a São Paulo e nas décadas seguintes outros brasileiros que vieram fazer a vida na metrópole. Imigrantes e migrantes pouco se encontraram ali, mas tiveram seus caminhos cruzados na metrópole. Muitos deles ficaram na região mesmo, construindo esta nova periferia leste que abrigou muitas indústrias ao longo daquela linha do trem.

Ainda é possível, em 2013, vislumbrar parte desta história naquele mesma linha férrea. O percurso pode começar na estação do Brás e terminar na estação

Comendador Ermelino, onde a família Matarazzo instalou a Celosul. Saindo do Brás pela linha 12 da CPTM, um passageiro atento poderá perceber que assim que sair da estação, indústrias, como as de tecelagem que foram tão importantes no início do século XX, estão ali no seu entorno. Também perceberá a gentrificação que ocorreu no Tatuapé e no Carrão, com seus prédios e shoppings centers. O trem fará uma curva na região da Penha e ali começará a se notar uma profunda clivagem. Várias ocupações e favelas acompanharão o percurso, talvez assustando os desavisados que apreciavam a paisagem de progresso do distrito anterior. Este cenário também é importante para apontar muitos trabalhadores e trabalhadoras que não tiveram muita sorte em conseguir um lugar junto à cidade mais equipada. Até chegar ao seu destino, encontrará um campus da maior universidade do país, a Escola de Artes, Ciências e Humanidades da Universidade de São Paulo. Quem está acostumado com equipamentos importantes em lugares de alta valorização socioespacial poderá surpreender-se com um campus ali. A EACH é como uma ilha, cujas águas são várias ocupações ao seu redor. Quem ali trabalha ou estuda pode entender um pouco o peso da desqualificação de uma herança calcada em uma baixa valorização socioespacial. Chega-se, então, em Ermelino Matarazzo. E na estação, à esquerda, é possível ver o que sobrou da indústria Celosul. Na sua frente terá um distrito que sobe em direção à avenida São Miguel com toda as suas idiosincrasias demonstradas ao longo deste estudo. Como foi dito no início deste trabalho, a periferia é assaz heterogênea. E esta heterogeneidade pode ser vista em suas condições objetivas e simbólicas, percebidas pelas janelas do trem.

As periferias apontadas pelos cientistas sociais foram aqui destacadas no lado leste pelas características objetivas, culturais e simbólicas. Pretendeu-se mostrar neste trabalho como imigrantes e migrantes foram importantes para construir representações da Zona Leste. E como estas representações simbólicas exercem funções sociais para caracterizar um lugar e principalmente, conferir o valor social das pessoas e dos equipamentos a partir do espaço.

Ermelino Matarazzo passou por processos complexos, desde os loteamentos, a formação de favelas e o investimento de empreendedoras construindo moradias.

Procurou-se reconhecer como a agência dos moradores e das moradoras contribuiu para a transformação do distrito e, no seu universo de possíveis, possibilitou a mudança desta paisagem também. Um olhar atento, pela janela do trem, se verificará um campus universitário importantíssimo, assim como comunidades que foram regularizadas em uma cidade em que o mercado imobiliário privado é poderoso e, muitas vezes, perverso.

A partir de um distrito periférico, buscou-se recontar sua configuração a partir da diferenciação interna, partindo da memória de antigos moradores e moradoras, considerando-se os capitais culturais, materiais e simbólicos que possibilitaram construir uma parte da história da periferia leste de São Paulo. Tentou-se demonstrar parte do muro social entre a cidade rica e a cidade pobre, tanto na forma como o distrito foi sendo configurado, quanto em algumas consequências desta configuração, como a maneira pelos quais os equipamentos escolares foram sendo distribuídos no espaço de Ermelino Matarazzo ao longo do tempo. O mercado escolar que cresce na periferia é um tema que precisa ser abordado de forma mais ampla. Neste trabalho, foi possível perceber a retirada do Estado em assumir mais equipamentos escolares, ao mesmo tempo, que novos moradores com maior poder aquisitivo, escolhiam a dependência privada para seus filhos. À medida que as gerações seguintes de migrantes se escolarizavam de forma mais prolongada, inserindo-se melhor no distrito, seus filhos também estudavam em escolas privadas. Assim, o crescimento de estabelecimentos escolares privados em um distrito periférico como Ermelino Matarazzo registra uma mudança na percepção do que seja a “boa” escola que demanda mais estudos, o que extrapola o escopo deste trabalho.

Referências Bibliográficas

Livros e Artigos

ABÍLIO, Ludmila Costhek. A gestão do social e o mercado da cidadania. *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. Robert Cabanes [et al.] (org.). [Tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek] São Paulo: Boitempo, 2011.

ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz de. *A invenção do nordeste e outras artes*. 4ª. Ed. São Paulo: Cortez, 2009.

ALEXANDER, Jeffrey C. O Novo Movimento Teórico. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. N. 4 vol.2 junho, 1987.

_____. Ação Coletiva, Cultura e Sociedade Civil: Secularização, atualização, inversão, revisão e deslocamento do modelo clássico dos movimentos sociais. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais* Jun. 1998, vol.13, no. 37. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-9091998000200001&script=sci_arttext>

ALMEIDA, Ana Maria Fonseca. Notas sobre a sociologia do poder: a linguagem e o sistema de ensino. In: *Horizontes*. Bragança Paulista, v.20, p.15-30, jan/dez 2002.

_____. *As escolas dos dirigentes paulistas: ensino médio, vestibular, desigualdade social*. Belo Horizonte: Argvmentvm, 2009.

_____; PEROSA, Graziela Serroni; TOMIZAKI, Kimi; ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi. Experiências Educativas e Construção de Fronteiras Sociais. In: *Revista de Sociologia da Educação*. Vol. 1, p. 8-25, 2010.

ANDRADE, Cleide Lugarini. *As lutas sociais por moradia de São Paulo: a experiência de São Miguel Paulista e Ermelino Matarazzo*. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 1989.

ARAÚJO, Herton Ellery & CODES, Ana Luiza Machado de. Como vivem os migrantes em São Paulo? Estratificação social entre migrantes nordestinos na região metropolitana

de São Paulo. *Situação Social Brasileira: monitoramento das condições de vida 2* /Jorge Abrahão de Casto, Herton Ellery Araújo (org.). Brasília: IPEA, 2012.

AZEVEDO, Aroldo Edgard. *Subúrbios orientais de São Paulo*. Tese (concurso à cadeira de Geografia do Brasil) – Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1945.

BAENINGER, Rosana. Crescimento da população na Região Metropolitana de São Paulo: desconstruindo mitos do século XX. *São Paulo: novos percursos e atores* (sociedade, cultura e política). Lúcio Kowarick & Eduardo Marques (org.). São Paulo: Editora 34; Centro de Estudos da MetrÓpole, 2011.

_____ Rotatividade Migratória: um novo olhar para as migrações internas no Brasil. In: *Revista Interdisciplinar de Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XX, Nº 39, p. 77-100, jul./dez. 2012.

BARREYRO, Gladys & ROTHEN, José Carlos. Avaliação e regulação da Educação Superior: Normativas e órgãos reguladores nos 10 anos pós LDB. In: *Avaliação* (Campinas), 43, v. 12, n.1, p. 133-147, mar, 2007.

BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Da Libertação: o sentido teológico das libertações sócio-históricas*. 3ª. Ed. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1982.

BONDUKI, Nabil Georges. Origens da Habitação Social no Brasil. In: *Análise Social*, v. XXIX (127), 1994 (3º), 711-732.

BOURDIEU, Pierre. *Langage et pouvoir symbolique*. France: Éditions Fayard, 1991.

_____ *Razões Práticas: sobre a teoria da ação*. Tradução: Mariza Corrêa. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

_____ *Escritos de educação*/ Maria Alice Nogueira e Afrânio Catani (org.) 7ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1998.

_____ *As Estruturas Sociais da Economia*. Tradução: Maria Fernanda Oliveira. Lisboa: Instituto Piaget, 2001.

_____ *Lições da Aula*. Aula Inaugural proferida no Collège de France em 23 de abril de 1982. Tradução Egon de Oliveira Rangel. 2ª. Ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.

_____ *Coisas Ditas*; tradução Cássia R. da Silveira e Denise Moreno Pegorim – São Paulo: Brasiliense, 2004.

_____ *A Distinção*: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre, RS: Zouk, 2008a.

_____ A força da representação. In: *A economia das trocas linguísticas: o que falar quer dizer*. 2ª ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

_____ *O senso prático*. Petrópolis: Vozes, 2009.

_____ *O poder simbólico* / tradução Fernando Tomaz (português de Portugal) 14ª. Ed Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

BOTEGA, Leonardo da Rocha. De Vargas a Collor: urbanização e política habitacional no Brasil. In: *Espaço Plural*. Ano VIII, n. 17, 2º. Sem 2007, pp. 66-72.

BRANDÃO, Zaia. A dialética micro/macro na sociologia da educação. In: *Cadernos de Pesquisa*. N. 113, p.153-165, julho 2001.

CABANES, Robert. Proletários em meio à tormenta neoliberal. *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. Robert Cabanes [et al.] (org.). [Tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek] São Paulo: Boitempo, 2011.

_____ ; GEORGES, Isabel; RIZEK, Cibele Saliba & TELLES, Vera da Silva (org.). *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. [Tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek] São Paulo: Boitempo, 2011.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. *A política dos outros: o cotidiano dos moradores da periferia e o que pensam do poder e dos poderosos*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

_____. *Cidades de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo*. 2ª. Ed. Trad. Frank de Oliveira e Henrique Monteiro – São Paulo: Editora 34/Edusp, 2003.

CAMPOS, Eudes. Nos caminhos da Luz, antigos palacetes da elite paulistana. In: *Anais do Museu Paulista*. São Paulo. N. sér. V. 13, n. 1, p. 11-57. Jan-jun. 2005

CAMPOS, Cristina. As ferrovias estratégicas no Estado de São Paulo. *Jornal da Unicamp*, Campinas, p. 2, 14 a 20 de maio, 2012.

CAMPOS, Candido Malta; GAMA, Lúcia Helena & SACCHETTA, Vladimir (org.). *São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais* – São Paulo: Editora SENAC, 2004.

CAMPOS, Leonardo Spiccatti & RODRIGUES, Marta Maria Assumpção. A educação de jovens e adultos na indústria: formando a mão-de-obra brasileira para o século XXI. In: *Revista Gestão & Políticas Públicas*. (online) n.2, 2º sem 2011.

CARONE, Edgar. *A Evolução Industrial de São Paulo (1889-1930)*. São Paulo: Editora SENAC São Paulo, 2001.

CASTRO, Jorge Abrahão & VAZ, Fábio Monteiro. Gastos das Famílias com Educação. In: *Gasto e consumo das famílias brasileiras contemporâneas v.2/ Fernando Gaiger Silveira et al. (org.)* – Brasília: Ipea, 2007.

CATÃO, Francisco. *O que é Teologia da Libertação*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1986.

CIRÍACO, Rodrigo (org.). *Pode pá que é nós que tá: Antologia de Poesia e Prosa*. Projeto Literatura (é) possível. Os Mesquiteiros. São Paulo: Um por todos, 2012.

CUNHA, José Marcos Pinto da. Retratos da Mobilidade Espacial No Brasil: Os Censos Demográficos como Fonte de Dados. In: *Revista Interdisciplinar da Mobilidade Humana*, Brasília, Ano XX, Nº 39, p. 29-50, jul./dez. 2012.

CURY, Carlos Roberto Jamil. O público e o privado na educação brasileira contemporânea: posições e tendências. In: *Cadernos de Pesquisa*. São Paulo, n. 81, p. 33-44, maio 1992.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. *A Formação dos Sujeitos Periféricos: Cultura e Política na Periferia de São Paulo*. Tese de Doutorado. Departamento de Sociologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências da Universidade de São Paulo, 2013.

DANTAS, Adriana Santiago Rosa Dantas & PEROSA, Graziela Serroni. Expansão escolar na periferia de São Paulo: o caso de Ermelino Matarazzo. In: *Confluências Culturais*, (online) Joinville/SC, n. 1, v.1, 2012.

DEAN, Warren. *A industrialização de São Paulo (1880-1945)* Trad. Octavio Mendes Cajado. 4ª. ed. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1991.

DOMINGUES, Petrônio. *Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição*. São Paulo: Editora SENAC, 2004.

DUARTE, Adriano Luiz. "Em busca de um lugar no mundo": movimentos sociais e política na cidade de São Paulo nas décadas de 1940 e 50. In: *Estudos Históricos*. Rio de Janeiro, v. 21, n. 42, julho-dezembro de 2008.

_____ & FONTES, Paulo. O populismo visto da periferia: adhemarismo e janismo nos bairros da Mooca e São Miguel Paulista (1947-1953). In: *Cadernos Arquivo Edgard Leuenroth* (Unicamp), v.11, n. 20/21, 2004.

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John. *Os estabelecidos e os Outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade*. Trad.: Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. *Escritos e Ensaio*; 1 Estado, processo, opinião pública; org. Frederico Neiburg e Leopoldo Waizbort. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2006.

_____ *Introdução à Sociologia*. Lisboa: Edições 70, 2008.

FELIX, João Batista de Jesus. *Hip-Hop: cultura e política no contexto paulistano*, Tese de Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo, 2005.

FONTES, Paulo. *Trabalhadores e cidadãos: Nitro Química: a fábrica e as lutas operárias nos anos 50*. São Paulo: Annablume, 1997.

_____ *Um nordeste em São Paulo: trabalhadores migrantes em São Miguel Paulista (1945-66)* – Rio de Janeiro: Editora FGV, 2008.

FRANÇOIS, Jean-Christophe & POUPEAU, Franck. Les déterminants socio-spatiaux du placement scolaire - Essai de modélisation statistique appliquée aux collèges parisiens, *Revue française de sociologie*, Vol. 49, p. 93-126, 2008/1.

FREITAS, Marcos Cezar de & BICCAS, Maurilane de Souza. *História Social da Educação no Brasil (1926-1996)*. São Paulo: Cortez, 2009.

FRIGOTTO, Gaudêncio & CIAVATTA, Maria. Educação Básica no Brasil na década de 1990: subordinação ativa e consentida à lógica do mercado. In: *Educação e Sociedade*, Campinas, vol. 24, n.82, p.93-130, abril 2003.

GHANEM, Elie & MARCHIONI, Antônio Luiz. A USP Leste e a contribuição de comunidades locais para a inovação das comunidades universitárias. *USP Leste: a expansão da Universidade do Oeste para o Leste*. Celso de Barros Gomes (org.) São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

GOHN, Maria da Glória. *Movimentos Sociais e lutas pela moradia*. São Paulo: Edições Loyola, 1991.

_____ *História dos Movimentos e Lutas Sociais: a construção da cidadania dos brasileiros*. 4ª. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2001.

_____ *Teoria dos Movimentos Sociais: Paradigmas clássicos e contemporâneos*. 8ª. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2010.

GOMES, Celso de Barros (org.). *USP Leste: a expansão da Universidade do Oeste para o Leste*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.

GROSTEIN, Marta Dora. *Periferias: loteamentos ilegais e formas de crescimento urbano. São Paulo, metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais / Candido Malta Campos, Lúcia Helena Gama, Vladimir Sacchetta (org.) – São Paulo: Editora SENAC, 2004.*

GUEDES, Patrícia Mota & OLIVEIRA, Nilson Vieira. *A Democratização do Consumo*. In: *Braudel Papers*. No. 39, 2006.

HALL, Stuart. *Estudos Culturais dois paradigmas*. In *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*; org. Liv Sovik; trad. Adelaine La Guardia Resende [et al] 1ª. Ed atualizada, Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.

HIRATA, Daniel Veloso. *Vida Loka. Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. Robert Cabanes [et al.] (org.). [Tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek] São Paulo: Boitempo, 2011.

HOMEM, Maria Cecília Naclério. *São Paulo em 1900. A “metrópole do café”, a multiplicação das fortunas e dos palacetes. Palacete paulistano e outras formas urbanas de morar da elite cafeeira. 1867-1918*. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

IFFLY, Catherine. *Transformar a metrópole: Igreja Católica, territórios e mobilizações sociais em São Paulo 1970-2000*. São Paulo: Editora UNESP, 2010.

JANNUZZI, Paulo de Martino. *Indicadores sociais no Brasil*. 5ª. ed. Campinas, SP: Editora Alínea, 2012.

KOWARICK, Lúcio. *A espoliação urbana*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

_____ Espoliação urbana, lutas sociais e cidadania: fatias de nossa história recente. In: *Espaços & Debates: Revista de Estudos Regionais e Urbanos*. São Paulo, Ano XVII, n. 40, 1997.

_____ Viver em risco: sobre a vulnerabilidade socioeconômica e civil. São Paulo: Editora 34, 2009.

_____ & MARQUES, Eduardo (org.) *São Paulo: novos percursos e atores (sociedade, cultura e política)* São Paulo: Editora 34; Centro de Estudos da Metrópole, 2011.

LAMONT, Michèle & FOURNIER, Marcel. Introduction. *Cultivating Differences: symbolic boundaries and the making of inequality*. Edited by Michèle Lamont and Marcel Fournier. The University of Chicago Press, 1992.

LAMOUNIER, Maria Lúcia. *Ferrovias e mercado de trabalho no Brasil do século XIX*. São Paulo: Edusp, 2012.

LENOIR, Remi. Objeto Sociológico e problema social. *Iniciação à prática sociológica*. Dominique Merllié. [et al.]; trad. Guilherme João de Freitas Teixeira. Petrópolis: Vozes, 1996.

MAFRA, Leila de Alvarenga. A sociologia dos Estabelecimentos Escolares: passado e presente de um campo de pesquisa em re-construção. *Itinerários de Pesquisa: Perspectivas Qualitativas em Sociologia da Educação / Nadir Zago, Marília Pinto de Carvalho, Rita Amélia Teixeira Vilela (org.)*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

MAGALHÃES, Valéria Barbosa. Imigração: subjetividade e memória coletiva. In: *Oralidades: revista de História Oral*. Núcleo de Estudos em História Oral do Departamento de História da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo – Ano 1, n. 1 (jan/jun, 2007), São Paulo: NEHO, 2007.

MARANHÃO, Tatiana de Amorim. O sentido político das práticas de responsabilidade social empresarial no Brasil. *Saídas de Emergência: ganhar/perder a vida na periferia de São Paulo*. Robert Cabanes [et al.] (org.). [Tradução Fernando Ferrone, Cibele Saliba Rizek] São Paulo: Boitempo, 2011.

MARCÍLO, Maria Luiza. *História da Escola em São Paulo e no Brasil*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Fernand Braudel, 2005.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. In: *Estudos Avançados*. 17 (48), 2003

MARQUES, Eduardo. Espaço e grupos sociais na virada do século XXI. *São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais*. Eduardo Marques, Haroldo Torres (org.). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

_____ *Redes Sociais, Segregação e Pobreza em São Paulo*. São Paulo: Editora Unesp; Centro de Estudos da MetrÓpole, 2010.

MARTINS, José de Souza. *Conde Matarazzo, o empresário e a empresa: estudo da sociologia do desenvolvimento*. 2ª. Ed. São Paulo: Hucitec, 1974.

MAUTNER, Yvonne. A periferia como fronteira de expansão do capital. *O Processo de Urbanização no Brasil*. Csaba Deák, Sueli Ramos Schiffer (org.). São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1999.

MEDINA, Cremilda (org.). *USP Leste e seus vizinhos*. São Paulo: ECA/USP, 2004.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. 4ª. Ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MENEZES, Regina Tavares. *Memória em Papel: o Jornalismo Popular e a Memória Coletiva*. Dissertação de Mestrado em Ciências Sociais – Antropologia. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. 2007.

MEYER, Regina Maria Prosperi; GROSTEIN, Maria Dora & BIDERMAN, Ciro. *São Paulo MetrÓpole*. São Paulo: Edusp: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2004.

MICELI, Sergio. *A Elite Eclesiástica no Brasil (1980-1930)*. Rio de Janeiro: Ed. Bertrand Brasil, 1988.

MILLS, C. Wright. *A Imaginação Sociológica*. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1965.

MORCELLI, Danilo da Costa. *Análise Histórico-Ambiental – Os Contrastes do Meio Ambiente em uma Região do Subúrbio Paulistano: O Caso De Ermelino Matarazzo*. Monografia de Conclusão de Curso. São Paulo: EACH-USP, 2010.

MORSE, Richard. A conformação da cidade. In: *Formação Histórica de São Paulo (de comunidade a metrópole)*. São Paulo: Difel, 1970 (1ª. ed. 1954).

MUNANGA, Kabengele. Racismo da desigualdade à intolerância. In: *São Paulo em Perspectiva*, 4(2) pp. 51-54, abril/junho 1990.

OLIVEIRA, Kleber Fernandes De & JANNUZZI, Paulo De Martino. Motivos para Migração no Brasil e Retorno ao Nordeste: Padrões Etários, Por Sexo E Origem/Destino. In: *São Paulo Em Perspectiva*, v. 19, n. 4, P. 134-143, Out./Dez. 2005.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à vista: discurso do confronto: velho e novo mundo*. São Paulo: Cortez; Campinas, SP: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1990.

PAIVA, Odair da Cruz. *Caminhos Cruzados: migração e construção do Brasil moderno (1930-1950)*. Bauru, SP: Edusc, 2004. 306p

PASTERNAK, Suzana & BÓGUS, Lucia m. Machado. Migração na Metrópole. In: *São Paulo em Perspectiva*, v. 19, n. 4, p. 21-47, out./dez. 2005.

PENNA, Maura. *O que faz ser nordestino: identidades sociais, interesses e o “escândalo” Erundina*. São Paulo: Cortez, 1992.

_____ Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. *Lingua(gem) e identidade: elementos para uma discussão no campo*

aplicado / Inês Signorini (org). São Paulo: FAPESP Campinas, SP: Mercado de Letras: FAEP/Unicamp, 1998.

PERILLO, Sonia Regina. Novos Caminhos da Migração no Estado de São Paulo. In: *São Paulo Em Perspectiva*, 10(2) 1996.

PEROSA, Graziela Serroni. *Escola e destinos femininos: São Paulo (1950-1960)*. Belo Horizonte, MG: Argvmentvm, 2009.

_____ & SANTOS, Gislene Aparecida & MENNA-BARRETO, Luiz. Desafios da democratização do Ensino Superior. A USP no lado leste da cidade. in *Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. / Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (org). São Paulo: Letra e Voz: FAPESP, 2011.

PINO, Ivany. A Lei de Diretrizes e Bases da Educação: A ruptura do Espaço Social e a Organização da Educação Nacional. *LDB Interpretada: Diversos Olhares se Entrecruzam/ Iria Brzezinski (org) – 3ª. ed. revista – São Paulo: Cortez, 2000.*

POCHMANN, Marcio. *Nova classe média? O trabalho na base da pirâmide social brasileira*. São Paulo: Boitempo, 2012.

RAJAGOPALAN, Kanavillil. O Austin do qual a Linguística não tomou conhecimento e a Linguística com a qual Austin sonhou. In: *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, Jan./Jun. (30): 105-115 1996.

ROCHA, Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da & PEROSA, Graziela Serroni. Notas etnográficas sobre a desigualdade educacional brasileira. In: *Educação e Sociedade*. (online). vol.29, n.103, 2008.

ROLNIK, Raquel. Territórios Negros nas Cidades Brasileiras (etnicidade e cidade em São Paulo e Rio de Janeiro). In: *Revista de Estudos Afro-Asiáticos* 17. Universidade Cândido Mendes, setembro de 1989.

_____ *A cidade e a lei: legislação, política urbana e territórios na cidade de São Paulo*. 3ª. ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp, 2003.

_____ & FRÚGOLI JR., Heitor. Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências. In: *Cadernos Metrópole* n. 6, pp. 43-66, 2º sem. 2001.

_____ & SOMEKH, Nadia. Governar as metrópoles: dilemas da recentralização. In: *Cadernos Metrópole* n. 8, pp. 105-117, 2º sem. 2002.

SALLUM JR, Brasílio. Metamorfoses do Estado Brasileiro no final do século XX. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*. V. 18, n. 52, junho/2003.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos. *Nem tudo era italiano: São Paulo e pobreza: 1890-1915* 3ª. Ed. São Paulo: Annablume/Fapesp, 2008.

SANTOS, Milton. *Técnica, Espaço, Tempo: Globalização e Meio Técnico-científico-informacional*. 5ª. Ed. São Paulo: Edusp, 2008b.

SILVA, Luís Octávio. Verticalização, expansionismo e grandes obras viárias: a modernização limitada. *São Paulo Metrópole em trânsito: percursos urbanos e culturais*. Candido Malta Campos; Lúcia Helena Gama, Vladimir Sacchetta. São Paulo: Senac Editora, 2004.

SILVA, Daniel do Nascimento. Dilma eleita pelos nordestinos? Sobre a circulação de atos de fala violentos. In: *Linguagem em foco*, v. 2, p. 29-37, 2010.

_____ *Pragmática da Violência: o nordeste na mídia brasileira*. Rio de Janeiro: 7Letras: Faperj, 2012.

SILVA, Mário Augusto Medeiros da. *A descoberta do insólito: literatura negra e literatura periférica no Brasil (1960-2000)* Tese de Doutorado no Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, 2011.

SKIDMORE, Thomas E. *Brasil: de Getúlio a Castello (1930-64)*. Tradução Berilo Vargas. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOMEKH, Maria. *A cidade vertical e o urbanismo modernizador*. São Paulo 1920-1939. São Paulo: Studio Nobel: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.

SPOSITO, Marília Pontes. *O povo vai à escola*. A luta popular pela expansão do ensino público em São Paulo. 4ª Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2002.

_____ *A ilusão Fecunda: a luta por educação nos movimentos populares*. São Paulo: Hucitec, 2010.

THOMPSON, E. P. *A Formação da Classe Operária Inglesa*. A força dos trabalhadores. Trad. Denise Bottman. Rio de Janeiro: Paz e Terra, (1963) 1987.

TELLES, Vera da Silva. Mutações do Trabalho e experiência urbana. In: *Tempo Social*. Revista de Sociologia da USP, v.18, n.1, p.173-195, junho 2006.

TICÃO, Padre. Movimentos Sociais, Identidade e Memória na Zona Leste. *Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral* / Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (org). São Paulo: Letra e Voz: Fapesp, 2011.

TOLEDO, Edilene. O processo de industrialização e o patrimônio industrial na Zona Leste. *Memória e Diálogo: escutas da Zona Leste, visões sobre a história oral*. / Ricardo Santhiago e Valéria Barbosa de Magalhães (org). São Paulo: Letra e Voz: FAPESP, 2011.

TOMIZAKI, Kimi Aparecida. *Ser Metalúrgico no ABC: transmissão e herança da cultura operária entre duas gerações de trabalhadores*. Campinas, SP: Unicamp / CMU-Publicações, Editora Arte Escrita, 2007.

TORRES, Haroldo. *A fronteira paulistana*. São Paulo: segregação, pobreza e desigualdades sociais. Eduardo Marques, Haroldo Torres (org.). São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2005.

_____, MARQUES, Eduardo; FERREIRA, Maria Paula & BITAR, Sandra. Pobreza e espaço: padrões de segregação em São Paulo. In: *Estudos Avançados*, 17 (47), 2003.

TORRES, Nilton Ricoy. *Habitus*, planejamento e governança urbana. In: *Cadernos Metrôpoles*, São Paulo, v.14, n.27, pp. 115-133, jan/jun 2012.

VIANA, Maria José Braga. Longevidade escolar em famílias de camadas populares. Algumas possibilidades. *Família e Escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares* / Maria Alice Nogueira, Geraldo Romanelli, Nadir Zago (org.) 5ª. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

VIEIRA, Sofia Lerche. O Público e Privado na Educação: Cenários Pós LDB in: *LDB Dez Anos Depois: Reinterpretação sob Diversos Olhares* / Iria Brzezinski (org) – 2ª. ed. – São Paulo: Cortez, 2008.

VILLAÇA, Flávio. *Espaço intra-urbano no Brasil*. 2ª. Ed. São Paulo: Studio Nobel: Fapesp: Lincoln Institute, 2001.

_____. *Reflexões sobre as cidades brasileiras*. São Paulo: Studio Nobel, 2012.

WACQUANT, Loïc. *As duas faces do gueto*. Tradução de Paulo Cezar Castanheira. – São Paulo: Boitempo, 2008.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. *O fenômeno urbano*. Otávio Guilherme Velho (Org.). Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

Biografias e Livros Memoriais

AUGUSTI, Waldir Aparecido (ed.). *Memórias de Ermelino Matarazzo: um bairro paulistano, seu povo, sua gente*. São Paulo: Ed. Do Autor, 2012.

BOCAICOA, Marino. *História do Bairro de Ermelino Matarazzo*. São Paulo, sem data, sem editora.

COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo: A Travessia*, v.1 – São Paulo: Editora do Planeta do Brasil, 2004a.

COUTO, Ronaldo Costa. *Matarazzo: Colosso Brasileiro* v.2 – São Paulo: Editora do Planeta do Brasil, 2004b.

LOPES, Rodrigo Herrero. *Face Leste: revisitando a cidade*. São Paulo: Mitra Diocesana São Miguel Paulista, 2011.

MARCHIONI, Antônio Luís; POLETTO, Devanir Carlos; MORELLI, José Roberto; BEZERRA, Paulo Sérgio & AUGUSTI, Waldir Aparecido. *Dom Angélico Sândalo Bernardino: bispo profeta dos pobres e da justiça*. São Paulo: ACDEM, 2012.

Sites, jornais, revista e documentário:

ASSUNÇÃO, Moacir. Dos bairros. In: *O Estado de São Paulo*. Domingo, 25 de janeiro de 2004.

BARROS, Mariana. O novo horizonte do Tucuruvi. In: *Veja São Paulo*. Edição de 1º de maio de 2013, pp. 42-43.

BRASIL. Lei n. 8.036, de 11 de maio de 1990. Dispõe sobre o Fundo de Garantia do Tempo de Serviço e dá outras providências. Presidência da República Casa Civil Subchefia para Assuntos Jurídicos. Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L8036consol.htm#art32> Acessado em 20 de julho de 2012.

BRASIL. Leis de Diretrizes e Bases da Educação. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Portal do MEC, disponível em <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>> Acesso em 05 abril 2012.

ERMELINO é luz. Direção Pedro Dantas. Produção Maristela Grossi. Roteiro em conjunto com os alunos da vídeo-oficina Laboratório Documental de Construção da Poética Cotidiana. Mixagem e Masterização de Som: Denis Soria. Finalização: Ricardo Matias. São Paulo: PUC-SP, TV PUC São Paulo, Prefeitura da Cidade de São Paulo, 2009, 1 DVD (36 min), português, colorido, NTSC, Stereo 2.0. Coleção: II Edital História dos Bairros da prefeitura de São Paulo- Secretaria Municipal de Cultura.

GAZZONI, Mariana. A Direcional na contramão: como ela fez a conta fechar. In: *O Estado de São Paulo*. Caderno Negócio, p. N4, Segunda-feira, 10 de dezembro de 2012.

IBGE. *Educação*. IN: *Estudos e Pesquisas – Informação Demográfica e Socioeconômica* 27. IBGE: Rio de Janeiro, 2010. p. 45-78

LETAIF, Nelson. Escombros do império. In: *Revista Época*. Edição 27 de outubro de 2010. Disponível em <<http://revistaepoca.globo.com/Revista/Epoca/0,ERT182921-15228-182921-3934,00.html>> Acessado em 18 março de 2012.

PREFEITURA DE SÃO PAULO. População Recenseada e Projetada Município de São Paulo, Subprefeituras e Distritos Municipais. Disponível em <http://infocidade.prefeitura.sp.gov.br/htmls/7_populacao_recenseada_e_taxas_de_crescimento_1980_702.html> Acessado em 19 maio 2011

PREFEITURA DE SÃO PAULO. *Histórico: Ermelino Matarazzo, um bairro operário com nome de empresário*. Disponível em <http://www.prefeitura.sp.gov.br/cidade/secretarias/subprefeituras/ermelino_matarazzo/historico/index.php?p=136> Acessado em 20 janeiro 2012

SECRETARIA DE EDUCAÇÃO DO ESTADO DE SÃO PAULO (2011). E-mail: <Lucia.Rezende@edunet.sp.gov.br> Assunto: RES: Escolas em Ermelino Matarazzo Anexo: Escolas de Ermelino Matarazzo.xls Para: <novadrica@gmail.com> Em: sexta-feira, 8 de abril de 2011 09:16

Apêndices

Apêndice 1: Modelo de Roteiro de Entrevista

I. História Educacional Familiar e Individual

Como foi sua infância?

Como foi o estudo dos seus pais? E de seus irmãos?

Como era a questão financeira de vocês?

II – História da Mobilidade

Como chegou à capital paulista?

Como chegou a Ermelino Matarazzo?

Quem eram as pessoas que estavam aqui?

Como se instalou? Como eram seus vizinhos e a relação da vizinhança?

Como foi sua experiência no trabalho?

Como era o estado civil?

Você chegou estudar aqui? Por quê?

III. Educação em Ermelino Matarazzo no passado

Como era para se estudar em Ermelino Matarazzo quando você chegou?

Como eram as escolas no bairro?

Como as escolas foram chegando?

Quais eram as melhores escolas? E por quê? E as piores?

Como foi para seus filhos estudar aqui?

IV. Educação em Ermelino Matarazzo no presente

Como é estudar em Ermelino Matarazzo agora?

Como são as escolas?

Quais são as melhores escolas? E por quê? E as piores?

Como são para as crianças da atualidade? Tem alguém da sua família estudando agora?

Apêndice 2: Modelo de Carta de Cessão

São Paulo, de janeiro de 2012.

CARTA DE CESSÃO

Eu, _____, RG _____,

autorizo que minha entrevista gravada em ____/____/2012 seja arquivada em formato gravado e escrito, como também utilizada para fins de publicação, por Adriana Santiago Rosa Dantas.

Esta autorização exime meus descendentes dos direitos sobre a entrevista.

Assinatura

Apêndice 3: Matriz de Correlações

Matriz de correlações (4)

MATRICE DES CORRELATIONS										Matriz de correlações (4)																								
%POP	%Hbr	%Hne	%Hou	%Mbr	%Mne	%Mou	%s	%Fu	%M	%Su	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	%POP	%Hbr	%Hne	%Hou	%Mbr	%Mne	%Mou	%s	%Fu	%M	%Su	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	
1.00	1.00																1.00	1.00																
-0.09	-0.99	1.00															-0.09	-0.99	1.00															
0.10	-0.99	1.00	1.00														0.10	-0.99	1.00	1.00														
-0.08	0.63	-0.99	0.61														-0.08	0.63	-0.99	0.61														
0.09	-0.99	1.00	-0.70	1.00													0.09	-0.99	1.00	-0.70	1.00													
-0.10	0.63	-0.99	0.71	0.00	1.00												-0.10	0.63	-0.99	0.71	0.00	1.00												
0.05	-0.82	0.85	-0.78	-0.79	0.83	1.00											0.05	-0.82	0.85	-0.78	-0.79	0.83	1.00											
0.14	0.31	-0.29	0.10	0.34	-0.32	0.06	1.00										0.14	0.31	-0.29	0.10	0.34	-0.32	0.06	1.00										
-0.12	0.86	-0.88	0.78	0.83	-0.86	0.78	-0.97	1.00									-0.12	0.86	-0.88	0.78	0.83	-0.86	0.78	-0.97	1.00									
0.00	-0.88	0.91	-0.80	-0.87	0.90	-0.80	0.93	-0.90	1.00								0.00	-0.88	0.91	-0.80	-0.87	0.90	-0.80	0.93	-0.90	1.00								
0.00	-0.59	-0.60	-0.47	0.61	-0.62	-0.43	0.54	0.39	-0.60	1.00							0.00	-0.59	-0.60	-0.47	0.61	-0.62	-0.43	0.54	0.39	-0.60	1.00							
-0.24	0.94	0.97	-0.79	-0.93	0.96	-0.78	0.98	0.97	0.26	-0.89	1.00						-0.24	0.94	0.97	-0.79	-0.93	0.96	-0.78	0.98	0.97	0.26	-0.89	1.00						
0.07	-0.84	0.87	-0.77	0.81	0.85	0.77	-0.73	-0.59	0.68	0.58	1.00						0.07	-0.84	0.87	-0.77	0.81	0.85	0.77	-0.73	-0.59	0.68	0.58	1.00						
0.08	0.83	-0.83	0.59	0.84	-0.85	0.57	-0.73	-0.59	0.68	0.58	1.00						0.08	0.83	-0.83	0.59	0.84	-0.85	0.57	-0.73	-0.59	0.68	0.58	1.00						
-0.11	0.91	-0.94	0.80	0.90	-0.93	0.79	-0.97	-0.95	0.21	0.98	0.95	1.00					-0.11	0.91	-0.94	0.80	0.90	-0.93	0.79	-0.97	-0.95	0.21	0.98	0.95	1.00					
-0.15	0.77	-0.80	0.72	0.74	-0.77	0.73	-0.91	-0.95	0.21	0.98	0.95	1.00					-0.15	0.77	-0.80	0.72	0.74	-0.77	0.73	-0.91	-0.95	0.21	0.98	0.95	1.00					
-0.08	0.06	0.07	-0.05	-0.07	0.06	-0.03	0.11	-0.11	0.37	0.01	0.07	0.57	1.00				-0.08	0.06	0.07	-0.05	-0.07	0.06	-0.03	0.11	-0.11	0.37	0.01	0.07	0.57	1.00				
0.14	0.52	-0.53	0.43	0.53	-0.54	0.37	-0.45	-0.41	0.48	0.36	0.38	0.38	0.62	1.00			0.14	0.52	-0.53	0.43	0.53	-0.54	0.37	-0.45	-0.41	0.48	0.36	0.38	0.38	0.62	1.00			
0.70	-0.51	0.51	-0.37	-0.50	0.51	-0.37	0.50	0.33	-0.15	-0.44	0.38	0.38	0.62	1.00			0.70	-0.51	0.51	-0.37	-0.50	0.51	-0.37	0.50	0.33	-0.15	-0.44	0.38	0.38	0.62	1.00			
0.18	0.58	-0.58	0.39	0.58	-0.57	0.36	-0.61	-0.42	0.57	0.47	0.61	0.61	0.68	0.68	1.00		0.18	0.58	-0.58	0.39	0.58	-0.57	0.36	-0.61	-0.42	0.57	0.47	0.61	0.61	0.68	0.68	1.00		
-0.18	-0.58	0.58	-0.39	-0.57	0.57	-0.36	0.61	0.42	-0.57	-0.47	-0.61	-0.61	-0.68	-0.68	1.00		-0.18	-0.58	0.58	-0.39	-0.57	0.57	-0.36	0.61	0.42	-0.57	-0.47	-0.61	-0.61	-0.68	-0.68	1.00		
0.00	-0.20	0.22	-0.27	0.18	0.20	-0.29	0.26	0.43	0.16	-0.33	0.31	-0.31	0.07	0.30	1.00		0.00	-0.20	0.22	-0.27	0.18	0.20	-0.29	0.26	0.43	0.16	-0.33	0.31	-0.31	0.07	0.30	1.00		
0.19	-0.71	0.69	-0.36	-0.71	0.69	-0.35	0.65	0.47	-0.25	-0.58	0.53	-0.53	0.34	0.60	1.00		0.19	-0.71	0.69	-0.36	-0.71	0.69	-0.35	0.65	0.47	-0.25	-0.58	0.53	-0.53	0.34	0.60	1.00		
-0.05	0.63	-0.65	0.57	0.59	-0.62	0.58	-0.77	-0.84	0.19	0.84	-0.69	-0.69	-0.15	-0.73	-0.84	1.00	-0.05	0.63	-0.65	0.57	0.59	-0.62	0.58	-0.77	-0.84	0.19	0.84	-0.69	-0.69	-0.15	-0.73	-0.84	1.00	
%POP	%Hbr	%Hne	%Hou	%Mbr	%Mne	%Mou	%s	%Fu	%M	%Su	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	%POP	%Hbr	%Hne	%Hou	%Mbr	%Mne	%Mou	%s	%Fu	%M	%Su	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	
1.00	1.00																1.00	1.00																
0.91	0.10	1.00															0.91	0.10	1.00															
-0.01	0.10	1.00	1.00														-0.01	0.10	1.00	1.00														
0.44	0.22	-0.24	1.00														0.44	0.22	-0.24	1.00														
-0.45	-0.39	0.20	-0.08	1.00													-0.45	-0.39	0.20	-0.08	1.00													
0.52	0.40	-0.48	0.43	-0.19	1.00												0.52	0.40	-0.48	0.43	-0.19	1.00												
-0.52	-0.40	0.48	-0.43	0.19	-1.00	1.00											-0.52	-0.40	0.48	-0.43	0.19	-1.00	1.00											
-0.35	-0.36	-0.46	-0.04	-0.04	0.14	-0.14	1.00										-0.35	-0.36	-0.46	-0.04	-0.04	0.14	-0.14	1.00										
-0.57	-0.53	0.24	-0.16	0.70	-0.56	0.56	-0.11	1.00									-0.57	-0.53	0.24	-0.16	0.70	-0.56	0.56	-0.11	1.00									
0.76	0.83	0.07	0.26	-0.36	0.29	-0.29	-0.40	-0.55	1.00								0.76	0.83	0.07	0.26	-0.36	0.29	-0.29	-0.40	-0.55	1.00								
%10	%Ma	%Pro	%Lo	%Dom	%Ce	%Ses	%Mo	%Hom	%Su	%M	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	%10	%Ma	%Pro	%Lo	%Dom	%Ce	%Ses	%Mo	%Hom	%Su	%M	%es	%Est	%Se	%1-2	%2-5	%5-1	
1.00	1.00																1.00	1.00																
0.91	0.10	1.00															0.91	0.10	1.00															
-0.01	0.10	1.00	1.00														-0.01	0.10	1.00	1.00														
0.44	0.22	-0.24	1.00														0.44	0.22	-0.24	1.00														
-0.45	-0.39	0.20	-0.08	1.00													-0.45	-0.39	0.20	-0.08	1.00													
0.52	0.40	-0.48	0.43	-0.19	1.00												0.52	0.40	-0.48	0.43	-0.19	1.00												
-0.52	-0.40	0.48	-0.43	0.19	-1.00	1.00											-0.52	-0.40	0.48	-0.43	0.19	-1.00	1.00											
-0.35	-0.36	-0.46	-0.04	-0.04	0.14	-0.14	1.00										-0.35	-0.36	-0.46	-0.04	-0.04	0.14	-0.14	1.00										
-0.57	-0.53	0.24	-0.16	0.70	-0.56	0.56	-0.11	1.00									-0.57	-0.53	0.24	-0.16	0.70	-0.56	0.56	-0.11	1.00									
0.76	0.83	0.07	0.26	-0.36	0.29	-0.29	-0.40	-0.55	1.00								0.76	0.83	0.07	0.26	-0.36	0.29	-0.29	-0.40	-0.55	1.00								

Apêndice 4: As modificações da oferta escolar na Zona Leste

Quem é esse professor que pensa que vai mudar nossos planos
Querendo despertar esse povo de seu sono profundo
Tanto trabalho pra mantê-lo desacordado
E me aparece esse sujeito querendo estragar tudo
Nosso lindo projeto de privatização do ensino
Nós aqui firmes nesse propósito de precarizar a escola pública
(Célia Reis – Educação Paulista)¹⁴¹

A Secretaria da Educação de São Paulo gerencia 5,3 mil escolas, 230 mil professores e mais de quatro milhões de alunos no Estado. A capital é dividida em treze diretorias de ensino, das quais cinco destas diretorias estão na Zona Leste. Ermelino Matarazzo pertence à Diretoria de Ensino Leste 1, assim como os distritos de Cangaíba, Itaquera, Penha, Ponte Rasa e Vila Jacuí¹⁴². As modificações da oferta escolar entre público e privado também pode ser constatado nesta diretoria, se comparado aos anos de 1996, 2000 e 2010:

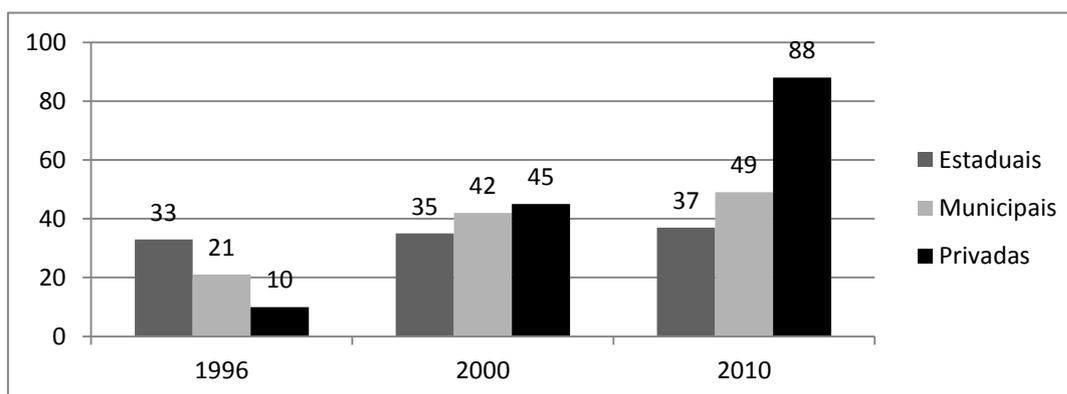


Gráfico 4 Estabelecimentos de Ensino Básico na Diretoria Leste 1.

Fonte: Secretaria da Educação, 2011

Pelos dados da Secretaria da Educação em 1996 havia 33 estabelecimentos estaduais, 21 municipais e apenas 10 privados na Diretoria da Leste 1 naquele período. Já no ano 2000, vemos um aumento em todas as dependências administrativas com diferenças significativas. Os municipais dobraram, mas os dados de 1996 não incluíam

¹⁴¹ Extraído de uma antologia de poesias e prosas de um movimento de arte periférica denominado “Os Mesquiteiros” que nasceu na Escola Estadual Jornalista Francisco Mesquita em Ermelino Matarazzo. O grupo foi formado em 2009. Atualmente, recebe apoio da Prefeitura de São Paulo com o programa de Valorização de Iniciativas Culturais (VAI). O professor de História, Rodrigo Ciríaco, é o idealizador dos Mesquiteiros e organizou esta coletânea. Ver: Ciríaco, 2012.

¹⁴² Cf. Secretaria <<http://www.educacao.sp.gov.br/institucional/a-secretaria>> Acessado em 5 abril 2012.

as creches, pois estas foram incorporadas pela Secretaria da Educação somente após a regulamentação da LDB. Na cidade de São Paulo, já na década de 1980, a sociedade civil se organizava para aumento de creches na cidade. Assim, desde 1970, a rede municipal já participava da expansão da Educação Infantil na cidade. A municipalização desse nível de ensino já estava sob a tutela da prefeitura na data em questão. No entanto, “apenas 47% das crianças na faixa etária de 4 a 6 anos estavam atendidas nas Emeis¹⁴³ da prefeitura, no ano 2000” (Marcílio, 2005, p.387). Este déficit abriu espaço para as iniciativas privadas como demonstra o Gráfico acima, não só no Ensino Infantil, mas também no Ensino Básico.

O crescimento de estabelecimentos estaduais é praticamente insignificante no período de 15 anos, no que se refere ao Ensino Fundamental e Médio, passando de 33 para 37 unidades. Entre 1996 e 2000 os dois estabelecimentos fundados estão no distrito de Ermelino Matarazzo. Este dado é digno de nota, porque em quatro anos, estas são as únicas escolas estaduais fundadas em toda a diretoria que compreende mais cinco distritos da Zona Leste. Estas duas escolas estão na região de ocupação.

Há na Diretoria Leste 1 um crescimento exponencial da administração privada, passando de 10 para 88 estabelecimentos, ultrapassando até o número total de estabelecimentos públicos que totalizavam 86 unidades nesta diretoria. A quantidade de estabelecimentos não corresponde, no entanto, ao número de matriculados atendidos na região. A rede pública continua concentrando um número muito maior de matriculados, mas com diminuição da porcentagem ao longo dos anos e aumento da porcentagem da rede privada em contrapartida, segundo os dados da Secretaria da Educação:

¹⁴³ Emei: Escola Municipal de Educação Infantil.

Tabela 14: Matrículas da Diretoria de Ensino Leste 1

Número de alunos matriculados na Diretoria Leste 1												
	Educação Infantil				Ensino Fundamental				Ensino Médio			
	E*	M*	P*	T*	E	M	P	T	E	M	P	T
1996	0	6706 ^A	398 ^A	7104	37937	17123	3940	59000	13105	0	2130	15235
%		94,40%	5,60%		64,3%	29%	6,7%		86%		14%	
2000	0	8755 ^B	2706 ^B	11461	33419	16917	4547	54883	16963	0	1487	18450
%		76,4%	23,6%		60,9%	30,8%	8,3%		92%		8%	
2010	0	10289 ^B	5170 ^B	15459	26720	12486	8686	47892	12523	0	1444	13967
%		66,55%	33,45%		55,8%	26,1	18,1%		90%		10%	

*E (Estadual), M (Municipal), P (Privado), T (Total) A=apenas pré-escola B=creche + educação infantil.

A porcentagem de Educação Infantil na Diretoria Leste 1 aumentou consideravelmente de 6% em 1996 para 24% em 2000 e sensivelmente em 2010, passando para 33%. Ensino Municipal, principal responsável por este nível de ensino na zona leste, perdeu quase seu espaço totalitário de 94% em 1996 para 76% em 2000 e 66% em 2010. Em 15 anos, passou da quase totalidade para um pouco mais da metade das matrículas dos alunos na região periférica.

O Ensino Fundamental estadual passou de 64% das matrículas em 1996 para 56% em 2010, o municipal decresceu sensivelmente passando de 29% para 26%. Já as escolas privadas que detinham 7% dos matriculados em 1996, no ano de 2010 já possuíam 18%. Quanto ao Ensino Médio há uma inversão, o aumento das matrículas de 86% para 90% no ensino público e a diminuição no ensino privado de 14% para 10%. Os dados demonstram que o aumento dos estabelecimentos privados na Leste 1 corresponde à Educação Infantil e Ensino Fundamental.

Pelos dados apresentados, fica clara uma gradual retirada do Estado, em relação à criação de novas unidades escolares públicas no distrito e, um forte crescimento da iniciativa privada a partir da década de 1990. Cury (1992) levantou a discussão entre o público e privado na educação do Brasil, discutindo que a Constituição de 1988 dava precedente a uma tendência de uma escola mercantil capitalista de cunho liberal que seria a opção para a sociedade em detrimento de um

ensino público “atrasado”. Esta concepção neoliberal tinha como doutrina e defesa a centralidade da educação como fator de desenvolvimento do país, que almejava uma melhor posição no cenário mundial. Este contexto histórico permeou a criação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Brasileira a LDB 9493/1996. Alguns estudos apontam que a LDB legitimou a tendência, vislumbrada por Cury, de uma escola privada como concorrente do Estado, legitimada pelo crescimento econômico brasileiro (Pino, 2000) e da “publicização da oferta de Educação Básica e da privatização da oferta de Educação Superior” (Vieira, 2008, p.87). Assim, a LDB. Outro estudo demonstra que a regulamentação pela LDB permitiu o aumento de instituições privadas no ensino superior (Barreyro & Rothen, 2007). Enquanto o Brasil *publiciza* o Ensino Básico e *privatiza* o Ensino Superior, os dados da periferia de São Paulo sugerem uma nova realidade: a da privatização do ensino básico, especificamente o Fundamental.

Anexos

Anexo 1 – Agenda de atividades distribuídas por e-mail

(Foram extraídos endereços e telefones pessoais)

De: Pe. Ticão

Enviada: Terça, 22 maio, 2012 11:30 PM

Assunto: ESCOLA DE CIDADANIA debate a questão das MIGRAÇÕES no Brasil e no mundo

Escola de Cidadania debate uma questão mundial: IMIGRAÇÕES E MIGRAÇÕES...

25 de Maio de 2012, Sexta Feira, às 19,30 horas,

IMPORTANTE ENCONTRO SOBRE AS MIGRAÇÕES/IMIGRAÇÕES NO BRASIL E NO MUNDO COM A PADRE ALFREDINHO, da Pastoral dos Migrantes.

Hoje – no mundo – MILHÕES DE PESSOAS – são obrigadas a migrações e as consequências dessa realidade vamos debater dia 25 de Maio.

Convide todas as pessoas interessadas.

Local: Salão da Igreja São Francisco de Assis, Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo, Zona Leste.

Mais informações: Luis, 7194.XXXX, email@uol.com.br

(DIVULGUE para todas e todos) – SEGUEM NOTICIAS DA ZONA LESTE

Convite para o 5º. Encontro da Igreja – Povo de Deus – em Movimento – com o Pe. Ferraro na Cidade Líder – Zona Leste.

Tema: “O JESUS DA HISTÓRIA, O REINO, SEU SEGUIMENTO HOJE”

Dia: 26 de Maio de 2012, Sábado.

Horário: 8,30 horas da manhã às 12,00 horas.

Local: na Igreja Santuário Nossa Senhora da Paz, Cidade Líder, Avenida Maria Luiza Americano. 1550 –Jardim Nossa Senhora do Carmo - Itaquera - Zona Leste de São Paulo. IGREJA DO PADRE DIMAS

ESCOLA DE CIDADANIA DA ZONA LESTE

“Pedro Yamaguchi Ferreira”

MAIO – 2012	
DIA	T E M A S - Sempre às 19,30 horas
25	Tema: IMIGRANTES E MIGRANTES NO BRASIL/MUNDO (Pe. Alfredinho, Pastoral do Migrante).
JUNHO – 2012 - Sempre às 19,30 horas	
DIA	T E M A S
01	Tema: JUVENTUDE NO BRASIL E NAS PERIFERIAS. POLITICAS PUBLICAS COM A JUVENTUDE. Juventude e Educação... Juventude e Cultura... (Gabriel, Presidente do Conselho Nacional da Juventude).
15	Tema: Educação e Cultura. Transversalidade de Cultura e Educação. (Tião Soares e Diretores/as e Professores de Escolas e você...).
22	Tema: Ministério Público / Defensoria Pública: destacando Moradia, Saúde e Criança/Adolescente: Dr. Eduardo (MP), Dr. Bruno (DP).
29	Tema: História dos Partidos Políticos no Brasil e sua atuação hoje. Convidada: Maria Vitória Benevides.

6 DE JULHO DE 2012, SEXTA FEIRA, 19,30 HORAS, CERTIFICAÇÃO DOS PARTICIPANTES DA ESCOLA DA CIDADANIA pela Universidade Federal da Zona Leste.

Notícias de 2012

e Convites de reuniões de Políticas Públicas na Zona Leste:

Convite ao Prefeito Gilberto Kassab para a URGENTE COMPRA DO TERRENO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA ZONA LESTE.

Dia: 8 de Julho de 2012, Domingo. **Horário:** às 9,30 horas. (Nove e Meia da Manhã)

Local: na Festa da Nações, Avenida Paranaguá, Centro de Ermelino Matarazzo, próximo da Estação de Trem de Ermelino Matarazzo, Zona Leste. **Informações:** Luis, 7194XXXX.

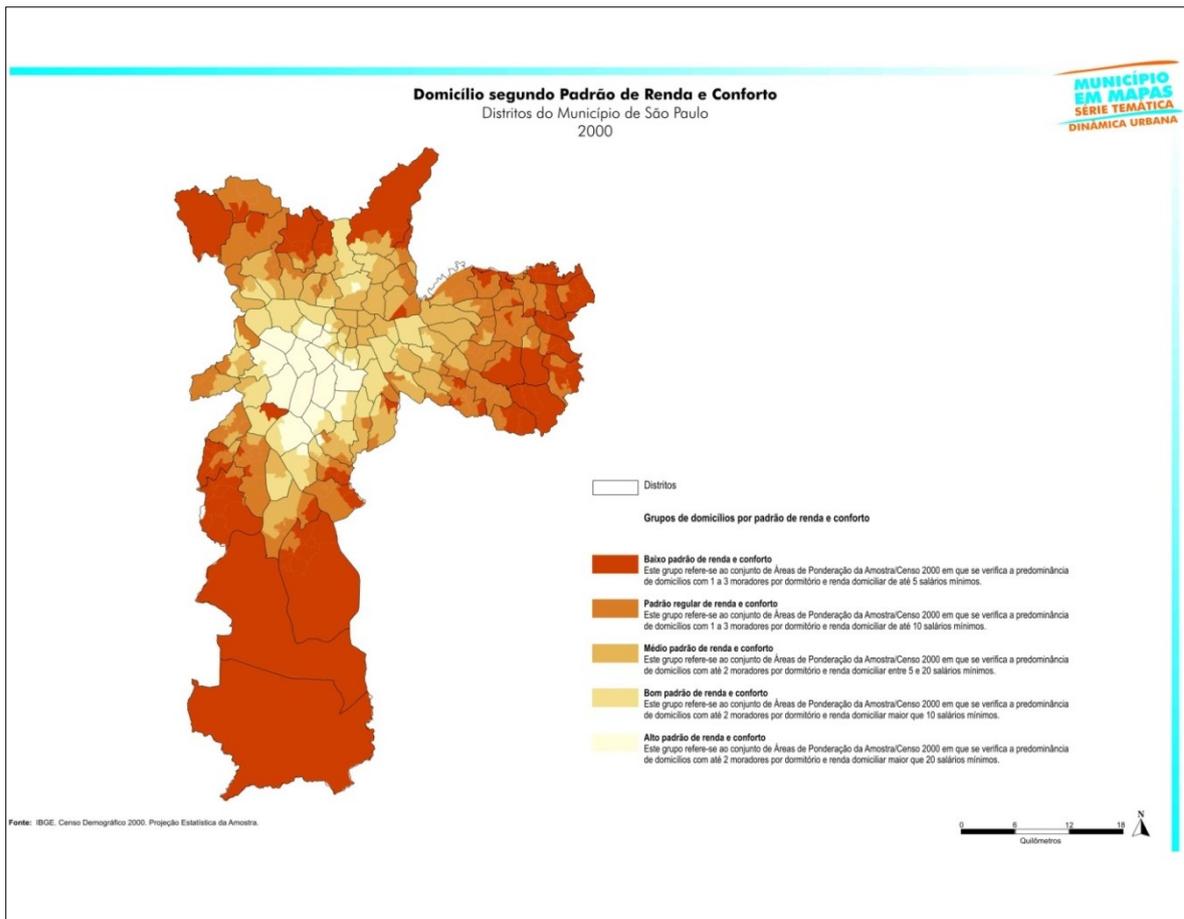
Ligue para o Prefeito Gilberto Kassab e convide para estar presente dia 8 de Julho e assim assinar a COMPRA DO TERRENO da Universidade: **3113.8000**.

Notícias da Zona Leste:

- 1. Escola de Cidadania da Zona Leste em 2012:** todas às Sextas Feiras, às 19,30 horas, no Salão da Igreja São Francisco, Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo.
- 2. PLANTE UMA ÁRVORE E RESPIRE MAIS SAÚDE:** Estamos fazendo mais uma CAMPNHA DE PLANTIO DE ÁRVORES EM ERMELINO E ZONA LESTE. Retire sua planta na tenda enfrente a Igreja São Francisco de Assis, Ermelino Matarazzo.
- 3. Reuniões dos IDOSOS DA ZONA LESTE no CRI (Centro de Referência dos Idosos) de São Miguel Paulista, sempre às 14,00 horas em 2012.** **Dias:**30 de Maio de 2012, Quarta Feira; 27 de Junho, Quarta Feira; 29 de Agosto; 26 de Setembro; 31 de Outubro; 28 de Novembro; Romaria para Aparecida dia 12 de Dezembro.
- 4. REUNIÃO DO MIS: MOVIMENTO IDOSOS SOLIDÁRIOS DA CIDADE DE SÃO PAULO:** será dia 22 de Junho, às 9,00 horas, na Câmara Municipal. **Muitas informações com o Dr.Oscar Del Pozzo:** email@uol.com.br
- 5. Reunião da Comunidade de União de Vila Nova por melhorias e qualidade de vida.**A SUA PARTICIPAÇÃO É MUITO IMPORTANTE. Acontecerá no dia 15 de Junho de 2012, Sexta Feira, às 10,00horas, no PROCEDU.
- 6. 17 de Outubro de 2012 Quinta Feira, 9,00 horas da manhã,REUNIÃO SOBRE AS ESCOLAS ESTADUAIS NA ZONA LESTE.** **Local da reunião:** no Salão da Igreja S. Francisco, Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo. As Comunidades vão pesquisar as ESCOLAS ESTADUAIS PARA GARANTIR QUALIDADE DE ENSINO na Zona Leste.

- 7. 23ª. CARAVANA DA MORADIA PARA BRASILIA:** As lideranças e movimentos devem se organizar na estadia e na pauta de reivindicações nos Ministérios em Brasília nos dias: 26, 27, 28 e 29 de Maio de 2012. (Informações: falar com o Neto sobre as Custos do transporte e hotel: 9988.XXXX)
- 9. 3ª. Celebração de São Tomas Morus:** dia 30 de Junho de 2012, 8,30 horas da manhã – no Salão da Igreja São Francisco, Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo. SÃO TOMAS MORUS é o Padroeiro do Políticos e Governantes.
- 10. Convite do 2º.ENCONTRO DA PASTORAL DA JUVENTUDE.** A “Igreja – Povo de Deus – em Movimento - com a JUVENTUDE”, convida: Dia: 15 de Setembro de 2012, Sábado. Horário: 8,30 horas da manhã. Local: na Igreja Santuário Nossa Senhora da Paz, Cidade Líder, Avenida Maria Luiza Americano. 1550 - Jardim Nossa Sra. do Carmo - Itaquera - Zona Leste de São Paulo. Diocese de São Miguel Paulista – Zona Leste de São Paulo. (email@terra.com.br) Tema: PLANEJAMENTO DA PASTORAL DA JUVENTUDE PARA 2012-XXXX.
- 11. VOCE GOSTARIA DE PARTICIPAR DO “GRUPO DE MEMÓRIA DA ZONA LESTE”?** GRUPO DE MEMÓRIA-Zona Leste - ABRIL DE 2012. (Estamos em processo de formação. Venha participar e traga suas propostas, seus projetos...) O Danilo está na Coordenação para receber o nome das pessoas interessadas em participar do GRUPO DE MEMÓRIA-Zona Leste. Falar com Danilo Morcelli: email@gmail.com
- 12. 10ª. Semana de Teologia, 16 a 20 de Julho de 2012,** “Em tudo SERVIR E AMAR” (Santo Inácio de Loyola). 19,30 horas: Acolhida, Cânticos, Oração... Local: Igreja São Francisco de Assis, Rua Miguel Rachid, 997, Ermelino Matarazzo, Tel: 2546.4254. Informações: email@ig.com.br
- 13. Envie suas notícias**

Anexo 2: Domicílio segundo Padrão de Renda e Conforto

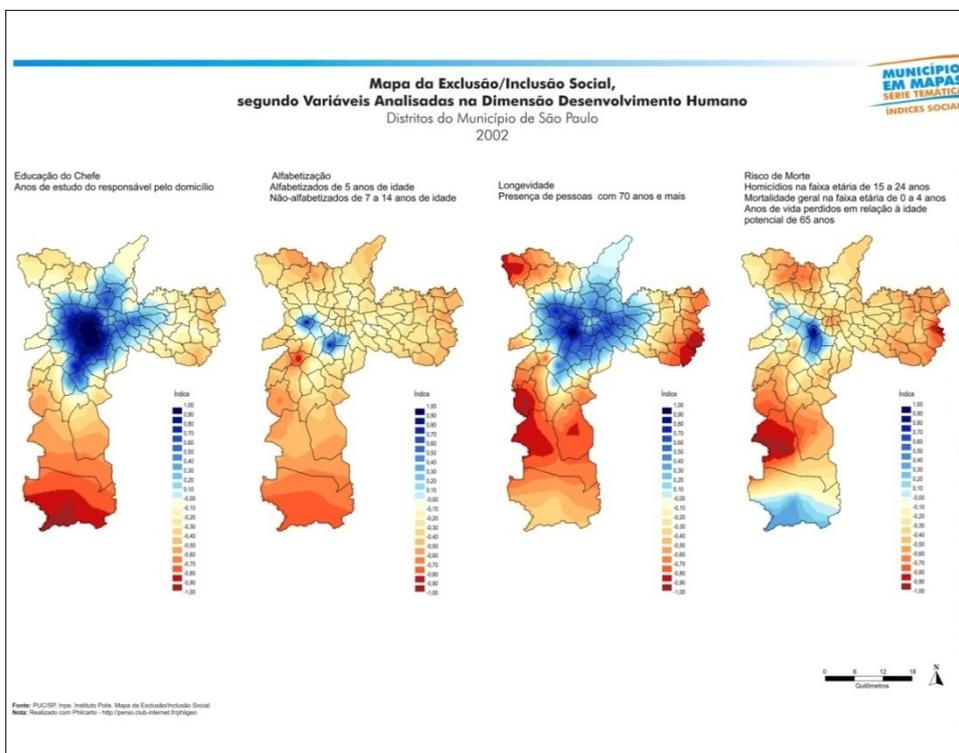
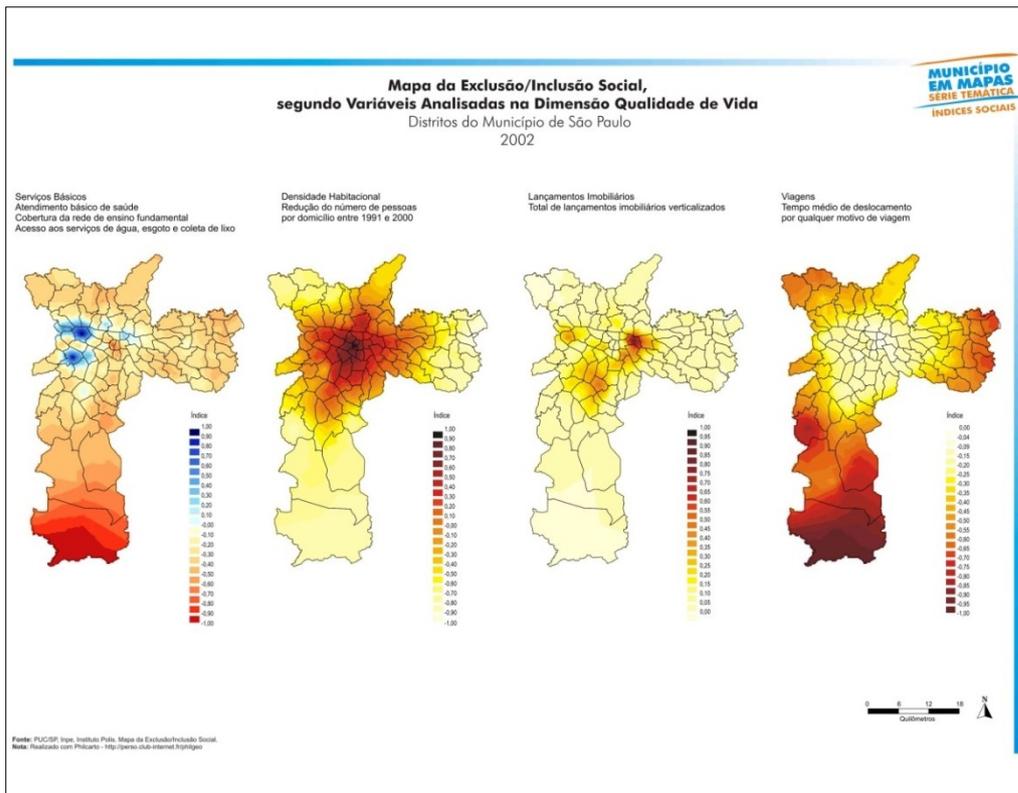


Fonte: Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Disponível em: <http://www9.prefeitura.sp.gov.br/sempla/mm4/mapas/cap4_p4.pdf>

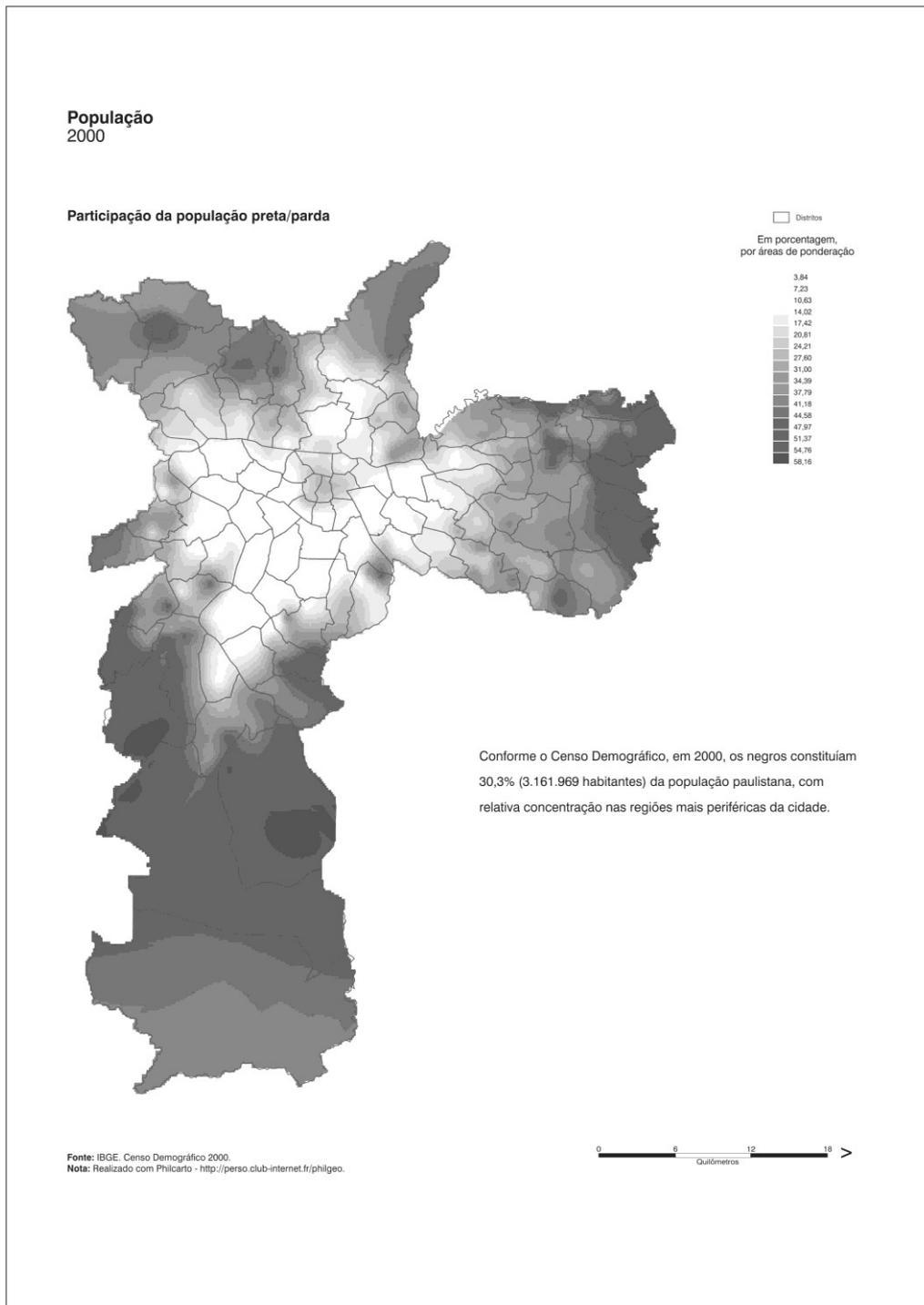
Acessado em 25 de abril de 2012

Anexo 3: Mapa da Exclusão/Inclusão Social



Fonte: Secretaria Municipal do Planejamento, Orçamento e Gestão.

Anexo 3: Participação da população preta/parda



Anexo 4: Jornal Folha da Manhã de 1925

“Jardim Matarazzo”

Realizou-se hontem um pique-nique offerecida á imprensa paulistana

A interessante festa que a “Empresa Jardim Matarazzo” offereceu hontem á imprensa paulistana decorren em meio da maior cordialidade e alegria. O tempo agradável — pouco sol e tambem pouco frio — favoreceu grandemente o pique-nique que se effectuou nos terrenos dessa companhia do lado das linhas da Central, 4 kilometros além da Penha, junto á nova estação Commendador Ermelino Matarazzo, que, como se sabe, está collocada na variante daquella estrada de ferro a concluir-se dentro em breve.

Os convidados partiram do largo da Sé pouco depois das 11 horas, seguindo em automoveis, rumo da Penha, para tomar a estrada de rodagem São Paulo-Rio.

Meia hora mais tarde admiravam o bello panorama que offerecem os terrenos do “Jardim Matarazzo”, de cujas suaves collinas se divisam para além do Tieté a cidade de Guarulhos, e, rio abaixo, construcções esbranquiçadas dos arredores de São Paulo; e, doutro lado, o casario avermelhado de São Miguel, separado por vasto manto de verdura, que se ondula ligeiramente, dando movimento á paizagem e tornando o lugar deveras agradável.

O “Jardim Matarazzo” occupa uma area de 120 alqueires, 50 dos quaes, os situados na varzea, junto ao Tieté, foram reservados para a edificação de grandes fabricas que as Industrias Reunidas F. Matarazzo vão em breve installar alli, a começar por um estabelecimento de ceramica. Os 70 alqueires de collina é que foram divididos em lotes segundo uma planta bem calculada e já approvada pela Prefeitura.

Depois de uma inspecção do local, foi servido aos convidados um lauto almoço em mesas collocadas á sombra de um bambual e protegidas do vento por pittoresco bananal.

Em nome da imprensa saudou a empresa do “Jardim Matarazzo” o dr. Paulino Vieira, agradecendo as palavras desse nosso collega do “Correio Paulistano” o dr. Leonardo Pinto, que tambem fez resaltar o valor que encerra, de si, o “Jardim Matarazzo”.

Fizeram-se ouvir ainda outros oradores, sendo levantados diversos brindes.

Á tarde os convidados regressaram a esta capital, trazendo a mais agradável impressão.

“Realizou-se hontem um pique-nique offerecido á imprensa paulistana.

A interessante festa que a ‘Empresa Jardim Matarazzo’ offereceu hontem á imprensa paulistana decorreu em meio da maior cordialidade e alegria. O tempo agradável — pouco sol e pouco frio — favoreceu grandemente o pique-nique que se effectuou nos terrenos dessa companhia do lado das linhas da Central, 4 kilometros além da Penha, junto á nova estação Commendador Ermelino Matarazzo, que, como se sabe, está collocada na variante daquella estrada de ferro a concluir-se dentro em breve.

Os convidados partiram do largo da Sé pouco depois das 11 horas, seguindo em automoveis, rumo da Penha, para tomar a estrada de rodagem São Paulo-Rio. Meia hora mais tarde admiravam o bello panorama que offerecem os terrenos do ‘Jardim Matarazzo’, de cujas suaves collinas se divisam para além do Tieté a cidade de Guarulhos, e, rio abaixo, construcções esbranquiçadas dos arredores de São Paulo; e, doutro lado, o casario avermelhado de São Miguel, separado por vasto manto de verdura, que se ondula ligeiramente, dando movimento á paizagem e tornando o lugar deveras agradável. (...)

Depois de uma inspecção do local, foi servido aos convidados um lauto almoço em mesas collocadas á sombra de um bambual e protegidas do vento por pittoresco bananal. (...) Á tarde os convidados regressaram a esta capital, trazendo a mais agradável impressão.”

Imagens reproduzidas da Folha da Manhã de 6 de julho de 1925 (matéria)

Fonte: Blog - Quando a cidade era mais gentil. Disponível em <<http://quandoacidade.wordpress.com/2013/05/23/piquenique-em-ermelino/>> Acessado em 20 maio 2013.